

# Novæ sed Antiquæ

José Rodorval Ramalho

Tradição e Modernidade na Maçonaria Brasileira



Se for verdade o que afirma Aristóteles acerca do discurso poético, que este seria a base de todo e qualquer discurso, não nos parece descabido iniciar um texto que se propõe científico citando as formulações epistemológicas de um poeta. Formulações que se expressam, por um lado, no reconhecimento dos limites e perigos do conceito, que tende a enquadrar o mundo numa Idéia; e por outro lado, no estímulo à busca dessa realidade sem nos limitarmos a reduzi-la à sua expressão mais imediata e aparente. Nos dois casos, como afirma o poeta, estaríamos negando a própria realidade. A abordagem do universo maçônico coloca-nos diante desse dilema com um grau a mais de dificuldade em função do silêncio teórico das ciências sociais sobre este objeto, bem como das dificuldades metodológicas impostas pela natureza iniciática e secreta da instituição maçônica. Mas, continuando com o autor de *Cão sem Plumas*, diremos ter consciência dos limites dos resultados de trabalhos como este, mesmo quando nos parecerem bastante satisfatórios, pois, neste caso, “(...) não há soluções que signifiquem uma vitória mais longa que a de um momento, cada milímetro de linha tem que ser reavaliado”.



**Novæ sed Antiquæ**

## *Direção Editorial*

---

Lucas Fontella Margoni

## *Comitê Científico*

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Josildeth Gomes Consorte**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

**Prof. Dr. Silas Guerriero**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

**Prof. Dr. Lísias Nogueira Negrão**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

**Prof. Dr. José Rubens Lima Jardim**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

**Prof. Dr. Luiz Eduardo Waldemarin Wanderley**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

# Novæ sed Antiquæ

Tradição e Modernidade na Maçonaria Brasileira

José Rodorval Ramalho



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

**Arte de Capa:** Ascending and Descending, M.C. Escher, 1960

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

RAMALHO, José Rodorval

Novæ sed Antiquæ: tradição e modernidade na maçonaria brasileira [recurso eletrônico] / José Rodorval Ramalho -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

290 p.

ISBN - 978-85-5696-553-0

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Maçonaria brasileira; 2. Tradição; 3. Colégio; 4. Modernidade; 5. História; I. Título.

---

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

## *In Limine*

“...kai oúk agnoí ta paronda.”

Platão

O mundo como idéia (ou pensamento).  
Entre a gnose e o real (talvez) o acordo.  
Mas no ramo (imperene) canta o tordo  
(provisório) e invisível vem o vento

e leva o canto e deixa um desalento,  
a queixa dos sentidos. Não recordo  
se sonhei tudo isso ou não: um tordo  
e a noite em meus ouvidos um momento,

outro rapto no vento...Mas supor  
que o triunfo moral do cognitivo  
restitua-me o ser menso a dor,

é resignar-me a um perfume tão rápido  
que não existe quase, insubstantivo  
como a Idéia. Não: o mundo como rapto!

Bruno Tolentino



**Este trabalho é dedicado a:**

***Rômulo de Araújo Lima,***  
que sobreviveu ao mal que a força sempre faz e  
permaneceu tecendo galos, noites e quintais.

E a um triângulo, pra lá de heterodoxo,  
que me estruturou no melhor que sou:

***D. Célia*** (minha mãe), ***Seu Roldão*** (meu pai)  
e ***Vamberto*** (meu outro pai).



## Outras palavras

Minhas experiências durante o curso de doutorado podem ser resumidas como **lições de abismo**, ou seja, aquelas que nos educam colocando-nos em situações-limite. Estas situações não foram poucas durante os últimos quatro anos, entre elas: morar, sozinho, numa cidade que parece o mundo todo; submeter-me ao isolamento necessário para a realização do meu trabalho; experimentar a condição de estrangeiro, no lugar e no momento; aventurar-me por um universo empírico praticamente desconhecido pelos meus pares e sentir, permanentemente, aquela sensação de que me meti numa “fria”; esforçar-me para não cair diante do turbilhão de tentações de uma paulicéia que continua desvairada – esforço nem sempre bem sucedido, graças a Deus e às baladas no Ó do Borogodó; inventar adrianas e desinventar terezas; abrir minha janela e sentir saudades do meu céu, nordestino, alto e azul; ficar horas diante de uma tela branca, generosa porque tudo aceita, traiçoeira porque nada veta, inclusive os erros; flanar pela cidade e me encantar com a dura poesia concreta de suas esquinas e as deselegâncias discretas de suas meninas; retomar meus dilemas e tentativas de conciliação entre fé e razão; enfrentar a distância, com a família, a paulatina perda de memória da matriarca e com ela o ponto de convergência familiar; desenvolver a urgência de aprendizados nos museus, cinemas, sebos, livrarias, centros culturais que muito brevemente não fariam mais parte do meu cotidiano. Enfim, passar por tudo, de encantamento e de horror, e me esforçar para não perder aquilo que se chama atroz encanto de só ser.

Esses e muitos outros abismos só foram experimentados, a contento, em função do apoio e dos gestos carinhosos e

compreensivos de várias pessoas, a começar pelo meu orientador, professor Luiz Eduardo Wanderley, que me acolheu e apostou na nossa heterodoxa parceria; da docilidade e eficiência de Emilene; da mansidão instigante da professora Josildeth; das duras (porém ternas) polêmicas com o camarada Antonio; da cumplicidade dos longos diálogos com Wagner; das afinidades eletivas com Valéria, Inês, Fabíola, Tertuliano, Soraia Bandeira, Daniela de Carli, Barrinha, Ednalva, Socorro Rangel, Alexandre, Dona Matilde, Silva, Luiz Eduardo e Georgiana; do curso de “destrava-língua” de Robert e Mayra; do acompanhamento solidário e permanente de Joelina; das longas trocas de idéias com Ana Cristina, Dalva Mota e Fátima Silveira (todas, estetas a mancheias); da amizade vascaína (coitados!) de Josenildo e Jônatas; do apoio caseiro e aconchegante de Neusa, uma flor dos anjos; da paciência e dedicação de Adilson na correção das minhas agressões à última flor do Lácio; e da interlocução para assuntos gerais, desde o mestrado, do querido Chico Padre. Impossível, mesmo, teria sido passar por esses abismos sem a incondicionalidade do amor e do carinho de Dan (sempre plena de luz), de Odimar (sempre pleno de vida) e de Estrela (sempre pleno de humor).

No capítulo institucional, saudar o apoio do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe e do Programa Institucional de Capacitação Docente da CAPES, que me permitiram a viagem e a permanência à beira desses abismos.

Não posso deixar de registrar o acolhimento paciente e generoso do senhor Laelson Rodrigues (Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil), Laor Rodrigues e de todos os membros da Loja Perseverança III de Sorocaba com quem tive contato e dos funcionários de todas as suas instituições filantrópicas, sempre atenciosos e prestativos quando se tratava de apresentar as prolíficas experiências de solidariedade que vêm desenvolvendo.

Todas essas pessoas me acompanharam, aos seus modos, em tantos medos e outras coragens; nas lições bem ou mal aproveitadas; nas quedas merecidas, ou não; na partilha da beleza e da fealdade; nos queridos e premonitórios “abra os olhos”, de que

só os amigos são capazes; daqueles “tenha paciência e trabalhe”, que funcionam como bálsamo nos momentos mais difíceis.

As lições de abismos também possuem sua natureza iniciática e, como toda iniciação, muito dependem do iniciando. Nesses trajetos, alguns buscam mais do que conhecimento, e até conseguem; outros querem, apenas, cumprir sua tarefa, e até cumprem; no meu caso, aprendi com Guimarães Rosa que “todo abismo é navegável a barquinhos de papel”.



# Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>17</b>
A. Maçonaria: presença e trajetória .....	18
B. A escolha do objeto ou as artimanhas do acaso .....	19
C. Objetivos e questões.....	20
D. Modernidade: et inhorresco et inardesco .....	21
E. Tradição: o futuro do passado .....	28
F. Maçonaria: uma pérola barroca em ambiente moderno .....	34
G. Os caminhos do labirinto .....	38
<b>Capítulo 1 .....</b>	<b>41</b>
<b>A estrutura político-administrativa da Maçonaria no Brasil</b>	
1.1 - A Trajetória Histórica da Maçonaria .....	43
1.2 - A Maçonaria no Brasil.....	47
1.3 - A Presença Contemporânea da Maçonaria .....	51
1.4 - As Organizações Paramaçônicas .....	63
1.5 - As representações sociais sobre a Maçonaria .....	65
1.5.1 - Sobre a natureza e a origem .....	66
1.5.2 - Sobre os sinais, toques e palavras.....	69
1.5.3 - “Eu conheço uma pessoa...” .....	70
1.5.4 - Maçonaria e Religião.....	73
1.5.5 - Maçonaria e Prosperidade .....	75
1.6 - O Mundo Maçônico .....	76
<b>Capítulo 2.....</b>	<b>79</b>
<b>As Leis e Princípios Maçônicos</b>	
2.1. Legislação: ortodoxia e regularidade.....	82
2.2. Artigo 1º: modernidade modulada.....	84
2.3. Artigo 2º: tradição modulada.....	95
2.4. O dever-ser maçônico e as faces de <i>Janus</i> .....	116
<b>Capítulo 3.....</b>	<b>119</b>
<b>O Espaço Maçônico: <i>imago mundi</i> .....</b>	<b>119</b>
3.1 - O Templo Maçônico: o Ideal e o Material.....	120

3.1.1 O Espaço Sagrado e suas Luzes .....	124
3.2 – Méritos e Hierarquias .....	131
3.3 - A diversidade do ritual maçônico .....	136
3.3.1 - O Rito Escocês Antigo e Aceito .....	137
3.3.2 - Ritos, Símbolos e Iniciação .....	138
3.4 - A Maçonaria: uma fusão de horizontes.....	151
<b>Capítulo 4.....</b>	<b>153</b>
<b>Solidariedade Maçônica: entre filantropias e caridades</b>	
4.1. Antecedentes da Solidariedade Maçônica.....	156
4.2. A Solidariedade na Legislação Maçônica.....	159
4.3. A Perseverança III e Sorocaba .....	164
4.4. Fundação Ubaldino do Amaral (FUA) .....	168
4.4.1. FUA: Colégio Politécnico de Sorocaba (POLI).....	172
4.4.2. FUA: atividades culturais .....	174
4.5. Associação Protetora dos Insanos de Sorocaba (APIS) .....	176
4.5.1. Serviços.....	177
4.5.2. Administração e Financiamento .....	181
4.6. Fundação Cruzeiro do Sul .....	184
4.7. Vila dos Velhinhos .....	186
4.8. Lar Escola Monteiro Lobato (LEML) .....	192
4.9. Liga Sorocaba de Combate ao Câncer (LSCC).....	199
4.10. Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul (FFCS).....	202
4.11. A solidariedade modernizada da P III.....	205
<b>Conclusão.....</b>	<b>209</b>
<b>Referências .....</b>	<b>217</b>

## Anexos

<b>A Representação de Deus na Maçonaria.....</b>	<b>229</b>
<b>O caldeirão da maçonaria: explorações sobre o esoterismo e o exoterismo maçônico.....</b>	<b>245</b>
<b>O antimaçonismo no Brasil .....</b>	<b>269</b>

## Introdução

“O abstrato está nos dois pólos do trabalho de representação da realidade. É abstrato o que apenas se balbucia, aquilo a que não se chega a dar forma; e é abstrato aquilo que se elabora ao infinito, aquilo a que se chega a elaborar tão absolutamente que a realidade que podia conter se faz transparente e desaparece. No primeiro caso se permanece aquém da realidade; no segundo se nega a realidade.”

João Cabral de Melo Neto

Se for verdade o que afirma Aristóteles acerca do discurso poético, que este seria a base de todo e qualquer discurso, não nos parece descabido iniciar um texto que se propõe científico citando as formulações epistemológicas de um poeta. Formulações que se expressam, por um lado, no reconhecimento dos limites e perigos do conceito, que tende a enquadrar o mundo numa Idéia; e por outro lado, no estímulo à busca dessa realidade sem nos limitarmos a reduzi-la à sua expressão mais imediata e aparente. Nos dois casos, como afirma o poeta, estaríamos negando a própria realidade.

A abordagem do universo maçônico coloca-nos diante desse dilema com um grau a mais de dificuldade em função do silêncio teórico das ciências sociais sobre este objeto, bem como das dificuldades metodológicas impostas pela natureza iniciática e secreta da instituição maçônica. Mas, continuando com o autor de Cão sem Plumas, diremos ter consciência dos limites dos resultados de trabalhos como este, mesmo quando nos parecerem bastante satisfatórios, pois, neste caso, “(...) não há soluções que signifiquem uma vitória mais longa que a de um momento, cada milímetro de linha tem que ser reavaliado”.

## A. Maçonaria: presença e trajetória

A Maçonaria atua no Brasil desde o final do século XVIII. Desde então, a Ordem tem participado ativamente de momentos importantes da história do nosso país, como registram vários historiadores, ora difundindo as “luzes da modernidade”, ora montando redes de instituições filantrópicas, ora disputando espaços no poder público. Nos dias que correm, a presença da Maçonaria se faz notar das mais variadas formas. Se considerarmos todos os grupos em atividade, existem mais de duzentos mil maçons atuando em mais de cinco mil Lojas espalhadas por todas as unidades da Federação; quando um internauta acessa um site de busca com o termo “Maçonaria” terá à sua frente um enorme desafio que, se aceito, o fará trilhar um longo caminho, pois existem milhares de possibilidades de acesso; os Sebos e Livrarias mantêm um espaço permanente para exposição de livros sobre o tema; no Congresso Nacional, invariavelmente, encontramos uma “bancada maçônica”; a visita dos Grão-Mestres aos chefes dos poderes da República tornou-se, praticamente, um ritual no qual são entregues documentos de avaliação e projetos para o país; existem milhares de iniciativas filantrópicas administradas pela Ordem em toda a nação; os Marcos e Templos maçônicos são presença discreta, mas constante, na arquitetura das nossas cidades e no Distrito Federal o Templo do Grande Oriente do Brasil pode ser considerado um dos pontos turísticos de Brasília; encontramos com certa frequência, junto à classe média, aqueles que afirmam ter um avô, um tio, ou mesmo um conhecido que faz parte da Ordem; o imaginário popular está repleto de histórias que circulam sobre a instituição envolvendo, quase sempre, a especulação sobre seus segredos, a “lei de ferro” da proibição da participação feminina, os supostos rituais satânicos com bodes e pactos demoníacos, as promessas de riqueza e outros; desde a última década de 1980, estimamos que são criadas em torno de 100 Lojas maçônicas anualmente no Brasil. Portanto,

apesar de algumas exceções, não há como justificar a ausência de tão importante instituição da agenda das nossas ciências sociais, fato ainda por ser compreendido.

## **B. A escolha do objeto ou as artimanhas do acaso**

Tendo em vista a falta de tradição das ciências sociais no nosso país na pesquisa do universo maçônico, bem como de nosso completo desconhecimento anterior em relação à instituição, poderíamos afirmar que o nosso contato com tal universo foi uma “artimanha do acaso”. Segundo Mariza Peirano, esse tipo de justificativa é comum na trajetória de alguns pesquisadores, pois evita tanto a idéia de um destino predeterminado quanto o seu oposto, ou seja, a ênfase na vontade individual.<sup>1</sup> Sem nenhuma pretensão de equiparar a nossa trajetória às trajetórias pesquisadas pela autora, reconhecemos a casualidade existente no nosso contato com o objeto aqui discutido. No ano de 1999, pesquisávamos a estrutura do campo filantrópico no Estado de Sergipe quando nos deparamos com algumas iniciativas maçônicas nesse campo de atividade, uma delas, inclusive, reconhecidamente polêmica em função de resultar de uma parceria entre a Loja Cotinguiba e a Arquidiocese de Aracaju, o que causou notoriedade à iniciativa e que reacendeu uma polêmica secular sobre as relações entre a Maçonaria e a Igreja Católica. Anteriormente, havíamos registrado breves referências sobre a participação da Maçonaria na conformação do campo filantrópico brasileiro e em outros momentos históricos do nosso país. Tais registros, no entanto, se caracterizavam pela sua natureza pontual, outra característica das referências à maçonaria. Além disso, ainda no período da graduação, tivemos conhecimento de iniciativas filantrópicas maçônicas na cidade de Campina Grande nas áreas de educação e saúde, reveladas por um professor, sociólogo e maçom.

---

<sup>1</sup> Cf. Peirano, 1995.

Finalmente, não sabemos se todos esses contatos esparsos, descontínuos, pontuais, provisórios e sem um sentido *a priori* aumentam ou diminuem essa suposta casualidade da nossa escolha, questão que deixaremos para um outro momento. O fato é que sempre nos defrontamos com a instituição maçônica enquanto pesquisávamos objetos de outra natureza. Daí, a sensação de estar envolvido nas “artimanhas do acaso”.

### C. Objetivos e questões

O contato com a incipiente literatura acadêmica sobre a Maçonaria no Brasil, composta basicamente de trabalhos historiográficos, bem como com a vasta literatura engajada<sup>2</sup> produzida sobre a instituição, revelou-nos algumas características importantes da Maçonaria: sua presença em fatos históricos importantes da vida nacional, sua implantação em grandes e pequenas cidades, sua estrutura político-administrativa, sua ação filantrópica, seus rituais, suas relações conflituosas com as religiões, sua visão de mundo etc. Todavia, o que mais nos chamou a atenção foi uma certa combinação, aparentemente contraditória, de valores originários de culturas tradicionais com valores típicos da Modernidade no interior da sociabilidade maçônica. O objetivo central deste trabalho é, portanto, descrever e analisar os elementos envolvidos nesta combinação procurando compreender os significados dessa “fusão de horizontes” na reprodução institucional da ordem maçônica. Para isto, analisamos, especificamente, como esses valores (modernos e tradicionais) se expressam na estrutura político-administrativa maçônica, na sua legislação, na estrutura ritual e nas suas formas de solidariedade. Embora as análises da relação entre esses dois universos não sejam novas nas ciências sociais, faremos um esforço para elucidar essa relação no contexto da Maçonaria. Paralelamente, exploraremos a

---

<sup>2</sup> Cf. tipologia da literatura sobre a Maçonaria em Colussi, 1998.

possibilidade de haver uma relação de homologia estrutural entre a Maçonaria e a Modernidade, na qual a primeira reproduz, em escala microssociológica, as principais características da segunda.

Adiantemos, antes de qualquer coisa, uma definição preliminar do que estamos chamando de Maçonaria. Para tanto utilizaremos uma formulação que descreve algumas características exteriores do fenômeno:

Em termos genéricos, podemos definir *maçonaria* como uma associação fraternal, possuidora de uma organização baseada em rituais e símbolos na qual o segredo ocupa papel fundamental. É uma instituição que foi e permanece sendo acessível principalmente ao sexo masculino e que tem por objetivo o aperfeiçoamento intelectual da sociedade, de seus filiados, e a promoção da ação filantrópica interna e externa; caracteriza-se por não orientar política e religiosamente seus membros.<sup>3</sup>

#### **D. Modernidade: et inhorresco et inardesco<sup>4</sup>**

Os debates em torno do conceito de Modernidade, todos sabem, têm nos colocado numa verdadeira Torre de Babel, numa barafunda de expressões que tem conseguido poucos avanços em se tratando de construir consensos. Segundo Wanderley,

É sabido que a temática envolvendo conceitos amplos de significado, tais como social, sociedade, questão social, moderno, modernidade, modernismo, modernização, pós-modernidade, pós-modernismo, condição pós-moderna etc. traz diversos deslizamentos semânticos, sentidos ambivalentes, interpretações dúbias e confusões teóricas e práticas de monta. Mesmo porque a compreensão dos processos históricos subjacentes ao surgimento e consolidação da modernidade apresenta alta complexidade e a sua explicação por parte de intelectuais, especialistas, cientistas sociais, para não falar de filósofos, mostra imensas dificuldades,

---

<sup>3</sup> Cf. Colussi, 1998, p.33.

<sup>4</sup> Eu me horrorizo e me encanto – frase de Santo Agostinho em êxtase face a face com Deus. Cf. Kujawski, 2002.

de resto naturais por se tratar de algo que implica intensas ressonâncias na humanidade em geral por períodos de longa duração.<sup>5</sup>

Daí a importância de tentarmos explicitar as nossas opções. Não objetivamos, no entanto, comentar o estado da arte do conceito de Modernidade na nossa disciplina, tampouco proceder a uma análise genética desse conceito, apenas indicaremos aqueles aspectos com os quais trabalharemos nesta pesquisa.<sup>6</sup>

O que entendemos por Modernidade, do ponto de vista histórico, é a expressão de uma **cultura nova**, que se estabeleceu de forma hegemônica na Europa a partir do século XVIII e vem se expandindo por vários lugares do planeta.<sup>7</sup> Do ponto de vista analítico, essa nova cultura pode ser definida como uma combinação de alguns elementos, entre os quais: a) uma nova forma de produção, a industrial; b) um novo método de conhecimento, o tecno-científico; c) um novo princípio ontológico, o individualismo; d) uma nova forma de Estado, o Estado-Nação laico; e) e um processo que é amplamente conhecido como “autognose social”, que estimula a reflexividade sistemática sobre a sociedade, sua gênese, instituições, valores etc. Assim, a Modernidade se define pela combinação de três valores: a) o individualismo; b) o universalismo; c) o racionalismo.

Concordamos com a proposição analítica de Giddens quando ele afirma que,

A Modernidade está associada à socialização do mundo natural – a substituição progressiva das estruturas e dos acontecimentos que eram parâmetros externos da atividade humana por processos socialmente organizados. Não apenas a própria vida

---

<sup>5</sup> Cf. Wanderley, 2003, pp.01-02.

<sup>6</sup> Para uma revisão detalhada do estado da arte do conceito de modernidade, consultar Kujawski, 1988; Rouanet, 1993; Souza, 1999; Giddens, 1991; Wanderley, 2003.

<sup>7</sup> Quando nos referimos a uma **cultura nova**, o sentido, aqui, não é o de estilo de vida ou mesmo de projetos estéticos, mas de um conjunto de práticas e valores que formam o dever-ser da sociedade em questão.

social, mas também o que costumava ser 'natureza', passam a ser dominadas por sistemas socialmente organizados.<sup>8</sup>

Mas, a realização desse projeto nunca foi completo. Sua atualização entrou em conflito permanente, em todos os lugares, com valores já estabelecidos e cristalizados, os valores que denominaremos de tradicionais. Conceitualmente, a história desses conflitos para as ciências sociais tem se expressado em pares de oposição do tipo comunidade e sociedade; dinâmica versus estática; local contra global; tradição e modernidade etc. Tal dinamismo acabou por constituir sociedades repletas de riscos e possibilidades, passado e presente, permanências e descontinuidades, embora os valores modernos quase sempre acabem por ser afirmados. Segundo Canclini, a Modernidade é o tipo de cultura que só pode ser entendida a partir de sua natureza híbrida:

(...) a incerteza em relação ao sentido e ao valor da Modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias, classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam.<sup>9</sup>

Na América Latina, por exemplo, esses cruzamentos culturais geraram tensões ainda hoje não resolvidas. Conforme Wanderley,

Vale aqui uma referência, aceita por alguns e contestada por outros pensadores, no sentido de identificar diferenças na colonização norte-americana e latino-americana, exatamente neste ponto, o que já prenuncia particularidades no nosso continente. Se na América do Norte, eles nascem com a Reforma e a Enciclopédia, ou seja, com o mundo moderno, a América Latina surge na história com a Contra-Reforma e a era neoclássica, isto é, contra o mundo moderno (Shayegan, 1990,

---

<sup>8</sup> Cf. Giddens, 1993, p.45.

<sup>9</sup> Cf. Canclini, 2000, p. 18.

apud Arrosa Soares, 1993:27). Em que pese o dado de que existem diferenças substanciais na constituição dos estados-nação no continente latino-americano e em suas trajetórias ao longo da história (só para citar um exemplo que nos diz respeito mais intimamente, a origem das universidades se inicia muito antes na área espanhola do que na portuguesa; Wanderley, 1994), um número expressivo de pesquisas dá conta de como a articulação do atraso com o moderno adquiriu facetas polimorfas nos distintos países e se tornou um entrave para uma efetiva modernização.<sup>10</sup>

Contudo, parte significativa do inventário sociológico da Modernidade vem sendo composta a partir de formulações que tendem a destacar esse período histórico como um período repleto de negatividades. Nesse sentido, o individualismo utilitarista, a destruição do meio-ambiente, o hedonismo, a vitória da razão instrumental e a exclusão social são apenas algumas das conseqüências de um projeto civilizador que muitos afirmam haver malgrado e outros imaginam que já foi ultrapassado por outro padrão societário não necessariamente mais harmônico.

No caso das ciências sociais, voltar as atenções para as ambivalências da sociabilidade moderna talvez seja o melhor caminho para entender um período histórico tão complexo no qual convivem situações de risco e confiança, perigo e segurança, impessoalidade e pessoalidade, localismo e globalismo etc. Assim, metáforas reducionistas talvez não combinem com um tempo tão irreduzível, teorias unicasais talvez não dêem conta de tanta ambivalência, generalizações forçadas talvez escondam dinâmicas importantes.

Entre os autores que irão trabalhar com a temática da "ambivalência da modernidade" está Anthony Giddens, prestigioso professor da *London School Of Economics*, que afirma que o mundo moderno traz consigo uma dupla face: por um lado oferece imensas oportunidades de riqueza, expectativa de vida, tecnologias

---

<sup>10</sup> Cf. Wanderley, 2003, p. 04.

que melhoram a condição geral de vida etc., mas por outro lado traz também conseqüências sombrias como os acidentes ecológicos, potenciais bélicos inomináveis, totalitarismos políticos e outros. O pensamento clássico, segundo esse autor, parece não ter explorado suficientemente esse duplo aspecto da modernidade e quase sempre variou entre um otimismo exagerado no progresso científico e tecnológico e um pessimismo que presentia um mundo controlado pela racionalidade instrumental. Como diria Giddens,

O carro de Jagrená esmaga os que lhe resistem, e embora ele às vezes pareça ter um rumo determinado, há momentos em que ele guina erraticamente para direções que não podemos prever. A viagem não é de modo algum inteiramente desagradável ou sem recompensas; ela pode com freqüência ser estimulante e dotada de esperançosa antecipação. Mas, até onde durarem as instituições da modernidade, nunca seremos capazes de controlar completamente nem o caminho nem o ritmo da viagem. Sentimentos de segurança ontológica e ansiedade existencial podem coexistir em ambivalência.<sup>11</sup>

Portanto, gostaríamos de insistir que a análise da Maçonaria em ambiente moderno requer que reconheçamos a Modernidade como uma cultura que estrutura um espaço social essencialmente ambivalente, o que evitaria dois equívocos: o primeiro, considerar os valores tradicionais como resíduos que podem ser superados por um suposto processo evolutivo; o segundo, imaginar que tais valores permaneçam fixos, mantendo os mesmos significados ao longo do tempo. Assim, entendemos que a relação entre os dois universos de valores, acima indicados, não será encarada como um antagonismo, uma artificialidade ou uma insuficiência dos agentes em questão, mas como um dado sociologicamente positivo, ou seja, um fator estruturante das ações dos indivíduos.

---

<sup>11</sup> Giddens, 1991, p. 98.

A fenomenologia da ambivalência moderna pode ser encontrada em inúmeros escritos das mais variadas disciplinas, como é o caso de um ensaio de rara beleza e perspicácia, onde Alfredo Bosi constrói uma reflexão sobre os trabalhos da mão. Em “tempos de máquinas”, a busca do autor se fez através do inventário de dezenas de verbos “conjugados” pelas mãos.<sup>12</sup>

A mão arranca da terra a raiz e a erva, colhe da árvore o fruto, descasca-o, leva-o à boca. A mão apanha o objeto, remove-o, achega-o ao corpo, lança-o de si. (...) A mão abre a ferida e a pensa. Eriça o pêlo e o alisa. A mão prepara o alimento. Debulha o grão, depela o legume, desfolha a verdura, descama o peixe, depena a ave e a desossa. (...) Unge e esconjura, asperge e exorciza. (...) É voz do mudo, é voz do surdo, é leitura do cego. (...) A mão, portadora do sagrado. As mãos postas oram, palma contra palma ou entrançados os dedos. (...) O escritor garatuja, rascunha, escreve, reescreve, rasura, emenda, cancela, apaga. (...) Na Idade da Máquina, a mão teria, por acaso, perdido as finíssimas articulações com que se casava às saliências e reentrâncias da matéria?<sup>13</sup>

Mais do que um inventário das possibilidades do trabalho manual, Bosi nos mostra a reprodução permanente de várias formas sociais e a possibilidade moderna de simultaneidade de “tempos sociais distintos”, através das mais variadas possibilidades desenvolvidas pelas mãos humanas. Aqui, práticas tradicionais não são pensadas como resquícios, entraves, constrangimentos ou limitações para a sociabilidade moderna, ou mesmo como refúgio do espírito que não se sente à vontade no presente; ao contrário, o texto afirma que tais permanências se expressam de forma plena, embora resignificadas em alguns casos, sem ter “perdido as finíssimas articulações com que se casava às saliências e reentrâncias da matéria”.

---

<sup>12</sup> Leitura sugerida por Reinaldo Azevedo na revista República – Maio/1998.

<sup>13</sup> Bosi, 2000, p. 67.

Assim, a experiência vital de homens e mulheres na Modernidade está mergulhada numa sociabilidade aparentemente contraditória, paradoxal e ambígua, mas que na verdade é ambivalente, pois há riscos e possibilidades, perigos e seguridades, aventura e tédio, confiança e medo, obediências e transgressões, mudanças e permanências etc. Não é à toa que a tradução desse padrão societal, em alguns ensaios, metáforas e na própria pesquisa social, está sempre a sugerir uma combinação de contrários, como se a Modernidade se assemelhasse a um oxímoro, aquela figura de linguagem em que se combinam termos de sentido oposto, que parecem antagônicos, mas que no contexto acabam por reforçar o sentido da expressão.<sup>14</sup>

A Modernidade é, pois, esse turbilhão ambivalente desde a sua estrutura mesma. Nela, tudo está impregnado do seu contrário. Daí o equívoco de concebê-la como exclusivamente dinâmica, pois ela é também estática, com suas âncoras simbólicas e materiais, suas “prisões de longa duração”, suas tradições, suas raízes, seus arquétipos, enfim, valores e práticas, antigos e modernos, que se reproduzem e reforçam esse caráter ambivalente que estamos a discutir.

Lembremos, ainda, que o caráter estruturalmente flexível do padrão normativo moderno, inclusive pela diversidade de papéis assumidos pelo indivíduo, é encarado por Merton como inerente às necessidades de navegabilidade social cotidiana. Segundo esse autor,

A análise da ambivalência sociológica se origina da premissa de que a estrutura de papéis sociais consiste em arranjos de normas e contranormas que se desenvolveram para proporcionar ao comportamento normativamente aceitável à flexibilidade requerida pelas condições variáveis de uma relação social.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Metáfora sugerida por Gilberto de Mello Kujawski para analisar o mundo ocidental.

<sup>15</sup> Cf. Merton, 1979, p. 51.

Essas estruturas ambivalentes que observamos em vários espaços da sociedade moderna também impregnam, por exemplo, a criação estética. É o caso das gravuras de M. C. Escher, com suas figuras que se transformam no seu oposto, nas formas que se encaixam com sua “cara metade”, nos opostos simétricos, nas perspectivas aparentemente impossíveis, nos movimentos circulares, no jogo de espelhos, enfim, a ambivalência como dado irreduzível da própria realidade. Estas gravuras nos parecem alegorias impecáveis da Modernidade e dos conflitos que lhes são inerentes.

### **E. Tradição: o futuro do passado**

Um dos fenômenos mais intrigantes do ambiente moderno é a reprodução de alguns desses valores de padrões sociais anteriores. O princípio hierárquico, as narrativas mitológicas, os ritos de diversas matizes, estão entre estes valores e se expressam, entre outras maneiras, nas afirmações étnicas, nas práticas de reencantamento do mundo, na afirmação de saberes tradicionais, na construção de identidades e espaços comunitários.<sup>16</sup> A presença, difusão e a capacidade estruturante desses valores nos impedem de considerá-los meros resquícios de formas sociais anteriores que insistem em permanecer, mas que o tempo fará o seu papel de apagá-los. Os valores tradicionais não devem ser encarados, em si, como expressão de atraso, ignorância ou obscurantismo, mas como pólo de conflito positivo que em choque com os valores da Modernidade acabam por gerar a sociedade em que vivemos. É importante ressaltar que, nesta arena de disputa que é a Modernidade, os valores predominantes são os modernos, embora também testemunhemos o que Dumont chama de englobamento, uma operação lógica na qual um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas, ou seja, no caso em questão,

---

<sup>16</sup> Sobre os valores tradicionais conferir Souza, 1999 e DaMatta, 1981.

em algumas situações são os valores tradicionais que englobam os modernos e estruturam a realidade.<sup>17</sup>

Aqui se faz necessária uma diferenciação para a qual chamamos a atenção dos leitores. Referimo-nos a necessidade de diferenciar o que definimos como Tradição e, por outro lado, o que definimos como valores tradicionais. No primeiro caso, estaremos discutindo uma forma de transmissão de valores. No segundo, estaremos discutindo os conteúdos desses valores. O que entendemos, no presente texto, como valores tradicionais diz respeito a um conjunto de princípios axiológicos, um dever-ser, que orienta a ação dos indivíduos no que se chama, genericamente, de sociedades tradicionais. Entre estes princípios poderíamos citar a hierarquia, o encantamento do mundo e o comunitarismo. Por outro lado, o conceito de Tradição nos remete a um método de transmissão dinâmica de idéias e objetos originários de períodos históricos anteriores. Assim, quando falamos de Tradição, estamos nos referindo a um conjunto de práticas e valores que, oriundos de um passado antigo ou recente, atingem esta condição pelo fato de serem repetidos ritualmente. Ressaltemos, no entanto, que a Tradição, como método de transmissão dinâmica, é um procedimento que não busca o engessamento de práticas e valores, mas os ressignifica sempre que necessário.

Vejamos algumas formulações sobre a Tradição como mecanismo de transmissão dinâmica de valores.

Detendo um lugar especial entre os costumes, convenções, idiosincrasias e estilos que são os pilares das culturas humanas, a tradição é comumente reservada aos costumes que possuem considerável profundidade no passado e uma aura de sagrado. A palavra **tradição** vem do verbo latino *tradere*, que significa entregar, transmitir, legar à geração seguinte. Embora o verbo pudesse referir-se à transmissão de coisas triviais, passou a ser gradualmente reservado para as mais importantes, para os 'depósitos' do passado que conservavam um valor incomum para

---

<sup>17</sup> Cf. conceito de englobamento em Dumont, 1997.

o presente e, presumivelmente, para o futuro. (...) É um erro pensar nas tradições como inerentemente estáticas e sempre inclinadas à imobilidade.<sup>18</sup>

A ‘tradição’ neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do ‘costume’, vigente nas sociedades ditas ‘tradicionais’. O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O ‘costume’, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de volante e motor. Não impede as inovações e pode até mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente.<sup>19</sup>

El legado de cultura que cada generación transmite a la siguiente y que ésta debe conservar, mejorar e aumentar.” (...) La tradición no se opone a razón creadora, sino que es um modo de expresión de ésta: las cosas que sobreviven como tradicionales lo hacen precisamente por su conformidad con la razón exigente y por su capacidad para guiar el futuro. (...) No es meramente el pasado, sino el pasado que sobrevive y que tienes condiciones para ser futuro. (...) En resumen, el verdadero sentido de la tradición es contrário a algo muerto y petrificado a algo estanque de aguas fijas e invariables que no puede ser acrecentado con nuevos raudales que bajen de las fuentes puras de la montaña.<sup>20</sup>

Além do sentido etimológico da palavra, as definições sistematizadas acima nos indicam algumas características essenciais do fenômeno da Tradição como método de transmissão: a) são maneiras de agir, sentir e pensar que são passados de geração para geração; b) não se confunde com costumes ou práticas triviais; c) o que é identificado com tradicional tem *status* diferenciado no interior dessas práticas triviais; d) não pode ser considerado como um fenômeno estático e inflexível; e) expressa

---

<sup>18</sup>Outhwaite, W. et alli, 1996, p. 736.

<sup>19</sup> Cf. Hobsbawn e Ranger, 1984, p. 10.

<sup>20</sup> Campo, 1976, p. 1084.

uma forma de sabedoria do grupo, ao contrário de uma formulação individual; f) é considerada como uma fonte de legitimidade; g) apresenta como uma de suas funções a continuidade e coesão do grupo. Precisamos, no entanto, explorar um pouco mais algumas faces do fenômeno em questão.

Segundo Giddens, a Tradição não é, simplesmente, um conjunto de práticas ou valores que conquistou por “antigüidade” um lugar legitimador, tampouco um conjunto de práticas que podem ser desenvolvidas por indivíduos, isoladamente, ou meramente uma forma de sabedoria (ou verdade) da qual alguém pode lançar mão a qualquer momento ou de qualquer forma. Segundo o autor,

É simplesmente errôneo, porém, supor que, para ser tradicional, um dado conjunto de símbolos ou práticas precisa ter existido por séculos. (...) A persistência ao longo do tempo não é a característica chave que define a tradição, ou seu primo mais difuso, o costume. **As características distintivas da tradição são o ritual e a repetição.** As tradições são sempre propriedades de grupos, comunidades ou coletividades. Indivíduos podem seguir tradições ou costumes, mas as tradições não são uma característica do comportamento individual do modo como os hábitos o são.<sup>21</sup>

O autor de *Conseqüências da Modernidade* ainda esclarece que a Tradição, como fonte de legitimidade, não se impõe de forma auto-evidente, ela tem os seus guardiães, aqueles que interpretam e legitimam aquele conjunto de práticas.

O que a tradição tem de distintivo é que ela define um tipo de verdade. Uma pessoa que segue uma prática tradicional não cogita de alternativas. Por mais que a tradição possa mudar, ela fornece uma estrutura para a ação que pode permanecer em grande parte não questionada. As tradições em geral têm guardiães – feiticeiros, sacerdotes, sábios. Guardiã não é o

---

<sup>21</sup> Giddens, 2001, p. 51.

mesmo que especialista. Eles conquistam sua posição e poder graças ao fato de ser os únicos capazes de interpretar a verdade ritual da tradição. Somente eles são capazes de decifrar os verdadeiros significados dos textos sagrados ou dos outros símbolos envolvidos nos rituais comunais.<sup>22</sup>

Como podemos observar nesse excerto, a definição de Giddens enfatiza a Tradição a partir de seus aspectos ritualísticos e repetitivos, nada comentando sobre os seus conteúdos axiológicos. Assim, a definição ora citada pode ser aplicada a vários fenômenos da própria Modernidade. Não é à toa que nos referimos a uma tradição democrática, tradição sociológica, tradição tecnológica, tradição política, tradição da moda, tradição de vanguarda e outras. Segundo Octavio Paz, uma “tradição moderna” seria um paradoxo somente na aparência, visto que,

Aquele que sabe ser pertencente a uma tradição implicitamente já se sabe diferente dela, e esse saber leva-o, tarde ou cedo, a interrogá-la e, às vezes, a negá-la. A crítica da tradição se inicia como consciência de pertencer a uma tradição. Nosso tempo se distingue de outras épocas e sociedades pela imagem que fazemos do transcorrer: nossa consciência da história. Surge agora mais claramente o significado do que chamamos a **tradição moderna**: é uma expressão de nossa consciência histórica.<sup>23</sup>

Apesar de não aceitar a possibilidade do fim dos valores tradicionais na Modernidade, Giddens afirma que sua vivência de forma tradicional fica cada vez mais rara; é o caso das “bugigangas vendidas nos aeroportos” e das sucessivas “restaurações de edificações”, herança que, no entendimento do autor, “(...) assim protegida está dissociada da seiva da Tradição, que é sua conexão com a experiência da vida cotidiana”. Vivenciadas dessa maneira, poderiam significar, apenas, uma prisão do presente pelo passado e suas formas de legitimação de determinados conhecimentos.

---

<sup>22</sup> Idem ibidem, p. 52

<sup>23</sup> Cf. Paz, 1984, p. 25.

Nesse caso, segundo entendemos, Giddens afirma a Tradição como método dinâmico de transmissão de valores (estéticos, religiosos, morais etc.), mas não acredita que os valores tradicionais tenham muita importância estruturante no ambiente contemporâneo em função do caráter reflexivo do indivíduo moderno, que atualizaria constantemente esses dois universos de valores. O autor em questão afirma que a reflexividade do indivíduo moderno ultrapassa o que ele chama de “monitoração reflexiva da ação”, que seria o contato de todo ser humano com as bases do que fazem como parte integrante do fazer, prática inerente a toda a ação humana. A reflexividade moderna é mais do que essa monitoração. De acordo com Giddens,

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (...) O que é característico da Modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada – que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão.<sup>24</sup>

À guisa de ilustração, lembremos que as vanguardas estéticas do final do século XIX já vêm sendo mimetizadas há mais de um século, é o caso da vanguarda que virou tradição. Outro caso bastante ilustrativo pode ser observado através dos processos de escolha dos dirigentes políticos, em que se ritualiza o princípio democrático da igualdade entre os indivíduos. Portanto, é importante enfatizarmos a importância desse aspecto da Tradição, mas não podemos confundir-lo com o que estamos chamando de valores tradicionais.

Como podemos observar, os caminhos dos valores tradicionais na Modernidade constituem-se através de vários processos de resignificação. Poderíamos falar, aqui, numa

---

<sup>24</sup> Cf. Giddens, 1991, pp. 45-46.

“tradicionalização reflexiva”<sup>25</sup>, ou seja, num procedimento que reinventa práticas e valores a partir da ação reflexiva dos sujeitos, numa “continuidade renovada”, ajustada às novas demandas do sujeito, momento de preservação e superação, simultaneamente. Este movimento, aparentemente contraditório, deve ser visto, na verdade, como ambíguo, visto que nem o passado se impõe de forma linear, nem o indivíduo se apresenta como totalmente livre para ressignificá-lo. Seguindo o raciocínio de Santos:

(...) afirmar que somos nós quem construímos o passado e que este passado não existe independentemente das condições impostas pelo presente, não nos autoriza a negar a influência de heranças e tradições. (...) tradições são capazes de gerar identidades criativas, e que mitos subsistem e celebram a ordem social, ainda que fornecendo novos modelos de identidade. Se o passado não é capaz de se fazer presente em detrimento do presente, tampouco pode o presente constituir-se enquanto presente em detrimento do passado.<sup>26</sup>

A homologia entre Maçonaria e Modernidade permite que a primeira seja uma via de acesso privilegiado para o entendimento da segunda. E este procedimento será uma das pretensões deste trabalho. À medida que compreendermos a dinâmica tradicional-moderno, individualismo-holismo, igualdade-hierarquia, no interior da Maçonaria, poderemos formular algumas hipóteses sobre a própria dinâmica da sociabilidade moderna.

## **F. Maçonaria: uma pérola barroca em ambiente moderno**

Uma das dificuldades na abordagem da instituição maçônica, além da escassez de uma literatura sociológica sobre o tema, é a natureza extremamente fechada dos seus dirigentes no Brasil. Episódios narrados por historiadores brasileiros, ao longo de suas

---

<sup>25</sup> Cf. Giddens, 1997.

<sup>26</sup> Cf. Santos, 2000, p. 96.

teses, reforçam a impressão de que a Maçonaria brasileira ainda está por ser sensibilizada pelos pesquisadores acadêmicos. O acesso aos arquivos é dificultado e, em alguns casos, inviabilizados, e a concessão de entrevistas sobre o universo maçônico é, elegantemente, evitada. A nossa experiência de campo confirma tais dificuldades. Ressaltemos, pois, que não se trata, aqui, de criticar os dirigentes maçons por essa atitude. Lembremos que em qualquer trabalho de pesquisa a construção da confiança entre as partes é trabalho árduo e longo. No caso da Maçonaria, especificamente, a atual distância e a desconfiança podem ser superadas através de uma interlocução mais sistemática com os dirigentes maçons e com a busca de um amplo diálogo com os próprios pesquisadores maçônicos. Nós, pesquisadores acadêmicos, pouco conseguiremos se excluirmos do nosso aprendizado toda uma literatura construída ao longo de séculos pelos próprios maçons, inclusive para aprendermos a separar o que foi construído à base de muita pesquisa empírica e o que é resultado de exercícios idiossincráticos, atitude corriqueira no universo maçônico. Além de todos estes limites, a pesquisa social ainda tem que enfrentar aquele que, provavelmente, é o mais importante limite na abordagem da instituição maçônica: sua natureza iniciática. Mesmo que superemos todos os percalços do processo de aproximação com o universo maçônico, ainda assim restarão alguns aspectos da instituição que nos serão, sempre, interditados. Portanto, instituições como a Maçonaria se constituem num desafio não somente metodológico, mas também epistemológico para as ciências sociais.

Os limites epistemológicos da pesquisa sobre grupos iniciáticos foram belamente expostos num dos contos de Jorge Luis Borges (O Etnógrafo) que reporta a atuação de um pesquisador acadêmico que, após uma longa estada numa tribo indígena para estudar certos segredos iniciáticos de ritos esotéricos, voltou para sua universidade e declarou a impossibilidade de revelar os tais segredos. O diálogo com o seu orientador foi o seguinte:

- Seu juramento o impede? – perguntou o professor.
- Essa não é minha razão – falou o pesquisador – naquelas lonjuras aprendi algo que não posso dizer.
- Talvez o idioma inglês seja insuficiente? – observou o professor.
- Nada disso, senhor. Agora que possuo o segredo, poderia enunciá-lo de cem modos distintos e ainda contraditórios. Não sei muito bem como dizer-lhe que o segredo é precioso e que agora a ciência, nossa ciência, parece-me uma simples frivolidade. O segredo, ademais, não vale o que valem os caminhos que a ele me conduziram. Esses caminhos há que andá-los.
- O professor falou-lhe com frieza: comunicarei sua decisão ao Conselho. O senhor pensa viver entre os índios?
- Não. Talvez não volte à pradaria. O que me ensinaram seus homens vale para qualquer lugar e para qualquer circunstancia.<sup>27</sup>

O texto é auto-explicativo, todavia ressaltamos, pois, que, apesar da variedade dos ritos iniciáticos, há sempre um dado indizível nesses processos, bem como conseqüências variáveis e, conseqüentemente, subjetivas numa iniciação. Assim, acreditamos que a abordagem desse tipo de instituição não deve priorizar a busca dos conhecimentos iniciáticos, mas a compreensão dos elementos que permitem a realização do processo em si, pois como afirma Borges, aqueles “caminhos há que andá-los”.

É importante ressaltar, também, que a Maçonaria nunca se constituiu numa organização monolítica. Ao contrário, ao longo de sua história podemos observar as mais variadas formas de cisão. A presente pesquisa terá como universo empírico a maior e mais antiga Obediência brasileira, o Grande Oriente do Brasil (**GOB**)<sup>28</sup>, federação maçônica que reúne os três primeiros graus – aprendiz, companheiro e mestre, congrega mais de 2.000 Lojas e reúne,

---

<sup>27</sup> Cf. Borges, 1985, p. 20.

<sup>28</sup> Obediência maçônica, também conhecida como Potência maçônica, é o agrupamento de Lojas colocadas sob a jurisdição de um Grão-Mestrado.

aproximadamente, 100 mil iniciados. Portanto, os documentos, ritos, estatísticas, iniciativas filantrópicas, entrevistas e outros materiais que serviram como base de análise se referem a esta Obediência. O uso de dados referentes a outras Obediências será sempre indicado nas respectivas notas.

O tipo de metodologia que utilizamos neste trabalho é uma combinação dos procedimentos da pesquisa exploratória, tendo em vista que o nosso universo empírico se encontra, praticamente, inexplorado; da pesquisa descritiva, pois tenta compor um panorama do maior número possível de aspectos desse universo; e da pesquisa explicativa, considerando que também tentamos identificar alguns elementos que contribuem para a ocorrência do fenômeno.<sup>29</sup> Sendo assim, a nossa base de dados foi composta, essencialmente, pela combinação de cinco fontes: 1) **Legislação Maçônica** - a legislação consultada (a Constituição do Grande Oriente do Brasil, O Regulamento Geral da Federação, os Estatutos de Lojas etc.) nos permitiu uma visão ampla sobre os princípios maçônicos, tendo em vista que expressa tanto a antigüidade quanto as atualizações no interior da Ordem, e tudo isto sem romper com os princípios gerais do movimento maçônico regular no mundo; 2) **Documentos e Periódicos** - veiculados no site oficial do GOB ou impressos, como é o caso do Boletim Oficial e do Jornal Esquadro (órgãos oficiais da Obediência), nos foram muito úteis porque informam sobre a atualidade das atividades maçônicas em todo o país, medidas administrativas, balanços financeiros, inclusão e exclusão de iniciados e outros; 3) **Observação Direta** - desenvolvida para registrar o interior de templos maçônicos e, principalmente, as formas de solidariedade que se expressam nas suas atividades filantrópicas; 4) **Entrevistas** - circunscritas à estrutura e ao funcionamento das instituições filantrópicas visitadas na pesquisa, as tentativas de expansão temática das mencionadas entrevistas para “assuntos internos”

---

<sup>29</sup> Cf. Gil, 1989.

não obtiveram êxito; também realizamos entrevistas com 15 pessoas, não-maçons, com graus de instrução, profissões e idades variados, buscando registrar as representações sociais sobre a instituição maçônica; 5) **Literatura Maçônica** - o discurso maçônico sobre a instituição foi conseguido, na medida do possível, através da consulta a uma parte da vasta produção bibliográfica produzida por maçons e não-maçons sobre a Ordem, tarefa extenuante em função do seu volume e diversidade.<sup>30</sup> Nosso fio de Ariadne na exploração do mundo maçônico foi a obra criteriosa e documentada do proeminente maçónologo brasileiro José Castellani.

## G. Os caminhos do labirinto

Para abordar a Maçonaria como um desses espaços de sociabilidade que combinam práticas e valores modernos e tradicionais, simultaneamente, estruturamos o texto a partir de quatro capítulos. No **primeiro capítulo**, o objetivo é apresentar um perfil da Maçonaria brasileira, através de sua estrutura, funcionamento e presença no território nacional. Para isto, faremos uma breve incursão histórica tentando localizar as origens da maçonaria moderna, sua chegada ao Brasil, sua participação em episódios importantes no século XIX e sua atuação como um espaço de sociabilidade iluminista. Além dessa breve incursão histórica, desenvolveremos uma descrição da estrutura geopolítica e administrativa do **GOB**, indicando a distribuição das Lojas no território nacional, a estrutura dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário), os fundamentos do federalismo maçônico, o funcionamento do sistema obediencial e as organizações paramaçônicas de jovens e mulheres. No **segundo capítulo**, o objetivo é localizar nas leis maçônicas a convivência dos princípios

---

<sup>30</sup> Benimelli, um dos maiores especialistas em Maçonaria no mundo já chegou a registrar mais de 100 mil títulos sobre a instituição. Cf. Benimelli, 1981.

moderno e tradicional. Para tal, desenvolveremos uma análise do que consideramos essencial na legislação maçônica brasileira, onde estão expressos, entre outros, os princípios universais da maçonaria regular constantes nas Constituições de Anderson, nos Landmarks e nos Princípios de Regularidade de 1929. Nesses documentos encontraremos, ainda, os valores modernos do individualismo, da laicização, da meritocracia e outros. No **terceiro capítulo**, o objetivo é descrever, sinteticamente, o universo simbólico, ritualístico e hierárquico da Maçonaria a partir da descrição do templo maçônico, como *imago mundi*; descreveremos a iniciação nos três graus simbólicos; analisaremos o significado dos nomes das Lojas, como vínculo e homenagem a símbolos, pessoas, datas e valores; e faremos uma exposição sobre as principais formas hierárquicas nos três graus simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito. No **quarto capítulo**, o objetivo é explorar a ambivalência modernidade-tradição através das formas de solidariedade, sua concepção e operacionalização. Para isto, analisaremos alguns princípios maçônicos, expressos em leis e textos de uso comum, bem como descreveremos algumas iniciativas filantrópicas que combinam aqueles dois universos de valores..

Esperamos que o presente trabalho, sem nenhuma pretensão de ser inaugural ou mesmo exaustivo, consiga propor algumas questões sobre o tema e chamar a atenção para a sua importância, esperando que a pesquisa social possa, em futuro que esperamos breve, voltar parte da sua atenção ao variado e instigante universo maçônico.



## Capítulo 1

### **A estrutura político-administrativa da Maçonaria no Brasil**

A Maçonaria atuou decisivamente no processo de construção da então emergente sociedade civil brasileira através das lutas pela Independência, da organização dos organismos parlamentares representativos do Império e por meio das campanhas abolicionista e republicana. Embora não possamos datar com exatidão a origem da sociedade civil no Brasil, o debate no interior das ciências sociais aponta o período que vai do Império até a Primeira República como decisivo na formação de um espaço que fosse o momento de organização e disputa de interesses entre grupos sociais distintos.<sup>1</sup> Essas características emergirão nesse período através do processo de urbanização, da crescente imigração, da desvinculação da Igreja do Estado, das primeiras organizações sindicais, de um calendário eleitoral regular, dos esforços para a manutenção dos limites geográficos etc. Naquele momento, a sociedade começa a deixar de ser propriedade da realeza e passa a consolidar, inclusive institucionalmente, a diversidade de interesses nela existentes. Com a República, esse processo continua a se desenvolver e, aqui, podemos falar de uma sociedade civil emergente, considerada uma esfera fora do controle do Estado e através da qual pode se expressar a “física dos interesses” dos diversos grupos que compõem a sociedade. Entretanto, ainda estamos num momento histórico em que a sociedade civil, como afirma Gramsci, é gelatinosa, com características que este autor chama de Oriental (centralizada, homogênea, sem canais institucionais consistentes etc.). Assim,

---

<sup>1</sup> Cf. Barata, 1999.

somente no transcorrer do século XX e, mais especificamente, a partir dos anos 1970 é que podemos observar no Brasil uma

(...) sociedade civil como a esfera das relações entre indivíduos, entre grupos, entre classes sociais, que se desenvolvem à margem das relações de poder que caracterizam as instituições estatais. Em outras palavras, a sociedade civil é o terreno dos conflitos econômicos, ideológicos, sociais e religiosos que o Estado tem a seu cargo resolver, intervindo como mediador ou suprimindo-os; base da qual partem as solicitações às quais o sistema político está chamado a responder; como o campo das várias formas de mobilização, de associação e de organização das forças sociais que impellem à conquista do poder político.<sup>2</sup>

Provavelmente, a Maçonaria é a única instituição civil, juntamente com a Igreja Católica, ainda existente nos dias de hoje, que acompanhou todo esse processo de formação e consolidação da sociedade civil brasileira. A atuação maçônica, como sempre, não se efetiva de forma homogênea e unitária, ao contrário do que pensa o senso comum. Em contrapartida, também não se pode fugir do debate sobre a natureza da Maçonaria afirmando, apenas, que o que existe são Maçonarias, pois verificamos que, em alguns momentos, como têm sido os casos de atrito com estruturas religiosas, a Ordem tem se apresentado com um significativo espírito de corpo. Porém, é forçoso reconhecer que a ação política da Maçonaria já gozou de mais difusão e importância. O processo de modernização no nosso país causou uma diferenciação crescente na sociedade civil (organizacional e de interesses) e fez com que outros atores assumissem tarefas importantes no espaço público, diminuindo a importância institucional da maçonaria. Por outro lado, o ideário maçônico, defendido ao longo dos dois últimos séculos, nunca esteve tão vivo no seio da sociabilidade, como tentaremos demonstrar ao longo deste trabalho.

---

<sup>2</sup> Cf. Bobbio, 1992, p.1210.

## 1.1 - A Trajetória Histórica da Maçonaria

Os historiadores maçons costumam dividir a história da maçonaria em duas fases: a primeira, **operativa**, quando a instituição desempenhava, basicamente, atividades ligadas à arte da construção e estimulava princípios corporativos típicos do período medieval; a segunda, **especulativa**, quando a arte de construir já não era mais um critério para participar da instituição, ocasião em que foram admitidos indivíduos originários de outros espaços sociais.<sup>3</sup> Esses novos maçons eram filósofos, alquimistas, hermetistas, poetas e outros que procuravam a Ordem, segundo pesquisador maçônico, por três razões, fundamentalmente: a) oferecia uma forma lícita de associação, fato raro naquele período; b) ocorria em ambiente aberto para discussões que problematizavam o “estado de coisas” da época; c) dispunha de uma estrutura internacional, o que facilitava o intercâmbio de idéias.<sup>4</sup>

Embora a periodização que ora indicamos tenha boa aceitação por parte dos pesquisadores maçons e até de alguns historiadores acadêmicos, a fase de transição do período operativo para o período especulativo ainda precisa ser objeto de pesquisas mais rigorosas que nos esclareçam quais as razões para pessoas nobres se aliarem a grupos que contestavam o *status quo* do Antigo Regime. Por que figuras envolvidas com esoterismos de toda sorte se aproximariam de uma organização com traços católicos tão significativos? Qual o sentido de manter uma estrutura dual – esotérica e exotérica? Qual o “cimento” que garantiria a confluência de valores que, ao mesmo tempo, afirmavam o individualismo universalista e a hierarquia aristocrática? Estas são algumas das questões que não ficam claras quando consultamos a literatura sobre a mencionada transição.

---

<sup>3</sup> Essa periodização é bem aceita pelos historiadores acadêmicos que pudemos consultar.

<sup>4</sup> Cf. Castellani, 1995.

À fase inicial, chamada de “operativa”, estão ligados vários símbolos ritualísticos que existem até a atualidade. Nessa fase, os principais segredos estão ligados à arte de construir dos **pedreiros-livres**, vinculados às corporações de ofício da idade média.

Pedreiros-livres foi uma das denominações utilizadas para se referir aos maçons. Expressão inspirada nos pedreiros que viajavam pela Europa, em torno do século VIII, a fim de construir templos católicos em estilo gótico. Estes pedreiros acabaram por constituir corporações que obtiveram privilégio exclusivo para a execução de certas arquiteturas, cujo processo guardavam em segredo. Todavia, com o advento progressista da ciência e das artes, a sociedade acabou por perder seu caráter primitivo e exclusivista, e passou a aceitar como seus membros pessoas estranhas ao ofício. Em 1717, com a morte de Sir. Christopher Wren, ultimo Grão-Mestre dos Pedreiros, as oficinas se compunham principalmente de intelectuais. Então estes convieram em abandonar por completo a arquitetura, substituindo a corporação por uma associação puramente moral e filosófica, que, no entanto, conservaria algumas denominações e instrumentos de arquitetura como simples recordação da arte e dos seus segredos. E foi assim que no dia 24 de junho de 1717 as quatro Lojas de Londres se reuniram e criaram a Grande Loja da Inglaterra, e então nasceu a Maçonaria moderna.<sup>5</sup>

Na fase **especulativa**, consolidada no início do século XVIII, na Inglaterra, a tradição simbólica e ritualística medieval foi sendo reproduzida e, muitas vezes, resignificada pela tradição oral e por documentos esparsos até o momento em que foram sistematizados no documento fundador da Maçonaria moderna: a Constituição de Anderson. Outras normas não escritas também foram sistematizadas por vários autores maçons ao longo do século XIX; contudo não há um consenso sobre a sua versão definitiva, embora algumas versões tenham sido legitimadas junto a determinados grupos. Estas normas consuetudinárias são conhecidas como Landmarks e formam um

---

<sup>5</sup> Cf. Figueiredo, 1998, p.138.

corpo de regras que envolvem desde o reconhecimento de um maçon à divisão em graus pela maçonaria, indo até a afirmativa de que a maçonaria é uma sociedade secreta de posse de segredos que não podem ser divulgados. Os fundamentos mais importantes, no entanto, estão na Constituição de Anderson, publicada em 1723 na Inglaterra e reformada alguns anos depois. Neste documento encontramos a história lendária da instituição e seus preceitos básicos, que discutiremos em capítulo posterior. A relação dos maçons com esse documento pode ser definida como de “respeito seletivo”. Em outras palavras, nem tudo é aceito de forma consensual, como uma tradição auto-evidente e auto-aplicável, sobretudo no que se refere às origens da instituição, que nesse documento parece por demais fantasiosa aos olhos de alguns pesquisadores maçons. Por outro lado, o consenso em torno de alguns aspectos desses documentos é o que garante uma relativa homogeneidade institucional à Ordem.<sup>6</sup>

É importante lembrar que essa relativa unidade institucional da maçonaria no mundo pode ser atribuída à existência do sistema obediencial. Essas Obediências, também conhecidas como Potências, são agrupamentos de Lojas que formam uma Federação, funcionando sob a jurisdição de um Grão-Mestrado e com um conjunto de leis e normas, às quais são devidas completa obediência. O sistema obediencial surgiu em 1717 quando 04 Lojas londrinas fundaram a Grande Loja de Londres e foi reforçado, quase cem anos depois (1813), a partir da fusão com a Grande Loja dos Antigos Maçons, criando a mais influente Obediência Maçônica do planeta: a Grande Loja Unida da Inglaterra, que se reserva ao direito de julgar a regularidade de Lojas no mundo inteiro. Em outras palavras, esta Obediência avalia se uma Loja (ou Federação) está respeitando ou não os princípios que ela considera genuinamente maçônicos. Os grupos reconhecidos são denominados “regulares”<sup>7</sup>. Essas regras são

---

<sup>6</sup> Castellani e Rodrigues, 1995.

<sup>7</sup> Participam desse grupo todas as Lojas do mundo que se submetem às regulamentações da Grande Loja Unida da Inglaterra. Existem estimativas de que 90% dos maçons em todo o mundo pertencem a este grupo.

contestadas até os dias de hoje, todavia em função de sua antiguidade e um razoável consenso entre alguns grupos, acabaram por se consolidar e servir como referência para rituais, comportamentos e administração das Lojas. Apesar dessas divergências e disputas pela “tradição maçônica”, o fato é que a Maçonaria (“regular” e “irregular”) tem se expandido pelo mundo inteiro, nos mais variados regimes (embora tenha enfrentado enormes dificuldades com regimes autoritários), em sociedades com níveis de modernização variáveis, em ambientes étnicos diversificados.<sup>8</sup>

O momento histórico de criação da Maçonaria moderna coincide com o que Hobsbawn chamou de período rico em “invenção de tradições”. O autor não quer dizer com isso que essas tradições tenham sido artificialmente inventadas, mas que atendem a certas necessidades em um período de grandes transformações. Vejamos o autor:

Provavelmente não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a ‘invenção’ de tradições nesse sentido. Contudo, espera-se que ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta.<sup>9</sup>

Como sabemos, o século XVIII é o centro da transição à Modernidade e, conseqüentemente, significa um momento no qual podemos observar muitas mudanças no âmbito da economia, da

---

<sup>8</sup> Nem toda Obediência Maçônica reconhece esse direito da Grande Loja Unida da Inglaterra e, conseqüentemente, discorda do conceito de “regularidade”. A Maçonaria Feminina é um desses grupos.

<sup>9</sup> Cf. Hobsbawn e Ranger, 1984, p.12.

política, da religião etc., constituindo-se, portanto, num período que seria propício à “invenção de tradições”.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.<sup>10</sup>

Apesar de uma simbologia que, em parte, remonta à Antiguidade e, em parte, se constituiu na Idade Média, a Maçonaria não foi criada para manter intactas determinadas práticas e valores desses períodos, visto que incorporou e, de certa forma, ajudou a compor práticas e valores que fundarão a cultura moderna. Assim, podemos observar que faz parte da própria gênese da instituição uma certa ambivalência, uma combinação entre práticas e valores tradicionais e modernos.<sup>11</sup>

## **1.2 - A Maçonaria no Brasil**

A chegada da Maçonaria ao Brasil, no final do século XVIII, pode ser entendida como um dos sinais do processo de modernização do país, que viria a consolidar-se ao longo do século seguinte. A Maçonaria foi um dos espaços mais importantes de divulgação do ideário moderno (mesmo que mesclado com uma ritualística antiga e tradicional) e conseguiu atrair uma parcela significativa da elite em nosso país para dialogar, à sua maneira, com esse ideário iluminista emergente no período.

Sobre os primórdios da maçonaria no Brasil, tema bastante controverso e de documentação ainda a ser mais bem explorada, afirma Castellani:

---

<sup>10</sup> Idem *Ibidem*, p. 09.

<sup>11</sup> É o caso do uso de chapéus e espadas, que recebeu um novo conteúdo de igualdade formal; a utilização do termo Irmão, como tratamento entre os iniciados etc.

Embora a primeira Loja maçônica brasileira tenha surgido em águas territoriais da Bahia, em 1797, numa fragata francesa, a primeira Loja regular do Brasil foi a “REUNIÃO”, fundada em 1801, no Rio de Janeiro, movida pela liturgia e com fins político-sociais.<sup>12</sup>

No entanto, torna-se importante lembrar que as idéias maçônicas já circulavam pela Colônia através dos estudantes brasileiros que se dirigiam à Europa para cursar universidades como a de Coimbra, em Portugal, Montpellier, na França e Oxford na Inglaterra. As notícias de maçons e idéias maçônicas no final do século XVIII no nosso país orientando alguns movimentos (Inconfidência Mineira, Revolta dos Alfaiates, Conjuração Fluminense etc.) ainda estão por ser exploradas pela pesquisa social para que cheguemos a dados e interpretações mais consistentes. Os casos do Areópago de Itambé (1798) e a Academia dos Suassuna (1802), por exemplo, apresentam grandes evidências da presença de maçons e idéias maçônicas, mesmo sendo distinta a dinâmica interna.

Lembremos, ainda, que fenômeno muito comum naquele período era a descontinuidade de funcionamento dessas Lojas, provocando o que os maçons chamam de **abater colunas**, que significa suspender os trabalhos ativos, fechar ou dissolver temporária ou definitivamente uma Loja.<sup>13</sup>

Seja qual for a versão historicamente mais consistente, o que não podemos negar é que a atividade maçônica formou, a partir do início do século XIX, uma rede de Lojas por todo o território brasileiro e organizou o que, provavelmente, foi a primeira atuação política articulada (nacional e internacionalmente) de que temos notícia no nosso país, funcionando como uma espécie de arena para discussões voltadas ao processo de modernização. A atuação da Maçonaria esteve ligada à difusão do ideário liberal, iluminista e anticlerical. Ainda hoje, pelo menos no interior do movimento maçônico, a instituição é lembrada por sua participação em

---

<sup>12</sup> Cf. Castellani, 1993, p.32.

<sup>13</sup> Barreto, 1985; Barata, 1999; Colussi, 1998.

episódios importantes da história do país: independência, abolicionismo, abdicação de Dom Pedro I, a questão religiosa, a separação da Igreja do Estado, o movimento republicano e outros menos comentados. Os maçons parecem ter exercido, naquele período, uma influência significativa na definição dos rumos do país, uma vez que exerciam atividades intelectuais e políticas, atuavam em jornais, revistas, sociedades literárias e beneficentes, nos primeiros partidos políticos e chegando a compor, desde o Império, vários Gabinetes de Governo.<sup>14</sup>

A participação da Maçonaria em todos esses eventos não significa que a instituição tenha sido a grande responsável por eles, como querem acreditar alguns e como divulga a mitologia referente à Ordem, mas que a sua atuação se deu, efetivamente, no campo da formação de uma cultura política calcada na defesa da laicização da sociedade brasileira, juntamente com outros segmentos da intelectualidade. Política e Maçonaria sempre estiveram próximas, o que não significa dizer que esta última tenha exercido influência direta e essencial em todos os fatos ocorridos a partir do século XIX, embora não se possa negar que a presença de maçons nas diversas agremiações políticas estimulou definições predominantemente laicizantes para a emergente modernização.<sup>15</sup>

Faz-se mister ressaltar, ainda, que a Maçonaria nunca formou um bloco compacto de idéias e militantes. Podemos observar, através de seus documentos e escritos de historiadores, a ausência de consensos em vários momentos importantes. Existiam aqueles grupos moderados e os mais radicais; aqueles mais ligados à Igreja e outros anticlericais. Essa mesma divisão pode ser notada em outros momentos importantes da ação maçônica no Brasil, por exemplo: o abolicionismo e o republicanismo. Lembremos que essas divisões expressavam, muitas vezes, uma forte disputa entre o ramo francês (radical) e ramo português (conservador) que

---

<sup>14</sup> Barata, 1999; Colussi, 1998.

<sup>15</sup> Idem. Ibidem.

naquele período marcavam estilos, concepções e interesses no processo de construção das Lojas<sup>16</sup>.

Como já dissemos, seguindo o exemplo de suas similares européias, a Maçonaria atuava como uma rede de associativismo civil com ideário individualista, racionalista e universalista. Para que tenhamos uma idéia do que significou essa “rede associativa” articulada pela Maçonaria durante o século passado, é bastante importante observar, através de alguns exemplos, o número de Lojas existentes e as cidades nas quais elas atuavam. Vejamos, especificamente, o quadro das mais antigas lojas, em funcionamento até os dias atuais, do Grande Oriente do Brasil<sup>17</sup>:

**Tabela 1: Mais antigas lojas do GOB ainda em funcionamento<sup>18</sup>**

Loja	Fundação	Cidade	Estado
0001	1815	Rio de Janeiro	RJ
0015	1832	Recife	PE
0141	1832	São Paulo	SP
0167	1835	Goiás	GO
0152	1836	Natal	RN
0237	1851	Guarapuava	PR
0135	1858	Teresina	PI
0136	1859	Fortaleza	CE
0138	1860	Florianópolis	SC
0146	1862	Maceió	AL
0182	1867	Rio Grande	RS
0328	1875	Campina Grande	PB
0228	1872	Estrela do Sul	MG
0236	1872	Vitória	ES
0242	1873	Belém	PA
1639	1874	Corumbá	MS
0621	1898	São Luiz	MA

Fonte: Guia de Lojas do GOB de 1999

<sup>16</sup> Castellani, 1993.

<sup>17</sup> O Grande Oriente do Brasil é o organismo que unifica os graus da maçonaria simbólica, uma espécie de confederação maçônica. Cf. Castellani, 1993.

<sup>18</sup> Cf. Guia de Lojas do GOB de 1999. A numeração das Lojas dá uma idéia aproximada do total existente no período, pois a numeração é cumulativa.

Podemos observar pelo quadro acima a ampla atuação da Maçonaria, inclusive em cidades do interior, como é o caso de Campina Grande, na Paraíba, que em 1871 tinha uma população aproximada de 10 mil habitantes. Com uma ampliação constante do número de Lojas e a divulgação de um ideário tipicamente moderno, podemos deduzir o impacto e a força da ação maçônica em todos os quadrantes do país. Tal nível de implantação no território brasileiro permite, como sugerem os historiadores acadêmicos, que identifiquemos a maçonaria como o primeiro espaço de socialização política moderna existente na história do Brasil. Repetimos: as Lojas maçônicas propiciaram ao público participante uma espécie de socialização no mundo civil, assim como aconteceu nos salões literários e nas próprias lojas maçônicas francesas.<sup>19</sup>

Entre 1860 e 1900 foram criadas mais de 650 Lojas pelo Brasil<sup>20</sup>. Parte significativa **abatia colunas** com a mesma facilidade com que eram criadas, mas, apesar disso, não podemos deixar de reconhecer que, enquanto funcionavam, constituíam-se em centros de intensa atividade política e social.

### 1.3 - A Presença Contemporânea da Maçonaria

Ao longo do século XX, sobretudo a partir da década de 1980, a Maçonaria tem ampliado sensivelmente seu número de Lojas e, conseqüentemente, seu número de adeptos. A organização está presente em todos os Estados da Federação, em todas as capitais e principais cidades do país. Estima-se que somente o **GOB** abrigue em torno de 100 mil maçons. Embora não exista um perfil sócio-econômico e político-cultural dos participantes, podemos especular

---

<sup>19</sup> Cf. Barata, 1999; Colussi, 1988.

<sup>20</sup> Cf. Barata, 1999. O autor traz uma estatística detalhada das Lojas que foram criadas e extintas durante o período de 1860 a 1920, bem como o nome da loja, cidade e Estado. Cf. Castellani, 1993.

em torno de algumas de suas características a partir dos próprios critérios de admissão na instituição. Os principais requisitos para a admissão no mundo maçônico são os seguintes: ser do sexo masculino; ter instrução escolar que possibilite compreender e aplicar o ideário maçônico; ser saudável e não ser portador de deficiência física que o impeça de praticar a ritualística; ter uma conduta ílibada, estar em pleno gozo dos direitos civis e não professar ideologias contrárias aos princípios maçônicos; ter condições econômicas equilibradas que o permitam garantir suas despesas e de sua família, sem prejuízo dos encargos da Ordem.<sup>21</sup> Estes critérios, seguidos das listas de “maçons famosos” e das observações de campo, permitem-nos inferir que o ambiente maçônico é composto do que poderíamos chamar de ápice da pirâmide sócio-econômica brasileira, pois observamos uma forte presença de membros do judiciário, profissionais liberais, pequenos e médios empresários. Para traçar melhor o perfil do maçom brasileiro, precisaríamos de muitas informações complementares, o que fica sugerido para pesquisas posteriores.

O **Grande Oriente do Brasil** funciona, estrategicamente, desde o final dos anos 1970 em Brasília, até então funcionava no lendário Palácio do Lavrado no Rio de Janeiro. A sede atual, inaugurada em 04 de dezembro de 1992, ocupa um espaço de mais de 20 mil metros quadrados de área construída num terreno de 30 mil metros quadrados, onde estão em funcionamento, entre outras, as atividades dos três poderes maçônicos e o Templo Nobre, com seus 650 assentos. O Palácio Maçônico, como é chamado, é um dos pontos turísticos da capital federal e motivo de orgulho dos maçons desta Obediência, não somente por sua beleza e arrojo arquitetônico, mas também pela profunda simbologia expressa na sua concepção.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Constituição do Grande Oriente do Brasil, 1996.

<sup>22</sup> Dados extraídos de livreto publicado pelo GOB em 1995

O GOB possui uma estrutura federativa muito próxima à do Estado-Nação: Constituição, Legislativo, Executivo e Judiciário (articulados, mas independentes); órgãos complementares e subordinados aos três poderes - tribunal de contas, ministério público, secretarias executivas (similares aos ministérios), tribunais de justiça, os quais realizam eleições diretas através de um calendário eleitoral regular. Como uma organização federativa, toda essa estrutura também pode ser observada nos Grandes Orientes Estaduais. Porém, toda essa estrutura federada tem como base as **Lojas**, que em cada Estado formam os seus Grandes Orientes Estaduais e, finalmente, o Grande Oriente do Brasil. O nível de autonomia das Lojas é similar, se quisermos a comparação, às de um município brasileiro. Vejamos o seu desenho institucional:

### **Quadro 1: Desenho institucional do GOB<sup>23</sup>**

#### **PODER EXECUTIVO**

**Grão-Mestre Geral e Grão-Mestre Adjunto**

**Grandes Secretários-Gerais e Adjuntos**

Administração, Rel. Maçônicas Exteriores, Interior e Rel. Públicas,  
Educação e Cultura, Finanças, Patrimônio, Previdência e Assistência,  
Transporte e Hospedagem, Orientação Ritualística.

**Conselho Federal**

33 Conselheiros

#### **PODER JUDICIÁRIO**

**Supremo Tribunal de Justiça**

Presidente, Vice-presidente e 6 Juizes

**Supremo Tribunal Eleitoral**

Presidente, Vice-presidente e 6 Juizes

**Tribunal de Justiça do Poder Central**

Presidente, Vice-Presidente e 6 Juizes

**Ministério Público**

Grande Procurador-Geral e 03 Sub-Procuradores

<sup>23</sup> Toda essa estrutura é reproduzida nos Grandes Orientes Estaduais que, para se manterem funcionando, precisam da existência de, pelo menos, 05 Lojas. O único Estado que não possuía Grande Oriente, em 1999, era o Amapá. Cf. Guia de Lojas do GOB, 1999.

**PODER LEGISLATIVO****Assembléia Federal Legislativa**

Comissões: Diretora, de Constituição e Justiça, de Orçamentos e Finanças,  
de Educação e Cultura, de Redação, de Rel.Públicas

**Tribunal de Contas**

Presidência, Vice-Presidência, Ministros

Fonte: Guia de Lojas do GOB de 1999

O financiamento desse “Estado Maçônico” é viabilizado de várias formas, basicamente: anuidades pagas pelas Lojas e repassadas para os Grandes Orientes Estaduais que, por sua vez, repassam uma parte para o GOB, que ainda dispõe de outras doações, receitas de capital, receitas imobiliárias, alienação de bens, vendas de material gráfico e outros. Apesar das preocupações dos dirigentes e, especificamente, dos responsáveis pelas finanças, a situação econômica da Obediência é aparentemente confortável. A situação pessoal dos membros da organização facilita os meios de arrecadação, fazendo com que os investimentos necessários não se constituam num problema grave para a comunidade maçônica. As informações sobre os volumes de recursos financeiros arrecadados e investidos na manutenção da estrutura acima descrita (o que envolve viagens, publicações, congressos etc.), podem ser encontradas em relatórios anuais de Grão-Mestres Gerais e no próprio Boletim Oficial do Grande Oriente do Brasil. Em 1999, por exemplo, a receita prevista era de Cr\$ 10.340.982,36 (dez milhões, trezentos e quarenta mil, novecentos e oitenta e dois reais e trinta e seis centavos).<sup>24</sup>

O Grande Oriente do Brasil dispõe de alguns mecanismos de divulgação oficial de suas atividades, resoluções, decretos etc., entre os quais destacamos o Boletim Oficial e o Jornal Esquadro. O Boletim Oficial vem sendo publicado desde 1872 de forma, praticamente, ininterrupta e tem como função publicar os atos oficiais dos três poderes maçônicos do GOB (Executivo, Legislativo

---

<sup>24</sup> Boletim Oficial do GOB, n. 18 de 13.10.1998.

e Judiciário), veiculando os informes das Grandes Secretarias (Educação e Cultura, Finanças, Beneficência etc.), as atividades do Ministério Público, as iniciações, elevações, exclusões, os atos do Grão-Mestre, planos de investimento, pareceres dos Tribunais de Contas e vários outros assuntos de interesse do GOB.

O Jornal Esquadro atende a uma estratégia de divulgação de eventos, publicações, polêmicas, homenagens etc. Como todo jornal, além de matérias editoriais, conta ainda com uma gama razoável de colaboradores. O Jornal existe desde 1978 e é inscrito na Associação Brasileira de Imprensa Maçônica. Segundo podemos ler no seu Expediente:

O Esquadro tem, em sua concepção original, o objetivo de divulgar matérias, artigos e informações sobre a Ordem, bem como assuntos gerais de interesse nacional.<sup>25</sup>

O artigo 145 da constituição do GOB, de 1996, indica como datas oficiais o dia dezessete de junho como dia do GOB e vinte de agosto como o dia do maçom, sendo estes dias feriados maçônicos. A Obediência também possui um Hino, composto por D. Pedro I, em 1822, que transcrevemos a seguir:

Da luz que de si difunde, sagrada filosofia  
surgiu no mundo assombrado, a pura Maçonaria.  
Maçons alerta, tende firmeza  
vingai direitos, da natureza.  
Da razão, parte sublime, sacros cultos merecia  
altos heróis adoraram, a pura Maçonaria.  
Maçons alerta, tende firmeza vingai direitos, da natureza.  
Da razão, suntuoso templo, um grande rei erigia,  
foi então instituída, a pura Maçonaria.  
Maçons alerta, tende firmeza  
vingai direitos, da natureza.  
Nobres inventos não morrem, vencem do tempo a porfia  
há de os séculos afrontar, a pura Maçonaria.

---

<sup>25</sup> O Esquadro, ano XXII, n. 04, abril de 2000.

Maçons alerta, tende firmeza  
vingai direitos, da natureza.  
Humanos, sacros direitos, que calcara a tirania  
Vai ufana restaurando, a pura Maçonaria.  
Maçons alerta, tende firmeza  
vingai direitos, da natureza.  
Da luz depósito augusto, recatando a hipocrisia  
Guarda em si com zelo santo, a pura Maçonaria.  
Maçons alerta, tende firmeza  
vingai direitos, da natureza.  
Cautelosa, esconde e nega, a profana a gente ímpia  
Seus mistérios majestosos, a pura Maçonaria.  
Maçons alerta, tende firmeza  
vingai direitos, da natureza.  
Do mundo o Grande Arquiteto, que o mesmo mundo alumia  
Propício protege, ampara, a pura Maçonaria.  
Maçons alerta tende firmeza  
vingai direitos, da natureza.

O Guia de Lojas do GOB, publicado em 1999, registra o número de 1.925 Lojas espalhadas por todo o país e nos apresenta os seguintes dados<sup>26</sup>:

**Tabela 2: Lojas por região**

REGIÃO	Nº DE LOJAS	%
Sudeste	983	52
Nordeste	336	17
Centro-Oeste	307	16
Sul	178	09
Norte	121	06
Total	1925	100

Fonte: Guia de Lojas do GOB de 1999

<sup>26</sup> Estimamos que a expansão anual do número de Lojas é de 5% do total.

**Tabela 3: Lojas por Estado**

ESTADO	Nº DE LOJAS	POPULAÇÃO
Acre	06	527.937
Alagoas	25	2.713.203
Amapá	02	439.781
Amazonas	36	2.580.860
Bahia	82	12.993.011
Ceará	32	7.106.605
Distrito Federal	51	1.969.868
Espírito Santo	73	2.938.062
Goías	126	4.848.725
Maranhão	27	5.418.349
Mato Grosso	40	2.375.549
Mato Grosso do Sul	73	2.026.600
Minas Gerais	236	17.295.955
Pará	38	5.886.454
Paraíba	37	3.375.609
Paraná	60	9.375.592
Pernambuco	68	7.580.826
Piauí	36	2.734.152
Rio de Janeiro	215	13.807.358
R. Grande do Norte	19	2.654.501
Rondônia	25	1.296.856
Roraima	14	266.922
Rio Grande do Sul	47	9.971.910
Santa Catarina	71	5.098.448
São Paulo	459	35.816.740
Sergipe	10	1.712.786
Tocantins	17	1.134.895

Fonte: Guia de Lojas do GOB de 1999

A distribuição das Lojas por Estados e Regiões e a conseqüente densidade de Lojas por habitantes não pode ser considerada homogênea. A explicação para este fenômeno pode ser buscada, historicamente, nas cisões ocorridas no GOB em 1927 e 1973, por exemplo. Mas, além disso, precisaríamos verificar em pesquisas posteriores quais as razões de um Estado como Roraima, por exemplo, ter 1 Loja para cada 20 mil habitantes; Mato Grosso

do Sul, ter 1 Loja para cada 27 mil habitantes e, por outro lado, São Paulo ter 1 Loja para cada 78 mil habitantes, Rio Grande do Sul 1 Loja para cada 212 mil habitantes, o Paraná 1 Loja para cada 156 mil habitantes. Enfim, essa maior densidade em alguns Estados poderia ser considerada em função da precariedade de outros espaços de sociabilidade política? Nessas regiões fronteiriças haveria uma maior disposição para agrupamentos com fidelidades típicas de sociedades secretas? Tais números se referem à tradição maçônica e as cisões do movimento naquele Estado? São números meramente casuais?

**Tabela 4: Fundação das Lojas**

ANO	%
1815 a 1900	6,9
1901 a 1920	2,6
1921 a 1940	3,6
1941 a 1960	9,3
1961 a 1980	22,5
após 1980	55,2

Fonte: Guia de Lojas do GOB, 1999.

A evolução do movimento maçônico no Brasil é outro tema que precisaria ser mais bem estudado pela pesquisa social. As variáveis que determinariam a expansão de tal movimento parecem estar vinculadas a ambientes democráticos, ao próprio ambiente interno maçônico e às suas disputas com instituições como a Igreja Católica. No entanto, não existindo pesquisas sobre a questão, não podemos ir além da constatação de que se trata de um movimento em permanente ascensão, atingindo níveis variados de aceleração na criação de Lojas, como é o caso da expansão nos últimos vinte anos, pois, conforme podemos observar no quadro acima, a metade das Lojas em funcionamento nos dias de hoje foi fundada a partir da década de 1980. Poderíamos afirmar que essa “explosão” das lojas maçônicas no Brasil estaria relacionada ao próprio processo de democratização

da sociedade brasileira nesse período? Estaria a Maçonaria incluída no processo que consolidou o que alguns chamam de **nova sociedade civil**, haja vista a emergência de um conjunto de associações com práticas, valores e interesses diversificados? Os números da tabela registrada acima podem ser interpretados como expressão da própria evolução do associativismo civil brasileiro? Outra questão bastante instigante é aquela que aponta para as razões de expansão de sociedades secretas em ambiente moderno, secular e democrático.

**Tabela 5: Localização das Lojas**

LOCALIDADE	NÚMERO	%
Capital	633	33,1
Interior	1281	66,9

Fonte: Guia de Lojas do GOB, 1999.

Os dados apresentados nesse quadro demonstram a geopolítica da implantação da organização maçônica em vários cantos e recantos da sociedade brasileira. Podemos complementar essa descrição lembrando que 33% das Lojas do GOB (mais de seiscentas) estão localizadas em cidades com até 50 mil habitantes. Em outras palavras: a Maçonaria não é um fenômeno das grandes cidades, da burguesia e alta classe média. A pesquisa maçônica e a acadêmica ainda desconhecem, como já afirmamos, o perfil mais detalhado dos maçons; no entanto valeria a pena observá-los e procurar explicar qual o sentido que eles atribuem a essas práticas. Estariam, esses adeptos, através da Maçonaria, viabilizando sua inserção na “elite local?” Estariam reproduzindo, através de práticas e valores uma ética dual do tradicional-moderno, tão típica de pequenas cidades?

**Tabela 6: Lojas e População da Cidade**

POPULAÇÃO	% DE LOJAS
até 50 mil habitantes	33,2
de 50 a 100 mil habitantes	10,5
de 100 a 200 mil habitantes	8,4
de 200 a 400 mil habitantes	9,9
de 400 a 800 mil habitantes	19,9
de 800 a 1,6 milhão de habitantes	10,6
de 1,6 a 3,2 milhões de habitantes	6,1
mais 3,2 milhões de habitantes	11,4

Fonte: Guia de Lojas do GOB de 1999.

A Maçonaria conta com algumas dezenas de ritos, embora no âmbito do **GOB** só existam o6, como podemos verificar abaixo. Os ritos maçônicos podem ser definidos como

(...) um conjunto de regras segundo as quais se praticam as cerimônias e se comunicam os graus, sinais, toques, palavras e todas as demais instruções secretas daí decorrentes. Igual nome toma o conjunto de cerimônias e instruções primitivas de cada sistema, como também o governo maçônico dos altos corpos dirigentes da Maçonaria em cada país.<sup>27</sup>

No Brasil, o mais difundido é o Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), criado no século XVIII na França e maior responsável pela consolidação da concepção dos Altos Graus.<sup>28</sup> O debate acerca da utilidade e legitimidade do “escocismo” é antigo e já provocou inúmeras cisões no interior do movimento maçônico. O Rito Escocês Antigo e Aceito tem 30 graus, além dos três primeiros graus simbólicos (aprendiz, companheiro e mestre) obrigatórios em todos os ritos. De acordo com importantes autores maçons, essa diversidade ritual não significa que haja divisões

<sup>27</sup> Figueiredo, 1998.

<sup>28</sup> Existe uma longa e tradicional discussão no movimento maçônico sobre a necessidade iniciática dos “graus superiores”. Mas, quase todos os ritos existentes no ambiente do GOB possuem vários graus, além dos três simbólicos, que se reúnem em outro espaço institucional. Ressaltemos que o GOB é uma Obediência, exclusiva, dos graus simbólicos.

inconciliáveis, mas algumas interpretações diferentes de alguns símbolos e fatos históricos. Segundo Castellani,

Apesar de não existirem diferenças palpáveis em relação à doutrina, à simbologia, à filosofia e à ideologia, entre os diversos agrupamentos maçônicos, a realidade é que, em relação a Ritos, existem diferenças flagrantes, motivadas por interpretações diferentes de fatos históricos; por análises diversas do esoterismo básico de muitas práticas maçônicas; por influências religiosas, políticas e sociais e até por situação geográfica.<sup>29</sup>

Todos esses rituais maçônicos trazem consigo uma estrutura comum, não somente a eles, mas a todos os rituais. Comentando os ritos nas sociedades arcaicas, Mircea Eliade afirma que os rituais religiosos referem-se a acontecimentos míticos provocados por heróis ou seres divinos e através de iniciações tentam aproximar o neófito da sua cultura, por meio de repetição das ações exemplares levadas a cabo pelos seus heróis míticos na aurora dos tempos. É mister lembrar a importância da violência como fundadora da cultura. Podemos observar que, praticamente, todos os mitos narram mortes, assassinatos, mutilações etc. Os ritos tentam reproduzir esses acontecimentos através da violência mimética ritual. Quando Eliade se refere a símbolos como morte iniciática, casa iniciática, reclusão iniciática, renascimento iniciático, seleção entre muitos, ensino de uma língua secreta, imposição de um novo nome, prova de fidelidade, ameaças de punição em casos de infidelidade, interdição de certos grupos etc., podemos, facilmente, observar nas descrições sobre os rituais maçônicos boa parte desses símbolos. Comentaremos a ritualística maçônica mais detalhadamente em capítulo posterior.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Castellani, 1995, p. 93.

<sup>30</sup> Eliade, 2001.

**Tabela 7: Rito Adotado**

RITO	%
Escocês Antigo e Aceito	76,6
Adonhiramita	9,5
Brasileiro	8,1
Moderno	3,3
York	2,0
Schoroeder	0,5

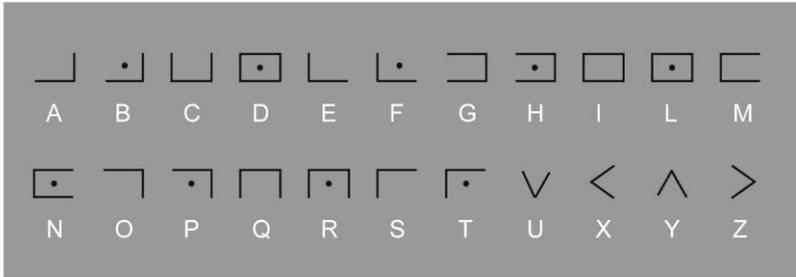
Fonte: Guia de Lojas do GOB, 1999.

À certa altura de sua história, a Maçonaria buscou uma linguagem própria e inacessível aos “profanos”, o que a levou a algumas estratégias, entre elas, a de criar um alfabeto próprio e um sistema de abreviaturas, ambos difundidos por uso e costume. No caso das abreviaturas, os maçons procedem por apócope, ou seja, por supressão de sílaba ou fonema no meio da palavra, acrescentando três pontos em formato de delta, ocupado os três ângulos de um triângulo equilátero. As regras para as abreviaturas são, basicamente, duas. A primeira, através do corte da palavra entre uma consoante e uma vogal. Exemplos: Or. = Oriente; Ir. = Irmão; Loj. = Loja; Prof. = Profano. A segunda, para formalizar os plurais, consiste em repetir a letra inicial da palavra. Exemplo: OOr. = Orientes; IIr. = Irmãos; LLoj. = Lojas. Além desse procedimento para abreviaturas, existem algumas locuções que, embora fujam à regra, foram consolidadas pelo uso comum. Entre elas estão: G.A.D.U. (Grande Arquiteto do Universo); A. R. L. S. (Augusta e Respeitável Loja Simbólica); R. E. A. A. (Rito Escocês antigo e Aceito).<sup>31</sup>

O alfabeto maçônico, igualmente ao hebraico, é escrito da direita para a esquerda e tem um sistema próprio de grafar as palavras. Os símbolos são os seguintes:

---

<sup>31</sup> Cf. Castellani, 1995.



As letras K, J e V são substituídas pelas suas correspondentes fonéticas C, I e U, respectivamente. Abaixo, exemplos de palavras escritas segundo o alfabeto maçônico.



#### 1.4 - As Organizações Paramaçônicas

Entende-se por Ação Paramaçônica todos os movimentos de cunho filantrópico, cívico, social, cultural ou de lazer praticados por organizações complementares paramaçônicas, criadas de acordo com este regimento.

(Regulamento Geral do GOB)

A Maçonaria pode ser identificada como uma instituição de dupla face: uma esotérica e outra exotérica. A primeira envolve os aspectos ritualísticos, iniciáticos, secretos, voltados apenas para os membros da fraternidade; a segunda envolve toda a ação maçônica no sentido de divulgar, no meio profano, os valores nos quais crêem os maçons. Existem vários procedimentos maçônicos que visam estabelecer essa interação entre a instituição e os que dela não participam, tais como: promover “sessões brancas”, realizar debates, manter uma imprensa maçônica atuante, estimular o

mercado editorial sobre temas maçônicos e outros. Outro desses procedimentos envolve a criação de organismos que envolvam os familiares dos maçons (as “cunhadas”, “sobrinhos” etc.) e que são denominados de “paramaçônicos”. Os dois principais grupos, no âmbito do GOB, são a Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul (FFCS) e a Ação Paramaçônica Juvenil (APJ). Essas duas instituições são parte integrante da estrutura administrativa do GOB, previstas em sua Constituição e organizadas segundo o Regulamento Geral da Federação.<sup>32</sup>

“Art. 150 – Ficam mantidas e reconhecidas as entidades paramaçônicas constituídas sob a égide da Constituição do GRANDE ORIENTE DO BRASIL de 1967, bem como as que foram criadas posteriormente, que deverão ficar sob a tutela administrativa da Grande Secretaria-Geral do Interior e Relações Públicas.”

“Parágrafo único – A Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul, criada pela Constituição do GRANDE ORIENTE DO BRASIL de 1967, a Federação Nacional de Lowtons e a Ação Paramaçônica Juvenil, bem como as demais entidades paramaçônicas terão suas respectivas organizações estabelecidas pela legislação maçônica ordinária.”

Os objetivos dessas organizações envolvem várias atividades que vão desde a divulgação da filosofia maçônica de defesa da família, da pátria, da livre expressão de pensamento e organização etc; até a formação ética, filosófica e estética das novas gerações que serão iniciadas; passando pela promoção de atividades filantrópicas voltadas para alguns membros da comunidade onde está inserida a Loja. Podemos igualmente identificar essas “ações paramaçônicas” como uma forma de manter as famílias dos maçons ligadas, pelo menos, às atividades exotéricas da instituição. Obviamente que essa participação é limitada pela própria natureza da Maçonaria, mas não podemos deixar de reconhecer que é uma

---

<sup>32</sup> Todos os trechos citados podem ser conferidos no site oficial do GOB – [www.gob.org.br](http://www.gob.org.br)

estratégia para manter “cunhadas”, “sobrinhos” e “sobrinhas” numa área de influência do ideário maçônico e também como divulgadores da instituição junto ao mundo profano.<sup>33</sup>

## **Lowtons**

Os Lowtons são filhos de maçons adotados por uma determinada Loja através de rituais específicos. Esses jovens podem receber um acompanhamento especial que pode envolver, inclusive, ajuda para a sobrevivência. O Lowton pode ser iniciado antes da idade regulamentada para os profanos. Não existe uma estatística que indique o número de Lowtons existentes no âmbito do GOB.

### **1.5 - As representações sociais sobre a Maçonaria**

Estamos entre aqueles que consideram as representações sociais como verdadeiras “janelas” para a compreensão dos fenômenos sociais. Essas construções costumam expressar visões de mundo (mais ou menos abrangentes), com graus diversos de nitidez e clareza e, invariavelmente, combinam o acúmulo de conhecimentos com a vivência dos indivíduos. O que vamos apresentar, a seguir, não tem pretensões de reflexão sistemática sobre o fenômeno das representações sociais. No entanto, não poderíamos desprezar uma das facetas mais importantes da instituição: sua imagem pública. Observaremos, através dos depoimentos coletados pela nossa pesquisa, que a Ordem é representada de forma bastante precisa, embora de maneira muito superficial, fragmentária e, muitas vezes, preconceituosa. Em outras palavras, as representações que veremos a seguir trazem consigo as próprias ambivalências do objeto representado. Em

---

<sup>33</sup> Como os maçons se tratam como “Irmãos”, as esposas e filhos são tratados como “cunhadas” e “sobrinhos”.

relação a estas características das representações sociais, afirma Durkheim:

(...) são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí a sua experiência e o seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo aí está como que concentrada.<sup>34</sup>

Poderíamos começar com uma curiosidade: as reações diante de uma pergunta sobre a Maçonaria são sempre as mesmas - a priori, ninguém diz saber qual a sua natureza, mas ninguém deixa de emitir uma opinião sobre a instituição. Descreveremos as representações sociais a partir de cinco temas recorrentes nas entrevistas.<sup>35</sup>

### **1.5.1 - Sobre a natureza e a origem**

Se existe uma informação da qual todos sabem é que a Maçonaria é uma sociedade secreta e composta exclusivamente de homens. Todas as pessoas entrevistadas são unânimes em relação a essa questão, mesmo que não saibam exatamente porque é secreto e quais as razões da exclusão das mulheres. Outra questão que vem à tona está relacionada com as origens medievais da organização. A Maçonaria, quase sempre, aparece como algo antigo e que envolve “pessoas importantes”. Existe até mesmo o conhecimento de algumas regras internas, como é o caso do procedimento para entrar na Ordem, que se dá através de convite e não de autoproposição.

---

<sup>34</sup> Durkheim, 1989, p.45

<sup>35</sup> As representações que apresentaremos, em seguida, foram coletadas através de entrevistas abertas e semi-estruturadas entre os meses de abril e maio de 2001, na cidade de São Paulo, com a colaboração de Mariela Toro, graduanda em Ciências Sociais na PUC-SP.

É uma sociedade secreta que só tem homem. As mulheres são proibidas de entrar e participar das reuniões. Sei que eles participaram da abolição da escravatura. Acho bem interessantes essas coisas. Que são todas pessoas importantes que estão dentro e que só entra quem for convidado. Gostaria de saber mais, mas eu só sei isso.

Aposentado, 67 anos.

E uma sociedade secreta onde eles se ajudam mutuamente. Acho que eles fazem também trabalhos com caridade. As mulheres não podem entrar, não sei por quê. Acho que eles também estavam por trás da abolição e da proclamação da república. E sei também que vem desde a Idade Média.

Economista, 28 anos.

Tamanho é o mistério dessa comunidade, que até as correspondências, vêm de forma disfarçada (tive um chefe maçom). Usam uma roupa parecida com a da ku-klux-klan e o maior grau dentro dessa sociedade é o de Grão-Mestre.

Secretária, 35 anos.

Sei que durante o período colonial, eles estavam aqui e participaram do movimento abolicionista. Entre a aristocracia havia maçons. A Maçonaria se subdivide em ramificações, algumas mais fechadas que outras. A Rosa Cruz é um ramo. Sei que quando você entra não pode sair mais. Você tem que ser convidado.

Biblioteconomista, 29 anos.

Embora seja uma organização exclusiva para homens adultos, também encontramos referências às organizações paramaçônicas, que realmente existem. É o caso da Ação Paramaçônica Juvenil, ligada ao GOB e da Ordem DeMollay, ligada às Grandes Lojas. No caso das organizações para as esposas, filhas e sobrinhas dos maçons, a Fraternidade Feminina do Cruzeiro do Sul (GOB) ou Filhas de Jô (Grandes Lojas). Tais organizações, como vimos, são pensadas para atuarem em consonância e sob direção das Lojas onde for avaliado que seja importante. Essas

organizações paramaçônicas trabalham, geralmente, com filantropia (no caso das mulheres) ou com atividades de formação (Educação Cívica, História do Brasil, História da Maçonaria), além da promoção de algumas festividades.

Começou na Idade Média. Sei que existem os DeMollay que são os filhos dos maçons.

Empresário, 46 anos.

É uma Congregação de homens. Tudo é secreto. São várias ordens. Os maçons são os mais punks, os chefões. Têm os DeMollay que é aonde eles começam. Sei que tem no mundo inteiro.

Estudante, Homem, 22 anos.

É uma sociedade secreta, só de homens, mas tem o grupo das mulheres deles que não lembro o nome agora. Eles que geralmente estão ou estiveram por trás de vários acontecimentos importantes da História, tipo a Independência de diversos países, aqui no Brasil participaram da Abolição. Dom Pedro I foi maçom, Tiradentes foi maçom, George Washington foi maçom. Sei que se ajudam mutuamente entre eles e faz trabalhos fora, tipo caridade.

Jornalista, Homem, 32 anos.

Ainda com relação à participação das mulheres, existem algumas opiniões que, embora não tenham aparecido de forma recorrente nos depoimentos transcritos neste texto, caminham no sentido da opinião abaixo exposta. As especulações sobre a interdição da participação das mulheres no organismo maçônico giram em torno não de razões institucionais, mas de uma suposta incapacidade feminina para guardar segredos e conviver de forma desapaixonada com homens. É importante ressaltar, entretanto, que existem Lojas maçônicas mistas e femininas onde esse tipo de questão inexistente.

Um pai de um amigo meu é maçom e ele disse que as mulheres não entram porque elas não sabem guardar segredo.

Estudante, Mulher, 22 anos.

### 1.5.2 - Sobre os sinais, toques e palavras

O pequeno, mas significativo, repertório das representações sociais sobre a Maçonaria apresenta outro elemento recorrente: informações gerais sobre o sistema de reconhecimento no interior do movimento maçônico através de sinais, toques e palavras. Nesse caso, como nos demais, o conhecimento combina aqueles aspectos fragmentários, já citados, e os outros pontualmente precisos. Vejamos os principais depoimentos sobre esse aspecto.

Eu sei que eles têm um jeito de se cumprimentar que é para se identificar.

Estudante, Homem, 21 anos.

Tem um jeito de cumprimentar para saber que é maçom. Sei que eles estão por trás da independência dos E.U.A., George Washington, era maçom.

Estudante, Homem, 21 anos.

Eles têm uma forma de assinar, gestos, sinais próprios. O triângulo é um símbolo maçônico.

Empresário, 46 anos.

Eles têm uma forma especial de se cumprimentar e a assinatura deles também tem dois pontinhos.

Estudante, Homem, 22 anos.

É bastante curioso o fato de essas pessoas, quase que unanimemente, reportarem-se à forma como os maçons utilizam abreviaturas (os três pontinhos em forma de triângulo) que são utilizadas pelos maçons para substituir algumas sílabas. O fato de esses três pontinhos serem colocados, obrigatoriamente, nas assinaturas dos maçons não corresponde ao que os dados empíricos indicam. Em todo caso, como afirmamos, existe o conhecimento de uma característica típica da instituição.

Normalmente se reconhecem através de indícios que só eles sabem qual é. Uma característica conhecida é através de três pontinhos na assinatura em forma de triângulo.

Secretária, 35 anos.

O depoimento que segue indica uma referência aos aspectos “traumatizantes” das iniciações, a qual pode ser compreendida tanto como um fragmento do discurso antimaçônico (no sentido de indicar um problema para quem se submete à iniciação), como também pode indicar o conhecimento, embora impreciso e fragmentário, de alguns rituais de iniciação envolvendo procedimentos que reproduzem, simbolicamente, mortes e renascimentos rituais.

Eles se ajudam entre si e se reconhecem através de sinais como três pingos na assinatura e no aperto de mão. O ritual de entrada é traumatizante e eles nunca revelam o que sabem e o que fazem.

Jornalista, Mulher, 29 anos.

O próximo depoimento se refere à realização de alguma “sessão branca”, que é aquela para a qual são convidadas as pessoas do mundo “profano”. Geralmente, essas sessões são comemorativas de alguma data ou algum início de campanha filantrópica, ou até mesmo uma homenagem a algum “profano”.

Ah! Particpei de uma reunião em um dia especial onde eles estavam apresentando o Estatuto da Loja. Se quiser depois te dou o endereço. Mas não era uma reunião secreta. Só tinha eu e mais duas mulheres e tinha uns 200 homens. Eles têm um símbolo, um código que eles fazem com a mão que eu queria saber fazer.

Estudante, Mulher, 22 anos.

### **1.5.3 - “Eu conheço uma pessoa...”**

A organização maçônica pode ser secreta, mas os seus membros só conseguem ser, no máximo, discretos. Praticamente, todas as pessoas abordadas pela nossa pesquisa afirmaram

conhecer, pessoalmente, alguém que é maçom (um tio, um avô, um cunhado, um amigo etc.) ou que conhece alguém que conhece.

Tenho um irmão e um cunhado maçons. Eles não falam nada, não se comenta nada. Eles não falam o que são, mas sabemos que vão às lojas uma vez por semana. Você não pode entrar no Templo nem quando está vazio. Só que eu já entrei escondida. A impressão e de um tribunal de júri por causa das cadeiras. O cenário montado é de um tribunal de júri, o espaço tem em pintura de parede os quatro elementos da natureza, foi o que eu identifiquei pelo menos. Eles também têm o ideal da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, na forma de um Triângulo.

Dona-de-casa, 48 anos.

Um amigo meu era maçom, só que ele já morreu. Ele tinha ajuda espiritual, financeira, sei lá. Ele precisava, chegava lá e conversava. Mas ele nunca me falou nada.

Vendedor de sorvetes, 76 anos.

O marido de uma amiga minha é maçom, ele nunca contou a ela o que acontece nessas reuniões, e se ela fosse junto, tinha que ficar em outra sala, com as outras mulheres.

Estudante, Mulher, 22 anos.

Tenho um tio muito rico e advogado que diz que faz parte da Maçonaria.

Estudante, Mulher, 19 anos.

O que existe em comum entre a cidade de Cambuí (MG) e a cidade de Cafelândia (SP) citadas a seguir pelos entrevistados? Poderíamos dizer várias coisas, mas o que nos interessa, nesse espaço, é que nessas duas pequenas cidades existem Lojas maçônicas. Cambuí: interior de Minas Gerais, com 14.778 eleitores e uma população de aproximadamente 22.030 habitantes, onde existe uma Loja ligada ao Grande Oriente do Brasil, denominada “Estrela Cambuiense”, fundada em 1967 sob o Rito Escocês Antigo e Aceito. Cafelândia é uma cidade do interior do Estado de São Paulo que também tem a sua Loja maçônica.

Não estamos tratando de mera coincidência, pois, como já afirmamos, existem mais de cinco mil Lojas maçônicas no Brasil (considerando todas as Obediências), sendo que 60% dessas Lojas estão fora das capitais. Essas duas cidades ilustram um fato muito interessante ligado à Maçonaria: a sua implantação em todo o território nacional, desde as grandes metrópoles aos mais longínquos recantos do país. A pesquisa sobre o significado da atuação maçônica nesses pequenos municípios brasileiros é de muita importância para compreendermos a dinâmica da instituição e ainda está por ser feita.

Meu tio é maçônico numa cidade do interior de São Paulo chamada Cafelândia. A família sabe que ele é maçom, mas não sei se ele conta o que acontece dentro das reuniões. Pelo menos para mim ele nunca contou.

Estudante, Homem, 21 anos.

Meu bisavô por parte de pai era, só que só souberam depois que ele morreu porque a minha avó contou para os filhos. Ele morava em Cambuí. (MG)

Estudante, Homem, 21 anos.

Eventualmente, existem referências a alguns “vultos históricos” que teriam participado da Maçonaria. A referência mais comum é a D. Pedro I, mas alguns outros também são citados, como por exemplo Caxias, José Bonifácio e Mauá.

Dizem que Aleijadinho era maçom. Existem traços nas esculturas dele que são símbolos da maçonaria.

Biblioteconomista, Homem, 29 anos.

O imperador era maçom.

Estudante, Mulher, 21 anos.

Sei que Luís Gonzaga era maçom. Vi uma reportagem dele.

Camelô, Homem, 79 anos.

No caso do Aleijadinho, não existem informações fidedignas sobre sua filiação, ao contrário de D. Pedro I. No que se refere ao grande astro da música popular brasileira, o pernambucano Luiz Gonzaga, sua condição de maçom, motivo de orgulho e homenagens do artista, é registrada por sua biógrafa Dominique Dreyfus<sup>36</sup>:

(...) Na época, o artista se empenhava também na abertura de uma Loja Maçônica no Exu, onde prometia se instalar definitivamente. Mas Gonzaga nunca se instalou em lugar nenhum, a não ser no carro que o levava pelas estradas do Brasil, de um show para outro. Contudo, prontinha, esperava-o a casa grande, com uma linda acácia amarela plantada na frente e os devidos símbolos maçônicos esculpidos na fachada, um viveiro grande cheio de asas-brancas (!!!) no terraço e uma antena parabólica no quintal.

Além de participar de todas as iniciativas em benefício dos flagelados, por conta própria – e com o apoio da maçonaria – ele fez campanhas, arrecadou dinheiro, batalhou no Brasil inteiro por mantimentos, comida, remédio.

Justamente, na mala, Luiz Gonzaga trouxera o novo LP, **Eterno Cantador**, no qual gravara ‘Acácia Amarela’, homenagem à Maçonaria, com letra de sua própria autoria.

Atualmente, a Loja Maçônica número 59, ligada à Grande Loja de Pernambuco e situada em Exu, é denominada Loja Irmão Luiz Gonzaga.<sup>37</sup>

#### 1.5.4 - Maçonaria e Religião

Entre as questões mais controversas, envolvendo a Maçonaria, está a questão religiosa. Parte dessas controvérsias se dá em função da própria ambigüidade da instituição maçônica, que

---

<sup>36</sup> Cf. Dreyfus, 1996, pp. 280, 294 e 299.

<sup>37</sup> Cf. List of Lodges, 2000.

não se propõe a ser uma religião, mas utiliza toda uma terminologia e hábitos religiosos. Nos documentos exotéricos, a atitude da Maçonaria com relação às religiões é relativista. Nestes escritos a opção religiosa só diz respeito ao indivíduo, que deve escolher livremente os seus caminhos. Discutiremos essa questão posteriormente.

Por outro lado, boa parte das controvérsias vem de uma certa hegemonia do discurso católico sobre a Maçonaria. Nesse sentido, a enxurrada de bodes, chifres, chicotes etc. que se imagina existirem nas Lojas e nos seus rituais nada mais é do que uma reprodução de um certo discurso de outras religiões.

As pessoas dizem que eles têm ligação com o Diabo, mas eu não acredito nisso.

Aposentado, 67 anos.

Eles têm pacto com o diabo. Vendem a alma para o diabo pra ficar rico, daí fazem uma aliança de sangue. Se quebrar o pacto, o diabo tira tudo que deu. Eu ouvi isso lá na igreja que eu freqüento.

Gari, Mulher, 56 anos.

Maçonaria enriquece a pessoa. É uma coisa demoníaca. Ouvi quando era menino na Bahia.

Camelô, Homem, 70 anos.

Tem algo satânico, que você faz pacto com o diabo. Isso eu tô colocando no campo do senso comum.

Biblioteconomista, Homem, 29 anos.

Dizem que eles chicoteiam a imagem de Cristo, matam cabritos nos rituais, maltratam e seqüestram crianças.

Analista de Tesouraria, Mulher, 24 anos.

No interior falava que tinha um bode preto lá dentro. Se quisesse eu tinha entrado para a sociedade, mas eu não me interessei. Só sei isso. Se você quiser saber sobre Catolicismo eu sei mais.

Vendedor de sorvetes, 76 anos.

É muito bom porque ajudam ao outro. Sempre procuram ajudar na situação financeira. É muito respeitável, ninguém quer ser melhor que o outro e se respeitam entre eles. A religião é respeitada entre eles. Cada um tem sua religião e respeitam isso.

Camelô, Homem, 79 anos.

### 1.5.5 - Maçonaria e Prosperidade

Todos sabemos que qualquer sociedade iniciática é aristocrática. Os escolhidos, ou iniciados, compõem uma pequena parcela dos indivíduos de uma dada sociedade e tendem a se comportar como tal. No caso da Maçonaria não é diferente. Seus membros, pelos próprios critérios de entrada, têm origem em setores que estão no pico da pirâmide social. O público-alvo da Maçonaria é o que nós poderíamos chamar de elites social, cultural, política e econômica. Nas pequenas cidades, essa realidade deve ser ainda mais evidente. Em função disso, a imagem pública da Maçonaria envolve essa percepção de que se trata de uma comunidade de ajuda-mútua entre bem sucedidos, o que não deixa de ter procedência. Ressalve-se, no entanto, que esses supostos mecanismos de solidariedade e ascensão automática são um tanto ilusórios. Vejamos os depoimentos.

É uma sociedade secreta. Quando você entra você prospera. Há cooperação entre eles.

Biblioteconomista, Homem, 29 anos.

Se você entra pobre fica rico, se você sai fica mais pobre do que era.

Analista de tesouraria, Mulher, 24 anos.

O que é fato, é que as famílias que têm maçons, nunca passam necessidade e também não conheço nenhum maçom mal sucedido (pobre).

Secretária, 35 anos.

A percepção de que são essas pessoas importantes que muitas vezes dirigem os nossos destinos é uma questão muito recorrente entre os entrevistados. É curioso que ser importante, aqui, é sinônimo de ser homem, adulto e financeiramente equilibrado.

Sei que figuras importantíssimas tanto da política quanto de outros campos são maçons.

Jornalista, Homem, 32 anos.

A sociedade os respeitam, de um modo geral. É o que sei.

Jornalista, Mulher, 29anos.

Ajudam-se entre si tanto politicamente quanto economicamente. Dom Pedro era maçom, ACM é maçom. Quase todos os políticos corruptos são maçons.

Empresário, 46 anos.

## 1.6 - O Mundo Maçônico

O que vimos, neste capítulo, embora não esgote a estrutura e funcionamento da Ordem, bem como a sua imagem pública, pretende apresentar o que há de fundamental no universo maçônico. Estruturas similares se repetem em níveis regionais, nas unidades da federação, bem como em todos os países onde existe Maçonaria regular. Compreender adequadamente o significado desse universo, as regras e as condições que as geraram pode ser uma agenda interessante da pesquisa social para aprimorar o conhecimento sociológico desse espaço de luta, como diria Bourdieu, por capitais simbólicos e materiais; espaço no qual se produzem problemáticas específicas, relações de força, monopólios de nomeação, retóricas oficiais; espaço onde se legitimam dirigentes, preservam-se memórias e, simultaneamente, constrói-se uma determinada posição em relação aos outros campos com os quais se relacionam e em relação aos quais afirmam-se características distintas. A pesquisa sobre essas questões poderia,

inclusive, revelar qual a unidade maçônica para além dessa diversidade. Afinal a disputa supõe, ainda segundo Bourdieu, interesses fundamentais em comum, que são aqueles que viabilizarão a produção e reprodução do campo. Assim, podemos encontrar, mesmo no que for diversidade, uma cumplicidade subjacente a todos esses conflitos e diferenças, pois a operacionalização do campo dependerá permanentemente desses acordos sobre o que merece ser disputado, e é nessa dinâmica que se afirmarão as relações de força, os monopólios de capitais específicos, as estratégias de conservação, bem como as estratégias de resistência e de mudança. Eis um conjunto de questões que pode suscitar interesse da pesquisa social.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Cf. Bourdieu, 1983; 1989.



## Capítulo 2

### As Leis e Princípios Maçônicos

O Grande Oriente do Brasil tem uma ampla legislação que regulamenta as relações entre os iniciados no âmbito desta potência: o Regulamento Geral da Federação, os Estatutos da Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul e da Ação Paramaçônica Juvenil, o Código Penal Maçônico, a Legislação Eleitoral e seu principal documento: a Constituição. Este documento estabelece, entre outros: os princípios gerais da Ordem, a organização das Lojas, direitos e deveres dos maçons, as funções dos Poderes Legislativo, Judiciário e Executivo. Entendemos que a descrição e análise de alguns artigos desses documentos nos permitirão compreender melhor a nossa questão. Lembramos que o nosso objetivo, no momento, não é o de promover uma genealogia ou mesmo analisar profundamente o valor expresso em cada artigo, tarefa que ampliaria demasiadamente o escopo desta pesquisa. Nosso objetivo é descrever, através destes mecanismos reguladores da atividade maçônica, a convivência dos valores modernos e tradicionais, o que não nos impede de, eventualmente, estender-nos um pouco mais em alguma questão suplementar.

É importante ressaltar que as Constituições são elaboradas por Assembléias Federais Constituintes, devidamente eleitas pela comunidade maçônica, após um processo de discussão interna. Tais processos constituem, pela sua própria natureza, momentos de mudança da legislação e do que é considerado obsoleto ou inadequado. Nesses momentos, podemos observar, de forma privilegiada, os limites e possibilidades de um processo de atualização da tradição da Ordem, o que gera controvérsias e,

muitas vezes, deserções. Mesmo que as Assembléias Constituintes devam seguir alguns cânones, no sentido de que a Obediência continue sendo considerada “regular” pela Grande Loja Unida da Inglaterra, muitas propostas parecem querer radicalizar na atualização e mesmo, algumas vezes, a colocar em dúvida o “monopólio” dos ingleses no sentido de atestar quem é regular ou não no movimento maçônico internacional. As controvérsias que emergem nesses períodos são as mais variadas. Vejamos algumas opiniões de maçons eminentes durante o último processo de Assembléia Constituinte maçônica.

Em relação à atitude de detalhar, demasiadamente, a legislação constitucional e a própria denominação deste documento,

Por exemplo: é válida a discussão sobre quem deve ser dispensado de frequência à Loja para ter direito de voto. Mas, não seria isso meramente regulamentar? E o tempo para as elevações de grau? Deve ser de 12 meses o interstício? De 06 meses; de 04 sessões como era quando eu me iniciei? Não é, positivamente, assunto para Constituição. Aliás, a mania de chamarmos o estatuto do Grande Oriente do Brasil de Constituição, que não deixa de ser uma tradição (ver as famosas Constituições de Anderson), faz com que vejamos a coisa com um detalhamento que deve ser meramente regulamentar, de regimento interno, e não da Lei Maior.<sup>1</sup>

Se adentrarmos a discussão para a ritualística, vamos ficar confusos, pois é um tal de se mudar Altar de lugar, cor de Templo, instrumentos a serem usados (espada ou bastão), versículos do Livro da Lei, tipo de Livro da Lei etc. etc. E o que é pior: ao fim e ao cabo, continua tudo a mesma coisa, pois a Maçonaria, como estado espiritual que é, está dentro dos indivíduos e não nas coisas aparentes.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida pelo jurista carioca Sylvio Cláudio ao Jornal Esquadro de Abril de 2000.

<sup>2</sup> Idem. Ibidem.

No que se refere à natureza mesma do poder maçônico e, conseqüentemente, do lugar dos dirigentes de alto escalão,

Isso se explica pela dualidade do sistema maçônico, que é democrático e autocrático, a começar pelo Venerável da Loja, que também é eleito, mas, uma vez empossado, passa a representar muito mais do que um presidente de clube, sob o aspecto místico, espiritual. Quem não conseguir entender tal dualidade, jamais vai conseguir ser um bom maçom, pois ora ele será espiritualizado em demasia, ora ele será materialista exacerbado. Em ambas as hipóteses, estará em desacordo com a Maçonaria.<sup>3</sup> Evoluir na forma, nunca na essência – isto é Maçonaria.<sup>4</sup>

No que diz respeito aos cuidados com a tradição maçônica podemos ler opiniões como as que se seguem:

(...) Há muita coisa que precisa ser mudada no Grande Oriente do Brasil. Mas, há muita coisa, também, que só o espírito de mudar por mudar é que justifica a troca. O difícil é se ter sensibilidade para se identificar uma e outra coisa. E só se fará isso, só se acertará o procedimento, se todos se despirem de vaidades, de opiniões ‘pétreas’ e obtivermos, do Grande Arquiteto do Universo, a inspiração para o acerto. Ou será que a crença no G.A.D.U. deve deixar de ser obrigatória?<sup>5</sup>

Se se eliminarem o conteúdo intrínseco e a seiva da tradição da Maçonaria, ela se degenera a tal ponto, que estaria irreconhecível pelos que quissem estudar e apreciar, bebendo nos cântaros da sua sabedoria.<sup>6</sup>

Poderíamos continuar citando os termos do debate *ad nauseam*, mas o que nos interessa, no momento, é evidenciar o processo criativo, e não apenas reprodutivo, das Assembléias

---

<sup>3</sup> Idem. Ibidem.

<sup>4</sup> Manifesto lançado no Jornal O Esquadro em Maio de 2000.

<sup>5</sup> Entrevista concedida pelo jurista carioca Sylvio Cláudio ao Jornal Esquadro de Abril de 2000.

<sup>6</sup> Manifesto lançado no Jornal O Esquadro em Maio de 2000.

Constituintes no que se refere aos usos e costumes da Ordem. Portanto, as leis e princípios elaborados na Constituição do GOB, por exemplo, expressam não somente a dinâmica interna de uma Obediência nacional (no caso, brasileira), como também os princípios do movimento maçônico regular internacional, o que lhes dá uma unidade institucional significativa.<sup>7</sup> Vejamos um artigo das Disposições Gerais da Constituição em tela:

Art. 133 – As Constituições de Anderson de 1723, os “Landmarks”, as Velhas Obrigações, a Legislação das Potências Maçônicas Regulares e a legislação brasileira serão aplicados aos casos omissos nesta Constituição e nas leis que dela dimanam, observada a ordem de seqüência aqui anunciada.<sup>8</sup>

Outra questão importante: a análise que se segue é dos princípios e não, obrigatoriamente, das práticas dos iniciados nos seus cotidianos. Sabemos que, nem sempre, regra e ação agem de forma combinada e harmônica. As leis e princípios que descrevermos e comentaremos devem ser entendidos, como toda regra, como um dever-ser. Eventualmente, podemos ilustrá-las com a análise de alguns comportamentos maçônicos. Finalmente, acreditamos que a legislação em discussão nos propiciará uma excelente “porta de entrada” para o universo maçônico com seus ritos, mitos, linguagens, simbolismos, histórias, interdições etc.

## **2.1. Legislação: ortodoxia e regularidade**

Na abertura da Constituição do GOB, observamos uma invocação da Assembléia Constituinte Maçônica que tem um significado profundo:

Prólogo: “Nós, os representantes dos Maçons do Grande Oriente do Brasil, reunidos em Assembléia Federal Constituinte, sob

---

<sup>7</sup> O conceito de regularidade será comentado posteriormente.

<sup>8</sup> Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil de 1996.

invocação do Grande Arquiteto do Universo, estabelecemos e promulgamos o seguinte”.<sup>9</sup>

As primeiras palavras veiculadas no documento em questão demarcam, inequivocamente, o campo no qual o GOB irá se mover: o campo da “regularidade maçônica”. A invocação do Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U.) vincula a mencionada Obediência ao que há de mais tradicional na história da Maçonaria, qual seja, o vínculo com a Grande Loja Unida da Inglaterra. A interpretação da natureza dessa divindade e do seu lugar na estrutura simbólica e ritualística da instituição maçônica tem sido objeto de profundo debate entre os próprios maçons, bem como entre outros estudiosos que procuram entender e definir a natureza da Maçonaria. O G.A.D.U. seria um princípio deísta – causa do mundo e completamente acessível à razão? Qual seria sua relação com a revelação histórica? Seria esta divindade um princípio teísta – criador e governador do mundo, acessível pela razão e pela revelação histórica do “Deus vivo”? A nomenclatura “Arquiteto do Universo” não o excluiria da condição de Criador? Se um indivíduo já conheceu a verdade do seu “Deus vivo”, qual seria o sentido de continuar buscando por ela em grupos iniciáticos? Não haveria incompatibilidade entre religiões universalistas, que propõem que se leve a “mensagem” para todos os Homens e grupos iniciáticos, que propõem uma busca da Verdade para pequenos grupos?

As conseqüências desses debates, ao longo dos últimos três séculos, podem ser vistas nos cismas no interior da instituição e nas suas inúmeras polêmicas, que ora afastam e ora aproximam, mas nunca a conciliam com a Igreja Católica. Ressaltemos que esta discussão foi a responsável pela “Summa Divisio”, como se referem os maçons ao cisma de 1877, quando o Grande Oriente da França excluiu a expressão G.A.D.U. de todos os seus documentos e rituais. Entre as repercussões desse cisma está a consolidação do

---

<sup>9</sup>Idem. Ibidem.

conceito de “regularidade maçônica”, criado pela Grande Loja Unida da Inglaterra (GLUI) para afirmá-la como portadora da legitimidade e guardiã da tradição da Ordem. Tal atitude cristaliza dois grandes ramos da Maçonaria no mundo: de um lado, os teístas, que seguem os princípios de regularidade e segue a GLUI; de outro lado, os agnósticos, que circulam em torno do Grande Oriente da França. Embora o cisma tenha ocorrido, como vimos acima, no século XIX, somente em 1929 foram promulgados pela GLUI os Princípios de Regularidade, onde está explícita, entre outras, a obrigatoriedade da crença no G.A.D.U., como observaremos abaixo:<sup>10</sup>

- 2) A crença no Grande Arquiteto do Universo e em sua vontade revelada são as condições essenciais para a admissão de novos membros;
- 3) Todos os iniciados devem prestar sua Obrigação sobre o Livro da Lei Sagrada;<sup>11</sup>

## 2.2. Artigo 1º: modernidade modulada

Podemos afirmar que os dois primeiros artigos da Constituição do GOB já seriam suficientes para demonstrar a natureza ambivalente da Maçonaria, Senão vejamos:

Art. 1º – A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Seus fins supremos são: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Cf. Castellani, 1995 e Alberton, s/d.

<sup>11</sup> Livro Sagrado da religião dos maçons da Loja em questão. Ex: Bíblia, Alcorão etc. Pode haver mais de um Livro Sagrado, se for o caso. Nas Lojas do Rito Moderno não há essa obrigatoriedade.

<sup>12</sup> Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil de 1996.

Os valores explicitados neste artigo, e que têm sido sistematicamente reafirmados nas Assembléias Constituintes maçônicas ao longo da trajetória do GOB, conduzem-nos à combinação de dois universos de valores, os modernos e os tradicionais. Estes últimos se expressando a partir de uma concepção que envolve a transcendência como *locus* privilegiado e superior à imanência. Os modernos, por sua vez, aparecem como cultura que se baseia em três valores: o individualismo, o universalismo e a autonomia.

A afirmação de que seus fins supremos são a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade nos impõem um comentário sobre as afinidades eletivas da Maçonaria com os valores da Modernidade. Todos sabemos que a concepção de Homem do cristianismo já havia incluído o elemento da individualização, devidamente radicalizado pela Reforma. No entanto, o individualismo cristão realçava o aspecto transcendente da relação do Homem com Deus. O que observaremos na Modernidade é que esse processo de individualização se aprofundará no sentido de deslocar o indivíduo daquele valor tradicional que só o reconhecia como parte de um grupo – família, religião, feudo, etnia etc. Assim, na Modernidade, o indivíduo passa a ter um novo estatuto ontológico. Aqui, ele não se confunde com o todo nem existe para este, embora não exista isoladamente. A Modernidade funda a era indivíduo titular de direitos e o estimula ao distanciamento crítico dos vínculos particularistas. O princípio do universalismo da Modernidade também aprofunda outro preceito que encontramos, embrionariamente, no cristianismo (que já afirmava que todos os homens são iguais perante Deus), ou seja, a natureza humana não varia em função de fronteiras geopolíticas ou culturas e que se trata de encontrar princípios gerais válidos para todos e em todos os lugares. Em relação ao ideal de autonomia (intelectual, política e econômica), o que se percebe nos valores da cultura moderna é a busca de liberação da razão humana dos preconceitos religiosos,

supersticiosos e tradicionais, além da liberação dos indivíduos para livre ação política e defesa dos seus interesses no espaço público, o que não seria alcançado sem alguma autonomia econômica. Até aqui, os termos se movem em ambiente essencialmente moderno.<sup>13</sup>

Por outro lado, podemos encontrar no artigo em questão, pelo menos, duas referências dissonantes da Modernidade: o caráter iniciático da instituição e sua crença na prevalência do espírito sobre a matéria.

Quando a legislação maçônica afirma a condição essencialmente iniciática da instituição está querendo reiterar, em outras palavras, que existe um corpo de conhecimentos e práticas que são transmitidos através de rituais iniciáticos exclusivamente aos seus adeptos, que acaba sendo uma elite rigorosamente selecionada entre aqueles que se destacam de alguma maneira no meio em que atua uma determinada Loja. Segundo Eliade:

O termo iniciação no sentido mais geral designa um corpo de ritos e ensinamentos cujo objetivo é produzir uma modificação radical do estatuto religioso e social da pessoa que vai ser iniciada. Em termos filosóficos a iniciação é equivalente a uma mutação ontológica da condição existencial. O noviço emerge da sua provação como um ser totalmente diferente: tornou-se *outro*.<sup>14</sup>

Outro ponto de aparente atrito com a Modernidade é a natureza do esoterismo maçônico, que afirma um conhecimento iniciático somente acessível através de procedimentos padronizados ritualmente, mas que podem ter efeitos diferenciados junto aos indivíduos, considerando que não possuem, como no pensamento tipicamente moderno, verificabilidade ou possibilidade de falseabilidade, pois são restritas àquele indivíduo específico. Em outras palavras: a forma como esse

---

<sup>13</sup> Cf. Rouanet, 1993.

<sup>14</sup> Cf. Eliade, 1989, p.137.

conhecimento iniciático se dá não é exatamente comunicável, visto que são estados a se realizar interiormente. Ressaltemos, no entanto, que não se trata de experiências místicas, sobre as quais o indivíduo não tem consciência plena e nem uma explicação sobre o que está ocorrendo com ele mesmo. O misticismo tem uma natureza passiva e a iniciação, uma natureza ativa. Nas práticas místicas, o indivíduo se limita a ser um receptáculo do que lhe é apresentado sem o controle, pela sua vontade, do que receberá. Aqui, o indivíduo está aberto a toda sorte de recepção, o que significa que ele está vulnerável a toda classe de influências, precisando estar preparado doutrinariamente para estabelecer entre elas alguma forma de classificação. Na iniciação se dá, exatamente, o contrário: o indivíduo é o sujeito da “realização”, que prosseguirá metodicamente sob um controle rigoroso e incessante que deverá conduzi-lo a superar as possibilidades mesmas do indivíduo enquanto tal.<sup>15</sup>

A referência a valores da Modernidade continua nos incisos que se seguem ao primeiro artigo da Constituição em análise.

I – Condena a exploração do Homem, os privilégios e as regalias, enaltecendo, porém, o mérito da inteligência e da virtude, bem como o valor demonstrado na prestação de serviços à Ordem, à Pátria e à Humanidade;

V – reconhece o trabalho como dever social e direito inalienável; julga-o dignificante e nobre sob quaisquer de suas formas;<sup>16</sup>

O primeiro bloco afirma valores da modernidade econômica, que através do processo de modernização busca mais eficácia nos resultados das ações e autonomia dos indivíduos como resultado final. É nesse sentido que encontramos nos princípios, acima descritos, uma condenação genérica das situações de exploração do

---

<sup>15</sup> Cf. Almeida, 2000.

<sup>16</sup> Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil de 1996.

Homem; da afirmação de princípios meritocráticos como forma de premiação dos talentos e virtudes individuais; a valorização do trabalho livre, condição *sine qua non* da modernidade econômica, considerando este “sob quaisquer de suas formas”, significando qualquer posto de trabalho – físico ou intelectual - situado na diversidade da divisão do trabalho social.

II – Afirma que o sectarismo político, religioso ou racial é incompatível com a universalidade do espírito maçônico. Combate a ignorância, a superstição e a tirania.

III – Proclama que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio cardinal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um;

IV – Defende a plena liberdade de expressão do pensamento, como direito fundamental do ser humano, admitida a correlata responsabilidade;<sup>17</sup>

Nos itens mencionados acima, a Modernidade reaparece através do trinômio individualismo-universalismo-autonomia. Individualismo no sentido que proclama a isonomia entre os homens; universalismo quando proclama a “universalidade do espírito maçônico”; e a autonomia quando insiste na liberdade de expressão, no combate ao sectarismo e à tirania. Portanto, as expectativas maçônicas correm no sentido de uma sociedade onde exista o respeito pelas opções individuais, sejam elas de ordem política, religiosas, filosóficas etc; onde haja garantias à livre-iniciativa e aos possíveis resultados de uma ação meritocrática; onde os homens possam se expressar livremente sem o peso dos vínculos hierárquicos ou comunitários dele decorrentes; onde a busca da verdade seja um caminho invulnerável às proibições dogmáticas de qualquer ordem; onde a isonomia jurídica seja o

---

<sup>17</sup> Idem. Ibidem.

princípio distribuidor de direitos e deveres. Atentemos, no entanto, para a grande novidade histórica, apenas insinuada no artigo, sem a qual todo esse monumento cairia por terra: o Estado laico. Esta criação garantiria a existência de um árbitro que, supostamente, pairasse acima das partes conflitantes e, seguindo juízo próprio, julgasse a liquidez do direito.

VI – Considera Irmãos todos os maçons, quaisquer que sejam suas raças, nacionalidades, convicções ou crenças;

VII – Sustenta que os maçons têm os seguintes deveres essenciais: amor à Família, fidelidade e devotamento à Pátria e obediência à Lei;

VIII – Determina que os maçons estendam e liberalizem os laços fraternais que os unem a todos os Homens esparsos pela superfície da Terra

IX – Recomenda a divulgação de sua doutrina pelo exemplo e pela palavra e combate, terminantemente, o recurso à força e à violência para a consecução de quaisquer objetivos;

O ideal de fraternidade universal, típica dos valores que fundaram a Modernidade, volta a ser afirmado como dever-ser, mas repetimos: são dois níveis de fraternidade – aquela direcionada para os Homens em geral e outra exclusiva para o grupo maçônico. Poderíamos afirmar, portanto, que a universalidade maçônica é seletiva. Outro elemento importante é o procedimento dialógico para divulgar a sua doutrina, esquivando-se do uso da força como meio de persuasão. O que devemos acrescentar a esta questão é que afirmando o Estado como detentor da “violência legítima”, a instituição maçônica esvazia, a priori, toda e qualquer autoridade que não seja civil e democrática. Destaquemos outra ambivalência: à medida que valoriza a Família e a Pátria, afirma um princípio que guarda afinidades com valores tradicionais, visto que realça o grupo, o comunitarismo.

Um dos documentos históricos que melhor ilustra a visão de mundo maçônica, segundo alguns historiadores ligados à Ordem, é a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, maior nação maçônica do mundo, subscrita por 56 representantes das treze colônias que proclamaram a independência; entre estes 56 signatários, 50 eram maçons.<sup>18</sup> Esse documento, além de fundar os Estados Unidos da América, também pode ser considerado um dos documentos fundadores da Modernidade. O trecho destacado a seguir não deixa dúvidas quanto à ambivalência que permeará todos os espaços desse padrão societal emergente:

Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade. Que a fim de assegurar esses direitos, governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados; que, sempre que qualquer forma de governo se torne destrutiva de tais fins, cabe ao povo o direito de alterá-la ou aboli-la e instituir novo governo, baseando-o em tais princípios e organizando-lhe os poderes pela forma que lhe pareça mais conveniente para realizar-lhe a segurança e a felicidade. Na realidade, a prudência recomenda que não se mudem os governos instituídos há muito tempo por motivos leves e passageiros; e, assim sendo, toda experiência tem mostrado que os homens estão mais dispostos a sofrer, enquanto os males são suportáveis, do que a se desagrar, abolindo as formas a que se acostumaram. Mas quando uma longa série de abusos e usurpações, perseguindo invariavelmente o mesmo objeto, indica o desígnio de reduzi-los ao despotismo absoluto, assistem-lhes o direito, bem como o dever, de abolir tais governos e instituir novos Guardiães para sua futura segurança. Tal tem sido o sofrimento paciente destas colônias e tal agora a necessidade que as força a alterar os sistemas anteriores de governo. A história do atual Rei da Grã-Bretanha compõe-se de repetidas injúrias e usurpações, tendo todos por objetivo direto o estabelecimento da tirania absoluta

---

<sup>18</sup> Cf. Castellani, 2001.

sobre estes Estados. Para prová-lo, permitam-nos submeter os fatos a um mundo cândido.<sup>19</sup>

Entre outras características que saltam do texto, parece-nos clara aquela que afirma, ao mesmo tempo, a ação do elemento transcendente (Deus criou os homens iguais e os dotou de direitos inalienáveis) e a ação do elemento imanente (governos são instituídos para assegurar tais direitos). Voltamos à questão que nos importa no momento: é possível afirmar que a Modernidade é ambivalente desde os seus momentos fundadores, não podendo ser apresentada como uma ruptura radical com os valores tradicionais?

Vejamos, agora, a importância dos valores tradicionais afirmados no inciso de número dez do artigo primeiro:

X – Adota sinais e emblemas de elevada significação simbólica que são utilizados em suas oficinas de trabalho e servem para que os maçons se reconheçam e se auxiliem onde se encontrem.<sup>20</sup>

Trata-se do uso ritualístico e secreto de certa simbologia da instituição, através de emblemas e sinais, tanto nos trabalhos de Loja quanto no espaço profano quando houver necessidade de solidariedade ou reconhecimento entre os iniciados. Segundo as tradições iniciáticas, o simbolismo é o meio mais eficaz para o ensino e aprendizagem das verdades de ordem superior, religiosas e metafísicas. Esse tipo de aprendizagem, no entanto, tornou-se estranho e bastante criticado pelo espírito científico moderno com suas exigências demonstrativas e busca de precisões matemáticas. Em outras palavras: quando uma tradição iniciática, como a maçônica, declara a existência de uma “ciência maçônica” significa que a Verdade a ser buscada extrapola o modelo científico moderno e opera uma ampliação no conceito mesmo de ciência

---

<sup>19</sup> Cf. A Declaração de Independência dos Estados Unidos da América no site [www.google.com](http://www.google.com)

<sup>20</sup>Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil de 1996.

que, neste caso, envolveria procedimentos de análise simbólica na compreensão dos fenômenos da natureza e da sociedade.<sup>21</sup>

Segundo podemos observar, a concepção de “ciência maçônica”, implícita nas publicações que tratam do tema, sugere a necessidade de um modelo holístico de construção do conhecimento. Ou melhor, se distancia da ciência moderna com seus experimentalismos, especializações e demonstrações, em função de não aceitar que o dado empírico encerre toda a realidade. A “ciência maçônica” não poderia prescindir de uma Metafísica, no sentido de uma ordem superior à Natureza e à Sociedade. Daí, a importância da intuição e da simbologia como meios de compreensão dessa Ordem superior, não redutível à experimentação empírica. Segundo um dos mais discutidos maçons do século XX:

(...) a concepção tradicional, dizíamos, liga todas as ciências aos princípios, como outras tantas aplicações particulares, e é essa ligação que a concepção moderna não admite. Para Aristóteles, a Física era apenas ‘segunda’ em relação à Metafísica, quer dizer que ela estava dependente desta, no fundo era apenas uma aplicação ao domínio da Natureza dos princípios superiores à Natureza e que se refletem nas suas leis; (...) A concepção moderna, pelo contrário, pretende tornar as ciências independentes, negando tudo o que a ultrapassa, ou pelo menos declarando-o ‘incognoscível’ e recusando tomá-lo em conta, o que acaba ainda por significar negá-lo na prática; essa negação existia, de fato, muito tempo antes que se tenha pensado em erigi-la em teoria sistemática sob nomes tais como os de ‘positivismo’ e de ‘agnosticismo’, porque se pode dizer que ela se encontra verdadeiramente como ponto de partida de toda a ciência moderna.<sup>22</sup>

Uma reflexão mais direcionada para a concepção maçônica de construção do conhecimento da imanência e da transcendência

---

<sup>21</sup> Cf. Almeida, 2000.

<sup>22</sup> Cf. Guenon, s/d., p.82.

pode nos trazer uma discussão, que apenas indicaremos, sobre os contatos da Maçonaria com uma das tradições mais controversas e antigas da Era Cristã: o pensamento gnóstico. Essa tradição remonta aos primeiros anos do cristianismo e tem se apresentado, ao longo desses dois milênios, de maneira extremamente heterogênea, inclusive rompendo os muros religiosos para se instalar, como concepção de mundo, em várias correntes do pensamento social. Originalmente, os gnósticos visavam (e ainda visam) chegar ao “conhecimento” de Deus e à salvação por este conhecimento. Segundo Carvalho,

Malgrado a alucinante variedade dos movimentos gnósticos e as diferenças entre suas formulações teóricas, há no fundo de todos eles a unidade de uma cosmovisão, ou no mínimo de um sentimento cósmico comum: a vivência do universo como lugar hostil e do homem como criatura jogada no meio de uma máquina absurda e incompreensível. Em última instância, é a rejeição do julgamento que Deus fez da Sua própria criação no último dia do Gênesis, quando Ele olhou o cosmos e ‘viu que era bom’. Para os gnósticos, a ordem cósmica é essencialmente má e ao homem não resta senão o caminho da fuga ou da revolta. (...) O gnosticismo, assim compreendido, não é só uma revolta contra o catolicismo em particular, mas contra toda visão tradicional da ordem social como expressão da ordem divina da alma e do cosmos. A transformação de uma corrente esotérica em poderoso movimento de massas que dominou a história dos dois últimos séculos observou-se principalmente no Ocidente, em razão das guerras religiosas que, a partir do século XVI, romperam a unidade da sociedade cristã e eliminaram a religião como poder público, instituindo o moderno Estado leigo que, erigido sobre um vácuo espiritual, acabou por se revelar impotente para resistir à invasão dos movimentos gnósticos de massa. Refluindo para o Oriente, esses movimentos devastaram ali as religiões tradicionais (ortodoxa, judaica, budista, confuciana e islâmica, principalmente), manifestando da maneira mais patente a sua natureza universalmente antiespiritual e não apenas anticatólica em especial”.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Cf. Carvalho, in *Gnósticos e Revolucionários* – Jornal O Globo, 21.07.2001.

Em sua versão laica e moderna, o gnosticismo é, igualmente, uma tentativa de possessão deste mundo através do conhecimento, o que aboliria a dependência da criatura. Aqui, em lugar da revolta contra o Criador, observaremos a resistência à idéia mesma de criação e transcendência e a afirmação de

(...) um estado mental segundo o qual a criatura abole toda ordenação do ser cuja origem não esteja nele mesmo, não seja, como cada vez menos legitimamente se diz em filosofia, imanente... A transcendência original, a divindade das origens cósmica e humana como sustentação do ser e do mundo, é para o gnóstico pós-iluminista um anátema de primeira ordem. Todo esforço intelectual será dispendido no sentido de negar qualquer categoria do real e todo fundamento do ser que não contenham em si mesmos suas 'próprias' explicações e justificativas. *Gnosis* pode ter sido o nome de um movimento religioso em sua inceptação, pois que lhe incumbia então contestar a revelação cristã; mas desde então por 'gnose' cabe entender o sinuoso produto de uma *libido dominandi* absoluta, e tanto mais rasteira quanto totalitária e reducionista.<sup>24</sup>

O breve apontamento da questão gnóstica coloca-nos, mais uma vez, diante da ambivalência maçônica, seja consoante à sua concepção de Estado laico, seja na afirmação maçônica de um conhecimento iniciático ou, ainda, na sua atitude utópica de abolir todas as formas de opressão que se espalham pelo globo. Em pesquisas posteriores, essa ambivalência maçônica poderia sustentar a hipótese de que a Maçonaria se aproxima do gnosticismo tanto na sua vertente religiosa, quanto na sua vertente moderna tentando se apresentar como uma síntese, ou seja, uma superação dialética das duas outras possibilidades.

A importância da simbologia, portanto, está no fato de que esta é uma linguagem apropriada para apreender a multiplicidade da realidade, incluindo sua dimensão metafísica. Assim, o

---

<sup>24</sup> Cf. Tolentino, 2002, pp.46-47.

pensamento simbólico, ao contrário do pensamento científico, “procede não pela redução do múltiplo ao *uno*, mas sim pela desintegração do *uno* em múltiplo, para melhor perceber – é verdade que numa fração de segundo – a unidade desse múltiplo”.<sup>25</sup>

Afirmações como essas demonstra, de forma modelar, uma concepção de conhecimento que valoriza o intuitivo; considera os símbolos como suportes para mediação no conhecimento da Ordem superior; busca um conhecimento integral da realidade, procurando combinar imanente e transcendente e se afasta da concepção segundo a qual a realidade é redutível à cognição individual, negando assim a superioridade epistemológica desta. Mais uma vez a ambivalência maçônica nos salta aos olhos.

### **2.3. Artigo 2º: tradição modulada**

No texto da Constituição do GOB, encontraremos no segundo artigo uma sucessão de valores que predominam em ambientes tradicionais, bem como outros que se sedimentaram enquanto tradição da própria Ordem:

Art. 2º – São postulados universais da Instituição Maçônica:

I – a existência de um princípio criador: o Grande Arquiteto do Universo;

II – o sigilo;

III – o simbolismo da Maçonaria Operativa;

IV – a divisão da Maçonaria Simbólica em três graus;

V – a Lenda do 3º Grau e sua incorporação aos Rituais;

VI – a exclusiva iniciação de homens;

VII – a proibição de discussão ou controvérsia sobre matéria político-partidária, religiosa ou racial, dentro dos templos ou fora deles, em seu nome;

---

<sup>25</sup> Cf. Chevalier e Gheerbrant, 2001, p.15.

VIII – a manutenção das Três Grandes Luzes da Maçonaria: o Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso, sempre à vista, em todas as sessões das Lojas e Corpos;  
IX – o uso do avental.<sup>26</sup>

**O postulado I, a crença no Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U.),** como um princípio criador tem ligações com tradições antigas em virtude da afirmação do espírito sobre a matéria. Como já comentamos o princípio do G.A.D.U. quando analisamos o prólogo da Constituição, faremos referência às profundas e acirradas discussões das quais esse postulado tem sido objeto, sobretudo com a tradição cristã e, especificamente, com a tradição católica. A polêmica desenvolvida com o Vaticano, que remonta às condenações do Papa Clemente XII em 1738, envolve críticas como as seguintes: a) o relativismo maçônico, que sustenta sua convivência com todas as religiões como se estas fossem equivalentes, até mesmo aquelas visões anti-católicas; b) o princípio criador maçônico, o G.A.D.U., como uma expressão religiosa deísta, ou seja, que não dispõe de base moral ou intelectual e não atua no mundo, o que seria incompatível com a revelação cristã; c) os rituais maçônicos concorrerem com os rituais católicos e seus sacramentos, tendo em vista que aqueles teriam poder de transformação sobre os homens sem a graça do Cristo. É importante ressaltar que a Igreja Católica, ao longo desses 250 anos de proibições da participação de católicos na maçonaria, tem realizado algumas revisões, como é o caso do reconhecimento da pluralidade do movimento maçônico e, conseqüentemente, de suas manifestações rituais e simbólicas. A interdição fundamental, no entanto, permanece.<sup>27</sup> A discussão em torno dessas questões, e várias outras, não podem ser debitadas à cultura erguida sob os auspícios da Modernidade. Tais discussões,

---

<sup>26</sup>Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil de 1996.

<sup>27</sup> Cf. Benimeli,1981.

embora com outros contendores, remontam aos primórdios da organização doutrinária católica.<sup>28</sup>

O **postulado II, o segredo**, remete-nos a um dos valores tradicionais mais significativos e com maior poder de reprodução social ao longo da história das civilizações. Segundo Simmel, o segredo não é uma característica exclusiva das sociedades secretas, nem tampouco se restringe a sociedades tradicionais, é um procedimento e um valor intrínseco a toda e qualquer sociedade. Daí a permanência histórica de várias formas de segredo. Segundo o autor,

Estamos hechos de tal manera, que non solo necesitamos, como se indicó antes, una determinada proporcion de verdad e error como base de nuestra vida, sino también una mezcla de claridad y oscuridad, em la percepcion de nustras elementos vitais. Penetrar claramente hasta el fondo último de algo, es destruir su encanto y detener la fantasia em su tejido de posibilidades (...) <sup>29</sup>

O segredo nas sociedades secretas apresentará, no entanto, um duplo efeito que o tornará típico: por um lado, produz um efeito isolador e individualizador no “escolhido”; por outro, a partilha desse segredo com os outros membros do grupo provocará o efeito inverso, o “aconchego comunitário” e a “igualdade fraternal”, ambas estruturas que minimizam as individualidades. Aqui, a ambivalência maçônica – tradicional e moderno/ esotérico e exotérico/individualista e hierárquica – além de evidente, parece-nos reproduzir uma dinâmica, aparentemente paradoxal, do próprio mundo moderno, como notou Hobsbawn:

(...) [algumas] tradições inventadas como que reintroduziram o *status* no mundo do contrato social, o superior e o inferior num mundo de iguais perante a lei, não poderiam agir abertamente. (...) Era mais comum que elas incentivassem o sentido coletivo de

---

<sup>28</sup> Cf. Johnson, 2001.

<sup>29</sup> Cf. Simmel, 1977, p. 377.

*superioridade* das elites – especialmente quando estas precisavam ser recrutadas entre aqueles que não possuíam este sentido por nascimento ou por atribuição – ao invés de inculcarem um sentido de obediência nos inferiores.<sup>30</sup>

Um dos fenômenos mais importantes da sociabilidade moderna é aquele que se expressa nas atitudes de confiança indispensáveis, segundo pensamos, à reprodução da vida social. Este fenômeno, apesar de pouco estudado, vem despertando o interesse de alguns cientistas sociais e, quando elaborado conceitualmente, tem auxiliado na análise de outros fenômenos sociais como, por exemplo, o desenvolvimento econômico, as práticas terapêuticas, as construções civis etc. A tendência dos autores que têm estudado o fenômeno é atribuir à confiança o valor de uma variável determinante na realização da ação social.<sup>31</sup>

Em sociabilidades que constituem o segredo como um dos centros de sua possibilidade de reprodução as atitudes de confiança assumem um lugar axial. Apesar de existirem várias acepções comuns para o termo, estamos nos referindo, especificamente, àquela que, segundo Giddens, pode

(...) ser definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico).<sup>32</sup>

A confiança, no entanto, pressupõe risco e, conseqüentemente, consciência de que contingências fazem parte do rol de possibilidades da vida em grupo. A confiança observada no ambiente maçônico, portanto, pode ser concebida nos moldes indicados por Georg Simmel quando este afirma que

---

<sup>30</sup> Cf. Hobsbawn e Ranger, 1984, p.18.

<sup>31</sup> Cf. Giddens, 1991; Simmel, 1977.

<sup>32</sup> Cf. Giddens, 1991. p. 41.

(...) ela exprime a sensação de que existe entre a nossa idéia de um ser e o próprio ser uma conexão e unidade definidas, uma certa consistência em nossa concepção dele, uma convicção e falta de resistência na rendição do Ego a esta concepção, que pode repousar em razões específicas, mas não é explicada por elas.<sup>33</sup>

Portanto, se as atitudes de confiança vêm sendo consideradas essenciais à reprodução da sociabilidade moderna, entre outros motivos, pela fragmentação e especialização do conhecimento, bem como do ambiente de risco, por ninguém controlado totalmente, que caracteriza esse padrão societal. Em sociabilidades restritas, como é o caso da Maçonaria, essas atitudes de confiança amplificam a sua importância e funcionalidade em razão do alto grau de identificação observado nesse ambiente.

O sigilo maçônico, além de um princípio de sociabilidade da Ordem, também pode ser analisado a partir de sua operacionalidade: primeiramente, como meio de reconhecimento entre os membros da Fraternidade, expresso nos sinais de Ordem, saudação, socorro etc. e nas palavras de passe, semestrais e sagradas e outras; em segundo lugar, como segredo iniciático, que é apropriado de forma ritualística e que não significa nenhuma informação específica e sim o encontro da Luz a que se propõe a iniciação. Aqui, o valor esotérico da simbologia é primordial.

Como já afirmamos, o simbolismo ritualístico é considerado o melhor meio para os ensinamentos das verdades iniciáticas, pois ele teria a possibilidade de ligar diferentes planos da realidade, o que permitiria o acesso ao conhecimento desses planos.

A literatura sobre o tema da simbologia é tão vasta quanto complexa. Conhecimentos advindos das áreas mais diversas vêm tentando explicar as estruturas, funções e significados dos símbolos nos diversos campos de ação social. Embora a revisão crítica dessa literatura não esteja no horizonte desta pesquisa, não

---

<sup>33</sup> Cf. Giddens, citando Simmel, 1991, p. 34.

poderíamos deixar de indicar algumas questões referentes à intersecção desse tema com o universo maçônico.

A primeira delas diz respeito à autodefinição de “Maçonaria Simbólica” para a congregação política, administrativa e ritual dos três primeiros graus. Essa autodefinição reforça a tese de que toda e qualquer sociedade iniciática e, conseqüentemente, todo e qualquer conhecimento iniciático encontram na linguagem simbólica o meio eficaz através do qual os ensinamentos determinados serão apropriados pelos iniciandos. Além disso, existe uma série de formulações que nos dão algumas pistas acerca dessas estruturas simbólicas e suas funções: abrem o espírito para o desconhecido e o infinito; revelam velando e velam revelando; o uso dos símbolos está sempre a propor que “assim é, se lhe parece”; afeta estruturas mentais, por isso é comparado a esquemas afetivos, funcionais e motores, com a finalidade de demonstrar que, de certa maneira, mobiliza a totalidade do psiquismo; ao contrário dos **monemas**, unidades mínimas de significação, os símbolos podem ser considerados **sintemas**, combinação de significados que formam ‘unidades múltiplas’, como se houvesse uma abundância de significados no mesmo significante; há nos símbolos uma dimensão, além de sintética, simpática, no sentido em que precisamos compartilhar a visão de mundo na qual está inserido; os símbolos suscitam uma experiência totalizante, tendendo a condensar numa única imagem uma experiência espiritual. Em relação às suas funções, observamos, basicamente: uma função exploratória (uma espécie de hermenêutica experimental do desconhecido); função mediadora e transcendente (estendendo pontes entre a física e a metafísica); uma função de unificadores da experiência (osmose contínua do interior e do exterior); uma função socializante (identifica-se com sua época, embora não esteja restrito a ela).

Por mais diversificadas que sejam, as formulações indicadas acima não oriundas são unânimes no sentido de reconhecer que

O símbolo anuncia um outro plano de consciência, que não o da evidência racional; é a chave de um mistério, o único meio de se dizer aquilo que não pode ser apreendido de outra forma; ele jamais é explicado de modo definitivo e deve sempre ser decifrado de novo, do mesmo modo que uma partitura musical jamais é decifrada definitivamente e exige uma execução sempre nova.<sup>34</sup>

O simbolismo maçônico é essencialmente ligado à arte de construir e possui tanto valor exotérico quanto esotérico, ambivalência natural nas sociedades iniciáticas. O **postulado III, a obrigatoriedade do simbolismo da maçonaria operativa**, é uma das evidências mais claras da tradição como resignificação de valores e práticas e nos sugere que na transição para a “fase especulativa” alguns elementos permaneceram como que afirmando princípios de continuidade. Os símbolos da maçonaria operativa que permanecem são, entre outros: o avental (o trabalho), cinzel (a razão, a inteligência), compasso (o julgamento comedido, o espírito humano), esquadro (a justiça), nível (igualdade), malhete (o poder, a força material controlada) e o triângulo (sabedoria).<sup>35</sup>

**Os Postulados IV e V (Lenda do 3º Grau e a divisão da maçonaria simbólica em três graus)** indicam-nos dois valores claramente tradicionais: no primeiro caso, afirmando a existência de um “Herói Mítico”, fundador da linhagem e princípio da trajetória do grupo; no segundo caso, afirmando a importância de uma hierarquia interna através do sistema de graus.

É mister afirmarmos, complementarmente, que os conteúdos dos postulados em questão são, tipicamente, uma tradição inventada no século XVIII, quando a “fase especulativa” criou o sistema de graus, inclusive o de Mestre, inexistente na “fase

---

<sup>34</sup> Cf. Chevalier e Gheerbrant, 2001, p.16.

<sup>35</sup> Cf. Castellani, 1995a. Ressalvamos que os símbolos descritos estão acompanhados dos seus significados exotéricos.

operativa”, bem como quando introduziu a Lenda do 3º Grau a partir de 1724, na Primeira Grande Loja de Londres.<sup>36</sup>

A Lenda do Terceiro Grau desenvolve um relato sobre Hiram Abiff, personagem bíblico que teria contribuído com sua arte na construção do Templo de Salomão. Segundo a lenda maçônica, ele teria sido assassinado por três companheiros por ter se negado a revelar determinados segredos reservados aos mestres da obra. A lenda ainda se refere à ocultação do cadáver do mestre e de sua posterior descoberta pelos maçons fiéis. Esta lenda é encenada no ritual de terceiro grau e tenta afirmar a busca do obreiro perfeito, o mestre maçom, na sua prática contínua de aperfeiçoamento. Sobre o ritual do terceiro grau, afirma um pesquisador maçônico:

A cerimônia, extremamente impressionante, do 3º. Grau é um psicodrama em que o candidato elevado à Mestria desempenha o papel do próprio Hiram assassinado, sepultado, encontrado graças a um ramo de acácia, entre o compasso e o esquadro – o que é um simbolismo transparente – e trazido à vida graças a um rito necromântico quádruplo e misterioso após outras tentativas terem se revelado tristemente vãs. Os segredos da Mestria, pelos quais Hiram morreu por ter se recusado a traí-los, não obstante a violência dos seus assassinos ‘são substituídos’ por segredos provisórios, até que o tempo ou o acontecimento permitam reencontrar os seus segredos verdadeiros.<sup>37</sup>

É importante lembrar que os elementos rituais da “morte iniciatória” e a idéia de “ressurreição” ligam estas práticas maçônicas a universos ritualísticos fortemente tradicionais. Acerca do tema, comentando outras situações, afirma Eliade:

A morte iniciatória significa tanto o fim do homem acultural ‘natural’ como a passagem para um novo modo de existência, o de um ‘ser nascido para o espírito’, isto é, que não vive exclusivamente numa realidade ‘imediate’. Desta forma, a ‘morte’

---

<sup>36</sup> Idem Ibidem.

<sup>37</sup> Cf. Mellor, 1989, p.132. Faremos uma descrição mais detalhada desse ritual no capítulo seguinte.

e ‘ressurreição’ iniciatórias representam um processo religioso através do qual o iniciado se torna *outro*, modelado de acordo com o modelo revelado por deuses ou antepassados míticos. Por outras palavras, torna-se um *homem real* na medida em que se assemelha a um sobre-humano. O interesse da iniciação para a compreensão da mente arcaica centra-se essencialmente no fato de ela mostrar que o *homem real* – o espiritual – não é *dado*, não é resultado de um processo natural. Ele é ‘feito’ pelos antigos mestres, de acordo com os modelos revelados por seres divinos em tempos míticos. Estes antigos mestres formam as *élites* espirituais das sociedades arcaicas. O seu principal papel é transmitir às novas gerações o sentido profundo da existência e ajudá-los a assumir a responsabilidade de ‘homens reais’ e, conseqüentemente, a participar ativamente na vida cultural. Mas como a cultura significa, para as sociedades arcaicas e tradicionais a soma dos valores recebidos de seres sobrenaturais, a função da iniciação pode ser resumida desta forma: ela revela a cada nova geração um mundo aberto ao trans-humano, um mundo que poderíamos designar como ‘transcendental’.<sup>38</sup>

O sistema de graus simbólicos é aquele que abrange os graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, os quais trariam o que há de fundamental no simbolismo maçônico. Segundo Castellani,

Os três graus simbólicos, síntese do universo maçônico, mostram a evolução racional da espécie humana, ou seja: **intuição** (Aprendiz), **análise** (Companheiro) e **síntese** (Mestre). O Aprendiz, ainda inexperiente, realiza o seu trabalho quase empiricamente, através, apenas da intuição, representando o alvorecer das civilizações dominadas pelo empirismo; o Companheiro, já tendo um método de trabalho analítico e ordenado, simboliza uma mais avançada fase da evolução da mente humana; enquanto o Mestre, juntando, através da síntese, tudo o que está disperso, para a conclusão final da obra, representa o caminho derradeiro da mente, na busca da perfeição.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Cf. Eliade, 1989, p.140.

<sup>39</sup> Cf. Castellani, 1995, p.118.

Pelo visto, o sistema de graus é a principal expressão da hierarquia da instituição, considerando que é a partir do lugar ocupado na escala dos graus simbólicos que o iniciado desenvolve suas atividades no interior da Loja. A direção de uma Loja simbólica, por exemplo, é prerrogativa dos Mestres:

Não deixa de ser relevante agregar à noção de hierarquia a de poder. Se o que a sociedade secreta intenta é realizar uma espécie de construção social, como é o caso da maçonaria, este objetivo somente será alcançado mediante a aquisição de certo poder a fim de que seja possível viabilizar a realização dos fins da organização. A posse do segredo, real ou imaginário, não importa, e a estruturação hierárquica confere às sociedades secretas uma certa dose de poder. Todavia, o que lhe dá coesão e solidez, o que amalgama os membros em um todo consistente é a observância de um ritual.<sup>40</sup>

O sistema de graus pode ser visto como um sistema hierárquico moderno, tendo em vista que a ascensão se concretiza por mérito do iniciando no novo grau. Esta é uma questão que gostaríamos de destacar porque a idéia de um individualismo moderno igualitário é minimizada pelas avaliações de mérito, que obrigatoriamente premiam de forma seletiva, criando uma assimetria entre os indivíduos que seriam, em tese, todos iguais. Portanto, o igualitarismo moderno, expresso no princípio do individualismo, vê-se enredado num verdadeiro paradoxo, qual seja: por um lado, pretende igualdade para todos; por outro, tem como princípio a avaliação meritocrática, que obrigatoriamente hierarquiza. Entendemos que esse paradoxo é vivido diuturnamente em vários outros espaços de ação social na Modernidade. E esta é uma questão central: como compatibilizar o pensamento individualista moderno com o princípio da meritocracia – igualmente moderno – e continuar considerando consistente outro pilar da modernidade, o igualitarismo?

---

<sup>40</sup> Cf. Lima, 2002, p.21.

Outra questão que pode ser esclarecida por pesquisas posteriores, no que se refere ao sistema de graus, é a tendência que ele apresenta de criar segredos de sub-grupos, ou seja, grupos secretos dentro da própria sociedade secreta. Como afirma Carvalho, “(...) a própria Maçonaria foi alvo de conspirações, divisões e ataques de organizações ainda mais secretas, que pretendem usá-la para fins diversos (...)”.<sup>41</sup>

Existe no **postulado VI - a iniciação exclusiva de homens** - uma clara manifestação de um valor tradicional: a interdição das mulheres, decidida por homens, que não as aceitam com iguais possibilidades hierárquicas. Provavelmente, este é um dos valores que melhor revela a ambivalência maçônica. Mais uma vez, como se propor um ideal individualista e excluir, a priori, a metade da humanidade? Esta é uma das questões mais discutidas no interior do movimento maçônico, tendo sido responsável por várias cisões e atitudes “irregulares”. O acirramento dessa discussão tem-se dado, inclusive, porque não há nenhum documento ou regra consuetudinária, anterior à Constituição de Anderson, que faça restrições à participação das mulheres. Essa tradição, inventada também no século XVIII, não tem encontrado justificativas consistentes. O argumento é sempre o questionável: “Está na tradição da Ordem”. Ficam algumas questões. Haveria razões iniciáticas? Tal proibição remete a uma certa misoginia paradoxalmente reinante na aurora da Modernidade, como atestam algumas atitudes da Ilustração?<sup>42</sup>

A iniciação exclusiva de pessoas do sexo masculino, no entanto, não é o único critério para admissão na Ordem. Vejamos as regras que regulamentam tais admissões.

Art. 29 – A admissão de profano na Ordem Maçônica será decidida por deliberação de uma Loja justa, perfeita e regular,

---

<sup>41</sup> Cf. Carvalho, 1995.

<sup>42</sup> Cf. Rouanet, 1993.

mediante escrutínio secreto, no qual tomem parte todos os maçons presentes à sessão.

Parágrafo 1<sup>o</sup> – Para ser admitido, o candidato deverá satisfazer aos seguintes requisitos:

I – ser do sexo masculino;

II – ser maior de vinte e um anos, exceto os filhos de Maçons regulares e os “Lowtons”, que poderão ser admitidos a partir de dezoito anos de idade;

III – possuir instrução que lhe possibilite compreender e aplicar os princípios da Instituição;

IV – ser hígido e não ter defeito físico que o impeça de praticar atos de ritualística maçônica;

V – ter bons costumes, reputação ilibada e estar em pleno gozo dos direitos civis e não professar ideologia contrária aos princípios da Ordem;

VI – ter condição econômico-financeira que lhe assegure subsistência própria e de sua família, sem prejuízo dos encargos maçônicos;

VII – ter, pelo menos, um ano de residência no Oriente da Loja ou no seu domicílio.<sup>43</sup>

Confirmando o que já pudemos observar anteriormente, a seleção dos profanos é encarada com bastante rigor pela Maçonaria. Os critérios empregados na seleção, além de reafirmar tradições maçônicas, também procuram constituir, claramente, uma elite capaz de auto-aperfeiçoamento (moral, intelectual, material etc.) e apta à interferência no mundo social no qual vive:

Antes de tudo, o corpo de membros da Maçonaria, como o de qualquer outra sociedade secreta, é uma aristocracia. A seleção rigorosa, os ritos iniciáticos, a disciplina do segredo e a obediência a uma hierarquia secreta separam o iniciado do comum dos mortais, filiando-o a uma tradição imemorial e dando-lhe o sentimento, às vezes até justo, de pertencer ao círculo dos eleitos que, por trás da agitação cega e vã dos átomos

---

<sup>43</sup> Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil de 1996.

anônimos, sabem o que se passa e para onde as coisas vão. Esoterismo e Democracia são termos antagônicos como segredo e difusão.<sup>44</sup>

Como se trata de uma das questões marcantes tanto na vida interna da Ordem quanto na sua imagem pública, façamos um esforço suplementar para tentar discutir o lugar das mulheres na Maçonaria.

A participação feminina na Maçonaria sempre foi objeto de grandes preocupações e polêmicas na instituição. A proibição de participação iniciática de mulheres criou algumas dissidências que acabaram fundando as Lojas Femininas e as Lojas Mistas (consideradas irregulares pela Grande Loja Unida da Inglaterra). A “maçonaria regular” já tentou, como estratégia de incorporação parcial de mulheres, a criação das Lojas de Adoção, no século XIX, não obtendo sucesso.<sup>45</sup> A partir de então, a Maçonaria passou a constituir, processualmente, um novo lugar para as mulheres na instituição, estimulando, entre outros procedimentos, a participação feminina na filantropia desenvolvida pela Ordem. As primeiras iniciativas envolviam as esposas e filhas de maçons e, posteriormente, todas as mulheres interessadas. Portanto, de figuras totalmente excluídas do espaço maçônico, as mulheres passaram a ter uma grande importância em parte das atividades exotéricas da instituição, inclusive ocupando espaços nos templos maçônicos e alcançando o reconhecimento enquanto beneméritas.<sup>46</sup>

Vejamos o caso da Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul (FFCS), organismo paramaçônico vinculado ao GOB. Constam nos seus estatutos, entre outros, os seguintes objetivos:

---

<sup>44</sup> Cf. Carvalho, 1995, p.84.

<sup>45</sup> A primeira participação das mulheres na maçonaria ocorreu através das chamadas Lojas de Adoção criadas pela maçonaria francesa no século XVIII. Tal denominação vinha do fato de que eram lojas adotadas por lojas masculinas e, embora funcionando sob supervisão e responsabilidade destas, possuíam simbologia própria. Essas lojas, no entanto, desapareceram ao longo do século XX. Cf. Costa, s/d.

<sup>46</sup> Cf. Colussi, 1999.

(...) desenvolver atividades sociais, culturais, cívicas e filantrópicas próprias, tais como: (aqui enumerar as atividades filantrópicas que o núcleo se propõe a desenvolver. Exemplos: a) acompanhamento e orientação a gestantes da comunidade; b) assistência à infância e/ou à velhice; c) combate à desnutrição; d) aleitamento materno; e) higiene bucal; f) economia do lar; g) alfabetização de adultos; promover cursos, concursos e publicações diversas; apoiar a Loja Maçônica em suas atividades; etc.<sup>47</sup>.

Não existe uma estatística segura acerca da participação das mulheres na instituição, mas considerando o registro de vários grupos nos municípios com suas respectivas coordenações estadual e federal, presumimos que a participação feminina tenha chegado a dezenas de milhares de mulheres, número jamais observado. Ressaltemos, entretanto, que tal participação, na “maçonaria regular”, não envolve nenhum tipo de natureza iniciática e, mesmo para desenvolver outras atividades, as mulheres ainda são bastante dependentes dos homens. Vejamos algumas regras para exemplificarmos essa questão.

Primeiramente, existe um padrão estatutário indicando as regras de funcionamento dessas Fraternidades, no qual a primeira regra é de que a organização, obrigatoriamente, deverá ser vinculada a uma Loja e somente poderá abrigar aquelas mulheres que mantenham vínculo de dependência direta com o maçom (mulher, filha solteira, irmã solteira).

(...) é uma associação feminina paramaçônica, de direito privado e duração ilimitada, sem fins lucrativos, não iniciática e patrocinada pelo Grande Oriente do Brasil, composta de mulheres de Maçons regulares desta obediência, em número ilimitado, vinculada à Loja Maçônica.

---

<sup>47</sup> Cf. Estatuto-padrão da Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul – site do GOB – [www.gob.org.br](http://www.gob.org.br)

§ 1º - Poderão ser admitidas como membros da Fraternidade, a critério da Diretoria, a mãe, irmãs solteiras e filhas solteiras, do Maçom, maiores de vinte e um anos de idade.

§ 2º - Também poderá ser admitida membro da Fraternidade, viúva de Maçom.<sup>48</sup>

A direção dos trabalhos da organização ficará a cargo das mulheres, mas com acompanhamento do Venerável e sob estrita obediência às regras estabelecidas pela legislação maçônica, sendo um dos deveres das sócias:

(...) assessorar a Presidente na interpretação e execução do Estatuto Social da Fraternidade, bem como da legislação emanada dos Poderes Maçônicos competentes, referentes à Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul;<sup>49</sup>

O modelo hierárquico dessas Fraternidades segue esta estrutura:

Art. 9º - O Conselho Consultivo se constitui de:

I – Venerável da Loja;

II – Presidente da Fraternidade;

III – Presidente do Conselho Fiscal;

IV – Diretora Secretária;

V – Diretora de Finanças;

VI – Diretora Social/Cultural.”

O Venerável Mestre da Loja Maçônica (**nome da Loja e nº**), preside o Conselho Consultivo na ausência da Presidente.<sup>50</sup>

Entre os direitos das sócias está o de “(...) gozar do reconhecimento da Fraternidade e de proteção dos maçons”. E entre os deveres “(...) cumprir e fazer cumprir o Estatuto, as Leis e demais decisões emanadas dos Poderes Maçônicos competentes”. Uma das regras que melhor expressam a dependência e o papel

---

<sup>48</sup> Idem. Ibidem.

<sup>49</sup> Idem. Ibidem.

<sup>50</sup> Idem. Ibidem.

coadjuvante das mulheres na maçonaria é o que diz respeito à perda da condição de associada:

Art. 38 - A Associada perderá a condição de membro da Fraternidade:

- a. se tiver comportamento incompatível com os princípios e normas estabelecidos pela Fraternidade;
- b. se o Maçom, de quem for dependente, tornar-se irregular junto ao Grande Oriente do Brasil.<sup>51</sup>

Em outras palavras: a mulher pode desenvolver suas atividades da forma mais perfeita possível, mas se o seu marido (maçom de quem ela depende) cometer algum erro a ponto de sair da Loja, a imputabilidade se estende também a ela. Aqui, indubitavelmente, a personalidade jurídica da mulher está vinculada à do marido. Portanto, não é somente a proibição no ritual iniciático que limita a participação das mulheres na “maçonaria regular”; toda e qualquer participação feminina seguirá uma “lógica de dependência” ao seu marido, pai, irmão etc.<sup>52</sup>

A Fraternidade, por mais ativa que venha a ser, guardará sempre uma dependência completa da Loja, não podendo se transformar num órgão independente em nenhum momento, tampouco reorientar ou aprimorar os seus objetivos, a não ser se receber o apoio e aprovação da assembléia da Loja à qual está vinculada.

Art. 42 - A Fraternidade não poderá deixar de ser uma associação feminina, essencialmente paramaçônica, patrocinada pelo Grande Oriente do Brasil e vinculada à Loja Maçônica (coloque aqui o nome da Loja e n°).

Art. 30 - Em caso de dissolução da Fraternidade, seus bens materiais e seu acervo cultural serão absorvidos pela Loja Maçônica (coloque aqui o nome da Loja e n°, e/ou).

---

<sup>51</sup> Idem Ibdem.

<sup>52</sup> Desenvolveremos um pouco mais essa discussão em capítulo posterior.

Art. 46 – Este Estatuto foi aprovado pela Assembléia Geral da Fraternidade realizada no dia (dia, mês e ano da aprovação pela Assembléia da Fraternidade), e homologado pela Loja Maçônica (coloque aqui o nome da Loja e nº), em Sessão realizada no dia (dia, mês e ano da realização).<sup>53</sup>

Como podemos observar, a participação feminina na “maçonaria regular” ainda se caracteriza pelo paradigma da dependência; ou seja: somente dependendo de um homem maçom é que ela pode participar das atividades, mesmo que não envolva processos iniciáticos.

Acreditamos ser interessante uma incursão, mesmo que breve, aos procedimentos utilizados para envolver a juventude ligada aos maçons. Afinal, a mesma lógica presidirá a participação dos jovens na instituição. Diante dessas similaridades, poderíamos indagar: o que as mulheres têm em comum com as crianças ou adolescentes para os dirigentes maçons?

Também considerada uma “ação paramaçônica”, como já vimos acima, a Ação Paramaçônica Juvenil (APJ) vem ampliando significativamente o seu espaço de atuação e o seu número de sócios. A sua estrutura é similar à Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul. A criação de uma APJ carece de procedimentos idênticos: iniciativa de uma Loja, indicação de preceptores para acompanhamento dos jovens, geralmente, vínculo familiar desses jovens com um maçom regular, disposição para o desenvolvimento de atividades artísticas, culturais, filantrópicas etc.

Um dos principais objetivos da Maçonaria, organizando esses grupos de jovens, é estimular o fortalecimento dos vínculos do que eles chamam de “família maçônica”, pois a instituição não poderia ser reduzida aos “Irmãos” e seus ritos iniciáticos. Nesse sentido, a preparação dos jovens (do sexo masculino), através de atividades educativas, além de prepara-los para se inserirem na

---

<sup>53</sup> Idem Ibidem.

instituição, também visa criar uma elite que possa dirigir os destinos da sua comunidade e do seu país da melhor maneira possível:

A APJ, em suma, é uma entidade eminentemente cívica, centrada nos valores da identidade cultural brasileira, consistindo em capacitar os nossos filhos, se convocados um dia, a administrar o Brasil com senso de responsabilidade e justiça, do qual, aliás, são eles os herdeiros naturais e, portanto, beneficiários das próprias ações hoje empreendidas. Além disso, todos sabemos que a crise brasileira é uma crise de homens, que a cada dia mais se agrava, forjada por aventureiros e aproveitadores, urgindo preparar os futuros dirigentes para resgatarmos a cidadania pátria. O Grande Oriente do Brasil tem inequívoca legitimidade para a Ação, e não pode nem deve renunciá-la, instituidora que é da própria República Federativa do Brasil”.<sup>54</sup>

Podemos observar que as formulações elaboradas pelos responsáveis por essas atividades (paramaçônicas) trazem, no seu cerne, uma tentativa de atuar em vários campos ao mesmo tempo: primeiro, educando os filhos de acordo com um ideário moral que envolve o patriotismo, uma mentalidade cidadã e uma vocação de elite; segundo, essas ações difundem o ideário maçônico junto à comunidade; terceiro, buscar uma ação que integre o núcleo familiar e o mantenha coeso em torno dos valores maçônicos. Essas questões vêm à baila em trechos como o que vemos abaixo:

A APJ pode levar a Maçonaria à Comunidade, com isso o Preceptor pode vir a ser um líder em sua cidade e, por reconhecimento ao seu edificante trabalho, vir a participar de funções públicas:

- \* para os pais: é um lugar saudável para os seus filhos;
- \* para os jovens: a convivência com os melhores de sua geração;
- \* para o País: formação patriótica, o bem mais precioso de uma Nação.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Estatuto-padrão para as APJ – [www.gob.org.br](http://www.gob.org.br)

<sup>55</sup> Idem.Ibdem.

A preocupação com uma formação específica para a juventude volta a aparecer no trecho abaixo citado, quando é ventilada a possibilidade de formar grupos de jovens mesmo quando não existirem filhos de maçons:

Nas Lojas onde os obreiros não possuir filhos com a idade de 7 a 21 anos, poderão ser convidados para participar da APJ, os sobrinhos, netos e os colegas destes, a fim de que a Maçonaria esteja presente na comunidade, cuidando do bem mais precioso de uma família e da Pátria, que são os jovens.<sup>56</sup>

Acreditamos que o **postulado VII (a proibição de discussão ou controvérsia sobre matéria político-partidária, religiosa ou racial, dentro dos templos ou fora deles, em seu nome)**, por um lado, pode significar o reforço da divisão dos dois ambientes: o sagrado (no interior do templo) e o profano (fora do templo), com cada um desses ambientes estruturando normas próprias para o seu funcionamento. Além disso, é provável que essas proibições procurem evitar fraturas no consenso interno quando do trabalho de Loja. Entretanto, vale fazer uma ressalva: pois algumas questões de ordem política são discutidas no interior das Lojas tendo em vista o posicionamento público da Maçonaria. Podemos dizer que essas “questões políticas” não envolvem questões partidárias, porém sabemos que o limite entre uma “questão política” e uma “questão partidária”, muitas vezes, é difícil de se distinguir. Tais dificuldades podem ser reforçadas pela interpretação do Art. 32 da Seção “Direitos e Deveres dos Maçons” na mesma Constituição:

Entre os **deveres** do Maçom:

X – sustentar, quando no exercício de mandato de representação popular, a posição da Maçonaria ante os problemas sociais, econômicos ou políticos, tendo sempre presente o bem-estar do Homem e da Sociedade.

---

<sup>56</sup> Idem. Ibidem.

Entre os **direitos** do Maçom:

XIV – solicitar apoio dos Irmãos quando candidato eletivo no mundo profano.<sup>57</sup>

Ora, não imaginamos como se sustentar a “posição da Maçonaria”, no exercício de determinado mandato, se não houver discussão nas Lojas sobre as questões cotidianas de todo e qualquer mandato eletivo, que são políticas e, no limite, partidárias. Mais ainda: como solicitar apoio dos “Irmãos” durante uma campanha para um mandato eletivo sem expor questões partidárias? Pelo visto, as restrições estatutárias às discussões político-partidárias parecem procurar inibir os excessos e a mera instrumentalização das Lojas por outros organismos políticos.

**Os postulados VIII e IX - manutenção do Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso, sempre à vista, em todas as sessões das Lojas e Corpos e o uso do avental** - também dizem respeito, pelo menos em parte, a manutenção da simbologia do período operativo, em função do significado do esquadro e do compasso. Com relação à presença do Livro da Lei, os registros evidenciam que se trata de uma tradição inventada no século XVIII, obra da Primeira Grande Loja de Londres e que, mais uma vez, evidencia traços de continuidade da Maçonaria com antigas tradições religiosas, sobretudo as chamadas religiões de livro.

O Avental é uma referência aos hábitos das corporações, onde os construtores de templos desempenhavam seus trabalhos e usavam tal peça como estratégia de proteção. A forma da vestimenta varia em cada um dos três graus. Mas o uso desta peça também envolve razões esotéricas. No caso do aprendiz, por exemplo, a abeta (parte superior do avental) deve ser usada voltada para cima. Vejamos a interpretação de um dos pesquisadores maçônicos sobre a questão:

---

<sup>57</sup> Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil de 1996.

(...) na antigüidade, o epigástrio (boca do estômago) era considerado como sede das emoções do corpo humano (conceito que, posteriormente, seria transferido para o coração e, finalmente, mais cientificamente, para o cérebro); como o Aprendiz Maçom, ainda imperfeito, não tem capacidade para controlar as suas emoções, ele usa o avental com a beta levantada, cobrindo e protegendo o epigástrio, para evitar que essas emoções descontroladas possam interferir no equilíbrio dos trabalhos da Oficina. Como o Companheiro Maçom já é mais evoluído, ele pode baixar a beta de seu Avental, descobrindo o epigástrio, pois já teria aprendido a controlar e dosar suas emoções e sentimentos.<sup>58</sup>

O que a tradição maçônica denomina de “Três Grandes Luzes emblemáticas da Maçonaria” (o Compasso, o Esquadro e o Livro da Lei) são os mais destacados símbolos da Instituição e fazem referência clara à tradição de construtores cultuada pela Instituição. Estes emblemas devem estar, obrigatoriamente, nas sessões ritualísticas e serão posicionados de acordo com o grau simbólico da sessão. O Livro da Lei é aquele que expressa as opções religiosas dos obreiros, através do qual virão as balizas morais e espirituais. O significado esotérico do Esquadro está ligado à Matéria, mas também simboliza a justiça e a equidade. Segundo Castellani:

O significado simbólico do compasso é o do comedimento nas buscas, já que ele, traçando círculos, delimita um espaço bem definido, o que não acontece com as retas, que se prolongam ao infinito. No plano místico, esotérico, todavia, ele é a representação do Espírito, enquanto o Esquadro simboliza a Matéria; como representação da espiritualidade, ele simboliza, também, o conhecimento humano.<sup>59</sup>

É comum na literatura maçônica a vinculação da simbologia do Esquadro e do Compasso a antigas tradições de cultos solares,

---

<sup>58</sup> Cf. Castellani, 1995, p.37.

<sup>59</sup> Idem. p. 61.

tendo em vista que tais símbolos significariam a Terra e o Sol, respectivamente, bem como o sentido da evolução iniciática da Terra (aprendiz-matéria) ao Sol (mestre-espírito). Os sentidos dessa simbologia podem ser discutidos, mas não minimizados no que se refere aos vínculos da Ordem com estruturas tradicionais.

Poderíamos estender a nossa análise para mais alguns artigos da Constituição do Grande Oriente do Brasil ou mesmo para trechos de outras peças da legislação maçônica, mas acreditamos que, para o nosso objetivo, tal insistência apenas confirmaria as indicações anteriormente formuladas: a base da instituição maçônica repousa sobre a combinação de dois universos de valores: o tradicional e o moderno.

#### **2.4. O dever-ser maçônico e as faces de *Janus***

Neste capítulo, tentamos evidenciar que a ambivalência maçônica também pode ser observada no seu universo normativo, no conjunto da legislação que orienta a ação dos iniciados, estabelecendo os direitos e deveres daqueles que participam de uma Ordem iniciática de dimensão internacional. Essa legislação, como vimos, procura combinar elementos com traços transcendentais (quando invocam o G.A.D.U.) e imanentes (quando acreditam na eficácia do governo dos homens); individualistas (quando afirmam a autonomia do Homem como meta) e hierárquicos (quando criam os graus que discriminarão o lugar de cada iniciado); universalistas (quando afirmam os direitos naturais dos Homens) e comunitários (quando afirmam a Pátria e a Família, além do próprio grupo); relativistas (quando não discriminam raça, religião, cor) e dogmáticos (quando excluem as mulheres e os deficientes); religiosos (por afirmarem as religiões) e laicos (por acreditarem na última instância do Estado); exotéricos (por falarem para um público externo) e esotéricos (por afirmarem os segredos do grupo). Não é por acaso que os maçons têm o deus *Janus* como uma de suas referências simbólicas. Este Deus, com

dois rostos contrapostos (um no verso do outro), representa a ambivalência, as transições, as passagens, marcando a evolução do passado ao futuro, de um universo a outro.<sup>60</sup>

Muito ainda há para ser analisado pela pesquisa, sobretudo naquele aspecto que diz respeito às vivências das normas, aspecto que apresenta dificuldades operacionais *a priori*, em função da própria natureza da instituição. A atenção da pesquisa social em relação ao tema e o amadurecimento da relação entre pesquisadores e pesquisados nos permitirão, provavelmente, avanços importantes. Por enquanto, continuemos nosso percurso no sentido do lugar sagrado: seu tempo, suas hierarquias, suas luzes, sua composição, sua ritualística.

---

<sup>60</sup> Cf. Chevalier e Gheerbrant, 2001.



## Capítulo 3

### O Espaço Maçônico: *imago mundi*

Uma das características mais evidentes da Modernidade é a afirmação de um ideal individualista, da superação de um estado de coisas em que o indivíduo só vale enquanto parte de um determinado coletivo – a família, a tribo, a comunidade e outros grupos similares. A Modernidade pode ser observada como uma sociabilidade que gira em torno da afirmação do indivíduo como um sujeito ético, político, econômico, cognitivo, jurídico etc. Juntamente com a afirmação do indivíduo, outra característica comum a esse padrão societal é a busca de universalização dessa condição, veiculando discursos em prol da igualdade de oportunidades e de direitos. No entanto, podemos verificar em vários espaços dessa sociedade que o princípio individualista é seguido pela sua contraface – a hierarquia – e um desses espaços é a organização maçônica. Seria, então, a Modernidade um modelo permanentemente inacabado? Haveria possibilidades de realização de uma sociedade puramente individualista? A hierarquia maçônica apresenta alguma especificidade?

Como vimos anteriormente, a maçonaria moderna surgiu no século XVIII em meio a uma agitada conjuntura que já vinha colocando alguns entraves aos mecanismos de reprodução do Antigo Regime. A Maçonaria veiculava, então, valores como igualdade, liberdade e fraternidade; fazia uma crítica severa à fusão do Estado com a Religião; agitava a bandeira da iniciativa privada e, assim, se incorporava ao movimento que mais tarde varreu a Europa, e posteriormente o mundo, desestabilizando reinados, feudos, principados e outras formas de poder que não eram

exercidos pela aprovação direta da população. Por outro lado, a Maçonaria se manteve como uma sociedade iniciática, restrita a alguns tipos de cidadãos que, na verdade, mantiveram várias características aristocráticas. Aliás, a tal “Maçonaria dos Aceitos”, a maçonaria moderna, aceitou muitos nobres, apesar do seu ideário iluminista e das suas críticas ao Antigo Regime. Continuamos, portanto, com duas questões análogas a discutir: a primeira nos remete à natureza da sociedade moderna enquanto um padrão societal simultaneamente individualista e hierárquico; a segunda diz respeito à natureza da Maçonaria como uma organização simultaneamente moderna e tradicional.

Neste capítulo, tentaremos demonstrar mais alguns aspectos ambivalentes da Maçonaria, nos quais os princípios individualistas e hierárquicos procuram conviver harmoniosamente e contribuir para a reprodução institucional da Ordem. Estes aspectos envolvem o espaço sagrado dos maçons (o Templo), as hierarquias do ambiente maçônico e sua estrutura ritual.

### 3.1 - O Templo Maçônico: o Ideal e o Material

**VENERÁVEL:** Para que nos reunimos aqui Irmão 1º Vigilante ?

**1º VIG.:** Para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros; glorificar o Direito, a Justiça e a Verdade; para promover o bem-estar da Pátria e da Humanidade LEVANTANDO TEMPLOS À VIRTUDE E cavando masmorras aos vícios”. (De um Ritual Maçônico)

A mudança da sede do Grande Oriente do Brasil, em 1992, do Rio de Janeiro (antiga capital federal) para Brasília foi motivo de muita polêmica e pode ter vários significados. Entre eles: a proximidade com os centros de poder da República, a afirmação simbólica da potência federativa que funciona ao lado do “poder real”, o funcionamento legal, político e administrativo em espaço federativo neutro. Destacamos, no entanto, um outro aspecto dessa

mudança: a concepção arquitetônica da nova sede como atualização da tradição.

O famoso Palácio do Lavradio, tombado como patrimônio histórico brasileiro, palco de inúmeras disputas e decisões, com a sua concepção neoclássica, deu lugar a um palácio de concepção moderna – amplo, claro e funcional – mas sem deixar de reproduzir os principais símbolos maçônicos. Se a arquitetura neoclássica dos palácios governamentais cariocas, que serviam à Corte até o século XIX, deu lugar à arquitetura moderna e funcional de Niemayer no planalto central, o mesmo aconteceu com a modernização arquitetônica do principal palácio maçônico que, além de ser transferido para Brasília, também sofreu mudanças em sua concepção arquitetônica.<sup>1</sup>

Esse tipo de atualização da tradição nos lembra um episódio ocorrido depois da 2ª. Guerra, quando sacerdotes católicos recorreram a diversos artistas com o propósito de estimular uma renovação da estética sacra. Naquele momento, o ícone da arquitetura moderna, Le Corbusier, aceitou e realizou dois projetos para a Igreja Católica na França – A Capela de Ronchamp e o Monastério de Tourette. Por esta fusão de perspectivas, tanto os sacerdotes quanto o arquiteto sofreram inúmeras reservas dos seus respectivos grupos, mas os prédios ainda estão lá até os dias de hoje. Aliás, as cidades na Modernidade também podem ser consideradas uma confluência de tradições, pois como fatos materiais produtores de sentido quase sempre envolverão estilos, expectativas, propósitos e agentes polissêmicos.<sup>2</sup>

A análise do templo maçônico, no entanto, não deve se limitar às mudanças e permanências estéticas, simbólicas, político-administrativas e outros. Interessa-nos analisar o significado da reprodução de um espaço sagrado com valores, símbolos, ritos e

---

<sup>1</sup> Gostaríamos de acrescentar, somente a título de curiosidade, que o espírito republicano e modernizador dos cidadãos em geral não conseguiu substituir o nome dos espaços de disputa e exercício do poder, que continuaram a ser chamados de... Palácios.

<sup>2</sup> Cf. Monnier, 1985.

hierarquias em pleno ambiente moderno. Neste sentido, entrar em um templo maçônico é mergulhar em espaço completamente codificado pela tradição e suspender as regras que vigoram no espaço exterior. É a compreensão dessa solução de continuidade que nos desafia. Aqui, tentaremos uma breve descrição desse espaço tradicional (com seus símbolos e rituais) rodeado de Modernidade por todos os lados.

Para levantar “templos à virtude”, como se menciona o “Ir. 1º Vigilante”, a lei maçônica exige que todo esse combate seja desenvolvido em Loja, também chamada de Oficina ou Templo. Embora em períodos de exceção as reuniões possam ser realizadas em qualquer lugar, devidamente coberto (fechado), sem o Templo não há Maçonaria. É nesse espaço sagrado, separado do mundo, inacessível aos profanos, que os maçons expressam sua simbologia, organizam seus ritos, promovem suas iniciações, discutem suas tarefas etc. Segundo as normas maçônicas, expressas no Regulamento Geral da Federação do Grande Oriente do Brasil, as sessões das Lojas podem ser de três tipos<sup>3</sup>:

- a) **Ordinárias:** as de instruções, nos graus simbólicos; as administrativas; as de finanças;
- b) **Magnas - privativas de maçons:** as de iniciações, as de filiações e regularizações; as de elevações e exaltações; as de posse; as de regularização de Lojas; as de sagração de templo;
- c) **Magnas - admitida a presença de profanos:** as de adoção de Lowtons; as de confirmação de casamento; as de pompas fúnebres; as de conferências, palestras ou festivas; as de caráter cívico-cultural;
- d) **Especiais:** as de eleições; as do conselho de Família; as de concessão de “Placet Ex-Officio”etc.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Cf. Art. 82 do Regulamento Geral da Federação (GOB), 1995.

<sup>4</sup> “O ‘Placet Ex-Officio’ é um documento de caráter restritivo expedido pela Loja e entregue ao Obreiro cujo comportamento seja considerado, pela maioria dos membros, incompatível com a paz, a harmonia e a concórdia, ou a Obreiro que, nos termos da Constituição, seja inadimplente ou infrequente”. Cf. Art. 45 do Regulamento Geral da Federação (GOB), 1995.

As sessões, também chamadas oficinas, são caracterizadas por uma cor, correspondente à do cordão usado pelos maçons que a compõem: **Oficinas azuis** (ou simbólicas) – agrupam os maçons do 1º ao 3º grau; **Oficinas vermelhas** (ou Capitulares) – são os Capítulos que agrupam os maçons do 4º ao 18º grau; **Oficinas negras** (ou filosóficas) – são os Areópagos ou Concílios, que agrupam os maçons do 19º ao 30º grau; **Oficinas brancas** – são os supremos tribunais para o 31º, os Consistórios para o 32º e o supremo conselho para o 33º grau.<sup>5</sup> É importante realçar que todas essas oficinas podem ocorrer no mesmo templo. O que varia são os participantes e, conseqüentemente, os rituais. Por exemplo, numa sessão para obreiros do 3º Grau não podem participar os aprendizes (1º Grau) e companheiros (2º Grau).<sup>6</sup>

Existem, estimativamente, quase cinco mil templos distribuídos por todas as regiões brasileiras, desde as grandes metrópoles até as pequenas cidades nos mais longínquos rincões do país. Essas edificações, quase sempre discretas no seu exterior, construídas invariavelmente sob estrita observação da tradição maçônica, abrigam no seu interior toda a simbologia necessária para o pleno desenvolvimento do processo iniciático: colunas, altares, frases, utensílios, emblemas, painéis, bandeiras e muitos outros elementos que compõem a ritualística da Arte Real.<sup>7</sup>

Compreendemos que a descrição e análise do interior de um templo maçônico, seus rituais, usos e costumes naquele espaço se constituem-se numa tarefa extremamente complexa, visto que em muitos aspectos precisamos mais do que leituras, desenhos e fotografias para levar a cabo a tarefa. Estes elementos nos dão apenas uma idéia daquele espaço. Mesmo tendo visitado alguns templos, falta-nos a familiaridade com aquela multiplicidade

---

<sup>5</sup> Estamos nos referindo, especificamente, ao Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA).

<sup>6</sup> Cf. Figueiredo, 1998. Os comentários que se seguem dizem respeito somente às chamadas Lojas Azuis ou Simbólicas, aquelas que agrupam os três primeiros graus (Aprendiz, Companheiro e Mestre) do REAA.

<sup>7</sup> Uma das antigas definições da Maçonaria.

simbólica e, até mesmo, a variação observada em cada templo. Portanto, o presente texto não pretende elaborar uma descrição completa e detalhada do interior do templo maçônico. Objetivamos, simplesmente, apresentar os principais elementos que constituem o “espaço sagrado” dos Filhos da Luz, como também são conhecidos os maçons.

### **3.1.1 O Espaço Sagrado e suas Luzes**

O templo maçônico apresenta, regularmente, a forma de um quadrilongo, representando suas paredes os quatro pontos cardeais. A única porta, dando comunicação com o exterior, situa-se na parte do Ocidente, a meia distância entre o norte e o sul. Ao fundo, ocupando um terço do comprimento, está o Oriente, em nível mais elevado, ao qual se chega subindo por quatro degraus. Separa o Ocidente do Oriente uma balaustrada, tendo no centro uma passagem; próximas da porta de entrada elevam-se duas colunas, à direita de quem entra fica a coluna **J** e à esquerda a coluna **B**; ao longo das paredes laterais, pintadas ou em relevo, erguem-se doze outras colunas, seis de cada lado e equidistantes entre si, representando os doze signos do zodíaco; sobre essas doze colunas, circundando o templo, uma corda com 81 nós também equidistantes entre si; no meio do assoalho do Ocidente encontra-se o Pavimento Mosaico, de forma retangular, composto de quadrados alternadamente pretos e brancos, cercado de uma orla dentada, tendo desenhada uma borla preta em cada um dos seus ângulos e nos extremos dos seus eixos principais estão gravadas as letras correspondentes aos quatro pontos cardeais. Próximo ao fundo do Oriente fica o trono do Venerável Mestre e sobre ele um candelabro de três luzes, um malhete, uma pequena coluna em estilo jônico, além de duas cadeiras que ladeiam o trono do Venerável. À frente do trono podemos observar o Altar dos Perfumes, tendo por base uma coluna torsa e sobre ela uma trípole, um turíbulo e uma naveta. Mais adiante, à direita,

estende-se o painel da Loja. À frente e um pouco à esquerda do altar do 1º Vigilante está uma pedra áspera, de forma e contornos irregulares, a chamada Pedra Bruta (referência ao estado em que se encontram os aprendizes quando se iniciam); no lado do altar do 2º Vigilante, outra pedra, mas de superfície lisa e polida, perfeitamente esquadrejada e de faces iguais, a chamada Pedra Cúbica (símbolo de perfeição iniciática).<sup>8</sup>

No Ocidente, próximo à grade, está o Altar dos Juramentos e sobre ele o Livro da Lei, um Compasso e um Esquadro; perto da parede norte e próximo à coluna B, à esquerda do altar do primeiro vigilante, situa-se o Altar das Abluções, onde está o Mar de Bronze. Ainda no ocidente, nos lados norte e sul, observamos fileiras de assentos destinados, no norte, aos Aprendizes e no sul, aos Companheiros; à frente, nos dois lados, há cadeiras ou poltronas destinadas aos Mestres.

O teto do templo, de forma abobadada, é pintado e representa o firmamento, cuja tonalidade azul-clara no oriente vai, gradativamente, escurecendo em direção ao ocidente entremeado de nuvens. Vejamos o nível de detalhamento na orientação de como se deve pintar o teto do templo:

O Sol, com raios dourados, aparece um pouco à frente do Trono. Sobre o Altar do 1º Vigilante, encontra-se a Lua, em quarto crescente; sobre o Altar do 2º Vigilante, uma estrela de cinco pontas. No centro do teto, três estrelas da constelação de Órion alinham-se de norte a sul; entre estas e o noroeste, as sete Plêiades, as cinco Híades, em esquadro, e Aldebarã; a meio caminho entre Órion e o nordeste, Régulus, da constelação do Leão, e Arcturus, da constelação do Cocheiro; ao norte, as sete estrelas da constelação da Ursa Maior; a leste, Spica, da constelação da Virgem; a sudeste, Antares, da constelação do Escorpião; a sudoeste, Fomalhaut, da constelação do Peixe austral. As estrelas são amarelas, exceto Arcturus, que é vermelha. Aldebarã, Arcturus, Régulus, Antares e Fomalhaut são

---

<sup>8</sup> Cf. Rituais, Grande Loja do Paraná, 1975.

maiores que as demais. No oriente, Júpiter, que tem a forma de um disco alaranjado, com estrias amarelas; no Ocidente, Vênus, em forma de pequena lua prateada; junto ao Sol, Mercúrio, parecendo um disco vermelho-escuro; entre Órion e o Sol, Saturno, um disco amarelo-limão, com seus anéis concêntricos.<sup>9</sup>

A Sala dos Passos Perdidos é uma ante-sala do templo para a recepção de visitantes e Obreiros. Neste espaço deve permanecer o Livro de Presença e de registro de visitantes. Entre esta Sala e o Templo encontramos um compartimento onde permanecerá o Corredor do templo durante o transcurso das sessões.<sup>10</sup>

O último ambiente a ser descrito é a Câmara de Reflexões, que é um pequeno recinto, com localização variável de acordo com as dimensões do templo onde se recolhe o profano antes da iniciação para elaborar seu testamento e responder ao questionário que lhe é proposto. Nesta Câmara não pode haver a entrada de luz exterior, devendo ser iluminada por uma vela colocada sobre a mesa que se destina, com uma cadeira, ao uso do candidato. Nas paredes, de cor preta, figuram emblemas fúnebres gravados com tinta branca. Na parede que defronta com a mesa estão pintados um galo, uma ampulheta e, abaixo, as palavras VIGILÂNCIA E PERSEVERANÇA e V.I.T.R.I.O.L. (iniciais de uma frase em latim que condensava uma orientação célebre entre os alquimistas: *Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem*, ou seja, Explora o Interior da Terra. Retificando, Descobrirás a Pedra Oculta.).<sup>11</sup> Finalmente, nas paredes laterais, lêem-se as seguintes inscrições:

“Se a curiosidade aqui te conduz, retira-te”.

“Se queres bem empregar tua vida, pensa na morte”.

---

<sup>9</sup> Cf. Idem, p.21.

<sup>10</sup> Cargo dos oficiais da Loja encarregados de vigiar por sua segurança interna e externa durante os trabalhos. No vestíbulo do templo, o Corredor externo examina os visitantes que desejam penetrar, para certificar-se se são maçons, e na entrada o Corredor interno (guarda do templo) os recebe depois de autorizado pelo Venerável, todos mediante a troca de toques, sinais e palavras de passe. Cf. Figueiredo, S/D

<sup>11</sup> Cf. Chevalier e Gheerbrant, 2001. Existem algumas traduções dessas iniciais, mas o sentido é muito próximo.

“Se tens receio de que descubram teus defeitos, não estarás bem entre nós”.

“Se és apegado às distinções humanas, retira-te, pois aqui não as reconhecemos”.

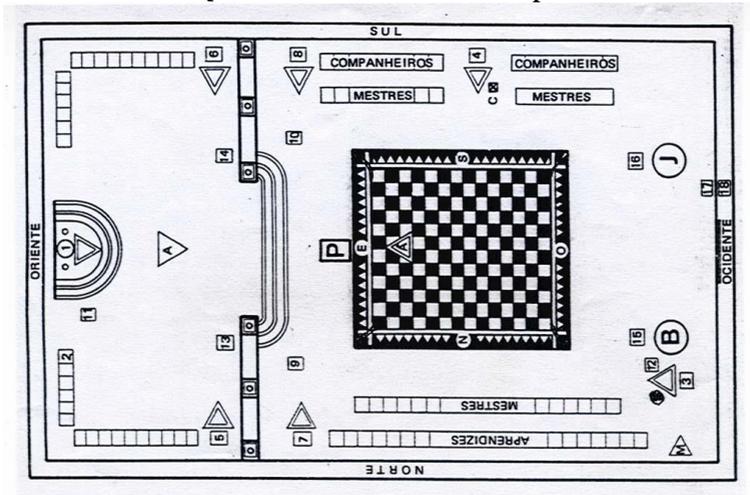
“Se fores dissimulado, serás descoberto”.

“Se tens medo, não vais adiante”.

“Deus julga os justos e os pecadores”.

“Somos pó e ao pó voltaremos”.

**Quadro 2: Planta baixa do Templo**



Fonte: Dicionário de Têrmos Maçônicos de José Castellani

O Templo, sumariamente descrito acima, é dirigido pelo que a Maçonaria denomina de Luzes e Oficiais, que são os membros da Loja que foram eleitos em votação livre e secreta para o exercício de determinadas funções durante um período predeterminado. Embora o número de dirigentes possa variar de acordo com o Rito adotado pela Loja, uma das composições possíveis é a seguinte:

**Luzes:**

- **Venerável** - Dirige a loja presidindo as sessões, representando a Loja junto aos poderes maçônicos e civis, fiscalizando os trabalhos etc.

- **1º Vigilante** – Tem a direção dos obreiros da sua coluna, substitui o Venerável em seus impedimentos etc.
- **2º Vigilante** – Tem a direção dos obreiros da sua coluna, substitui o 1º Vigilante em seus impedimentos etc.

## Oficiais:

- **Orador** – Observa e faz observar o estrito cumprimento da Lei zelando pela observância desses princípios, ler as leis e decretos do grão-mestre etc.
- **Secretário** – Redige os documentos, prepara sua expedição, organiza a correspondência, prepara os convites para as sessões etc.
- **Tesoureiro** – Arrecada a receita da Loja, paga as despesas, organiza prestação de contas etc.
- **Chanceler** – Depositário do timbre e do selo da Loja encarregado do Livro de Presença, do Livro Amarelo e do Livro Negro etc.
- **1º Experto** – Juntamente com os cobridores são os responsáveis pela segurança da Loja quando em sessão substituir o Cobridor etc.
- **2º Experto** – Idem.
- **1º Cobridor** – Verifica se os que desejam acesso ao Templo têm qualidade para tal e estão convenientemente vestidos etc.
- **2º Cobridor** – Idem.
- **1º Diácono** – Encarregado pela transmissão das ordens das Luzes aos demais irmãos.
- **2º Diácono** – idem
- **Mestre de Cerimônia** – Encarregado do cerimonial da Loja, recolher assinaturas necessárias, retransmitir ao Venerável a palavra semestral dada na cadeia da união etc.
- **Hospitaleiro** – Encarregado de recolher os donativos e visitar, cuidar e socorrer os enfermos, membros da Loja ou profanos aos cuidados desta.
- **Porta-estandarte** – Guarda e transporta o estandarte da Loja e as condecorações que lhes forem atribuídas.
- **Porta-espada** – Encarregado de conduzir a espada em todas as solenidades e cerimônias da Loja.
- **Arquiteto** – Encarregado da decoração e conservação do templo, organizar inventário do mobiliário, utensílios ritualísticos etc.

- **Mestre de Harmonia** – Selecionar músicas e preparar sonoplastia adequada para a execução dos rituais.
- **Mestre de Banquetes** – Organizar a realização dos banquetes, ritualísticos ou não, de confraternização ou de comemoração.<sup>12</sup>

As orientações sobre os procedimentos regulares para as sessões vão além da forma arquitetônica e seus dirigentes. Essas orientações envolvem outros elementos, tais como: **mobiliário** (Livro da Lei, Esquadro, Compasso etc.), **jóias** (pedra bruta e pedra lavrada) e **ornamentos** (pavimento mosaico, estrela flamígera, borda dentilada).

A Loja maçônica, como vimos anteriormente, não é sinônimo de Templo. Este último é um espaço que pode, inclusive, abrigar várias Lojas (reuniões dos grupos de iniciados). Apresentada esta ressalva, destacamos que todas as Lojas têm o seu próprio nome e que este, via de regra, procura expressar algum valor, símbolo, data comemorativa etc. Tentamos, portanto, sintetizar em cinco grupos as atitudes mais comuns na hora de denominar o “espaço sagrado” da Loja:<sup>13</sup>

- a) O mais comum é a afirmação de valores constitutivos da própria sociabilidade maçônica. Os casos mais recorrentes envolvem a afirmação da liberdade, da ordem, da perseverança, da fraternidade, da amizade, da razão, da união etc. Vejamos alguns exemplos de nomes de Lojas: Liberdade e Fraternidade; Fraternidade, Prudência e Luz; União e Verdade; Liberdade e Amor; União Racional; Honra e Dever etc;
- b) A segunda atitude mais comum no momento de nomear as Lojas é aquela que destaca símbolos rituais maçônicos, como a acácia, a aurora, a luz, a estrela, o delta, a pirâmide, o cruzeiro do sul etc. Daí os nomes: Acácia do Vale; Arquitetos da Pirâmide; Estrela da Caridade; Cavaleiros da Luz; Luz e Sabedoria; União do Sol etc;

---

<sup>12</sup> Cf. Rituais, Grande Loja do Paraná, 1975.

<sup>13</sup> Este levantamento foi realizado no ano de 2000 a partir do Guia de Lojas do GOB de 1999.

- c) Outra atitude muito comum na nomeação das Lojas é a homenagem a maçons históricos, maçons míticos ou irmãos mais próximos que pela sua dedicação à maçonaria acabou se destacando. No caso dos maçons míticos podemos observar Lojas com nomes de Filhos de Hiram, Estrela de Davi, Rei Salomão e outros; com respeito aos maçons de importância histórica elevada podemos observar homenagens a José Bonifácio, Gonçalves Lêdo, Barão do Rio Branco, Jacques DeMolay, Augusto dos Anjos etc. No que se refere às homenagens a maçons com atuação de âmbito mais localizado, podemos registrar algumas homenagens, tais como: José Álvares Maciel, Gilvan Barbosa, Tabelião Manoel Isaac Teixeira etc;
- d) Nomear as Lojas com datas comemorativas também é uma atitude comum no momento de escolher o nome do templo, seja de fatos historicamente importantes ou aquelas datas ligadas mais particularmente aos irmãos daquela loja específica. Vejamos primeiramente as datas mais homenageadas: 07 de setembro; 15 de Novembro, 1º de Maio, 21 de abril etc; nas homenagens específicas podemos ver: 27 de Abril, 14 de julho, 20 de agosto (essas datas podem estar ligadas à própria criação das Lojas);
- e) Podemos constatar, igualmente, que algumas Lojas também afirmam o objetivo filantrópico da instituição, como por exemplo: Caridade e Luz, Beneficência e Amizade, Amor e Caridade etc. Ressaltamos que Caridade e Filantropia são consideradas com o mesmo sentido, questão que discutiremos posteriormente.

**Tabela 8: Nomes das Lojas**

NOMES	%
Valores	35,6
Símbolos maçônicos	24,5
Homenagens pessoais	23,9
Datas comemorativas	4,1
Filantropia e caridade	3,1
Outros	8,8

Fonte: Guia de Lojas do GOB, 1999.

Como vimos, os nomes dos templos maçônicos, aqui pesquisados, nos remetem à dinâmica analisada ao longo deste

trabalho: a combinação da tradição-modernidade através da afirmação de símbolos, momentos históricos, ritos, personagens, mitos e valores que contribuem para a reprodução da Maçonaria.

### 3.2 – Méritos e Hierarquias

A estrutura hierárquica da Maçonaria se expressa de várias formas e constitui não somente um dos pilares da instituição, mas também a própria natureza das sociedades iniciáticas. Já vimos que cada espaço do ambiente maçônico é carregado de significado e autoridade hierárquica, o que não exclui, de todo, os momentos de relacionamentos fraternos, percebidos sem dificuldade por qualquer observador. Ressaltemos, no entanto, que toda hierarquia, *per si*, é a legitimação de uma verticalização, seja qual for o seu espaço e critérios de ascensão ou descensão. Aqui, o exercício de poder pelo superior hierárquico traz implícita a expectativa de obediência pelos inferiores hierárquicos. Importante ressaltar, no entanto, que a hierarquia do ambiente maçônico é estruturada a partir de critérios meritocráticos, como veremos a seguir. A ascensão hierárquica, aqui, se dá por intermédio do que chamaremos de hierarquização meritocrática, ou seja, aquela que envolve esforço e mérito por parte de quem pleiteia a ascensão. No caso da Maçonaria, tal procedimento significa, entre outros, a aplicação do Obreiro no que se refere à “ciência maçônica”, o seu bom comportamento dentro e fora do espaço da instituição e o cumprimento das regras maçônicas. Desta forma, ficam vetados, em tese, ascensões hierárquicas que se viabilizem a partir de heranças ancestrais, poder econômico, troca de favores ou quaisquer vínculos com grupos privilegiados. Não estamos afirmando, porém, que as ascensões iniciáticas estejam imunes a todas essas influências “exteriores”, apenas gostaríamos de afirmar que não vem daí a sua lógica interna. Faremos, a seguir, a descrição de algumas formas dessa hierarquização meritocrática no interior do universo maçônico.

Uma das expressões hierárquicas mais importantes no universo maçônico é aquela que diz respeito às Luzes da Loja, como são chamados os dirigentes maçônicos, democraticamente eleitos. Lembramos que a seqüência hierárquica varia de acordo com os ritos e tipos de sessão, podendo incluir, entre outros, funções tais como: Mestre de Banquetes, Mestre de Harmonia, Arquiteto Decorador, Arquivista/Guarda-Selos, Porta-Espada, Mordomo etc. O que descrevemos a seguir é uma dessas possibilidades.

**Quadro 3: Hierarquia nas Lojas**

01	Venerável Mestre
02	Mestre Instalado
03	1º Vigilante
04	2º Vigilante
05	Orador
06	Secretário
07	Tesoureiro
08	Chanceler
09	Mestre de Cerimônias
10	Hospitaleiro
11	1º Diácono
12	2º Diácono
13	Porta-Espada
14	Porta-Estandarte
15	1º Experto
16	2º Experto
17	Guarda do Templo
18	Cobridor

Fonte: Regulamento Geral da Federação (GOB), 1995.

Os artigos 34 e 35 da Constituição do GOB tratam das várias classes de maçons, estabelecendo o que significa regularidade e irregularidade. Mas o que nos interessa, no momento, é a classificação que hierarquiza e distingue alguns maçons em 03 tipos de Obreiros:

- I – são Eméritos os que tiverem mais de sessenta anos de idade e, no mínimo, vinte anos de atividade maçônica e os que tiverem trinta anos de atividade maçônica (isentos de pagamento);
- II – são Remidos os que tiverem sessenta e cinco anos de idade e mais de vinte e cinco anos de atividade maçônica, e os que vierem a se invalidar, facultando-se-lhes a dispensa de frequência (isentos de pagamento);
- III – são Honorários os que, não pertencendo ao Quadro da Loja, dela receberem esse título honorífico (isentos de pagamentos).<sup>14</sup>

Outra demonstração de distinção hierárquica é a concessão dos títulos honoríficos àqueles que prestaram grandes serviços à Ordem. Essas titulações, mais do que qualquer outra coisa, têm como consequência o aumento do capital simbólico de que as detém, o que não é pouco numa instituição que tanto valoriza esse tipo de capital. Os mais importantes, no âmbito do Grande Oriente do Brasil, são os seguintes:

#### **Quadro 4: Títulos Honoríficos**

Grão-Mestre Geral Honorário
Comendador de D. Pedro I
Grão-Mestre Estadual Honorário
Cruz da Perfeição Maçônica
Estrela da Distinção Maçônica
Grande Benemérito
Benemérito da Ordem

Fonte: Regulamento Geral da Federação (GOB), 1995.

Outro momento de distinção hierárquica no interior da Maçonaria é o período do exercício do luto pelos Irmãos que partiram para o Oriente Eterno, como é denominada a morte dos Obreiros da Ordem.

<sup>14</sup> Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil, 1996.

## O Luto Maçônico

1. **Grão-Mestre Geral** – 21 dias de luto e suspensão dos trabalhos por 07 dias em jurisdição nacional;
2. **Grão-Mestre Geral Adjunto** – 13 dias de luto e suspensão dos trabalhos por 05 dias;
3. **Grão-Mestre Estadual e DF** – 11 dias de luto e suspensão dos trabalhos por 07 dias na jurisdição;
4. **Grão-Mestre Estadual Adjunto** – 09 dias de luto e suspensão dos trabalhos por 05 dias;
5. **Presidentes do Supremo Tribunal de Justiça, da Assembléia Federal Legislativa, do Superior tribunal Eleitoral e Dignidades da Ordem** – 09 dias de luto e suspensão dos trabalhos por 03 dias;
6. **Procurador-Geral, delegados do Grão-Mestre Geral, membros efetivos do Conselho Federal, Deputados da Assembléia Federal Legislativa, Ministros dos Tribunais** – 07 dias de luto e suspensão dos trabalhos no dia do sepultamento;
7. **Presidente da Assembléia Legislativa Estadual e do DF, Presidentes do Tribunal de Justiça Estadual e do DF, Tribunal Eleitoral Estadual e DF, Deputados da Assembléia Legislativa Estadual e do DF, Juízes de Tribunais** - 07 dias de luto e suspensão dos trabalhos por três dias nas Lojas da jurisdição;
8. **Venerável da Loja** – 05 dias de luto e, na Loja que presidia, suspensão dos trabalhos da sessão seguinte;
9. **Grão-Mestre Geral Honorário** – 09 dias de luto e suspensão dos trabalhos no dia do sepultamento;
10. **Grão-Mestre de Potências estrangeiras e portador da condecoração da Comenda de D. Pedro I** – 09 dias de luto;
11. **Grão-Mestre Estadual Honorário e do DF, Garante de Amizade do GOB** – 07 dias de luto e suspensão dos trabalhos no dia do sepultamento;
12. **Portador da condecoração da Cruz da Perfeição Maçônica ou da Estrela da Distinção Maçônica** – 05 dias de luto;
13. **Portador do Título de Grande Benemérito e Benemérito da Ordem** – 03 dias de luto.<sup>15</sup>

Mesmo que nos limitemos a essas poucas exemplificações, podemos observar que o ambiente maçônico é amplamente

---

<sup>15</sup> Cf. Título XIII do Regulamento Geral da Federação (GOB), 1995.

hierarquizado. Mas, atentemos para o fato de muita importância para a discussão que desenvolvemos aqui: o que observamos é uma hierarquia meritocrática. Em outras palavras, a “mobilidade” do indivíduo não se efetiva a partir de traços hereditários ou quaisquer outros *a priori*; ao contrário, é o mérito do indivíduo, seu discernimento no aproveitamento das oportunidades e sua capacidade de realização que o farão ascender na estrutura da Ordem. Poderíamos conjecturar que o mecanismo de hierarquização meritocrática aproxima a lógica maçônica à vertente liberal do Iluminismo que sempre enfatizou, no igualitarismo individualista moderno, a dimensão da igualdade de oportunidades e do poder do indivíduo de ter a igualdade somente como ponto de partida e não de chegada.<sup>16</sup>

Entretanto, poderíamos perguntar: o ambiente moderno, com seu individualismo igualitarista, também não estaria perpassado de várias formas desse tipo de hierarquização? Não seria a hierarquia, em ambiente moderno, um valor complementar ao individualismo?

Em seu incontornável *Homo Hierarchicus*, embora esteja discutindo a sociedade indiana, Dumont comenta sobre a dificuldade de vários autores modernos para entender a racionalidade universal do fenômeno da hierarquia e seu improvável desaparecimento enquanto fenômeno social:

Adotar um valor é hierarquizar, e um certo consenso sobre os valores, uma certa hierarquia das idéias, das coisas e das pessoas é indispensável à vida social. Isso é completamente independente das desigualdades naturais ou da repartição do poder. Sem dúvida, na maioria dos casos a hierarquia se identificará de alguma maneira com o poder, mas o caso indiano nos ensinará que não há nisso nenhuma necessidade. Ademais, é compreensível e natural que a hierarquia englobe os agentes sociais, as categorias sociais. Com relação a essas exigências mais ou menos necessárias da vida social, o ideal igualitário – mesmo

---

<sup>16</sup> Cf. Rouanet, 1993; Outhwaite, 1996, p.372.

se ele for julgado superior – é artificial. Ele representa uma exigência humana que corresponde, além disso, à escolha de certos fins, uma negação voluntária num domínio restrito de um fenômeno universal. Não mais do que para Tocqueville, não se trata para nós de colocar esse ideal em questão, mas haveria interesse em compreender até que ponto ele se opõe às tendências gerais das sociedades e, portanto, até que ponto nossa sociedade é excepcional e é dedicada à realização do ideal igualitário.<sup>17</sup>

No universo da Maçonaria, como vimos, o fenômeno da hierarquia é parte estruturante da Ordem, ou seja, não há possibilidade de Maçonaria sem hierarquia. Ao mesmo tempo, não há Maçonaria sem individualismo, pois é justamente este que, resignificando aquela, constitui o elemento dinâmico dessa dualidade. Nesse sentido, parece-nos razoável analisar este aspecto da Maçonaria à luz das reflexões daqueles que nos apontam uma capacidade reflexiva do indivíduo moderno e, neste caso específico, de uma atitude de tradicionalização reflexiva. Este conceito pode nos auxiliar na compreensão da dinâmica de fenômeno maçônico que envolve, em seu cerne, a estrutura ambivalente indivíduo-hierarquia.<sup>18</sup>

### 3.3 - A diversidade do ritual maçônico

A maçonaria é uma instituição essencialmente **iniciática**, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Seus fins supremos são: LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Cf. Dumont, 1997.

<sup>18</sup> Cf. Giddens, 1997.

<sup>19</sup>Cf. Art. 1º da Constituição do GOB.

Apesar de podermos observar a estrutura hierárquica da Ordem maçônica a partir das expressões descritas anteriormente, a base de toda a distinção hierárquica no interior da Ordem é estabelecida a partir das iniciações ritualísticas, que passaremos a discutir.

A Maçonaria conta com algumas dezenas de ritos, variando a depender do país, da religiosidade (ou ausência dela) no âmbito de cada Loja, das ligações internacionais dos membros dessas Lojas, da interpretação da simbologia tradicional da instituição e muitos outros fatores. Apesar dessa diversidade, podemos identificar as permanências, os aspectos unitários, os núcleos invariáveis. De acordo com Alberton, os ritos maçônicos podem ser definidos como:

(...) um conjunto de regras segundo as quais se praticam as cerimônias e se comunicam os graus, sinais, toques, palavras e todas as demais instruções secretas daí decorrentes. Igual nome toma o conjunto de cerimônias e instruções primitivas de cada sistema, como também o governo maçônico dos altos corpos dirigentes da Maçonaria em cada país.<sup>20</sup>

Alguns levantamentos chegaram a contabilizar mais de uma centena de ritos espalhados pelo mundo, porém no âmbito do Grande Oriente do Brasil (GOB) existem apenas 06 ritos, como podemos verificar abaixo, embora exista uma larga predominância do Rito Escocês Antigo e Aceito, ao qual nos reportaremos com mais detalhe no presente texto.

### **3.3.1 - O Rito Escocês Antigo e Aceito**

O Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), apesar do nome, tem sua origem na França. É um rito que tentou sintetizar todos os

---

<sup>20</sup> Cf. Alberton, s/d.

ritos maçônicos existentes no século XVIII e nos dias atuais é praticado em todo o mundo; também é responsável pelo estabelecimento da escala de trinta e três graus<sup>21</sup>:

**GRAUS SIMBÓLICOS** (1° - 3°): **Aprendiz, Companheiro e Mestre.**

**GRAUS INEFÁVEIS** (4° - 14°): **Mestre Secreto**, Mestre Perfeito, Secretário Íntimo, Preboste ou Juiz, Intendente dos Edifícios, Mestre Eleito dos Nove, Mestre Eleito dos Quinze, Sublime Cavaleiro Eleito, **Grão-Mestre Arquiteto, Cavaleiro de Real Arco, Grande Eleito da Abóbada Sagrada ou Sublime Maçom.**

**CAPÍTULOS OU OFICINAS VERMELHAS** (15° - 18°): Cavaleiro do Oriente ou da Espada, Príncipe de Jerusalém, **Cavaleiro do Oriente e do Ocidente, Cavaleiro Rosa-Cruz.**

**AREÓPAGOS OU OFICINAS FILOSÓFICAS** (19° - 30°): Grande Pontífice ou Supremo Escocês da Jerusalém Celeste, Venerável Grão-Mestre de Todas as Lojas Regulares ou Mestre *ad Vitam*, Noaquita ou Cavaleiro Prussiano, Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano, Chefe do Tabernáculo, Cavaleiro da Serpente de Bronze, Escocês Trinitário ou Príncipe da Mercê, Grande Comendador do Templo, Cavaleiro do Sol, Grande Escocês de Santo André, Grande Eleito Cavaleiro Kadosh ou Cavaleiro da Águia Branca e Negra.

**GRAUS ADMINISTRATIVOS** (31° - 33°): Tribunais (31°) - **Grande Inspetor Comendador**, Consistórios (32°) - **Sublime Príncipe do Real Segredo**, Supremo Conselho (33°) - **Soberano Grande Inspetor Geral.**<sup>22</sup>

### 3.3.2 - Ritos, Símbolos e Iniciação

Comentando os ritos nas sociedades arcaicas, Eliade afirma que os rituais religiosos referem-se a acontecimentos míticos provocados por heróis ou seres divinos e através de iniciações tentam aproximar o neófito da sua cultura, através da repetição

---

<sup>21</sup> Existem os graus conferidos por comunicação e os conferidos por iniciação, estes últimos estão indicados pelo nosso grifo.

<sup>22</sup> Cf. Figueiredo, 1998.

das ações exemplares levadas a cabo pelos seus heróis míticos na aurora dos tempos. Aqui, é importante lembrar a importância da violência como fundadora da cultura. Podemos observar que, praticamente, todos os mitos narram mortes, assassinatos, mutilações etc. Os ritos tentam reproduzir esses acontecimentos através da violência mimética ritual. Quando Eliade se refere a símbolos como morte iniciática, casa iniciática, reclusão iniciática, renascimento iniciático, seleção entre muitos, ensino de uma língua secreta, imposição de um novo nome, prova de fidelidade, ameaças de punição em casos de infidelidade, interdição de certos grupos etc., podemos, facilmente, observar nas descrições sobre os rituais maçônicos boa parte desses símbolos.<sup>23</sup>

A ritualística que descreveremos a seguir está circunscrita aos três primeiros graus da maçonaria, os graus simbólicos, do Rito Escocês Antigo e Aceito, quais sejam: aprendiz, companheiro e mestre. Podemos observar que a própria terminologia dos graus expressam a idéia de evolução e de método processual na realização da iniciação maçônica.

Antes de qualquer descrição, é importante reafirmar que o “profano“, além de não poder tomar a iniciativa de se propor candidato a maçom, deve atender a alguns critérios, entre eles: ser do sexo masculino; ter 21 anos de idade ou ser emancipado; ter instrução suficiente para compreender os ensinamentos morais e esotéricos da Ordem; crer num Ser Superior; não portar nenhuma deficiência física; ter profissão que lhe assegure a subsistência e a possibilidade de contribuir financeiramente com a Ordem; ser reconhecido como cidadão de conduta ilibada e ser indicado por um maçom. Esse procedimento de indicação ocorre a partir da iniciativa de um dos irmãos de determinada Loja que numa sessão ordinária coloque no “tronco das proposições”.<sup>24</sup> Essa proposição

---

<sup>23</sup> Eliade, 2001.

<sup>24</sup> Bolsa ou saco que serve para recolher, antes do término de todas as sessões, todas as propostas e demais documentos escritos dirigidos à Loja. Esses documentos envolvem questões que vão desde

será levada ao conhecimento do Venerável Mestre que, após a leitura em voz alta, vai nomear, se não houver objeções, uma comissão secreta de sindicância, cujos resultados cada membro dará por escrito e isoladamente. O resultado da sindicância somente irá à votação secreta, em três escrutínios, se não apresentarem divergências e o indicado for considerado “limpo e puro”.

A caminhada “das trevas à luz” ou o período que se estende da “pedra bruta à pedra cúbica” podem coincidir com o período que começa com a iniciação do Aprendiz, passa pela iniciação do Companheiro e se conclui com a iniciação ao grau de Mestre. Dizemos que podem coincidir porque há quem afirme, no interior do movimento maçônico, que a verdadeira iniciação não é automática e simultânea aos ritos iniciáticos propriamente ditos. Este tipo de formulação procura chamar atenção, ente outras questões, para o nível de comprometimento dos iniciados com a busca do exercício da “verdadeira Arte Real”, ou seja, os rituais de passagem são a condição necessária, mas não suficiente para “encontrar a Luz”. Dito isto, faremos uma breve descrição e alguns comentários acerca dos três graus acima indicados, no âmbito do REAA.

### **a) O Grau de Aprendiz: iniciação e símbolos**

Este é o primeiro grau na escala de iniciação maçônica, o começo da caminhada “em busca da Luz”. Este grau envolve, basicamente, a socialização do neófito nos usos, costumes, leis, mistérios, simbologia etc. Aqui, o principal objetivo é “desbastar a *Pedra Bruta*”, como se diz no jargão maçônico, começar o trabalho de reeducação e aprimoramento material, intelectual e espiritual.<sup>25</sup>

---

solicitações para o ingresso de profanos, até pedidos de afastamento ou de socorro financeiro. Cf. Figueiredo, 1998.

<sup>25</sup> Todas as informações veiculadas a seguir, sobre as iniciações nos graus simbólicos, têm como base o Manual de Instruções da Grande Loja do Paraná de 1975.

A iniciação começa com a preparação do candidato, que é levado para a Loja por aquele que o indicou à Ordem. Chegando ao templo, o iniciando tem os olhos vendados e é entregue aos cuidados do Ir. Experto que o guiará até a Câmara de Reflexões, onde o candidato será despojado de todos os metais (relógio, pulseira, colar etc.), o que significaria estar despojado das vaidades e luxos do mundo profano. O iniciando deverá ter o lado esquerdo do peito e a perna direita, até o joelho, nus. Em seguida, serão deixados a folha de testamento e o questionário para que o candidato responda com absoluta sinceridade, para que o grupo que o iniciará possa conhecer seu repertório moral e filosófico. O modelo do questionário, via de regra, apresenta as seguintes questões:

À GLÓRIA DO GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO.

Senhor.

Respondei livremente às seguintes perguntas:

Quais são vossos deveres para com Deus?

Quais são vossos deveres para com a Humanidade?

Quais são vossos deveres para com a Pátria?

Quais são vossos deveres para com a Família?

Quais são vossos deveres para com o Próximo?

Quais são vossos deveres para convosco?

Após a leitura das respostas ao questionário e do testamento, pelo Ir.Orador, caso não haja nenhuma objeção, procede-se à iniciação propriamente dita por solicitação do Venerável Mestre. O Ir. Experto conduzirá o iniciando da Câmara de Reflexões até o interior do Templo para o prosseguimento do ritual, que envolve movimentação no interior do Templo, Orações, Juramentos, quatro provas: a da Terra, da Água, do Ar e do Fogo. A prova da Terra é a passagem do candidato pela Câmara de Reflexões. A prova do Ar é cumprida através da superação de alguns obstáculos encontrados pelo iniciando e durante sua circulação por trechos do templo. A prova da Água envolve, mais uma vez, uma circulação ritual pelo templo, onde o candidato ouve tinir de espadas e música, bem como lava suas mãos no Mar de Bronze, uma espécie de pia

batismal onde ele se purifica. A prova do Fogo envolve mais uma circulação ritual pelo templo, que culmina no Altar dos Perfumes onde o Mestre de Cerimônias o incensa três vezes, antes de ele passar pelas chamas do Fogo Sagrado, representado por velas acesas próximas às Colunas.

Após essas provas purificadoras, o candidato se submete ao Batismo de Sangue, que não traz consigo nenhuma literalidade, apenas significa o compromisso de sacrificar-se, se necessário, pela Pátria, pela Humanidade e pela Ordem. Em seguida, o Venerável Mestre manda imprimir-lhe no peito a marcar inextinguível que o tornará reconhecido por todos os maçons – o Ir. Chanceler aproxima do peito do iniciando um foco luminoso que lhe transmite impressão de calor. O próximo passo é se comprometer com as contribuições para o Tronco da Beneficência, que tem como objetivo socorrer Irmãos, viúvas e órfãos necessitados, sem ostentação nem publicidade. Por fim, o juramento final, onde o iniciando se compromete a guardar os segredos que lhes são confiados; defender e proteger os Irmãos em todo o mundo; manter-se como um cidadão honesto e digno; defender os valores da Pátria, da Família e da Ordem; guardar respeito às autoridades maçônicas etc. Após este juramento, o Ir. Experto conduz o iniciando para fora do templo e espera a decisão do grupo. Caso seja positiva, o iniciando é levado para frente do Altar dos Juramentos e, ajoelhado, presta o seu juramento solene com a mão direita sobre o Livro da Lei e com a mão esquerda segurar um compasso. O juramento é o que resumimos acima e, cada trecho lido pelo Venerável Mestre, o candidato deve responder: Juro! Esta parte do ritual é encerrada com a seguinte fala do Venerável Mestre: “Senhor, prestaste vosso juramento solene. De hoje em diante, estais ligado para sempre à nossa Ordem”.

O passo seguinte é conduzir o iniciando ao Átrio, onde existe pouca luz e um Irmão está deitado ao solo e recoberto com um pano preto, simulando um morto. Os Irmãos, neste momento, estão encapuzados e com suas espadas apontadas para o candidato,

enquanto o Mestre de Cerimônias desvenda o iniciando. Nesse instante, o Venerável Mestre apresenta o corpo estendido no chão como São João Batista, Mestre e Protetor da Ordem, símbolo do verdadeiro maçom que se sacrifica em nome da justiça, da dignidade e da lealdade aos princípios. As espadas apontadas na direção do iniciando significam que não haverá nenhuma possibilidade de um perjuro encontrar refúgio, em qualquer lugar do mundo, sem que seja desmascarado pela vergonha do crime. Em seqüência a este momento do ritual, o iniciando volta a ser vendado e conduzido para o templo, onde fica entre Colunas. A luz do templo é apagada e o Venerável Mestre afirma: “No princípio do mundo, disse o Grande Arquiteto do Universo – Faça-se a Luz! E a Luz foi feita! A luz seja dada ao neófito!” O Mestre de Cerimônia desvenda o iniciando e, em seguida, a luz reaparece no templo. *Sic transit gloria mundi* – Assim passa a glória deste mundo, diz o Venerável.

O neófito seguirá para o Altar dos Juramentos onde o Venerável Mestre colocará a espada sobre a sua cabeça e o constituirá Aprendiz-Maçom, entregando-lhe o Avental, dois pares de luvas (um para homem e outro para mulher), comunica-lhe os segredos do grau de Aprendiz (palavras, toques e sinais) e o conduz para fora do templo para sua primeira entrada como Obreiro a fim de ocupar o seu lugar próximo à Coluna dos Aprendizes, assinar o seu *ne varietur* (sua assinatura) na Tábua da Loja (livros) e o recebimento da Régua, Maço e Cinzel, instrumentos do Aprendiz-Maçom na sua tarefa de “desbastar a Pedra Bruta” e aprofundar os conceitos da Arte Real.

## **b) O Grau de Companheiro: iniciação e símbolos**

Este grau tem uma importância histórica que deve ser destacada, tendo em vista que no período da Maçonaria Operativa só havia o grau de Aprendiz (onde se iniciava nos segredos do ofício de construir) e o de Companheiro, quando o indivíduo já havia se familiarizado com esta profissão. O Mestre, naquele

período, era apenas o mais experiente entre os Companheiros. Do ponto de vista da Maçonaria Moderna (ou Especulativa), no entanto, este grau objetiva “polir a *Pedra Bruta*” e levá-la ao seu ápice. Neste grau, o iniciado aprofunda seu aprimoramento intelectual, artístico e psíquico.<sup>26</sup>

O ritual de elevação de Aprendiz a Companheiro-Maçom tem como ponto de partida a avaliação de desempenho do Aprendiz, seus procedimentos em relação à Ordem, sua capacidade de aprimoramento, sua conduta no meio em que vive e seu discernimento em relação às instruções recebidas. Aqui, já não se trata de apresentar um profano, mas de continuar o trabalho de conhecimento da Arte Real. As provas que serão empreendidas, através das viagens simbólicas, buscarão enfatizar o desenvolvimento das idéias do iniciando, propiciando-lhe possibilidades para o conhecimento das coisas e dos seres, principalmente do seu próprio ser.

O ponto de partida da iniciação também fica a cargo do Ir. Experto que conduzirá o iniciando ao Templo para fazer as cinco viagens simbólicas do Grau de Companheiro-Maçom. Na primeira viagem (já vimos que tais viagens se realizam pela circulação ritualística pelo templo), a Régua, portada pelo iniciando, é substituída pelo Maço e pelo Cinzel. O primeiro simboliza a força que age sob a direção do espírito, da sabedoria e da ciência e o segundo tem um simbolismo essencialmente moral – é o agente imediato do gênio que aperfeiçoa o que é informe e grosseiro. Na segunda viagem, Maço e Cinzel serão substituídos pela Régua e pelo Compasso, que simbolizam a consciência e a justiça, respectivamente. Na terceira viagem, Régua e Compasso serão substituídos pela Alavanca, que simboliza o poder e a força que resiste a tudo o que é impuro, tirânico, corrupto. Na quarta viagem, a Alavanca é substituída pela Régua e o Esquadro, que são instrumentos de medição simbólica da pedra que vem sendo

---

<sup>26</sup> Cf. Castellani, 1995.

desbastada. Na quinta viagem, o Experto coloca a ponta da espada sobre o coração do iniciando que, por sua vez, fixa-a com os dedos índice e polegar, voltando para entre Colunas, simbolizando com isto a disposição de evoluir do entendimento do plano físico para o plano espiritual. Na última parte da sessão de iniciação, aqui resumida, o Ir. Orador pronuncia, entre outras questões, o seguinte discurso:

Pelo símbolo das cinco viagens misteriosas, a Maçonaria colocou diante de vossos olhos tudo o que é necessário para empreender a grande jornada que encetastes sob os raios da V. L. Ela regulou a ordem dos trabalhos e mostrou-vos a imensa distância em que nos achamos da perfeição, a fim de que possais chegar, pela ciência e pela moral, ao grau de sabedoria com que o gênio do Mestre começa a distender as asas para o vôo às regiões do sublime.<sup>27</sup>

Após as viagens, o iniciando é conduzido ao Altar dos Juramentos e pronuncia o juramento do Companheiro-Maçom: “Eu juro e prometo nunca revelar os segredos de Companheiro-Maçom que me vão ser confiados. Se eu faltar com a minha palavra, consinto que me seja A.. o C.., para servir de pasto a abutres, por ter sido incapaz de guardar uma promessa feita, sem o menor constrangimento, perante esta assembléia de homens dignos e da qual me honro em fazer parte. Assim, Deus me ajude.” Em seguida, o Venerável Mestre coloca a espada acima da cabeça do iniciando, ordena que abaixe a beta do seu avental, revela-lhe os segredos do Grau de Companheiro-Maçom (palavras, toques e sinais), o iniciando assina o *ne varietur* na Tábua da Loja e se acomoda na Coluna Sul.

### **c) O Grau de Mestre-Maçom: iniciação e símbolos**

A descrição sumária vista anteriormente tentou demonstrar o trabalho material do Aprendiz para desbastar a Pedra Bruta, o

---

<sup>27</sup> Cf. Rituais, Grande Loja do Paraná, 1975.

trabalho intelectual do Companheiro para a realização da Pedra Cúbica e prosseguiremos com a descrição do trabalho espiritual do Mestre, que tem como missão espalhar a Luz e reunir o que está esparso. Segundo alguns estudiosos, toda a Arte Real, a rigor, se esgota nestes três graus simbólicos, mas deixemos esta controvérsia para outra oportunidade.

O objetivo do Mestre-Maçom é ser perfeito. Senão, vejamos:

Consagrado à firmeza de caráter, à Moral que não transige com o dever, o grau de Mestre-Maçom faz do iniciado um ser que se sobrepõe a si mesmo, que se liberta das baixas contingências gregárias, para viver nos outros, isto é, espalhar a Luz e fazer da fraternidade humana a mais forte, a mais pura e tangível realidade. Morrendo para os vícios, erros e paixões, liberto que está da influência das ilusões, o Mestre renasce no estado de inocência, no Amor que fortalece, na Verdade que dignifica e na Virtude que sublima, para, no cumprimento do dever, sacrificar-se pela Humanidade. Este, o programa real da Maçonaria Simbólica, que o Mestre deve realizar, para, com seus Irmãos, encontrar a Palavra Perdida, que opera o milagre da ressurreição.<sup>28</sup>

A preparação do candidato para a iniciação no grau de Mestre exige que ele esteja com o braço e o pé esquerdo nus; trazendo na mão direita um esquadro e, na cintura, uma corda branca, dando três voltas; deverá, ainda, estar vestindo o avelal do grau de Companheiro-Maçom.

Após a consulta do Venerável aos demais Irmãos, o Ir. Experto conduzirá o iniciado à porta do templo. Em seguida, inicia-se uma representação que envolve a solicitação do Companheiro para ser admitido no novo Grau; a desconfiança dos Irmãos, tendo em vista que foi um “Companheiro” que assassinou o “maçom-original”, Hiram Abiff; após circulação ritual pelo Templo, o iniciado profere o juramento do grau de Mestre:

---

<sup>28</sup> Idem. *Ibidem*.

Eu,..., juro por minha livre vontade e em presença do G.A.D.U. e desta Loja consagrada a São João, nunca revelar os segredos do Grau de Mestre, cumprir e fazer cumprir os deveres impostos aos Mestres. Se eu for perjuro, seja meu C. D. ao M. e U.P.L ao S. e outra ao S. e minhas E. A. e R. a C. e estas L. ao V. que o G.A.D.U. me ajude a cumprir este juramento.<sup>29</sup>

Após o juramento, o Venerável ordena: “Levantai-vos, Ir. Companheiro. Ides, agora, representar o maior homem do mundo maçônico, nosso Respetabilíssimo Mestre Hiram, assassinado quando a construção do Templo de Salomão atingira seu maior grau de perfeição.” Esta ordem do Venerável dá início à representação do mais importante ritual dos graus simbólicos. O ritual consiste, basicamente, na narração da Lenda de Hiram e numa circulação ritualística em torno de um esquiife. A narração da Lenda sofre pequenas variações, a depender do rito, do lugar e do período em que é contada. Faremos, a seguir, uma transcrição sintética de uma dessas narrações.

David, rei de Israel, tencionava erigir um Templo ao eterno e, para este fim, acumulou imensos tesouros. Desviando-se, porém, do caminho da virtude, faltou-lhe a proteção do G.A.D.U.. Assim, a glória da edificação coube ao seu filho Salomão, que, antes de dar início à construção de tão suntuoso Templo, pediu a seu aliado e amigo Hiram, rei de Tiro, que lhe enviasse o mais célebre arquiteto de seu reino. Foi enviando Hiram Abiff, grande perito em arquitetura, a quem Salomão, conhecendo-lhe as virtudes e o talento, confiou a direção dos Obreiros, cercando-o de todas as honras de que era merecedor.

Como os trabalhos eram imensos e os Obreiros, vindos de vários países, não tinham o mesmo preparo, Hiram, para perfeita distribuição dos sérvios, dividiu-os em três classes – Aprendizes, Companheiros e Mestres, tudo de acordo com o preparo e competência de cada um. Os pontos de reunião eram: para os

---

<sup>29</sup> Cf. Idem, ibidem.

Aprendizes, a coluna do Norte; para os Companheiros, a Coluna do sul; e para os Mestres, a Câmara do Meio.

Pela dedicação e pelo esforço empregado, os operários mais estudiosos iam subindo de categoria e, com esta, recebiam aumento de salário. Dentre os Companheiros mais hábeis e mais dignos, pretendia Salomão, ao término da construção, elevar a Mestre os que realmente o merecessem, a fim de que, ao voltarem para o seu país, pudessem angariar mais facilmente a vida, como Mestres de outras Construções.

Quase ao terminar a construção do Templo, quinze Companheiros, que ainda não tinham completado o tempo de estudos, desejosos de regressarem à Pátria, combinaram arrancar de Hiram a P. M , para que, muito embora sem conhecimentos precisos, pudessem freqüentar a Câmara do Meio.

Conseguido que fosse esse intento, regressariam ao seu país de origem e aí seriam reconhecidos e tidos como Mestres, obtendo melhores salários.

Dos quinze Companheiros, apenas três levaram avante o projeto, pois os doze outros, logo arrependidos da combinação, faltaram ao encontro. Três irmãos, J. J. e J. penetraram no Templo e foram ocupar, respectivamente, as portas do Sul, do Ocidente e do Oriente, por uma das quais deveria sair Hiram, ao terminar as orações que fazia no santuário.

Ao sair pela porta do Sul, J. interceptando-lhe os passos, exige-lhe a P. de M., ao que lhe responde Hiram: ‘Não é por este meio que a podereis receber; tende paciência e completai vosso tempo com zelo e diligência e lá chegarás. Além disso, só a recebereis em presença dos Reis de Israel e de Tiro, pois jurei só revelá-la em presença de ambos’. Raivoso com esta resposta e desejando intimidar o Mestre, J. dá-lhe uma pancada com a régua. Hiram desviando o rosto, é atingido na garganta.

Hiram precipita-se para a porta do Ocidente, a fim de fugir às iras de J., mas, a embargar-lhe os passos, encontra J. que, fazendo-lhe a mesma intimação e recebendo a mesma resposta,

dá-lhe forte pancada no coração com a ponta do esquadro, ferindo-o no peito.

Atorreado, mais ainda senhor de suas forças, Hiram procura sair pela porta do Oriente, onde J., como os outros dois, contrariado por ver inútil sua traição, dá-lhe com o malho, forte pancada na cabeça, prostrando-o morto.<sup>30</sup>

A Lenda ainda narra os procedimentos dos criminosos para ocultar o cadáver; a busca do corpo do Mestre, perpetrada pelos Obreiros fiéis a Hiram; a punição dos assassinos e o encontro do corpo. Na ritualística, no entanto, após entrar no esquife, ainda há a atitude de “ressuscitar” o Companheiro e torná-lo Mestre, após novo juramento e movimentação ritual do Venerável.

É importante que façamos, aqui, uma distinção entre uma narrativa iniciática e uma epopéia sacra. Nas palavras de Carvalho, a distinção é a seguinte:

Epopéias sacras e mitológicas são aqueles poemas narrativos que, para toda uma civilização, têm o prestígio de verdades reveladas; no início dos tempos, eles fixam uma cosmovisão, os valores, as leis e os princípios educacionais que vão orientar os homens e moldar os costumes enquanto durar essa civilização. Narrativas iniciáticas são histórias inventadas numa época mais tardia e que, sem terem a autoridade de revelações primordiais, são admitidas, por certos grupos ou indivíduos, como uma espécie de ensinamento espiritual e religioso. As narrativas iniciáticas versam, geralmente, sobre aspectos ou partes das epopéias sacras, que elas prolongam, ilustram, comentam e especificam, adaptando o fundo da mensagem espiritual à mentalidade e a linguagem de uma nova época. Elas revigoram e atualizam certas potencialidades espirituais contidas na revelação, que arriscariam enfraquecer-se à medida que a passagem dos tempos e as mudanças da linguagem vão dificultando às novas gerações a compreensão direta da epopéia sacra. A diferença entre epopéia sacra e narrativa iniciática consiste fundamentalmente em que os heróis da primeira são deuses, semideuses ou, num quadro

---

<sup>30</sup> Cf. Idem, *ibidem*.

monoteísta estrito, aspectos de Deus ou forças de origem divina. Os heróis da narrativa iniciática, sem terem poderes divinos nem falarem diretamente em nome de Deus, são seres humanos de excepcional envergadura, protegidos ou guiados de perto por forças divinas, cuja presença e atuação no mundo eles representam de maneira mais ou menos sutil e indireta.<sup>31</sup>

Embora exista em todos os ritos maçônicos, inclusive nos “irregulares”, a Lenda do Terceiro Grau não é imemorial nem tem a sua origem obscura; foi criada em 1724, juntamente com a criação da Primeira Grande Loja em Londres. O significado desse ritual tem suscitado algumas controvérsias em função de seu conteúdo fúnebre. Contudo, para estudiosos maçons, a encenação do assassinato de Hiram é de grande utilidade para a reflexão sobre a única certeza que teríamos na vida: a morte.

Hiram é agredido, Hiram sofre, Hiram enfrenta a morte, mas Hiram não revela o segredo que era obrigado a guardar. É o exemplo cristalino de como o Maçom deve guardar, custe o que custar, os segredos que a Ordem lhe confiou. Uma das figuras mais importantes da lenda é a morte. E aí está um tema que tem provocado dissertações religiosas, poéticas, dramáticas. No entanto, a abundante literatura sobre a morte não consegue mascarar o objetivo principal: a associação da morte ao sentido do medo. Normalmente, diante da morte o ser humano se apavora. É a dúvida do que virá depois. Hiram não se apavora. Hiram não se assusta diante da morte. Era preferível morrer, a ter que acovardar-se e deixar de cumprir o seu juramento. Há um ideal que precisa ser alcançado...Por que ter medo? Por que chorar assim como o conhecimento do Amor leva ao conhecimento do Belo, o conhecimento dos princípios fundamentais que regem a Arte Real nos levará à determinação do cumprimento do dever, mesmo que tenhamos de enfrentar a própria morte.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Carvalho, 2003, p.28.

<sup>32</sup> Castellani e Rodrigues, 1995, p.136.

### **3.4 – A Maçonaria: uma fusão de horizontes**

As evidências empíricas observadas no espaço maçônico, que acima descrevemos, permitem-nos algumas proposições que, provavelmente, reforçam a homologia entre Modernidade e Maçonaria, entre elas: os dois ambientes são habitados por várias formas de encantamento, no sentido weberiano; nos dois espaços existe uma capacidade reflexiva do indivíduo que possibilita uma fusão de valores aparentemente antitéticos; nas duas estruturas emergem alguns símbolos e ritos que apresentam uma natureza universal e que “teimam” em se reproduzir em ambiente não-original; nos dois mundos a obtenção de (auto) conhecimento não se limita ao cânone empirista do Iluminismo; nas duas sociabilidades o segredo desponta como elemento incontornável, estruturante mesmo, nos seus processos de reprodução. Portanto, como já se sugeriu aqui à farta, Modernidade e Maçonaria se reproduzem combinando valores hierárquicos e individualistas, e o que permite essa dinâmica não nos parece ser outra senão a reflexividade do indivíduo moderno.



## Capítulo 4

### **Solidariedade Maçônica: entre filantropias e caridades**

A institucionalização de práticas solidárias não é fenômeno recente no Brasil; muito pelo contrário, remonta ao período colonial e desde então passou por várias mudanças e mecanismos de diversificação. Estas práticas têm se expressado ora como caridade religiosa, ora como boa vontade individual, ora como filantropia leiga e, em alguns momentos, mesclando esses tipos puros, o que resulta em tipos novos e que merecem novas definições. Podemos observar essas mudanças através da ampliação do número de agentes e instituições, da constituição de bases variadas de financiamento, do estabelecimento de relações de parcerias diversas, do investimento em graus de racionalização mais elevados, da legitimação de referências políticas múltiplas; da diversificação e consolidação da sua capacidade de intervenção. Por outro lado, podemos encontrar inúmeras instituições que, praticamente, não conseguiram renovar seus métodos administrativos; mantendo sua prestação de serviços na dependência do Estado, de patronos e patronesses; atendendo a uma clientela com características de alta dependência desses serviços (idosos, doentes crônicos, deficientes físicos etc.). A combinação de características tão díspares no mesmo universo parece demonstrar, entre outros, que valores tradicionais e modernos caminham juntos nesse espaço de ação social. É como se existisse um *continuum* no qual, numa extremidade, estivessem aqueles sujeitos que agem motivados por uma base de valores individualista, liberal, ocidental, moderno, o que reforçaria uma filantropia leiga, centrada na idéia de formação para a cidadania, e na outra extremidade observássemos

aqueles que agem motivados por valores holísticos, hierárquicos, relacionais, que reforçariam práticas mais centradas na idéia de caridade e de clientela. Lembremos, porém, que entre os extremos deste *continuum* existe uma ampla e variada gama de atitudes sincréticas.<sup>1</sup>

A solidariedade maçônica se encaixa, fielmente, nesse *continuum* acima indicado, pois desde a segunda metade do século XIX vem investindo sistematicamente nos mais variados tipos de solidariedade ao seu público interno e a alguns setores da população. São inúmeras as atividades desenvolvidas ao longo desses 150 anos: educação de crianças e adultos, apoio a populações vítimas de catástrofes naturais, diversos tipos de solidariedade na área de saúde, educação, creches e asilos, várias campanhas de combate às drogas e outras. No entanto, apesar do volume e extensão dessas práticas maçônicas, conhecemos muito pouco sobre elas. Os próprios Maçons, com sua estrutura organizativa invejável, não dispõem de informações e levantamentos centralizados e organizados, malgrado todos os esforços de seus dirigentes.<sup>2</sup>

O que estamos denominando de solidariedade maçônica é um conjunto de atividades desenvolvidas pela Ordem que procuram apoiar, auxiliar, defender e acompanhar maçons e não-maçons em situações adversas, contingentes ou permanentes. Um dos aspectos modernizadores é que essas ações que, quase sempre, se desenvolveram através das próprias Lojas, atualmente, já se viabilizam a partir de organizações civis criadas especificamente para este fim. Encontramos algumas fundações ou organizações civis e privadas (mas sem fins lucrativos) que congregam maçons e os ajudam a efetivar a solidariedade desejada através dos asilos, creches, hospitais, escolas profissionalizantes etc. Outro aspecto modernizador dessas práticas, sem dúvida, é a construção de

---

<sup>1</sup>Landim,1995.

<sup>2</sup>Cf. Relatórios Anuais de Atividades do GOB.

parcerias que vão desde aquelas firmadas junto às instituições estatais (como os ministérios da saúde, prefeituras, polícia federal etc.), até aquelas compostas com instituições da sociedade civil, como é o caso da OAB, Lions, Rotary e outros. Tais parcerias se tornam mais expressivas em momentos de campanhas para arrecadação de alimentos, remédios, roupas, cobertores, como é o caso das campanhas de ajuda aos flagelados da seca no Nordeste e aquelas campanhas que se solidarizam com vítimas de outras catástrofes naturais (cheias, epidemias, desabamentos etc.). A Maçonaria também tem participado intensamente de campanhas contra o trabalho infantil e contra as drogas. Tais campanhas são encaminhadas conjuntamente com órgãos estatais (como as prefeituras, polícia federal, ministério do trabalho), instituições internacionais (como a OIT e a UNESCO) e várias outras organizações da sociedade civil já mencionadas. Por mais estranho que pareça, até mesmo com a Igreja Católica existe uma certa cooperação, como mostram as iniciativas de construção de paróquias e ermidas e nas doações de material gráfico para divulgação de eventos etc. Contudo, a parcela mais significativa da solidariedade maçônica é aquela desenvolvida de forma exclusiva e com recursos próprios a partir de estratégias pensadas no interior das Lojas. Portanto, a solidariedade maçônica modernizou os métodos de gestão, a agenda, as parcerias, a base de financiamento e outros.<sup>3</sup>

A solidariedade maçônica que será discutida neste texto é aquela que diz respeito ao público externo e não à solidariedade entre os Irmãos, a ajuda-mútua. O motivo desta restrição foi a dificuldade encontrada para consultar arquivos e realizar entrevistas que permitissem um aprofundamento desse aspecto da sociabilidade maçônica. Como já afirmamos anteriormente, a relação de confiança entre maçons e pesquisadores ainda se encontra nos seus momentos iniciais. Daí, qualquer pergunta ou solicitação é, quase sempre, vista de maneira reservada. Ainda

---

<sup>3</sup> Cf. Relatório Sobre Atividades Assistenciais, 1998 – GOB.

assim, faremos um breve relato da legislação relativa a essa dimensão da solidariedade maçônica.

Neste capítulo, faremos uma exposição dos antecedentes da solidariedade maçônica em nosso país; uma descrição e análise da legislação maçônica relativa à questão que ora discutimos; e analisaremos, com destaque, as ações desenvolvidas pela Loja Perseverança III (P III), da cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo.

#### **4.1. Antecedentes da Solidariedade Maçônica**

A gênese e evolução das formas de solidariedade maçônica ainda estão por ser pesquisadas, assim como vários outros aspectos da Ordem, como já citamos anteriormente. Mas, de acordo com o material disponível, as atividades desenvolvidas pela ação solidária maçônica remontam às primeiras Lojas fundadas no Brasil, sobretudo a partir da Questão Religiosa, em torno de 1873, quando a Maçonaria organizou sua própria rede de solidariedade que até então se viabilizava, pelo menos em parte, pela estrutura da Igreja Católica. Neste mesmo período, observaremos a expansão e diversificação, paulatinas, de formas de solidariedade laicas, no âmbito da sociedade. Uma dessas formas pode ser representada pelas várias organizações profissionais de ajuda-mútua. Contudo, tais organizações se caracterizam por uma solidariedade aos seus próprios membros (excluindo serviços a terceiros); não têm uma estrutura nacional e internacional articulada; sua capacidade de intervenção nos debates públicos sobre as formas institucionais de solidariedade é limitada; não exercem influência no aparelho de Estado e não formulam discursos específicos dirigidos aos agentes do campo em formação. Estes elementos foram desenvolvidos pela Maçonaria e provavelmente credenciaram esta instituição como uma das fundadoras das práticas solidárias institucionais no Brasil.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Hahner, 1993; Colussi, 1998.

Algumas indicações bibliográficas e documentais referentes a determinadas regiões do país sugerem-nos que as atividades solidárias sempre foram um espaço privilegiado de socialização e atuação maçônica, não só na perspectiva de busca de legitimação junto à sociedade e de embates e diferenciação com a Igreja Católica, mas também de fortalecimento externo e interno da instituição. A solidariedade externa era realizada por meio de obras e campanhas de cunho assistencial, bem como da organização de uma rede de ensino, e dirigia-se aos segmentos sociais mais pobres. Já a solidariedade interna, o auxílio-mútuo, visava ao próprio corpo de filiados da instituição, objetivando cumprir a função de fortalecimento interno e consistindo num instrumento de cooptação e aglutinação de novos membros. Apesar das características associativas fraternais, desde suas origens, há quem proponha que as práticas solidárias institucionais só obtiveram destaque na Maçonaria brasileira a partir da segunda metade do século XIX, momento no qual o embate com a Igreja Católica exigia estratégias próprias de legitimação social. A atuação solidária (interna e externa) dava coesão à instituição e facilitava-lhe o acesso aos setores majoritários da sociedade.<sup>5</sup>

A partir daquele período, as ações solidárias da Maçonaria começaram a se ampliar: asilos, orfanatos, creches, escolas, campanhas para os retirantes da seca no Nordeste (sobretudo na grande seca de 1876) e outras catástrofes naturais. Uma das áreas prioritárias era a da saúde. Num período em que o Estado não prestava assistência social, podemos imaginar que tal estratégia acabava se tornando eficaz, sobretudo porque a imprensa maçônica exerceu um papel importante na divulgação dessas ações.<sup>6</sup>

A ação solidária interna (o auxílio-mútuo) também fazia parte da estratégia de coesão da instituição, pois os benefícios

---

<sup>5</sup> Colussi, 1998; Castellani, 1989.

<sup>6</sup> Colussi, 1998.

materiais e financeiros atraíam “profanos” e davam à instituição uma imagem de provedora. Além disso, na política, a capacidade maçônica de influir na indicação de cargos era muito grande.<sup>7</sup> Mas foi somente no século seguinte que a Maçonaria pensou num projeto amplo, orgânico e sistemático de ajuda-mútua para os seus membros. O Montepio e a Assistência Maçônica foram criados em 1912 no âmbito do Grande Oriente do Brasil.<sup>8</sup>

As mulheres foram objeto de grande preocupação dos maçons, visto que eram muito suscetíveis ao discurso antimaçônico (que acusava a Ordem, inclusive, de machista) e alvo fácil do discurso religioso católico. Assim, a Maçonaria passou a elaborar um novo lugar para as mulheres na instituição. As primeiras iniciativas envolviam as mulheres e filhas de maçons e, posteriormente, todas as mulheres interessadas. De figuras coadjuvantes as mulheres passaram, pois, a ter uma importância muito grande na estratégia da Maçonaria, inclusive ocupando espaços nos templos maçônicos e conseguindo o reconhecimento de beneméritas.<sup>9</sup>

Ao lado da atuação na imprensa e nos meios culturais, o campo educacional foi uma das preocupações da Maçonaria, tornando-se um instrumento da sua luta anticlerical. A República vai encontrar o país com uma rede escolar precária, professores mal pagos e mal treinados. Diga-se de passagem, a Maçonaria direcionava seus esforços na área de educação aos setores mais pobres da população, sobretudo àqueles que só podiam estudar no período noturno. Além disso, havia doações de livros e outros materiais didáticos. Outra estratégia da Maçonaria para conquistar legitimidade social foi o envolvimento dos professores primários com a instituição, cooptando alguns deles, mesmo que para isso adaptasse os estatutos, perdoando a obrigação do iniciante a pagar

---

<sup>7</sup> Vésicio, 2001.

<sup>8</sup> [www.hppt/gob.org.br](http://www.hppt/gob.org.br) - 20 de maio de 1999; Colussi, 1998; Castellani, 1989.

<sup>9</sup> Idem, *ibid.*

uma “jóia” que tinha valor elevado para uma categoria como a dos professores.<sup>10</sup>

Ao longo do século XX, com o processo de modernização da sociedade brasileira, as relações entre Igreja e Maçonaria serão flexibilizadas, o conjunto de iniciativas solidárias diversificar-se-á e novas estratégias de disputa ocuparão esses espaços. Nos dias atuais, porém, podemos observar vários traços de continuidade na solidariedade maçônica, uma vez que a ação dos “pedreiros livres” continua se desenvolvendo, primordialmente, nas áreas de educação (básica e profissionalizante), saúde (campanhas contra as drogas, o fumo, vacinação, manutenção de hospitais), campanhas emergenciais (calamidades públicas, desastres ecológicos e outros), manutenção de asilos e orfanatos, e campanhas contra o trabalho infantil. Por outro lado, como veremos a seguir, também podemos observar vários aspectos dessas práticas que foram modernizados. A legislação maçônica, que passaremos a descrever, dá-nos uma dimensão razoável da importância dos valores solidários e, conseqüentemente, de seus desdobramentos em forma de ação solidária no interior da instituição.<sup>11</sup>

#### 4.2. A Solidariedade na Legislação Maçônica

A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, **filantrópica**, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, Por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da **beneficência** e da investigação constante da verdade. Seus fins supremos são: **LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE.**

(Constituição do GOB – Art. 1º.)

---

<sup>10</sup> Colussi, 1998.

<sup>11</sup> [www.http/gob.org.br](http://www.gob.org.br). 20 de maio de 1999.

Entre os princípios gerais da instituição maçônica, podemos encontrar, de maneira destacada, o princípio da solidariedade. No universo maçônico, esse princípio é atualizado de forma variada, ora como “filantropia”, ora como “beneficência”, outras vezes como “fraternidade” e outras, ainda, como “caridade”. Na verdade, não há aqui nenhuma contradição ou imprecisão dos “Filhos da Viúva”. O fato é que tais práticas são, realmente, diversificadas e combinam desde o auxílio-mútuo até a distribuição de alimentos, passando pela oferta de educação (para adultos e crianças) e de informações através da imprensa organizada pela instituição.

A linguagem maçônica encontrada nos documentos e relatórios para justificar e divulgar o seu trabalho solidário, como poderemos observar a seguir, é um misto de linguagem religiosa e de linguagem laica. É provável que esse misto de linguagens seja expressão da própria ambivalência da linguagem maçônica que, como vimos afirmando ao longo deste trabalho, combina valores modernos e tradicionais.

Em relação à solidariedade no ambiente interno, na impossibilidade de aprofundar a análise devido às restrições impostas pela Ordem, por enquanto, só podemos afirmar que ela se baseia numa ampla legislação que prevê várias situações. Senão, vejamos:

(Sobre direitos e deveres das Lojas) Art. 26 - XII - prestar assistência material e moral aos seus Obreiros, às viúvas, às irmãs solteiras e aos descendentes e ascendentes de Obreiros falecidos.

(Sobre direitos e deveres do Maçom) Art. 32 - IV - satisfazer, com pontualidade, contribuições pecuniárias ordinárias e extraordinárias que lhe forem cometidas legalmente, inclusive as concernentes à previdência social maçônica;

V - reconhecer como Irmão todo Maçom e prestar-lhe, em quaisquer circunstâncias, a proteção e ajuda de que carecer, principalmente contra as injustiças de que for alvo;

VI – prestar às viúvas, irmãs solteiras, ascendentes e descendentes necessitados de seus Irmãos, todo o auxílio que puder.<sup>12</sup>

Como vimos anteriormente, esse tipo de legislação fortalece aquelas representações sobre a instituição que versam sobre a forte colaboração que existe entre eles em situações adversas para alguns Irmãos.

Mas, a legislação do Grande Oriente do Brasil ainda prevê o funcionamento de uma Grande Secretaria de Previdência e Assistência (uma espécie de Ministério) que tem como função:

(...) instituir e manter Seguro Social para todos os Maçons regulares da Federação, nos termos em que a lei determinar.

(...) prestar ao Maçom regular, bem como à sua esposa, irmãs solteiras, ascendentes e descendentes, todo o auxílio possível, que não cessará com a morte do Maçom.<sup>13</sup>

De acordo com o Regulamento Geral da Federação (RGF), deve ser criada em cada Loja uma Comissão de Beneficência com competência para:

I - conhecer as condições dos Obreiros do Quadro e quando algum, por moléstia ou desemprego estiver necessitado, independentemente do seu pedido, reclamar da Loja auxílio cabível;  
II - dar parecer sobre propostas apresentadas por Obreiros do Quadro, relacionadas com assuntos de beneficência.

Aqui, já notamos uma ampliação da disposição de solidariedade maçônica no sentido de atender também a não-maçons, o que denominamos de solidariedade em ambiente externo. Esta ampliação é confirmada pela legislação que se refere à administração das Lojas, que prevê a figura do Hospitaleiro como

---

<sup>12</sup> Cf. Constituição do GOB – Art. 26º., 1996.

<sup>13</sup> Cf. Regulamento Geral da Federação, 1995.

o responsável pelas atividades solidárias (internas e externas).  
Vejam como o artigo 104 do RGF estabelece a sua competência:

- I – fazer circular o Tronco da Beneficência<sup>14</sup>;
- II – exercer pleno controle sobre o produto arrecadado pelo Tronco da Beneficência, o qual se destina, exclusivamente, às obras beneficentes da Loja;
- III – visitar os Obreiros e seus dependentes que estejam enfermos, dando conhecimento à Loja de seu Estado e propor, se for o caso, os auxílios que se fizerem necessários;
- IV – propor a manutenção, alteração ou exclusão de qualquer auxílio beneficente que estiver sendo fornecido pela Loja;
- V – manter sempre atualizados os registros de controle da movimentação dos recursos do Tronco da Beneficência;
- VI – apresentar à Loja, até a última sessão dos meses de fevereiro, maio, agosto e novembro, as prestações de contas alusivas aos trimestres civis imediatamente anteriores, conforme normas próprias;
- VII – prestar esclarecimentos relacionados com suas atividades;
- VIII – presidir a comissão de Beneficência.

A existência desta legislação não significa que todas as Lojas desenvolvam, obrigatoriamente, ações solidárias regulares e ininterruptas, muito menos que tenham uma metodologia de gestão comum ou, ainda, que planejem suas ações em conjunto. Pelo que observamos nos documentos aos quais tivemos acesso, bem como nas visitas a algumas instituições, existe uma variedade de públicos atendidos, métodos de gestão, ritmos das ações, volume de recursos financeiros, formas de avaliação e outros. Não existem registros exaustivos sobre o conjunto de iniciativas maçônicas no âmbito do GOB. Os registros existentes, no entanto, apontam para uma gama de serviços numericamente expressivos e de natureza diversificada. Sem pretensão de ser exaustivo, vejamos algumas destas iniciativas.

---

<sup>14</sup> Expressão utilizada para designar, em alguns ritos, a coleta de dinheiro para as obras assistenciais da Loja. Cf. Castellani, 1995.

- a) **GOB – Acode Nordeste:** campanha destinada à solidariedade com os flagelados da seca no Nordeste. Incentivou o envio e distribuição de cestas básicas e roupas para vários Estados nordestinos. Foram mais de 60.000 (sessenta mil quilos de alimentos) no ano de 1998;
- b) **S.O.S. Roraima:** envio de alimentos e remédios em socorro das vítimas do grande incêndio florestal que atingiu esse Estado no ano de 1998;
- c) **Loja Maçônica “Fé e Trabalho” (Rio Negro - PR):** participação na construção de hospital; atuação na fundação da associação de Caridade, Proteção à Maternidade e Infância; colaboração na construção do quartel da polícia da cidade; colaboração com o Grupo Escolar Frederico Heyse; colaboração na construção da paróquia de Nossa Senhora Aparecida; fundação da “Sociedade Estrela Guia” para esposas de maçons desenvolverem trabalhos de benemerência;
- d) **Loja “Segredo e Caridade” (Porciúncula – RJ):** mantém em parceria com o Lions Club, Rotary e Clube de Caça e Pesca o Lar dos Velhinhos e o Núcleo de Socorro a Viciados em Drogas;
- e) **Loja “José Ramos Torres de Melo” (CE):** distribuição de leite para crianças carentes;
- f) **Loja “Real Segredo” (DF):** distribuição de leite para crianças, doação de cobertores no período de inverno, cestas de alimentos e presentes no período natalino;
- g) **Loja “Igualdade dos Homens” (TO):** distribuição de alimentos, roupas e remédios para pessoas carentes;
- h) **Loja “Renascença Maranhense” (MA):** mantenedora do Asilo de Mendicidade, do Ambulatório Elizeu Souza e outros. Atende em média a 1.500 pessoas e não recebe subvenções governamentais;
- i) **Loja “União, Justiça e Liberdade” (BA):** fornece pães para o Abrigo Coração de Jesus e, eventualmente, promove a distribuição de roupas e alimentos para os carentes da cidade;
- j) **Loja “Estudo e Trabalho” (DF):** assistência a menores e idosos carentes. Atende a 3.100 famílias com o programa do leite;
- k) **Loja “Fraternidade Guanduense” (ES):** atende a asilos e orfanatos com doações de roupas, remédios e alimentos.

Os exemplos sumariamente citados acima podem nos ajudar a compreender uma determinada forma da solidariedade maçônica, aquela que estaria mais vinculada a um modelo que se caracteriza pelos seguintes procedimentos: a) apoio, em forma de doações permanentes ou episódicas, a organizações assistenciais sem vínculos institucionais necessários com a Maçonaria; b) a coleta através do “tronco da beneficência” como fonte principal de arrecadação de recursos; c) atividades voltadas para as necessidades imediatas (alimentos, roupas, remédios); d) alta probabilidade de descontinuidade do trabalho ou das doações; e) limitação na busca de parcerias.

Não procuramos ser exaustivos, com os exemplos ora citados (ao contrário do que faremos a seguir, em relação à **P III**), mas apenas ilustrar a variedade das formas de solidariedade desenvolvidas pela Maçonaria brasileira no âmbito do Grande Oriente do Brasil. Tais iniciativas se encontram em níveis variados de investimentos financeiros, modelos gerenciais, envolvimento dos “Irmãos”, números de parcerias, natureza dos serviços, perfil do público atendido, bem como na própria concepção de solidariedade. Algumas dessas iniciativas podem ter sido interrompidas, outras, ampliadas, algumas, ainda, podem ter sido redirecionadas. Entretanto, as práticas de solidariedade maçônica continuam se expandindo por todo o universo das Lojas em todo o país, ora como assistência imediata (alimentos, roupas, remédios), ora como investimento educacional de longo prazo (escolas de ensino médio e fundamental, escolas profissionalizantes), algumas vezes combinando estes dois elementos. Vejamos, a seguir, o caso da Loja Perseverança III.

#### **4.3. A Perseverança III e Sorocaba**

Após pesquisa exploratória, a escolha da **P III**, como base empírica para aprofundarmos a nossa pesquisa, foi motivada pela combinação de três fatores; a) consideramos que as ações desta

Loja combinam, paradigmaticamente, elementos tradicionais e modernos; b) inexistência de dificuldades no acesso aos documentos e instituições dirigidas pela Loja que desenvolvem as ações solidárias; c) volume e extensão das atividades desenvolvidas; d) longevidade da ação solidária.<sup>15</sup>

O município de Sorocaba está localizado a 96 km da capital, São Paulo, no sudeste do Estado, e é considerado um pólo de referência para mais de 70 cidades na sua região administrativa. Com uma população de mais de 700 mil habitantes, é o quinto maior município do interior do Estado e, segundo o Índice Paulista de Responsabilidade Social (elaborado pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - Seade), faz parte da elite dos municípios do Estado de São Paulo, devido aos bons índices de escolaridade, longevidade e renda per capita. A cidade tem 8.070 estabelecimentos comerciais, 3.996 estabelecimentos de serviços, 1.278 indústrias e 46 agências bancárias; 45% dos empregos estão no setor da indústria e 35% no setor de serviços, os outros 20% estão no setor rural. Seu PIB é estimado em US\$ 3 bilhões de dólares, e o município ocupa o 10º lugar no ranking de arrecadação de ICMS no Estado. Está presente em outros rankings importantes, entre outros: 4ª melhor cidade do Estado de São Paulo e 21ª melhor cidade do Brasil para começar uma carreira profissional; 50ª cidade do país na arrecadação de impostos; 14ª posição em qualidade educacional. O número de estabelecimentos de ensino são: 102 no pré-escolar, 124 no ensino fundamental, 53 no ensino médio e estabelecimentos de ensino superior. O município tem um orçamento de aproximadamente 318 milhões de reais para 2001 e previsão de 437 milhões em 2003.<sup>16</sup>

Nesse cenário de aparente prosperidade, encontramos uma verdadeira rede de organizações filantrópicas e, especificamente,

---

<sup>15</sup> Embora tenhamos como base de dados principal as ações da **P III**, procuramos, sempre que possível, apresentar outras iniciativas solidárias da Ordem desenvolvidas em algumas cidades brasileiras.

<sup>16</sup> Cf. site [www.cruzeironet.com.br](http://www.cruzeironet.com.br)

uma rede de filantropia maçônica. Entre as lojas que promovem trabalhos filantrópicos na cidade de Sorocaba, a Loja Perseverança III (**P III**) merece um destaque na nossa análise, pois expressa, como poucas, a modernização do trabalho filantrópico maçônico no Brasil, seja pela longevidade e diversificação dos serviços, seja pela qualidade e modelo administrativo ou mesmo pelo alcance dessas ações solidárias.

A Perseverança III é uma loja do século XIX e foi criada numa Sorocaba de pouco mais de dez mil habitantes. Nessa época, a estrada de ferro São Paulo-Santos dava novo impulso à economia e substituía as tropas de burros que se caracterizavam como o principal meio de transporte para a economia naquele período. A conjuntura era permeada de lutas abolicionistas e republicanas. A Perseverança III, desde a origem, lutou pelo sufrágio universal, pela laicização do Estado, pela educação pública e pela libertação dos escravos. O perfil daqueles 24 homens que criaram a **P III**, naquela noite de 19 de julho de 1869, pode ser conhecido a partir das palavras do maior historiador da trajetória dessa Loja. “Eram pessoas de prol. Eram homens de projeção política, econômica e social que naquela casa, àquela hora se reuniam. Eram advogados, comerciantes, funcionários públicos”. Homens habituados a um ambiente de figuras “ilustres pelos pergaminhos”, “doutores outros de borla e capelo”, protagonistas de um cotidiano no qual “esgrimiam-se nas letras, nas artes e na política”. Desde aquela noite, a PIII vem participando, ativa e ininterruptamente, da vida da cidade, de seus dilemas políticos, sociais, econômicos e assistenciais.<sup>17</sup>

Ao longo desses 134 anos, a **P III** vem desenvolvendo, entre outras atividades internas e externas à Loja, um trabalho de solidariedade a vários setores da sociedade sorocabana. Não faz parte dos nossos objetivos, no entanto, discutir a gênese e evolução desses serviços. Deixaremos essa difícil tarefa para os historiadores. Nossa abordagem será, sobretudo, sincrônica e envolverá uma descrição e

---

<sup>17</sup> Cf. Irmão, 1969, 38,

análise das instituições dirigidas pela referida Loja. Abordaremos, principalmente, os serviços oferecidos, o público atendido, o modelo administrativo, a forma de financiamento e as parcerias com outras instituições. Para tanto, faremos uma exposição sobre cada instituição administrada pela **P III**. É importante lembrar que cada instituição abaixo analisada tem estrutura jurídica própria, ou seja, formalmente independente da Loja, embora todos os seus sócios sejam, por exigência estatutária, membros da **P III**. No caso da Fundação Ubaldino do Amaral, a mais próspera e importante, a Loja exige um certo tempo de filiação para que o indivíduo possa fazer parte do conselho de sócios.

Nossa intenção ao descrevermos as atividades solidárias da **P III** não é a de avaliar, tecnicamente, os serviços prestados, mas o de situá-los como parte do *ethos* maçônico, ou seja, como parte de um conjunto de práticas solidárias planejadas e executadas a partir de um modelo que tem como base uma combinação de valores que envolvem: a) dedicação e boa-vontade dos que estão envolvidos no trabalho; b) modernização dos métodos de gestão dos serviços prestados; c) tradição nesta área de atuação; d) convencimento moral da necessidade dessas práticas.

A descrição que faremos a seguir não objetiva nenhum tipo de apologia do trabalho desenvolvido pela Maçonaria, apesar de, como se trata de atividades bem sucedidas nos seus objetivos, o que encontramos, como resultado, chame a atenção e a admiração de qualquer observador. Assim, desconfiemos que a própria natureza das práticas que serão descritas tende a tornar o texto um tanto laudatório. Esperamos que esse estilo, caso não consigamos contorná-lo, não seja confundido com qualquer tipo de adesão ou elogio às práticas descritas, pois não acreditamos ser este o papel do pesquisador.

A solidariedade maçônica desenvolvida pela **P III** tem uma característica incontornável: o esforço de colocar uma mentalidade empresarial moderna a serviço do trabalho solidário. Aqui, a boa-vontade é causa necessária, mas não suficiente para desenvolver o

citado trabalho. Se raciocinarmos com Max Weber, observaremos que o universo filantrópico da **P III** apresenta uma tentativa, no âmbito da mesma ação, de combinar racionalidade de meios, valores, tradição e afetividade.

#### 4.4. Fundação Ubaldino do Amaral (FUA)

A maior e melhor expressão das atividades da Loja Perseverança III é a Fundação Ubaldino do Amaral (FUA). A principal propriedade dessa Fundação é o Jornal Cruzeiro do Sul e, a partir dos recursos gerados por esse órgão de imprensa, chegou-se a investir em atividades solidárias, no ano de 2001, um total de R\$ 8.000.000,00 (oito milhões de reais). Entre as instituições dirigidas pela **P III**, é a única que não depende de parcerias (públicas ou privadas) para desenvolver suas atividades. Os dirigentes da **FUA**, no entanto, consideram todos aqueles que trabalham, compram e anunciam no jornal os verdadeiros parceiros da Fundação.

A história da Fundação está ligada ao ano de 1963, quando o Jornal Cruzeiro do Sul, diário sorocabano em circulação desde 1903, passava por sérias dificuldades financeiras e o seu proprietário, o maçom Hélio da Silva Freitas, propôs a um grupo de irmãos que comprassem a empresa. Em seguida, um grupo de 21 integrantes da Loja Perseverança III resolveu efetuar a compra, mas com a intenção de, brevemente, transformá-la numa organização sem fins lucrativos. Foi o que aconteceu em julho de 1964, quando esses maçons doaram suas cotas com o objetivo de criar a Fundação Ubaldino do Amaral (**FUA**), que viria a ser a mantenedora da Editora Cruzeiro do Sul, que incluía o Jornal e a Gráfica. Atualmente, a **FUA** pode ser considerada umas das mais modernas e bem sucedidas iniciativas maçônicas no Brasil, desenvolvendo suas atividades diretamente, como é o caso do Colégio Politécnico, bem como apoiando inúmeras atividades nas áreas de saúde, educação, esporte, lazer, cultura etc.; todos desenvolvidos em Sorocaba e na sua região.

A linguagem circulante no interior da Fundação apresenta, invariavelmente, dois pólos com grande significação. No primeiro, um esforço cotidiano de modernização empresarial, que se expressa, entre outros, pelos investimentos em novas tecnologias e novos modelos gerenciais. No segundo, o mesmo esforço pode ser observado na busca de ampliação de suas atividades solidárias. Os trechos a seguir podem ilustrar essas afirmações:

(...) nascia um programa histórico na vida da FUA onde figurava entre metas prioritárias, a garantia da qualidade dos serviços, com maior racionalização, integração e otimização dos mesmos, tudo como forma de aprimorar e aumentar cada vez mais a filantropia desta entidade, razão de ser da FUA.<sup>18</sup>

É com alegria que trazemos a esta Assembléia os frutos obtidos à custa de tão árduo trabalho e que traduzem o empenho de cada dirigente da FUA de fazer do exercício de suas funções, um meio de concorrer para a glória do Grande Arquiteto do Universo.<sup>19</sup>

No Hall de entrada do prédio do POLI encontraremos, numa placa, uma espécie de manifesto que também nos ajuda a entender sua política:

#### **Quadro 5: Política Qualidade**

##### **POLÍTICA DE QUALIDADE**

**Imprimir a melhoria contínua de seus serviços em função das necessidades e expectativas de seus clientes internos e externos.**

**Converter o resultado de suas atividades lançadas no mercado em serviços filantrópicos de assistência social e educacional, a carentes necessitados, com qualidade compatível às aspirações da sociedade.**

**Fundação Ubaldino do Amaral**

Fonte: Transcrito de placa afixada no prédio da POLI

<sup>18</sup> Cf. Relatório anual da Diretoria executiva - 2000/2001.

<sup>19</sup> Idem Ibidem

O núcleo financeiro da FUA é, sem dúvida nenhuma, o Jornal Cruzeiro do Sul (JCS), que figura entre os principais órgãos de imprensa do interior do Estado de São Paulo. Essa política de qualidade total tem sido perseguida ano após ano, diretoria após diretoria, pelos dirigentes da FUA. Otimização, eficiência, adequação, racionalização, eficácia, integração, aprimoramento, participação, profissionalização, produtividade, previsibilidade são mais do que palavras; no ambiente do Jornal, são valores a serem perseguidos por todos aqueles que compõem a equipe da principal fonte de recursos da Fundação Ubaldino do Amaral, de onde se geram recursos para todas as atividades que descrevemos acima. Daí, o esforço modernizador de seus dirigentes que, além da inovação gerencial, buscam, igualmente, manter a infra-estrutura do Jornal de acordo com padrões similares aos de grandes órgãos de imprensa no Brasil e no mundo.

Embora o Jornal já tenha passado por uma longa trajetória na vida da cidade (circula desde 1903), o lugar de destaque que ocupa na atualidade é inquestionável. O Jornal tem um lugar destacado não somente na imprensa local, mas também estadual e nacional. Vejamos alguns números: a tiragem diária do JCS é de 36 mil exemplares, chegando a 44 mil aos domingos, o que o coloca em segundo lugar no interior do Estado de São Paulo; considerando-se o índice médio de leitores de 3,5% por jornal, o JCS é lido, diariamente, por quase 130 mil pessoas. Entre os 283 diários brasileiros, apenas 37 têm a sua circulação paga controlada pelo IVC (Instituto Verificador da Circulação). A audiência do Cruzeiro On Line também é significativa; são quase 12 mil acessos diários, com tempo médio de visitaçõ de 8 minutos e 14 segundos. Seria interessante, em pesquisa posterior, analisar o conteúdo do jornal, comparando-o com os valores maçônicos.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Cf. site [www.cruzeironet.com.br](http://www.cruzeironet.com.br)

O desempenho financeiro da principal fonte de recursos da **FUA** não depende exclusivamente dos esforços dos seus dirigentes. Vários fatores nacionais e internacionais macroeconômicos e até mesmo geopolíticos podem provocar conseqüências no trabalho da fundação. Exemplo disso é um trecho do relatório de 2001 sobre o “modesto” desempenho do Jornal naquele ano.

O mais sério desafio com o qual a diretoria executiva da **FUA** se viu confrontada, ao longo do presente exercício, foi o clima de incerteza vigente no país e, principalmente a partir de 11 de setembro, também no cenário internacional.

O mercado publicitário brasileiro viu-se alcançado, mês após mês, pelos reflexos da prolongada crise Argentina e, a partir de um dado momento, pelos efeitos da recessão norte-americana.

(...) O Jornal Cruzeiro do Sul não ficou imune às dificuldades. Conseguiu superá-las graças à conjugação de novos instrumentos de administração e à busca criativa de fontes adicionais de receita, mediante o desenvolvimento de novos produtos editoriais e publicitários.<sup>21</sup>

As dificuldades enfrentadas pelo Jornal não foram suficientes para inibir seu programa de investimentos em atividades solidárias. Dados apresentados em relatórios mostram que tais investimentos atingiram, aproximadamente, CR\$ 5.000.000.00 (cinco milhões de reais) em 1998, subindo para R\$ 8.000.000.00 (oito milhões de reais) em 2001. Os dirigentes da instituição ainda fazem questão de lembrar que, além desses investimentos, são responsáveis por, aproximadamente, 700 empregos diretos e indiretos, o que significa mais de R\$ 7.000.000.00 (sete milhões de reais) em salários e benefícios. Afirmam, ainda, que como compradores de bens e serviços na cidade e região injetam quase R\$ 10.000.000.00 (dez milhões de reais) na economia local.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Cf. Relatório de Atividades da FUA de 2000/2001.

<sup>22</sup> Cf. Relatório de Atividades da FUA, 1998.

#### **4.4.1. FUA: Colégio Politécnico de Sorocaba (POLI)**

Antes da criação do POLI, a Loja Perseverança III desenvolvia uma política de concessão de bolsas de estudos a mais de 2.000 pessoas na cidade. Essas bolsas davam acesso a todos os níveis de escolaridade, inclusive para estudos universitários. Após um longo período, os membros da Loja avaliaram que o custo dessa atividade era muito alto e que os resultados eram questionáveis, pois a evasão era alta; não havia acompanhamento da qualidade e aproveitamento do ensino, e o compromisso dos bolsistas nem sempre era compatível com os esforços dos maçons. Nesse período, foram amadurecendo a idéia de estruturar uma escola e oferecer, diretamente, alguns cursos técnicos profissionalizantes e o segundo grau. Foi com esse objetivo que os maçons da P III, que dirigiam a FUA, criaram em 1998 o Colégio Politécnico de Sorocaba, que começou a funcionar em fevereiro de 1999, num edifício próprio de cinco andares e cinco mil metros de área construída, no qual encontramos, além das salas de aula, um ginásio de esportes em tamanho oficial, laboratórios de informática, anfiteatro, biblioteca, laboratórios, sala de internet, sala de estudo e espaço de convivência. Em função do perfil sócio-econômico do seu corpo discente, o Colégio ainda presta uma assistência extra a alguns alunos, como é o caso do fornecimento de fichas de ônibus para aqueles que têm dificuldade de transporte e do convênio médico com a Santa Casa de Sorocaba para todos os alunos do Colégio.<sup>23</sup>

Os cursos oferecidos pelo POLI são de nível médio, nos turnos da manhã e da tarde, com duração de três anos e, simultaneamente, o colégio capacita o estudante numa das dez áreas seguintes: Administração, Comercialização e Mercadologia,

---

<sup>23</sup> Os dados referentes ao POLI foram coletados através de entrevistas, observação direta, material de divulgação e no Relatório de Atividades da FUA de 2000/2001.

Comércio Exterior, Contabilidade, Decoração, Estilismo de Moda, Informática, Tradutor e Intérprete, Secretariado e Turismo. Também oferece turmas, noturnas, para o Ensino Técnico nas seguintes habilitações: Administração, Contabilidade, Secretariado, Vendas, Informática e o curso de Enfermagem ministrado nos três turnos.

A projeção para 2002 indica mais de 1.500 alunos matriculados no ensino médio, profissionalizante e no ensino fundamental (que funciona no Lar Escola Monteiro Lobato, o qual descreveremos posteriormente quando tratarmos desta entidade). Segundo esta projeção, o quadro discente será o seguinte: 08 classes de ensino médio/técnico no período da manhã, com 322 alunos; 06 classes de ensino médio com qualificação de escriturário no período da tarde, com 270 alunos; 14 classes com ensino técnico-profissionalizante distribuídas nos três períodos, com 568 alunos; 10 classes com ensino fundamental (da 1ª. a 8ª. série), com 380 alunos.

Existe um esforço da diretoria do Colégio em estimular as atividades extraclasse através de palestras, seminários de prática profissional, semanas de arte, estimulando a participação dos alunos em olimpíadas de matemática e física em nível estadual, concursos literários, visitas monitoradas a museus da cidade e da capital etc.

A seleção de novos alunos, além de avaliar o seu nível de conhecimento, leva também em consideração a condição sócio-econômica e a idade. No ato da inscrição, entre a documentação exigida, existe um questionário através do qual avaliam as condições sócio-econômicas do candidato. Essas seleções, realizadas anualmente e bastante disputadas, são chamadas de Vestibulinho e chegam a inscrever-se mais de seis mil pessoas. O processo é bastante transparente e não envolve qualquer tipo de indicação política ou mesmo de algum membro da Loja. A classificação dos concorrentes é definida a partir do seguinte algoritmo:

$$P = N + PC + I$$

Onde:

P = N° de pontos obtidos para a classificação

N = Nota da prova na escala de zero a dez (não pode zerar a prova)

PC = Pontuação de contas na escala de zero a dez

I = Idade completa ou a completar até o final do ano letivo.

A disputa pela entrada e permanência no Colégio pode ser um dos motivos da baixa evasão, transferência e reprovação. Vejamos os números do segundo semestre de 2000: reprovação – 0,6% , transferência – 0,6%, evasão no ensino médio – 1,2% , evasão no ensino técnico 5,5%.

O POLI não oferece mais o Ensino Supletivo (fundamental e médio), mas durante um ano e meio foram 285 alunos que concluíram essa modalidade de educação - 121 concluíram o Ensino Fundamental e 164, o ensino Médio. Segunda a coordenadora do Colégio, as políticas do Ministério da Educação desestimularam o POLI a continuar atuando nessa área.

A idéia de qualidade total não está somente nos objetivos da direção do POLI, mas também na estrutura dos próprios cursos técnicos oferecidos. Existem avaliações não somente aos alunos, mas também aos professores e funcionários (feitas pelos alunos). São 40 docentes, 21 funcionários da FUA, 12 funcionários terceirizados e 05 estagiários.

#### **4.4.2. FUA: atividades culturais**

A FUA também desenvolve diversas parcerias na área cultural, colocando à disposição da comunidade seus espaços físicos e financiando, parcial ou totalmente, várias atividades. No período de 2001, entre exposições, recitais e lançamentos de livros, promoveu 16 eventos; cedeu o seu auditório para a realização de atividades de várias organizações públicas e civis; promoveu as visitas monitoradas para apresentação do trabalho da Fundação ao

público em geral; publicou diversos materiais, gratuitamente, para entidades filantrópicas que significaram um custo de R\$ 276.000,00 reais. Entre as solicitações atendidas estão: a Associação Cristã de Assistência Plena, o Banco de Olhos de Sorocaba, o Betel Lar da Igreja, o Lar Educandário Bezerra de Menezes e o Lar São Vicente de Paula. Além destes, ainda foram publicados materiais para outras organizações sem fins lucrativos, os quais somaram mais de R\$ 570.000,00 reais.

Um dos projetos mais arrojados da **FUA** é o **Projeto Memória**, que objetiva digitalizar todo o acervo do Jornal Cruzeiro do Sul e de vários outros órgãos de imprensa sorocabanos do acervo do Museu Histórico da cidade. No exercício 2001, realizaram a digitalização da coleção completa (101 números de 04 páginas cada) do jornal Gazeta de Sorocaba, publicado na cidade no ano de 1878. O projeto envolve a distribuição das edições em CD room às instituições de pesquisa, bibliotecas e museus.

As parcerias mais constantes, no entanto, estão no âmbito das instituições dirigidas por membros da Loja Perseverança III, como é o caso do apoio ao Lar Escola Monteiro Lobato, que em 2001 cobriu, aproximadamente, 25% de seus custos com as doações da **FUA**, e a Vila dos Velhinhos, que no mesmo período recebeu o equivalente a 20% de suas receitas da Fundação. Tanto O Lar Escola quanto a Vila dos Velhinhos vêm construindo estratégias de autofinanciamento que vêm diminuindo, paulatinamente, a dependência da **FUA**. Trataremos desta questão quando enfocarmos as atividades dessas duas instituições.

Observemos, ainda, outros serviços prestados pela **FUA**: concessão de bolsas de estudo, assinaturas gratuitas para várias instituições (é bom lembrar que os membros da Loja são obrigados a assinarem, normalmente, o Jornal), concessão do uso gratuito da CruzeiroNet, donativos em forma de cestas básicas e outros.

Vejamos, detalhadamente, o demonstrativo financeiro dos gastos da **FUA** em 2001:

Projetos sociais em parcerias com outras entidades. . . . .	R\$ 464.184
Outros bens e serviços (donativos em material e outros). . . . .	17.277
Bolsas de estudo pagas em dinheiro. . . . .	12.799
Bolsas de estudo com crédito de publicidade. . . . .	15.993
Promoções de eventos culturais e esportivos. . . . .	47.531
Publicações gratuitas. . . . .	848.342
Assinaturas gratuitas do Jornal Cruzeiro do Sul. . . . .	331.221
Serviços gráficos gratuitos. . . . .	7.064
Uso gratuito de auditório e espaço cultural. . . . .	15.800
Uso gratuito da CruzeiroNet. . . . .	1.440
Investimentos em educação. . . . .	4.234.706
Manutenção do Colégio Politécnico (reforma). . . . .	1.986.049
Investimento em mobiliário para o POLI. . . . .	17.393
Total . . . . .	R\$ 7.999.799

Esse conjunto de atividades, aqui apresentadas de forma sintética, não é encarado pelos seus promotores como uma saída para os problemas sociais que afligem o povo brasileiro, mas como a forma que eles entendem ser sua contribuição mais eficaz, como afirma o relatório de 2001:

Os ideais pelos quais vivemos não nos permitem aguardar a chegada do momento propício para levar o socorro material e intelectual àqueles que dele precisam neste exato momento. Nesta hora difícil para a população brasileira devemos, mesmo à custa de um resultado material menos expressivo, implementar medidas concretas de solidariedade que, na presente conjuntura, representam a melhor maneira de dar glória ao Grande Arquiteto do Universo.<sup>24</sup>

#### 4.5. Associação Protetora dos Insanos de Sorocaba (APIS)

“Nossa política, aqui, é portão aberto e muro baixo! Mas, já foi muito diferente”. Esta ressalva do administrador do Complexo Psiquiátrico Jardim das Acácias diz muito sobre a trajetória do trabalho que vem sendo desenvolvido há várias décadas pela **APIS**,

---

<sup>24</sup> Cf. Relatório de Atividades da FUA – 2000/2001.

que desde o início do século passado, vem desenvolvendo um trabalho de assistência aos portadores de deficiências mentais e transtornos psíquicos. Embora os registros sobre essas origens não estejam disponíveis, podemos observar, através de boletins comemorativos e citações em relatórios de atividades, algumas referências à trajetória da **APIS**, que se confundem com a própria trajetória da psiquiatria desenvolvida no Brasil ao longo do século XX. Esta longa trajetória envolve mudanças de siglas, envolvimento com a Secretaria de Segurança e suas demandas por manicômios judiciais, combate a surtos de hanseníase e varíola, cobranças aos setores governamentais e muitas outras histórias que caracterizam um longo e tortuoso percurso, que precisa ser recuperado por um trabalho historiográfico minucioso, pois é plausível a hipótese de que a **APIS** vem seguindo ao longo de sua existência todas as mudanças ocorridas com o processo de modernização dos tratamentos psiquiátricos no nosso país. Segundo o atual administrador,

Do ponto de vista assistencial se nós voltarmos há quinze anos atrás, não precisa nem voltar há vinte anos. Os nossos pacientes, a maioria deles, né, vivia praticamente confinados no hospital, através de pátios fechados, nós tínhamos cinco ou seis pátios, alguns com muros com cinco metros de altura, que é uma herança que já veio do passado. Então a partir daí começamos a eliminar esses espaços restritos. Então eu acho que isso já foi uma evolução espetacular, há 2 ou 3 anos atrás, nós não tínhamos a rede ambulatorial que temos hoje.

Atualmente, a ação da **APIS** se desenvolve através do que se denomina de Complexo Psiquiátrico Jardim das Acácias, que passaremos a descrever e analisar.

#### **4.5.1. Serviços**

O Complexo Psiquiátrico Jardim das Acácias envolve um conjunto de centros de atendimento, oficinas terapêuticas, ambulatórios de saúde mental, centro de estudos e pesquisas,

escola de enfermagem, residências terapêuticas e vários outros espaços que procuram personalizar ao máximo o atendimento; consolidar os regimes abertos; humanizar as “alas difíceis”; combinar a terapia ocupacional com uma medicação adequada buscando, com isso, a reinserção social do usuário.

O hospital funciona numa área de, aproximadamente, 50 mil metros quadrados e 10 mil metros quadrados de área construída, onde encontramos diversas unidades de atendimento com capacidade para 300 leitos, sendo 220 destes para pacientes moradores (aqueles que não têm nenhum vínculo familiar ou vínculo precário e que são deixados no hospital indefinidamente):

- a) **Unidade I** – destinada a atender a portadores de distúrbios psicóticos;
- b) **Unidade II** – destinada a pacientes moradores de ambos os sexos, com comprometimento mental profundo, portadores de deficiência física e outras;
- c) **Unidade III** - destinada a pacientes do sexo masculino portadores de deficiência mental severa;
- d) **Unidade IV** - destinada a portadores de doença mental, pacientes com quadros de dependência de álcool e drogas;
- e) **Unidade V** – destinada a pacientes do sexo feminino, portadoras de deficiência mental moderada e grave.

O **Recanto da Primavera** é uma unidade destinada a pacientes do sexo feminino, portadoras de deficiência mental leve e moderada. Funciona como uma “república” dentro do espaço do Hospital, onde as usuárias aprendem, gradativamente, a exercer cotidianamente a sua independência, cuidando de suas roupas, fazendo compras na cidade, exercitando direitos e deveres da vida em pequenos grupos. A vivência nesse espaço também pode funcionar como um período de transição para a moradia nas residências externas.

A unidade de **Geriatrics** é destinada a pacientes portadores de deficiência mental leve e moderada de ambos os sexos e com idade acima de 60 anos. Esse espaço também funciona como uma espécie de “república”.

Existem, ainda, os **Lares I e II** e o **Novo Lar**, os quais também abrigam pacientes do sexo masculino, com deficiências leves, que conseguem executar várias atividades, inclusive fora do hospital, na Chácara e nas Oficinas Terapêuticas, por exemplo. Esses espaços funcionam, assim como o **Recanto da Primavera**, como uma fase de transição, estimulando a autonomia dos usuários e sua vida em grupo, assumindo deveres e direitos.

O **Albergue Masculino** tem uma característica distinta; é destinado a portadores de deficiência mental moderada e grave, com maior dificuldade de execução de tarefas rotineiras. Nesse espaço, a direção do hospital também busca criar um aspecto residencial.

Todas as unidades estão passando por processo de reforma que buscam reduzir o número de internações, personalizar os serviços prestados com banheiros individuais, salas de terapia ocupacional, maior ventilação e melhor visualização das áreas externas, melhoramento da iluminação, das cores das paredes e outras atividades.

Os Atendimentos Externos procuram criar hábitos específicos, visando à habilitação psicossocial, o resgate da cidadania e a capacitação profissional. Tais atendimentos envolvem:

- a) **Oficinas Terapêuticas:** artesanato, varrição de vias públicas, trabalho terceirizado (produzindo fraldas descartáveis e tampinhas de garrafas, entre outros), conservação de praças, produção de jornal e rádio, atividades de artes plásticas;
- b) **Centro de Atendimento Psicossocial:** atende a pacientes de ambos os sexos portadores de graves problemas mentais, desenvolvendo um tratamento intensivo, através de terapias ocupacionais variadas, combinadas com a medicação adequada, tentando evitar novas internações; o CAPS está começando a estruturar um serviço de recuperação de alcoolistas;
- c) **Casa Azul:** espaço reservado à interação entre pacientes (internos e externos) e à comunidade em geral, através de atividades como: culinária, marcenaria, pintura, dança de salão, entre outras. O objetivo dessa iniciativa, além de criar espaços de convivência, é proporcionar alguma formação profissionalizante. Destaque-se que nesse espaço também se realizam festas, shows, exposições etc.;

- d) **Ambulatório de Saúde Mental:** funcionando nas dependências do hospital, procura evitar novas internações, proporcionando acompanhamento psicológico e a medicação necessária ao paciente;
- e) **Residências Terapêuticas:** o projeto dessas residências busca a ressocialização dos pacientes moradores que já conseguem níveis razoáveis de independência, permitindo um acompanhamento com relativa distância e em graus variados.

Esse conjunto de serviços oferecidos pela **APIS**, segundo nos informa o administrador do hospital, Sr. José Carlos, alcança números significativos e tem mudado o seu perfil psicoterapêutico:

(...) o atendimento do hospital, ele estava fixado no número de internação que nós tínhamos naquela época, nós tínhamos quatrocentos leitos, trezentos e noventa leitos, entendeu? A cobertura que nós dávamos era de trezentos e noventa pessoas que passavam pelo hospital. Hoje nós reduzimos o número de pacientes internados de trezentos e noventa para trezentos e, no entanto, além desses trezentos que nós atendemos mensalmente, nós temos mais um atendimento de sessenta pacientes através do CAPS, de sessenta, setenta pacientes da Oficina Terapêutica e de uma média de quinhentas pessoas que passam pela Casa Azul por mês, e oitocentas consultas ambulatoriais, por mês, consulta do ambulatório por mês. Estou falando consultas, não estou falando procedimento, porque se a gente incluir os procedimentos que são atendimentos psicológicos, atendimento de Terapia Ocupacional, nós passaríamos pra mais ou menos mil e trezentos atendimentos por mês. Então se somarmos tudo isso, hoje a atenção que o hospital dá, gira em torno de mil e quatrocentas pessoas, isso também foi muito bom. É importante, trezentos e noventa leitos, caiu pra trezentos, e aumentamos o nosso número de pessoas atendidas pra mil e quinhentas. Então eu acho que isso foi espetacular. E a nossa idéia é com que esse número de atendimentos ambulatoriais cresçam e se possível diminua o número de pacientes internados. E me esqueci de um outro detalhe, que são as residências terapêuticas, que foi uma coisa muito interessante, no hospital. Hoje nós temos cinco residências, que nós chamamos terapêuticas, são casas alugadas dentro da comunidade e são grupos de pacientes que hoje estão morando lá fora. Uma vida inteiramente independente, uma vida própria,

com liberdade, liberdade de tudo, liberdade pra sair, liberdade para ir ao supermercado, liberdade pra ir ao restaurante, pra ir na lanchonete, pra ir em feira, é um trabalho maravilhoso, é uma coisa muito interessante, essas cinco casas que a gente tem, nós temos hoje dezenove pacientes que moram nessas casas, e a idéia é continuamos trabalhando porque o processo começa a treinar dentro do hospital, depois você acaba tirando de dentro do hospital e colocando lá fora, pra uma vida comum.

O Complexo Psiquiátrico Jardim das Acácias também mantém um curso de **Auxiliar e Técnico de Enfermagem** que funciona desde 1993, tendo formado até o ano de 2001 mais de 1.700 profissionais. O curso é particular. Outra iniciativa da instituição é o **Centro de Estudos e Pesquisas**, que existe desde 1994 e tem como finalidade o aprimoramento técnico dos associados, o desenvolvimento de pesquisas na área de saúde mental e a promoção de eventos de natureza social e cultural, como é o caso do Fórum de Saúde Mental.

Além dessas atividades, a **APIS** desenvolve várias outras atividades, embora de forma mais pontual. Entre elas: atendimentos gratuitos, empréstimo de equipamentos hospitalares, fornecimento de medicamentos, doações de cestas básicas, fornecimento de passagens para ônibus urbanos e interurbanos, bolsas de estudo para o curso de Auxiliar e Técnico de Enfermagem, cessão do salão de eventos para organizações da comunidade, doação de roupas e calçados. Essas atividades são pontuais, mas permanentes e se dirigem a pacientes com carências materiais extremas e a outros setores da comunidade.

#### **4.5.2. Administração e Financiamento**

As atividades descritas anteriormente são viabilizadas por um corpo de funcionários que gira em torno de 250 profissionais, entre os quais, aproximadamente, 80 têm formação universitária. São médicos de variadas especialidades, psicólogos, psiquiatras,

terapeutas ocupacionais, odontólogos, enfermeiros e outros. O restante do pessoal se divide em serviços administrativos, serviços gerais, segurança etc. O hospital ainda recebe estagiários e residentes de cursos da área de saúde de várias instituições de ensino superior localizados na cidade de Sorocaba.

Embora a Associação promova alguns investimentos e serviços com recursos próprios, todo o financiamento dos serviços oferecidos pela **APIS** é garantido, praticamente, pelo convênio da Associação com o Sistema Único de Saúde (SUS), que cobre os custos mensais dessas atividades, os quais se aproximam dos R\$ 350.000.000 (trezentos e cinquenta mil reais).

O hospital é administrado por um corpo de funcionários completamente profissionalizado. O trabalho voluntário se resume àquele que é desenvolvido pela diretoria (constituída dos membros da **P III**) e, eventualmente, quando da realização de eventos comemorativos de datas importantes: Natal, São João, Carnaval etc. Nesses eventos, algumas pessoas da comunidade visitam o hospital, trazem presentes, ajudam a organizar os festejos, não encontrando ainda o hospital, portanto, um caminho para estimular e receber o trabalho voluntário. Conforme o Sr. José Carlos,

(...) realmente a gente não tem. Pra não dizer que hoje nós não temos, o voluntário, hoje eu tenho uma moça que se dedica, ela é musicoterapeuta, tá, por uma questão assim de vida, ela se ofereceu, então ela vem já há alguns anos trabalhando na oficina terapêutica como voluntária. Agora é uma dificuldade muito grande dentro da psiquiatria você conseguir, eu acho que é difícil, tanto para o hospital oferecer, como para o indivíduo em função das próprias atividades que você acaba tendo no hospital. É difícil. Quanto a questão de financiamento, de doação até a gente não tem trabalhado muito nesse sentido, eu acho que você precisa primeiro ter alguma coisa definida, vamos dizer assim, vender o seu peixe. Quer dizer, o que nós ainda estamos com essa dificuldade, apesar do hospital estar muito bem conceituado, pra nós foi uma alegria ter saído lá na revista Veja entre as

quatrocentas e trinta, quatrocentas e uma entidades sérias do país, não que só tenha essas, não, tem muitas. Mas elas representavam um número grande que tem no país, mas a gente não tem tido a oportunidade de trabalhar e acho que é essa a questão até da falta de recurso.

Assim, as parcerias ainda não estão no patamar desejado pela Associação. Como vimos, a principal parceria é com a União, através do SUS. Existe uma pequena verba destinada ao hospital pelo governo do Estado e algumas parcerias com empresários locais que efetuam pequenas contribuições pelos serviços prestados por parte dos pacientes na varrição de vias públicas, conservação de praças e outros serviços das oficinas terapêuticas. Podemos afirmar que ainda existem algumas parcerias pontuais com a Rádio FM Cruzeiro do Sul e a Fundação Ubaldino do Amaral, ambas pertencentes à Loja **P III**, no sentido de divulgar algumas campanhas promovidas pela **APIS**, através dos programas de rádio e de material impresso cedido pela **FUA**.

A Associação está desenvolvendo um grande projeto para conseguir um volume maior de recursos para o melhor desenvolvimento de suas atividades. Trata-se da construção de um SPA, na cidade de Sorocaba, com capacidade para 150 leitos. O projeto vem sendo desenvolvido há vários anos e tem ritmo lento, em virtude da insuficiência de recursos extras que vêm de rendimentos angariados a partir de recebimento de indenizações de algumas desapropriações e outras movimentações financeiras da Associação. Existe uma possibilidade de buscar recursos junto a órgãos financiadores públicos para acelerar o projeto. Este projeto terá um custo final de aproximadamente R\$ 6 milhões (seis milhões de reais) e a expectativa é de que deve propiciar um rendimento líquido mensal em torno de R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais).

#### 4.6. Fundação Cruzeiro do Sul

A história do Rádio no Brasil se confunde com a própria história da modernização do país. Desde o começo do século XX, com as primeiras transmissões em âmbito nacional, o universo do Rádio vem se modificando à medida que se modificam a tecnologia, o perfil e as demandas do público ouvinte, as fontes de financiamento, o surgimento de novas mídias etc. Foram muitas as fases desse importante meio de comunicação: desde a formação das rádios-clubes, inauguradas por Roquete Pinto, no Rio de Janeiro da década de 1920; passando pela criação da Rádio Nacional (1936), que significou um dos primeiros meios de integração nacional; a explosão das rádios FM na década de 1970; as rádios comunitárias e piratas, na década de 1980; a expansão das rádios e programas religiosos na década de 1990; chegando, aos dias de hoje, à segmentação das programações e às rádios que atuam através de satélites.

Ao longo desse período foram muitos ídolos na música, nas rádios-novela, nos noticiários; muitas histórias trágicas acompanhadas em volta do rádio; muitas alegrias, como na copa de 1958 acompanhada “ao pé do rádio”; muita vibração nos programas de auditório; muitos talentos que saíram dos palcos para a fama; mas, também, muitos esquecimentos desses reis e rainhas que emocionavam o Brasil; os usos e abusos do rádio em campanhas políticas, em noticiários que manipulavam informações. Enfim, o Rádio é presença marcante na história de cada um de nós, direta ou indiretamente, até os dias de hoje. Afinal, algumas pesquisas indicam que nos turnos da manhã e da tarde ainda é o Rádio a mídia que detém a maior audiência.

De olho nesse poderoso meio de comunicação, no ano de 1989, a Loja Perseverança III criou a Fundação Cruzeiro do Sul (FCS). O objetivo principal dessa nova instituição maçônica era pleitear, junto ao governo federal, a concessão de um canal educativo de radiodifusão destinado à cidade de Sorocaba,

município com mais de 700 mil habitantes e que se constitui no centro de uma micro-região que é composta por quase 20 municípios. O processo de solicitação junto ao Ministério das Comunicações, que se iniciou em 1989, foi concluído, oficialmente, em 1995, depois de ratificado pelo Congresso Nacional. Desde então, a Rádio Jornal Cruzeiro do Sul (FM 92.3) é a única emissora educativa na região de Sorocaba e Sudoeste do Estado.<sup>25</sup>

Na história de Sorocaba, os primeiros aparelhos receptores chegaram por volta da década de 1920, e o primeiro transmissor, construído artesanalmente por técnicos locais, no início da década de 1930. A primeira rádio comercial (PRD-7) foi inaugurada em 15 de agosto de 1933 e atuava no mesmo modelo das congêneres nacionais: programas de auditório, noticiário, serviços etc. Atualmente, Sorocaba abriga 12 estações de rádio – 09 (nove) FM e 03 (três) AM.

A FM Cruzeiro do Sul ocupa uma parte do espaço do Lar Escola Monteiro Lobato (outra instituição maçônica que comentaremos a seguir) e possui moderníssimas instalações, a ponto de ter passado um período funcionando, praticamente, de forma informatizada 24 horas por dia.

A programação da rádio tem priorizado, nos últimos anos, música de boa qualidade, jornalismo, divulgação de eventos e campanhas de solidariedade da região. Até há pouco tempo, sua grade de programação não envolvia campanhas comerciais, o que dificultava a auto-sustentabilidade da instituição, tornando-a bastante dependente da Fundação Ubaldino do Amaral (instituição maçônica que ajudou a instituir a FCS). Esta situação sofreu alguns ajustes e a partir do ano de 2001, a Rádio investiu um pouco mais na captação de campanhas publicitárias institucionais. A direção da emissora, no entanto, não veicula propaganda de cigarros, bebidas, jogos de azar nem outras atividades consideradas moralmente desabonadoras pelos membros de sua direção. Segundo pesquisa

---

<sup>25</sup> Material de divulgação veiculado pela direção da FCS.

do IBOPE, a Cruzeiro FM atinge os segmentos A, B e C da sociedade local, na faixa etária de 25 a 45 anos. Nessas classes, a rádio disputa a liderança da audiência com as rádios comerciais que podem ser sintonizadas na cidade.<sup>26</sup>

A Rádio é identificada por vários dirigentes de atividades solidárias como uma forte aliada dessas instituições no seu trabalho cotidiano. A FM Cruzeiro do Sul está constantemente veiculando campanhas de esclarecimento, divulgando campanhas de arrecadação de fundos para entidades filantrópicas, produzindo notícias sobre as atividades desenvolvidas por estas organizações e outros.

#### **4.7. Vila dos Velinhos**

A Vila dos Velinhos tem uma longa história que remonta à década de 30 do século XX quando ainda se chamava Vila dos Pobres e desenvolvia um trabalho de assistência junto à mendicância na cidade de Sorocaba. Segundo documentos citados pelo atual administrador, a iniciativa não surgiu na Maçonaria e sim numa delegacia de polícia que tentava suprir algumas carências daqueles que moravam na rua e não tinham nenhuma perspectiva de auto-sustentação econômica. Somente a partir de 1952 é que passou a se chamar Vila dos Velinhos e a priorizar o atendimento a idosos. Ainda segundo esse administrador, a Vila só veio a ser dirigida completamente por maçons da Loja Perseverança III na década de 1980. Afirmamos, mais uma vez, que estas e outras histórias ainda estão por ser verificadas por um trabalho minucioso de pesquisa historiográfica.

Inicialmente, podemos dizer que, tal qual as principais iniciativas solidárias maçônicas na cidade de Sorocaba, a Vila dos Velinhos também possui uma significativa propriedade de terra urbana com aproximadamente 30 mil metros quadrados, dos quais

---

<sup>26</sup> Cf. site [www.cruzeironet.com.br](http://www.cruzeironet.com.br)

a Vila utiliza em torno de 10 mil metros quadrados. Nesta área existem várias construções em excelentes condições, dentre elas: os blocos residenciais, com quartos para oito pessoas (com mobiliário individual); banheiros amplos, limpos, com piso antiderrapante e outras adaptações para os idosos com dificuldades de locomoção; salão de festas amplo com TV, aparelho de som, freezer etc. (houve uma tentativa de alugar esse espaço, mas não deu certo, pois havia muito barulho e prejuízos com a danificação de alguns objetos); uma capela ecumênica (bem ao estilo relativista maçônico - isto evita o proselitismo nos quartos e também serve para os velórios); lavanderia moderna; almoxarifado com estoque de roupas de cama e banho; refeitório amplo, claro, limpo, com alimentação de boa qualidade e variada, com o devido acompanhamento de nutricionista; dispensa com estoque de alimentos para alguns dias; garagem para os três carros (uma ambulância e dois veículos para transporte dos idosos a consultas médicas ou a passeio); uma área ampla para caminhada com piso antiderrapante. Toda a área é rodeada de árvores como mangueiras, laranjeiras, coqueiros, roseiras etc.; sala de terapia ocupacional; sala de bazar, que vende roupas doadas e outras mercadorias (artesanato, por exemplo) periodicamente; local exclusivo para funcionários, onde estes podem guardar os seus pertences e descansar nos intervalos; uma pracinha com banquinhos, roseirais e algumas estátuas infantis; existe ainda um coreto, onde se apresentam as bandas e grupos de teatro; um consultório odontológico e consultório médico (os médicos fazem um trabalho voluntário); o sistema de gás é modernizado (o que economiza recursos); existe ainda um salão de jogos, com sinuca, xadrez, tv etc.; a caixa d'água tem uma capacidade de mais de 20 mil litros (sendo que, 12 mil litros fazem parte do programa anti-incêndio); existe uma rede de extintores, racionalmente planejada, e ainda um plano de seguro total contra qualquer eventualidade; há também um sistema de baterias para a falta de energia; e uma ampla área de jardins muito bem cuidados.

O esforço modernizador aparece na fala do Sr. Wanderley, atual administrador (maçom), quando descreve os serviços prestados:

São homens e mulheres, nós temos os dois lados. E dentro da luta nossa, posso dizer que hoje, o morador aqui, a gente até não chama de asilado, nós excluimos essa palavra, nós chamamos residente, né? (...) a gente atingiu um, vamos dizer, uma certa condição que muita gente até estranha, como a gente conseguiu, ou seja, eles passando a morar aqui, eles passam até a ter um convênio médico. Então, a gente tem assistência odontológica, assistência médica, com tudo isso, quer dizer, nós temos um médico também ligado ao órgão, que faz visitas toda semana, duas vezes. (...) Qualquer necessidade ele encaminha pra Santa Casa, que nós temos o convênio, e lá o idoso tem toda a assistência que for necessária. Então a gente zela muito esse lado, pra questão da saúde, né? Dos moradores. (...) no caso da terapeuta, ela procura organizar as visitas, vamos dizer, em vários locais, vamos dizer, é, assim, teatro, cinema. Nós uma vez por ano levamos o idoso, procuramos, levá-los a conhecer a praia, porque até outro dia muitos residentes aqui não conheciam a praia. Conheciam só pela televisão, mas não tinham assim, conhecer mesmo o mar, eles não conheciam. Então a gente procura também fazer todo esse trabalho que é pra eles terem uma motivação, né?

Ainda existe um espaço chamado “Meu Cantinho”, que é um bloco de apartamentos para serem alugados, com custo médio de R\$ 650.00, destinado àqueles idosos que têm melhores disponibilidades financeiras. Entre os 112 moradores da Vila, 16 ocupam esses apartamentos. Vale salientar que o tratamento é completamente igual – alimentação, higiene, áreas de lazer etc. A única diferença é que no “Meu Cantinho” os apartamentos abrigam apenas 02 pessoas, enquanto no restante da Vila os apartamentos abrigam em torno de 08 pessoas em cada quarto. Segundo o administrador, a renda desse espaço alugado auxilia no orçamento da Vila. Sobre as diferenças entre morar no “Meu Cantinho” e nas outras dependências da instituição, afirma o administrador:

É muito importante você me perguntar isso, porque veja bem, isso é uma questão importante. O contato com eles é, veja bem, tudo aberto, eles não têm, “aqui é o meu Cantinho, aqui é a ala dos carentes”. Os do Meu Cantinho vêm na ala dos carentes, o dos carentes vão lá, o relacionamento deles é integral, entende? Eles participam tudo a mesma coisa e inclusive até a comida é a mesma, o que um come, o outro come, não tem, não tem distinção em nada, nada, nada. A distinção na verdade é só o local. Isso porque justamente, então ali, na verdade ele tem um conforto um pouco maior, ele tem um banheiro anexo e o apartamento é para 2 pessoas, então, mas apenas isso, no demais eles convivem com todos.

O padrão de financiamento dessas atividades é composto, basicamente, dos benefícios recebidos pelos idosos do INSS, da renda proveniente do aluguel dos apartamentos do “Meu Cantinho”, de algumas doações (cada vez menores) da Fundação Ubaldino do Amaral e dos sócios contribuintes da Vila. A Prefeitura Municipal de Sorocaba também faz uma pequena doação mensal. Os investimentos na construção e reforma do espaço físico ou gastos extraordinários são sanados com a renda das movimentações financeiras da Vila. Tais movimentações, a exemplo de outras instituições da **P III**, resultaram do recebimento de indenizações por desapropriações de terra.

A situação financeira atual da Vila, segundo o seu administrador, é extremamente equilibrada, mas não foi sempre assim. Há dez anos a Vila era bem diferente. Apesar dos esforços dos seus dirigentes, havia *deficits* permanentes, a ponto de não haver recursos suficientes para o pagamento das despesas básicas – funcionários, alimentação e medicamentos. Ao longo desse período, houve um processo de reestruturação que envolveu, entre outros, a profissionalização da administração da Vila, regularização dos idosos junto ao INSS para que eles pudessem receber seus benefícios (vários idosos não conseguiram porque não possuem sequer registro de nascimento), a reestruturação dos horários dos

funcionários (num de 25, atualmente), racionalização dos gastos com água, luz, telefone, constituição de um fundo de reserva, reorientação da política de compras e outros procedimentos que visavam racionalizar custos e ampliar benefícios. Nesse sentido, a relação com os funcionários passou por profundas mudanças e pode ser considerada uma variável de eficácia do trabalho desenvolvido. Afirma o Sr. Wanderley:

(...) quando entrei aqui eu senti várias falhas, por exemplo, aqui havia, isso foi em 1987, havia uma questão, que os funcionários aqui eram muito mal pagos, sabe, então, quando eu entrei aqui eu vi que eles eram mal pagos, mas eles para se recompensarem, eles procuravam levar o que podiam da entidade, em alimento, enfim, em doação, então quer dizer, a coisa era uma coisa séria né, porque não havia assim um controle em cima disso. O que aconteceu, a gente passou a conscientizar os funcionários, primeiro passaram a ter salário de mercado, o que qualquer lugar pagava de salário eu procurei, não vou dizer que foi no primeiro mês nem no segundo, mas nós fomos procurando irmos acertando e tal e ele passou a ter o mesmo salário de que qualquer outro lugar do mesmo nível, vamos dizer, mas também ele passou a se dedicar a cada vez mais firmeza, quer dizer, com mais honestidade e tal, e a coisa deu resultado, realmente. O resultado foi muito positivo, porque hoje os funcionários, aqui eles trabalham com amor, aqui eles, o funcionário pra entrar aqui, ele não entra aqui, vai e pega o serviço, tem que vir, tem que conhecer a entidade, saber do nosso propósito, saber que a gente trabalha com carinho, trabalha com toda a dedicação, enfim, quer dizer, tem que vir para vestir a camisa mesmo, né, então existe um trabalho unido. Mas eu sentia isso, que antigamente tinha essa falha e aí o resultado, o resultado só foi positivo agora, não foi no primeiro mês, nem no segundo, a coisa foi, foi, hoje a gente sente que isso aí é muito forte aqui, né, o funcionário trabalha aqui com toda, com todo o carinho, com toda a dedicação(...).

O administrador repete uma “norma” também seguida nas outras instituições da **P III**: “Cuidar disso aqui como se fosse uma empresa”. Mas não foi sempre assim; até a opção por uma

administração mais “empresarial” a situação da Vila era uma das mais difíceis, segundo o atual administrador, Sr. Wanderley:

(...) tava feio, tava, quando me entregaram aqui há 15 anos atrás é... eu não sei dizer por que, cada diretoria tem sua história, mas quando me entregaram a chave do cofre... eu peguei isso daqui, eu não tinha como pagar os fornecedores. O dinheiro que eu tinha ou eu pagava os funcionários ou eu pagava os fornecedores, pagar os dois eu não tinha o dinheiro. Então era uma guerra. Então o que aconteceu? Eu reuni os fornecedores, pedi pra eles um prazo maior pra pagar eles e paguei os funcionários que tão aqui, pra viver, paguei em primeiro lugar os funcionários e daí nós começamos a trabalhar inclusive nesse lado, nós tínhamos apenas 15 benefícios, aqui na verdade não tinha uma administração. (...) muitos dos familiares eles colocavam o pai aqui, por exemplo, e o filho ficava com o benefício do INPS. Eu perguntei: isso é justo? Larga o pai e eles ficam com o benefício. E ninguém cobrava nada, resultado, não existe milagre né, aqui não chove dinheiro. Então daí foi apertando a coisa, apertando.

Além da racionalização progressiva dos procedimentos administrativos, existiriam, simultaneamente, outras variáveis responsáveis pelos avanços conseguidos pela organização: afetividade e compromisso permanente. Continua o administrador:

É, eu vejo que a pessoa (a diretoria)... não sei, o amor que pegam pela entidade, os relacionamentos com os moradores, enfim, aquilo passa a fazer parte do dia-a-dia deles, eles fazem as reuniões, são sempre feitas aqui mesmo, eles procuram estar toda semana aqui, resultado: a pessoa passa a fazer parte da vida dela, é assim, quer dizer, geralmente uma diretoria permanece assim, às vezes, quatro gestões, sabe. Eles mudam o cargo né? Quer dizer, era presidente fica vice, eles mudam o cargo, mas a grande maioria permanece umas três gestões assim, a maioria permanece, agora, depois, têm aqueles que já por idade, se afastam, algum problema de saúde, mas a grande maioria fica três gestões (...).”

O trabalho na Vila dos Velinhos envolve uma combinação de elementos exemplares da filantropia da **P III** nas últimas décadas: poupança agrária original, racionalização dos serviços, estratégia de auto-sustentação financeira, administradores experientes, continuidade administrativa e envolvimento afetivo.

#### **4.8. Lar Escola Monteiro Lobato (LEML)**

O Lar Escola Monteiro Lobato (**LEML**) é uma organização de assistência à infância e à adolescência. A instituição foi fundada em 1946 e funciona numa área de aproximadamente 350 mil metros quadrados, cedida em regime de comodato pela Prefeitura Municipal de Sorocaba. Ao longo desses anos, as atividades do **LEML** vêm passando por algumas modificações. Durante muito tempo funcionou como orfanato, posteriormente passou a oferecer educação de primeiro grau (atual ensino fundamental) e algumas atividades de lazer para crianças carentes. As últimas mudanças ocorreram no ano de 2001 e envolvem uma série de atividades que compõem, nos dias de hoje, o trabalho que passaremos a descrever.

Localizado numa extensa área verde nos limites da cidade de Sorocaba, o **LEML** desenvolve várias atividades com crianças e adolescentes. Uma parceria firmada com a Fundação Ubaldino do Amaral permitiu que a partir de janeiro de 2002 fossem oferecidas 380 vagas, em tempo integral. Em um dos turnos, os usuários frequentam o ensino fundamental (1<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. série) oferecido pelo Colégio Politécnico; no turno restante, as crianças e adolescentes desenvolvem atividades diversas, no âmbito do Projeto Renovar. A instituição ainda garante a todos os usuários: alimentação (03 refeições e dois lanches, num total diário de mais de 400 refeições); material e uniforme escolares; lazer (passeios) e assistência médico-odontológica integral (todos têm planos de saúde integral e assistência odontológica, incluindo tratamentos ortodônticos).

A formação complementar à qual nos referimos acima oferece as seguintes atividades:

- 1) **Artesanato e Artes:** ensino de artes, pintura, lembranças nas datas comemorativas etc. (monitora tem formação de nível médio);
- 2) **Computação:** cursos básicos de informática (existem 05 computadores, 08 máquinas datilográficas); o monitor tem formação técnica de nível médio;
- 3) **Esportes:** iniciação esportiva (regras e práticas); monitora tem formação universitária em Educação Física;
- 4) **Recreação:** atividades diversas (gincanas, brincadeiras, estímulo a vivências em grupo etc.); monitor tem formação universitária em Educação Física;
- 5) **Educação física:** disciplina normal - monitor com formação universitária em educação física;
- 6) **Oficina de Leitura:** leitura e compreensão de textos; oficinas; jogos etc.; monitora graduanda em Pedagogia.

Para desenvolver esse conjunto de atividades, a instituição conta com um quadro de 33 funcionários nas áreas de cozinha, manutenção e limpeza, administração, monitores, assistente social e coordenadora pedagógica.

As instalações físicas estão em ótimo estado de conservação e envolvem: prédio para salas de aula, ambulatório de primeiros socorros, auditório para palestras e exibição de filmes, sala de computadores e máquinas datilográficas, sala para aulas de arte e artesanato, refeitório com cozinha industrial (inclusive prestando serviços para as festas que se realizam no salão de festas e conseguindo recursos), salão de festas com capacidade para 800 pessoas, o Recanto que é um enorme galpão com área verde, para jogos, palestras, apresentações de dança, música etc., campo de futebol society, quadra esportiva (planejam construir uma quadra poliesportiva coberta), playground com alguns brinquedos e amplos jardins.

Os recursos que viabilizam as atividades acima mencionadas são provenientes de algumas parcerias; a principal delas é com a

Fundação Ubaldino do Amaral (**FUA**). Outra parceira, em menor escala, é com a Prefeitura Municipal de Sorocaba (**PMS**), através do Fundo de Assistência à Criança e ao Adolescente, que repassa recursos do governo federal, os quais são geridos pelo conselho municipal da criança e do adolescente. Além dessa fonte de recurso, a **PMS** também oferece, através da **FUNDEC** (Fundação de Desenvolvimento Cultural), algumas atividades artísticas (balé, coral, flauta etc). Uma outra parceria é mantida com a **ACM** (Associação Cristã de Moços), instituição católica que envolve o ensino e a prática de esportes. Existe, também, uma parceria com uma clínica de ortodontia, particular, que permite o acesso de todos os usuários a possíveis tratamentos ortodônticos sem custo nenhum para o **LEML**. Essa clínica já forneceu 17 aparelhos ortodônticos para as crianças. Existem, além disso, as doações ocasionais - a Colgate enviou creme dental e escovas para distribuição às crianças com material sobre prevenção de cáries. A população também doa alguns objetos para sorteio. O Hospital Oftalmológico de Sorocaba faz exames periódicos com todas as crianças e, quando necessário, doam os óculos.

Assim como as outras instituições ligadas à Loja Perseverança III, o **LEML** tem construído estratégias de autofinanciamento. No caso do **LEML**, parece haver alguns avanços. A construção de um amplo salão de festas há poucos anos, foi uma das principais iniciativas dessa estratégia. A participação percentual desse salão nas receitas do **LEML** aumentou de 12% em 1999 para 21% em 2001. Por outro lado, a participação percentual das doações da **FUA** para o **LEML** diminuiu de 45% em 1999 para 26,5% em 2001. O percentual de recursos próprios da instituição aumentou de 21% em 1999 para 40% em 2001, enquanto que o percentual de doações diminuiu de 62% em 1999 para 39,5% em 2001.

**Tabela 9: Origens de Recursos LEML (R\$)**

Origens de Recursos	1999		2000		2001	
<b>ALUGUÉIS</b>						
Imóveis	8%	47.422,58	7,5%	68.511,92	17,5%	170.063,93
Salão de Festas	12%	74.263,82	24,5%	225.831,00	21%	202.220,00
Recanto	1%	4.550,00	0,5%	4.466,00	1,5%	17.178,00
<b>Subtotal</b>	<b>21%</b>	<b>126.236,40</b>	<b>32,5%</b>	<b>298.808,92</b>	<b>40%</b>	<b>389.461,93</b>
<b>DOAÇÕES</b>						
FUA	45%	274.404,00	34,5%	320.334,44	26,5%	259.334,40
PMS	11%	62.935,80	8%	73.474,68	7,5%	73.946,64
Membros PIII	1%	4.600,00	0,5%	5.129,00	0,5%	5.250,00
Rádio Cruzeiro do Sul	0%	-	2,5%	22.450,45	2,5%	22.749,92
Outros	5%	30.849,49	1,5%	14.729,00	2,5%	23.979,24
<b>Subtotal</b>	<b>62%</b>	<b>372.789,29</b>	<b>47%</b>	<b>436.117,57</b>	<b>39,5%</b>	<b>385.260,20</b>
<b>DIVERSOS</b>						
Eventos	15%	88.939,56	19,5%	179.816,45	19%	182.563,83
Rend. Aplic. Financ.	1%	5.412,30	0,5%	5.660,82	0,5%	4.643,57
Outras	0,5%	2.673,34	0,5%	4.125,10	1%	9.425,08
Venda de Bens	0,5%	2.500,00	0%	-	0%	-
<b>Subtotal</b>	<b>17%</b>	<b>99.525,20</b>	<b>20,5%</b>	<b>189.603,37</b>	<b>20,5%</b>	<b>196.632,48</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>598.550,89</b>	<b>100%</b>	<b>924.528,86</b>	<b>100%</b>	<b>971.354,61</b>

Fonte: Relatório de Atividades do LEML 2002/2001.

A campanha “Empresa Amiga da Criança”, iniciada em 2002, é outra iniciativa arrojada da diretoria que busca, em parcerias com o empresariado local, ampliar as fontes de recursos da instituição para melhorar e ampliar o trabalho desenvolvido nos dias atuais. A idéia dessa campanha é estimular a contribuição financeira das empresas e, em contrapartida, oferecer um selo de Empresa Solidária.<sup>27</sup>

Segundo o atual administrador, o objetivo é conquistar autonomia financeira completa, o que significa dizer que a própria entidade deve gerar a totalidade dos seus recursos, independentemente de doações públicas ou particulares.

Você veja bem, anteriormente, que nem eu disse pra você, a Fundação (FUA) ela mantinha basicamente o projeto sozinha, só que os tempos mudaram, a economia mudou, se você notar de 94

<sup>27</sup> Material de divulgação da campanha.

pra cá a dificuldade que está tendo financeira é enorme, então, não só o Lar Escola Monteiro Lobato, mas todas as entidades hoje se quiserem sobreviver, não podem ficar a mercê de doações (...) ou totalmente dependente de um lugar só, então hoje, essa conta que eu fiz pra você, tá revertendo então, você pode ver que hoje nós já estamos chegando a 60% com recursos vindos de aluguéis, de trabalhos voluntários, mas a tendência é, que num futuro, se Deus quiser próximo, a gente tenha totalmente auto-suficiência, não precise, até de prefeitura. Você ser totalmente independente, é a única maneira de você ter que virar isso daqui uma empresa, isso é o pensamento. (...) Empresa gera recursos, recursos são destinados às crianças, e é essa nossa intenção claramente.

(Chicão – Presidente do LEML)

Vejamos, a título de ilustração, um resumo do demonstrativo financeiro do **LEML** em 2001:

**Tabela 13: Resumo do Demonstrativo Financeiro (LEML)**

Recursos próprios (aluguéis)	R\$ 389.461,93
Doações	R\$ 385.260,20
Diversos (eventos, aplicações)	R\$ 196.632,48
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 971.354,61</b>

Fonte: Relatório de Atividades do LEML 2002/2001.

Considerando que no ano de 2002 os serviços se ampliarão, o orçamento do **LEML** deve ultrapassar amplamente a casa de R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais).

Pelo que podemos observar, existe no **LEML** uma tendência, similar às outras iniciativas da PIII, a combinar a dedicação pessoal e voluntária com níveis progressivos de racionalização da estrutura de serviços. O sentimento de continuidade de uma obra que começou há várias décadas, pelos primeiros trabalhos solidários da **P III**, também é citado como uma responsabilidade.

(...) eu acho que a grande vantagem nossa é o que eu falei pra você. Em primeiro lugar, nós sermos todos membros da loja

maçônica Perseverança III. Então, de uma certa maneira, você já tem uma grande responsabilidade, de pertencer a essa Loja, que é centenária. A história dela você já acompanhou, é uma Loja centenária, cento e trinta e três anos, agora em julho, ela faz parte da história de Sorocaba. A nossa loja sempre se preocupou com a educação, uma das grandes bandeiras, ou talvez a maior bandeira é a educação e a liberdade, na libertação dos escravos teve grande participação, e na educação, antes da libertação. A gente foi a primeira instituição, aqui em Sorocaba, que se preocupou com a educação dos escravos, tudo começou por aí, então, a grande bandeira nossa é a educação. Então você tem essa grande vantagem de todos os elementos pertencerem e deverem obediência à loja maçônica Perseverança III. Grande parte da diretoria que está com a gente hoje tem, todos nós temos, outras atividades fora isso né, como eu falei pra você, nós não somos remunerados, então nós damos uma contribuição, e cada diretor, dentro da sua possibilidade colabora o máximo que pode com isso (...).

(Chicão – Presidente do LEML)

A auto-satisfação com o trabalho é uma variável permanente nos depoimentos dos dirigentes. Aquelas entidades significam mais do que um serviço para setores excluídos. Esse tipo de trabalho aproxima as pessoas que o desenvolvem, estimula a fraternidade, o deslocamento no sentido do outro.

(...) então todos os irmãos que aqui vêm gostam de trabalhar, tanto é que o trabalho nosso é espontâneo, além do que, a gente acredita muito nisso aqui, que isso aqui tem um astral muito grande, não sei se você percebeu, até pelo local que é, uma chácara maravilhosa, tudo é bonito, a natureza... Eu acho que hoje o trabalho que você faz com crianças é supergratificante, então você sai aí fora as crianças estão te chamando o tempo todo, você vai almoçar eles vêm almoçar juntos, além do que essas crianças têm uma carência muito grande afetiva, quando você pega neles abraçam você, então isso acaba envolvendo, é um trabalho envolvente, eu acho muito difícil você ter uma... não ter uma continuidade no trabalho (...) até as nossas esposas, qualquer coisa: 'Ah, vamos pro Monteiro'. Todo mundo vem e parece que é assim, até como um atrativo, que você vem aqui né, eu mesmo estou dedicando grande parte do meu tempo que eu

tenho hoje, é com satisfação, isso daqui é uma coisa gratificante pra gente ... Até porque isso aproxima mais como amigos, como irmãos, nós temos um grupo de diretores, uns quatro ou cinco casais, eles não saem sem o outro, pelo menos duas, três vezes por semana eles estão reunidos, então, a diretoria aproxima as famílias cada vez mais e o trabalho se torna muito gostoso e gratificante.

(Chicão – Presidente do LEML)

A satisfação pelo trabalho voluntário não deve ser confundida com supostas ilusões acerca da eficácia global desse tipo de trabalho, que não é realizado como a solução para os problemas de exclusão social em nosso país, porém como uma contribuição localizada. Ao mesmo tempo, a multiplicação desse tipo de trabalho tende a acelerar as mudanças e o melhoramento da vida desses excluídos.

O governo tem que fazer a parte dele? Tem. Agora, você acha que a solução para a violência é construir cada vez mais cadeias e fechar todo mundo? Será que é essa a solução? Você se trancar na sua casa, morar em condomínio fechado, não vai resolver o problema, o problema é bem maior ... não adianta. Outra coisa, concentração de renda, cada dia as pessoas vão percebendo mais isso, não adianta você ficar concentrando renda só pra você. Acho que a partir do momento que cada um, os próprios políticos, hoje acho que já existe uma consciência dos políticos, até nisso eu tenho esperança. Hoje as pessoas ao votarem, ninguém mais engana ninguém, eu acho que a televisão está aí, embora eu não goste muito da televisão, mas eu acho que é o veículo que tem mais condições de esclarecer alguma coisa, as próprias novelas hoje você pega uma novela dessas, que eu vejo de vez em quando, mas já se discute o problema das drogas, você vê que a droga faz mal, o próprio cigarro faz mal, a bebida faz mal, então está tendo uma consciência maior das coisas, eu acredito, então o grande problema social nosso é a conscientização, acho que se todos nós nos conscientizarmos, que cada um pode fazer alguma coisa por mínimo que seja pode fazer alguma coisa pra estar ajudando, nós vamos estar mudando esse país. Eu vejo assim a parte social.

(Chicão – Presidente do LEML)

#### 4.9. Liga Sorocabana de Combate ao Câncer (LSCC)

A Liga Sorocabana de Combate ao Câncer é uma instituição dirigida por esposas de maçons da Loja Perseverança III, criada em meados de 1970, para desenvolver um trabalho de esclarecimento e prevenção ao câncer de mama junto às mulheres da cidade e da região. Comentando as origens da Liga, D. Silvia, uma de suas dirigentes, afirma:

(...) foram esposas de maçons, eu sei que algumas ou umas delas tinham maridos médicos que trabalhavam dentro do hospital e elas tinham conhecimentos das dificuldades que as pacientes, mais especificamente aquelas com câncer de mama, estavam tendo na reabilitação e aí elas se informaram... Isso foi mais ou menos em 1975, efetivamente com documentação e com o registro que nós temos aqui, nós temos a partir de 1979, que é então que eu considero a partir daí porque é o que eu consegui registrar também, condensar todo o material que a gente tinha. Então do que eu sei é isso, elas se informavam e elas se comoviam com a situação dessas mulheres que não era diferente de hoje, quer dizer, já havia muitas cirurgias, o câncer estava acontecendo, com mais... era uma coisa mais reservada vamos dizer assim, com mais preconceito, mas existia e a cidade não tinha, não sabia como lidar com isso, não havia quem lidasse. Aí elas foram pra São Paulo. Carmem Prudente, do Hospital do Câncer, tinha essa esposa de médico que morreu recentemente e ela fazia um trabalho nesse sentido lá, aí elas se filiaram, fizeram um curso e se informaram e começaram por esse primeiro período. Eu acho que isso levou até uns cinco anos, elas começaram a levar essas pacientes até lá pra fazerem, mas era uma coisa complicada, tinha custo essa locomoção, então elas resolveram montar aqui, com uma parceria com esses médicos que eu acredito que também fossem da loja, um ou outro, e enfim, fizeram esse trabalho em grupo aqui dentro do Hospital Regional, e na época havia me parece que também assim uma espécie de, vamos dizer, de troca, elas ofereciam, ajudavam a manter com livros didáticos ou revistas importadas pra estudantes da área e eles faziam o atendimento da prevenção do câncer ginecológico também, não só de mama, isso sempre

houve, e a entidade ajudava a manter o serviço esse primeiro, que era, porque na verdade, não é bem com o hospital, mas é com a PUC, era com a faculdade de medicina, com a cadeira de ginecologia e oncologia que era esse acordo, essa ligação, e aí isso foi tomando proporção, foi montado o estatuto nessa entidade, então foi o que aconteceu (...).

Atualmente, o trabalho é desenvolvido sob forma de campanhas publicitárias (com o apoio do Jornal Cruzeiro do Sul e da Rádio FM Cruzeiro), palestras, divulgação e incentivo ao auto-exame e, mais especificamente, do acompanhamento na reabilitação das mulheres mastectomizadas. Para estas, a **LSCC** reserva uma série de intervenções que vão desde a orientação pessoal (e através de cartilhas) no exercício fisioterápico, passando pela orientação psicológica e a distribuição de soutiens e próteses. O número de novos atendimentos gira em torno de 140 por ano. Sobre os serviços, fala D. Sílvia:

(...) a diretoria vem lá de dentro, são esposas de maçons da **P III** a condição era essa, e elas já na época arrumaram voluntárias que a gente sempre teve 4, 5 ou 6, que era pra atendimento aqui no hospital. Aí elas participavam também e sempre fazendo muito evento, os próprios jantares e participando de festas pra poder manter as despesas, que sempre foi de doar próteses e sutiens; de acompanhar nessa parte de reabilitação com os exercícios e na prevenção também; de ceder material para exame de lâmina... sabe, a gente sempre deu material, tem a parte de papel, de formulários que os médicos mesmos usavam que era tudo oferecido pela entidade que através do jornal Cruzeiro do Sul, que tinha gráfica. Então foi uma parceria. Dessa maneira tem acontecido desde aquela época. Agora, tem sido sempre aqui dentro do ambulatório, não deu pra expandir da mesma maneira que as outras entidades porque a gente precisa... como a grande maioria das pacientes é de nível social baixo, porque isto daqui está vinculado ao SUS, embora a gente atenda a todas indistintamente para orientação, mas são as que mais precisam são as que estão ... no SUS. Então essas, a gente precisa estar sempre foi a condição, estar onde elas venham ser atendidas por um médico.

A Liga é considerada de Utilidade Pública Municipal (Lei 1829 de 25.09.1975) e Estadual (Lei 3975 de 20.12.1983). Sua diretoria é composta, exclusivamente, por esposas de maçons da **P III** e tem mandato de dois anos. O financiamento das atividades da instituição se viabiliza a partir da arrecadação das mensalidades dos sócios contribuintes (aproximadamente 450 sócios, mas com pequenas e irregulares contribuições) e através de campanhas de venda de material, realização de eventos festivos e trabalho voluntário (existem 05 voluntárias, e a condição para tal é que sejam ex-pacientes). Além disso, existem as parcerias com o Hospital Regional de Sorocaba, que cede um espaço onde a Liga desenvolve as suas atividades e outras parcerias mais pontuais com profissionais da área médica, com Universidades e com outras instituições similares.

Existem alguns anseios das dirigentes da Liga de ampliar o projeto e torná-lo mais completo e mais amplo, entretanto esbarram na falta de uma fonte de autofinanciamento desse novo serviço. Segundo a presidente da Liga:

(...) na verdade, a intenção que existe há muitos anos é assim, de se montar um serviço completo, de nós sermos independentes, quer dizer, de você montar desde a prevenção até a reabilitação, isso implica em laboratório, em hospital, em manter médicos, e manter todo esse sistema do começo ao fim (...) mas, são os homens que são ... (risos) somos deles, então existe esse projeto há bastante tempo, mas já havia um projeto antigo, e que a gente estava tentando desenvolver querendo fazer do começo ao fim, como isso ainda não pode acontecer, engloba uma série de situações, precisa de um outro espaço, a gente precisa de um outro terreno, de uma outra coisa, e montar o serviço completo e levar esses médicos juntos ou que eles atendam. (...) a gente continua sempre doando material, que seria soutien e prótese para aquelas que tiraram a mama toda, as que não tiraram a mama toda, elas vêm, têm as primeiras orientações, a gente explica tudo, nós temos a fisioterapeuta, aqui tem uma assistente social que se for o caso, também ajuda a resolver os problemas dessas de fora, coisas de medicamento e condução e tal e a gente

vai tentando levar dessa maneira, o número não, não sei se daria pra dizer que é crescente, pode até ser, das pessoas que procuram. A gente procura sempre fazer a divulgação na parte de prevenção, principalmente palestras, os médicos vão, as pessoas contam a gente, empresas ou escolas, a gente vai e fala sobre vários tipos de doenças sexualmente transmissíveis, anticoncepção, os dados mais importantes da saúde ginecológica e a gente enfatiza muito. Já fizemos em presídios femininos... Essa coisa de divulgar sobre o auto-exame que é o que importa realmente, porque ela sabendo que o quanto antes ela descobrir, vai ser muito mais fácil, não haverá mutilação, muito provavelmente, se ela tiver que fazer uma cirurgia ela vai tirar um nódulo só, e a chance de sobrevida é muito maior(...).

Podemos observar que a solidariedade desenvolvida pela **LSCC** apresenta algumas diferenças do modelo encontrado em outras atividades similares ligadas à **P III** e dirigidas pelos homens. Os serviços, as relações de parceria, as formas de financiamento, as relações com o público atendido e, sobretudo, as perspectivas futuras do trabalho não apresentam um horizonte de mudanças significativas, como está acontecendo com as outras instituições. Provavelmente, a falta de possibilidades de formular políticas, diretamente, no interior da Loja pode ser a causa dessas características do trabalho da Liga.

#### **4.10. Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul (FFCS)**

Conforme já vimos anteriormente, o Grande Oriente do Brasil prevê em sua constituição a possibilidade de criação em toda e qualquer Loja da Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul como uma organização paramaçônica composta, exclusivamente, pelas esposas, filhas e irmãs solteiras dos maçons, com o objetivo de congregar as “cunhadas” e apoiar o trabalho dos esposos com base no ideário maçônico. Em Sorocaba, a Loja **P III** tem a sua Fraternidade e é a atual presidente, D. Magda, que nos informa sobre as funções dessa instituição:

(...) nós somos voltadas principalmente pras instituições filantrópicas, nossas instituições, quando elas precisam de alguma ajuda, então elas nos pedem, nós fazemos promoções, nós fazemos uma assistência, fazemos uma festinha, vamos ajudar, mas ela é voltada pra esta parte, mas também fazemos a filantropia, né. Ajudamos, tem várias cestas básicas... A Fraternidade, principalmente, é pra unir mais as pessoas da **P III**. A nossa loja fica muito unida porque trabalhando junto, você se chega mais, então, então você vê uma união muito grande entre as senhoras como a dos maridos. Porque, geralmente, os maridos têm aquela reunião toda semana, as mulheres não, se não tiver uma participação, elas se vêem de vez em quando né, mulher já é mais.... do que homem né. Então elas já não se chegam tanto. E assim, não, nós fazemos uma recepção cada vez que um marido é iniciado, há uma recepção entre as mulheres. Então a gente procura estar sempre fazendo alguma coisa, pra elas ficarem, se sentirem bem, a família se sentir bem, e geralmente se sentem mesmo, então, passa a ser um grupo de amigos. O pessoal da loja vai crescendo e cada vez gostando mais. A família se sentindo bem é lógico que vai dando mais união, os homens trabalham com mais boa vontade, as mulheres não implicam com os homens que toda segunda feira, têm reunião. Porque também tem lugares que eu sei que implicam. A mulher reclama, e na nossa não tem. É bem, é bem assim, muito, a coisa muito light, muito boa, muito bem vista pelas senhoras também.

A Fraternidade tem uma diretoria que, sob supervisão do Venerável, desenvolve suas atividades de praxe.

(...) tem uma presidente, que é sempre a esposa do Venerável. Caso ela não aceite, passa a uma outra. Então ela escolhe e forma a diretoria, ou ela pode formar com a diretoria do marido ou então ela mescla, a minha está bem mesclada, eu escolhi umas novas que entraram a menos tempo, tem umas com a gente que têm mais experiência, sempre trabalhou comigo. Então nós procuramos reunir pelo menos uma vez por mês a diretoria e fora as reuniões que têm, sempre tem jantares de aniversário, pra comemorar as senhoras, só de senhoras também, não aceitam os maridos, (risos)... Então nós fazemos os jantares de

confraternização pras famílias se chegarem, pros filhos, pras amigas, às vezes os amigos, um parente, uma mãe, uma pessoa bem amiga, freqüenta, vai, aí, vai, faz bastante festas, faz bastante coisa, e fora a filantropia, né, que nós fazemos bastante.

(D. Magda – Presidente da FFCS da PIII)

Existem centenas de Fraternidades espalhadas por todo o Brasil, entre elas a FFCS ligada à **P III**; mas ao contrário do que sugerem algumas versões sobre a participação das esposas dos maçons na instituição, elas não dirigem os trabalhos; elas se envolvem para dar apoio. Este apoio se desenvolve a partir de campanhas de arrecadação de fundos para as obras maçônicas, através da organização de eventos. Outras atividades estimuladas pela **FFCS** são as visitas de solidariedade as creches, asilos, escolas, hospitais e outros. Além dessas atividades, a Fraternidade também procura congregar as esposas dos maçons e desenvolver uma certa sociabilidade, promovendo reuniões mensais, chás de fim de tarde, comemoração de aniversários e outras atividades que julguem estar de acordo com os fundamentos do trabalho maçônico. As esposas também têm uma função importante no acolhimento daquelas que estão chegando à instituição juntamente com os seus maridos recém-iniciados. Eventualmente, a **FFCS** desenvolve campanhas de doações de alimentos, medicamentos, roupas etc., atividades estas que não estão diretamente vinculadas às instituições dirigidas pela **P III**.

A participação das esposas nesses organismos é condicionada à regularidade da participação dos esposos na Loja. É pouco comum que maçons com pequena participação na Loja tenham esposas muito ativas na Fraternidade. Quando os esposos começam a se afastar da Loja, por motivos de idade ou quaisquer outros, as mulheres seguem o mesmo caminho. Com os esposos envolvidos em reuniões, cursos de aperfeiçoamento maçônico, congressos etc., o papel das Fraternidades na congregação das esposas e mesmo na socialização das novas “cunhadas” é muito importante para as Lojas.

O papel da Fraternidade, como vimos, é de apoio às instituições solidárias e de estímulo a espaços de vivência entre as esposas dos maçons. O interesse por assuntos de natureza estritamente maçônica parece não fazer parte do rol de expectativas que circulam pela Fraternidade. Vejamos o que diz sobre isso a atual presidente da organização:

(...) eu acho que talvez pode ter alguém que tenha um interesse maior, não é ? (sobre questões maçônicas). Não sei, eu nunca tive e acho que nem sei se eles também gostariam que tivesse tanta coisa assim.

Segundo alguns depoimentos, o papel das mulheres da FFCS de Sorocaba não se diferencia muito do que ocorre nas outras Lojas. A participação é, no máximo, coadjuvante. As mulheres são reconhecidas pelo apoio, mas o protagonismo é masculino. São importantes, simbolicamente, mas a elaboração e uso dessa simbologia são dos “Filhos da Viúva”. Elas são valorizadas como parceiras, porém a escolha, forma e conteúdo são estabelecidos pelos “Irmãos”. São convidadas para inúmeras construções materiais e simbólicas, contudo, os “pedreiros livres” são sempre os mestres-de-obras.

Estas e muitas outras questões relacionadas à participação das mulheres na Maçonaria precisam ser esclarecidas pela pesquisa social. Um mergulho nessas sociabilidades paramaçônicas femininas; um diálogo com aquelas que não participam desses espaços; uma análise dos elementos simbólicos “femininos”; uma análise das Lojas Mistas e Femininas. Enfim, há um longo caminho para percorrermos na busca do entendimento sobre a participação das mulheres nesse espaço tão reservado somente aos homens.

#### **4.11. A solidariedade modernizada da P III**

As iniciativas solidárias da **P III** chamam a atenção do observador por vários motivos, entre eles: a) montante de recursos

investidos; b) a qualidade e quantidade dos serviços; c) a continuidade do trabalho ao longo do tempo; d) o modelo de gerenciamento; e) o entusiasmo dos seus participantes.

Discutiremos, abaixo, alguns dos elementos que denominamos como **variáveis de eficácia**, que, ao nosso entendimento, são responsáveis pelo desempenho dessas atividades. Tais variáveis, no entanto, obtêm a sua eficácia em função do que nos parece ser o motivo da reprodução e expansão das iniciativas maçônicas no Brasil: a combinação de valores tradicionais e modernos.

1) Os serviços são viabilizados por instituições privadas e sem fins lucrativos, ligadas à Loja **P III** em função dos seus sócios que são obrigatoriamente maçons, mas com personalidade jurídica própria. Esse tipo de estrutura permite mais agilidade operacional no gerenciamento dos serviços e na elaboração de parcerias com instituições públicas e privadas. Acrescentemos o fato de que vários maçons, após a aposentadoria, dedicam-se em tempo integral às instituições. Tal fato não é insignificante, pois se trata de aposentados com ampla experiência em profissões liberais (advogados, engenheiros, médicos etc.) e no setor público (judiciário, bancos e outros), o que permite que essa experiência seja utilizada a serviço dessas instituições.

2) A Perseverança III, como já vimos, é uma Loja que já faz parte da história da cidade, pois esteve presente em vários momentos importantes ao longo da vida dessa localidade. Os membros da Loja, no decorrer dessa história, compõem parte da elite local e, de certa forma, transferem esse prestígio e essa legitimidade para as atividades solidárias da Loja. Como afirmou um de seus integrantes: “Sorocaba conhece quem participa da **P III**”. Acreditamos que esse vínculo entre a elite da cidade e a Loja torna a solidariedade maçônica “fora de qualquer suspeita”.

3) A idéia de associar, automaticamente, cada iniciado em todas as instituições ligadas à **P III** contribui para que estas instituições tenham sempre à sua disposição um colégio de sócios

que pode colaborar das mais variadas maneiras com a sua administração. O fato de esses sócios participarem, praticamente, de uma espécie de rodízio na administração dessas instituições garante uma certa continuidade no trabalho e facilita a fiscalização, visto que os relatórios anuais são analisados pelo colégio de sócios, os quais tendo trabalhado na instituição, têm melhores condições de avaliação.

4) Faz parte da racionalidade administrativa das instituições da **P III** a profissionalização dos cargos executivos (os cargos diretivos são todos exercidos de forma voluntária pelos maçons). Uma das frases mais repetidas pelos diretores e executivos é que **as entidades devem ser administradas como empresas**. Isto deve ser entendido como um esforço contínuo por racionalização dos meios para a obtenção de eficácia máxima nos fins. Como já vimos, essa disposição tenta se implantar em todos os serviços prestados pelas organizações maçônicas ora em discussão. A face mais reveladora desses objetivos é a busca permanente por fontes auto-sustentáveis de financiamento. A idéia de criar empresas lucrativas que permitam reverter parte dos lucros para a filantropia é a melhor expressão desse projeto. Pelo que observamos, podemos afirmar que os membros da **P III** estão caminhando a passos largos cada dia mais nesse sentido.

5) Parte significativa da disposição solidária maçônica vem de sua base de valores. A instituição tem como um dos seus pilares morais a fraternidade, tanto com os membros das Lojas quanto com os cidadãos comuns. Sem esta base moral teríamos, provavelmente, um trabalho filantrópico bastante limitado.

6) Uma das variáveis que acreditamos ter sido mais eficaz na organização desses serviços da **P III** foi o sucesso dos antigos membros da Loja, de forma consciente ou não, em conseguir largas porções de terra urbana através do poder público, a partir das quais algumas entidades (**APIS, LEML, Vila dos Velinhos**) construíram seus recursos próprios, tendo em vista que várias destas propriedades foram desapropriadas pelo poder público, o

que rendeu ganhos financeiros. Portanto, quando falarmos de recursos próprios, existe a necessidade de nos reportarmos a essa capacidade dos “ancestrais” da Loja de conseguir terra pública para trabalhos privados, sem fins lucrativos, é verdade, mas privados. Mesmo assim, se não houvesse o empenho e a seriedade de várias gerações de maçons, essas terras não se transformariam no trabalho eficiente e solidário que hoje podemos constatar.

7) A capacidade de compor parcerias, embora seja um fenômeno mais recente, também deve ser apontada como uma das variáveis de eficácia do trabalho, sobretudo as parcerias com o Estado que garantem grande parte dos recursos da Vila dos Velinhos, através dos benefícios e, praticamente, todo o orçamento da Associação Protetora dos Insanos de Sorocaba, através do SUS. Além dessas parcerias, também verificamos algumas iniciativas conjuntas com outras organizações não-governamentais que garantem a realização de várias atividades.

Portanto, continuidade administrativa, prestígio tradicional da Loja, propriedade de terra urbana, trabalho voluntário dos diretores, modernização gerencial, estratégia de autofinanciamento e parcerias com o Estado estariam entre os principais elementos que consideramos responsáveis pelo sucesso das iniciativas da Perseverança III.

O universo da solidariedade maçônica ainda está por ser descoberto através da pesquisa social. São mais de 2.000 Lojas vinculadas ao GOB, espalhadas pelo Brasil e, praticamente, todas desenvolvendo algum tipo de ação solidária. Fica aqui desafio de pesquisar, cada vez mais e com mais detalhes, o perfil dessas iniciativas, sua natureza, os recursos investidos, a base de financiamento, as parcerias, o público atingido, os modelos gerenciais e outros. Tais pesquisas, provavelmente, lançariam algumas luzes não somente sobre a instituição maçônica no Brasil, mas também sobre outros aspectos importantes da nossa sociabilidade no terreno da solidariedade.

## Conclusão

Por mais tentadoras que sejam as logofanias do conceito, não podemos afirmar que esgotamos os caminhos do labirinto e, muito menos, que eliminamos o minotauro. Afinal, ao contrário de Teseu, nosso objetivo aqui não é encerrar uma heróica aventura, mas sim dar continuidade a ela, tendo sempre em mente aquele *topos* latino, que recorda ao coração orgulhoso que não há luz sem sombras: *nec lux sine ombra*. Portanto, reafirmemos aquela proposição do poeta João Cabral de Melo Neto, citada na parte introdutória deste trabalho: “(...) não há soluções que signifiquem uma vitória mais longa que a de um momento, cada milímetro de linha tem que ser reavaliado”.

Nesse sentido, a descrição e análise da dinâmica do fenômeno maçônico nos permitem propor que existem espaços na Modernidade onde nem tudo que é sólido desmancha no ar. A cultura moderna nem sempre é sinônimo de negação de práticas e valores do passado; muitas vezes, é um ambiente onde o novo e o antigo podem estar harmonizados; onde o individualismo e a hierarquia podem emergir como princípios complementares; lugar no qual existe a possibilidade de combinar o universal e o local; onde o sagrado e o profano se apresentam comumente articulados; nesse ambiente, o imanente e o transcendente podem confluir e não antagonizar. Se seguíssemos inventariando essas polaridades típicas-ideais, só reforçaríamos a tese de que tais ambivalências, moduladas pela reflexividade do indivíduo, constituem a dinâmica mesma do padrão societal moderno.

Os labirintos que percorremos ao longo dessa pesquisa nos revelaram uma instituição com uma vitalidade, além de uma longevidade, pouco comum entre as instituições da sociedade civil

brasileira. Como pudemos constatar, a Maçonaria congrega, estimativamente, centenas de milhares de iniciados; está implantada em todas as unidades da Federação, em suas capitais e nos principais municípios do país; desenvolve inúmeras atividades filantrópicas nas mais diversas áreas; e mantém contato com dezenas de grupos maçônicos espalhados por todo o mundo. Esse porte institucional inclui um modelo político-administrativo similar ao do estado-nação. Os dirigentes que operam essa instituição são homens de classe média (advogados, juizes, comerciantes, médicos, engenheiros etc.), maiores de idade, com alta escolaridade e religiosos. A legislação que regula as relações do conjunto da instituição é fundamentada nos princípios do movimento maçônico internacional e tem como substrato a combinação de valores tradicionais e modernos. Esta combinação de valores permite uma “fusão de horizontes” que torna a Maçonaria uma instituição que reproduz, em escala microssociológica, a estrutura típica da Modernidade, qual seja, um rol de ambivalências moduladas a partir da reflexividade do indivíduo.

Nossa pesquisa, no âmbito do Grande Oriente do Brasil, permite-nos propor que, apesar da diversidade de símbolos, ritos, valores, hierarquias, segredos etc., a Maçonaria se reproduz institucionalmente a partir do que podemos chamar de **polaridades convergentes** que formam o núcleo da sociabilidade maçônica, ou seja, um conjunto de valores tradicionais e modernos que permite a reprodução estrutural da instituição e que se combinam nos seguintes pares de oposição: universalismo e localismo, individualismo e hierarquia, sagrado e profano, relativismo e dogmatismo, esoterismo e exoterismo, ciência tradicional e ciência moderna, mudança e conservação. Tais oposições constituiriam o que há de fundamental no universo ambivalente da Maçonaria. Vejamos em maior detalhe esta proposição.

O corpo de valores que estrutura o dever-ser maçônico traz consigo uma complexa relação entre o **Local** e o **Universal**. O primeiro elemento aparece das formas mais variadas, que vão desde a afirmação de pertença a um grupo específico de iniciados e continua no respeito pelas especificidades nacionais, seja na estruturação dos ritos, seja no respeito às autoridades locais. O segundo elemento, Universal, emerge, igualmente, de variadas formas, a começar pela partilha dos significados de certa simbologia, avançando pela afirmação de certa concepção do indivíduo como sendo portador de direitos naturais e, conseqüentemente, tendo o direito de exercê-los onde quer que esteja. A própria estrutura da qual o GOB participa, o Sistema Obediencial, é mais uma expressão dessa relação entre o Local e o Universal, tendo em vista que há uma partilha de valores comuns, um núcleo sem o qual não se pode integrar aquela Obediência, ao mesmo tempo em que os Orientes nacionais possuem uma margem a partir da qual adequam os princípios ao ambiente nacional. Em outras palavras, a “regularidade” das Obediências nacionais resulta de amplos processos de negociação que buscam preservar as tradições sem imobilizá-las. Assim, o maçom afirma, simultaneamente, a universalidade dos seus valores na localidade dos seus ambientes e localidade dos seus ambientes na universalidade dos seus valores.

O par de oposições expresso no **Sagrado-Profano** evidencia-se no ambiente maçônico a partir mesmo da denominação de profanos, aplicada pelos Filhos da Viúva, a quem não participa da Ordem. Ora, se os maçons denominam os não-maçons de profanos podemos deduzir que eles se consideram algo sagrados. A ambivalência aqui analisada é facilmente notada, como vimos, na existência do Templo maçônico, local sagrado onde são estruturados espaços que afirmam significados que se opõem ao mundo caótico que o envolve. A modulação dessa ambivalência, por parte do indivíduo maçom, se concretiza, entre outros, nos momentos iniciáticos, na sagração do Templo, nas instruções dos

graus simbólicos, onde afirmam a sacralidade. Paralelamente, sua dimensão profana é afirmada no seu cotidiano: no trabalho, na política, na justiça etc. Ressaltemos que tais espaços não existem para englobar o outro, mas para afirmar uma diferença, uma especificidade, uma solução de continuidade, pois sem o sagrado não há o profano, sem o primeiro não entenderíamos o segundo e vice-versa. No mesmo sentido, emergem as polaridades do **Esotérico-Exotérico**, pois o indivíduo maçom também é estruturado a partir desse par de oposições e o modula no sentido do sagrado (o esotérico), bem como do profano (o exotérico). Na Maçonaria, o primeiro elemento está a serviço, invariavelmente, da sacralidade dos iniciados; é a Verdade reservada a poucos (e menos ainda se considerarmos as “iniciações mecânicas”, às quais nos referimos anteriormente). O elemento profano, no entanto, pode ser partilhado com toda a universalidade possível – dentro e fora do ambiente maçônico – seja nas sessões magnas que admitem a presença de profanos, seja em outros espaços de sociabilidade exteriores à Ordem.

A dupla **Relativismo-Dogmatismo** é outra expressão da ambivalência maçônica que acreditamos importante na estruturação da Ordem. Atentemos para a existência de dogmas e relatividades exclusivos da Maçonaria e de outros que são compartilhados com outras instituições. No caso dos exclusivos da Ordem, observamos: a crença no Grande Arquiteto do Universo, a iniciação exclusiva de homens, a composição dos três graus simbólicos (aprendiz, companheiro e mestre), a lenda do terceiro grau, a manutenção do segredo maçônico etc. No que diz respeito aos itens partilhados com outras instituições modernas estão: a defesa do Estado laico, a liberdade econômica, política e religiosa, a meritocracia, o trabalho livre, a autodeterminação dos povos etc. Portanto, juntamente com princípios dogmáticos podemos observar algumas relatividades – religiosa, política, étnica, econômica e outras. Aliás, o relativismo religioso da Maçonaria tem sido um dos pontos de atrito entre a instituição e a Igreja Católica,

que não aceita, teologicamente, uma isonomia entre ela e outras religiões. Insistimos, porém, que há uma ambivalência maçônica que ora afirma princípios dogmáticos, ora afirma princípios relativistas, mesmo que estes últimos não se apliquem àquilo que diz respeito, exclusivamente, à instituição. Em outras palavras: o relativismo maçônico não se aplica ao que é dogma da sua “agenda exclusiva”, somente ao que é dogma partilhado.

Consideramos, como pressuposto ao longo deste trabalho, que há uma dialética nos processos sociais de **Mudança** e **Conservação** de práticas e valores que compõem a dinâmica mesma da vida social. Poderíamos afirmar, metaforicamente, que o fluxo da vida social é uma espécie de espiral que, ao mesmo tempo, conserva algumas formas e conteúdos e, por outro lado, modifica outras. A Maçonaria também convive com esta dinâmica, como devemos ter evidenciado, anteriormente, pois a lista é infindável: a simbologia maçônica, ligada à arte da construção, se mantém conservada, ao passo que mudam alguns significados; a existência dos Templos mantém a idéia do “centro do universo”, ao mesmo tempo em que suas arquiteturas se transformam; a obrigatoriedade ritual permanece, embora as mudanças nos ritos e a criação de novos ritos não cessem de acontecer; os princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade se mantêm, ao mesmo tempo em que a meritocracia, muitas vezes, atua como fator de criação de assimetria entre os maçons; a disposição para a solidariedade continua intacta, mas os mecanismos pelos quais se atualiza essa disposição são modernizados; a Legislação procura preservar certos princípios, ao mesmo tempo em que se esforça por atualizar outros, por intermédios das Assembléias Constituintes; a mesma tendência de prestar homenagens a datas e pessoas importantes na trajetória da Ordem cria, simultaneamente, novas datas e elegem novos exemplos de comportamento maçônico a serem homenageados etc. Propomos, portanto, que o indivíduo maçom traz consigo essa dupla estrutura (Mudança-Conservação) como uma das referências para agir e pensar no interior da Ordem.

Uma das características da Modernidade é a amplitude social de sua autognose, ou seja, a busca contínua e sistemática de conhecer a realidade (natureza e sociedade) para nela interferir. O principal instrumento dessa busca tem sido a pesquisa científica, sobretudo a experimental. Lembremos, no entanto, que esse procedimento cognitivo exclui, por definição, o que podemos chamar de dimensão transcendente do real, tendo em vista que não haveria, nesse caso, nenhuma possibilidade de demonstração empírica. Ora, segundo vimos, no ambiente maçônico não há hostilidade a esse tipo de conhecimento, embora ele seja considerado limitado, uma vez que exclui aspectos essenciais da realidade. A concepção maçônica de busca do conhecimento sobre a Vida e o Homem tenta integrar tanto os aspectos imanentes da realidade quanto os transcendentos; a busca do dado empírico sem excluir a intuição do dado imaterial; o aprofundamento da especificidade disciplinar com a síntese holística das cosmovisões. Acreditamos que, pelo observado no conjunto de regras da Ordem, o indivíduo maçom deve encarar a **Ciência Tradicional** e a **Ciência Moderna** como estratégias complementares e não conflitivas na busca do conhecimento.

Vejamos, finalmente, a última polaridade convergente, a que consideramos mais saliente na estruturação da sociabilidade em questão: **Individualismo-Hierarquia**. Esta polaridade traz consigo o núcleo do ambiente maçônico, o que poderíamos denominar de hierarquia meritocrática, um sistema que afirma o indivíduo e, concomitantemente, hierarquiza suas posições a partir dos méritos que lhe são devidos. Em outras palavras, aqui, o individualismo não é pressuposto de igualdade final entre todos os iniciados, mas uma igualdade de origem, ou seja, de oportunidades. As situações em que podemos observar essa característica da Ordem são as mais variadas, como vimos anteriormente, entre elas: a concepção mesma de uma sociedade iniciática, o processo de seleção dos neófitos, o sistema de graus (com o terceiro grau no seu ápice), as várias classes de maçons e a classificação nas situações de luto. Tudo isto sendo amparado por uma ampla liberdade intelectual só possível quando se avalia,

mesmo que seletivamente, a importância dos indivíduos como elemento central no interior da Ordem. Assim, o indivíduo maçom se moverá num universo que, ao mesmo tempo, afirma-o e o exclui, enquanto elemento autônomo.

Gostaríamos de finalizar essas considerações enunciando algumas proposições sobre as relações entre Maçonaria e Modernidade. Proposições que deverão ser verificadas em pesquisas de escopo mais amplo e em vários campos específicos de ação social na Modernidade:

- a) Propomos haver uma homologia entre Modernidade e Maçonaria;
- b) A principal característica que tornam homólogos esses dois universos é a sua ambivalência;
- c) Essa ambivalência se expressa, nas duas estruturas, pela combinação entre valores tradicionais e modernos;
- d) A reflexividade do indivíduo moderno é a moduladora dessa ambivalência quando, alternadamente, afirma um dos pólos;
- e) A homologia entre essas duas estruturas apresenta como elemento permanente dois resultados práticos: o individualismo seletivo e a hierarquia meritocrática, ou seja, um individualismo que é afirmado como princípio, mas que nem sempre é extensivo a todos e uma hierarquia que não se funda na hereditariedade, mas nos méritos conquistados pelo indivíduo.

Os diversos aspectos do fenômeno maçônico, descritos com mais ou menos detalhes neste trabalho, nos propõem desdobramentos os mais variados, entre eles: as relações entre maçonaria e religião; as afinidades eletivas entre Maçonaria, ideologias modernas e o ideário gnóstico; as possibilidades de variação da ação maçônica em grandes e pequenos municípios; as razões da interdição à participação das mulheres nas Obediências regulares e as condições de participação nas outras Obediências; a proximidade existente entre o modelo do estado-nação e o das Obediências maçônicas; o universo da simbologia maçônica e suas similaridades aquela encontrada na própria tradição cristã; a

necessária composição de um perfil sócio-econômico-cultural dos membros da Ordem; as relações da Maçonaria com os partidos políticos e o posicionamento dos parlamentares maçons em relação a temas centrais da vida nacional; o mapeamento dos personagens maçons na literatura mundial e nacional; a participação da Maçonaria em campanhas filantrópicas nacionais e suas parcerias institucionais. Estes temas certamente merecem atenção especial de pesquisadores e completariam uma análise mais abrangente da Maçonaria, mas não foram explorados na presente pesquisa, cujo foco foi o aqui explicitado. Portanto, com mais atenção das ciências sociais, a pesquisa sistemática sobre esse universo nos trará elementos esclarecedores não somente acerca da instituição, mas também sobre a nossa contemporaneidade.

Pelo visto, os percursos pelos labirintos maçônicos apenas começaram. Supomos que, nestes percursos, nossa tarefa se assemelhará menos a de Teseu que a de Sísifo, pelo menos no que se refere à perseverança e infinitude. Aprendi com uma mestra, analisando as “faces do sagrado”, que os conflitos do real jamais serão solucionados pelos conceitos, estes estarão apenas mediando os conflitos, ambivalências e paradoxos. Assim, o que conseguiremos construir não serão mais do que modestas passarelas entre nós e o mundo através das nossas formulações. É como se nossos encontros com o real só fossem possíveis à luz de vela, nunca ao sol do meio-dia.

Encerraremos por onde começamos, reafirmando que não procuramos descrever e analisar o fenômeno maçônico de tal forma exaustiva que acabasse por desfigurá-lo, perdendo de vista as tais asperezas e conflitos do real; ao mesmo tempo, não gostaríamos de somente enunciá-lo, apenas balbuciando-o e, assim, renunciar às possibilidades de discuti-lo, além de sua faticidade imediata. Tentamos, *ab ovo*, uma abordagem onde os conceitos nos auxiliassem enquanto mediações analíticas das ambivalências do universo maçônico. Resta saber se conseguimos.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ADOUM, Jorge. **Grau do Aprendiz e Seus Mistérios**. São Paulo: Editora Pensamento, 1980.
- ALBERTON, Valério. **O Conceito de Deus na Maçonaria**. 2<sup>a</sup>. Edição. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.
- \_\_\_\_\_, e BENIMELI José A. **Gafes e Mancadas Antimaçônicas**. Londrina: A Trolha, 1991.
- ALMEIDA, Ivan Antonio de. **A Síntese de Uma Tragédia – Movimento Fé e Política**. Ouro Preto: UFOP, 2000.
- AMBELAIN, Robert. **A Franco-Maçonaria – Origem, História e Influência**. Tradução de Alcione Soares Ferreira. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Brasil: realidade e utopia**. Recife: EDUFPE, 2000.
- ASLAN, Nicola. **História Geral da Maçonaria – Período Operativo**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.
- AZEVEDO, Célia M. M. de. **Maçonaria: história e historiografia**. In Revista da USP N. 32 – Dez/Fev. São Paulo: EDUSP, 1996/1997.
- BALANDIER, Georges. **As Dinâmicas Sociais – Sentido e Poder**. Tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: DIFEL, 1976.
- BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras – A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)**. Campinas: Unicamp, 1999.

- BARRETO, Célia. **A Ação das Sociedades Secretas**. In HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: DIFEL, Vol. 06 e 07. 1985.
- BENIMELI, J.A.F. et alli. **Maçonaria e Igreja Católica – ontem, hoje e amanhã**. São Paulo: Paulus 1981.
- BOBBIO, N. et alli. **Dicionário de Política**. Brasília: EDUNB, 1992.
- BORGES, Jorge Luis. **Elogio da Sombra e Perfis – um ensaio autobiográfico**. Tradução de Carlos Nejar, Alfredo Jacques e Maria da Glória Bordini. Rio de Janeiro: Globo, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989. Coleção Memória e Sociedade.
- BOUCHER, Jules. **A Simbólica Maçônica**. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Pensamento, s/d.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a Arte**. São Paulo: Ática, 1985.
- BURKE, P. e PORTER, R. (Orgs.). **Línguas e Jargões – Contribuições Para Uma História Social da Linguagem**. São Paulo: Unesp, 1997.
- CAMPO, Del Salustiano *et alli*. **Dicionário de Ciências Sociais**. Madri: UNESCO, 1976.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo – ensaio sobre o absurdo**. Lisboa: Ed. Livros do Brasil. s/d.
- CARVALHO, Olavo de. **O Jardim das Aflições – De Epicuro à Ressurreição de César: Ensaio Sobre o Materialismo e a Religião Civil**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

\_\_\_\_\_. **Aristóteles em Nova Perspectiva – Uma Introdução aos Quatro Discursos.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

\_\_\_\_\_. **Símbolos e Mitos no Filme O Silêncio dos Inocentes.** Mimeo. 2003.

\_\_\_\_\_. **Gnósticos e Revolucionários.** Jornal O Globo – 21.07.2001.

CARVALHAL, Willian D. A. de. **Maçonaria Negra.** Londrina: A Trolha, 1999.

CASTELLANI, José. **Dicionário de termos maçônicos.** Londrina: A Trolha, 1995.

\_\_\_\_\_. **História do Grande Oriente do Brasil.** Brasília: Ed. GOB, 1993.

\_\_\_\_\_. **O Supremo Conselho no Brasil – síntese de sua história.** Londrina: A Trolha, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Maçonaria e o Movimento Republicano Brasileiro.** São Paulo: Traço Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Ação Secreta da Maçonaria na Política Mundial.** São Paulo: Landmark, 2001.

\_\_\_\_\_. e RODRIGUES, Raimundo. **Análise da Constituição de Anderson.** Londrina: A Trolha, 1995.

CASTRO, Boanerges Barbosa. **Templo Maçônico e Seu Simbolismo.** Rio de Janeiro: Editora Autora, s/d.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos.** Tradução Vera da Costa e Silva et alli. 16ª. Edição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2001.

COLUSSI, Eliane Lucia. **A Maçonaria Gaúcha no Século XIX.** Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

CONCEIÇÃO, Eleutério N. da. **A Maçonaria na História e no Mundo – Origens, Lutas e Atuação.** São Paulo: Madras, s/d.

COSTA, Fernando M. da. **A Maçonaria Feminina.** Lisboa: Editorial Vega, s/d.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. **A Casa & a Rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarquicus – O Sistema das Castas e Suas Implicações**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca. 2<sup>a</sup>. Edição. São Paulo: EDUSP, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Aspectos do Mito**. Lisboa: edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. **Origens – história e sentido na religião**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ERNST, Bruno. **O Espelho Mágico de M.C. Escher**. Tradução Maria Odete Gonçalves Koller. Berlim: Taschen, 1991.

FAIRCHILD, P. H. **Dicionário de Sociologia**. México: Fondo de Cultura, 1992. 13a.Edição.

FERNANDES, Ruben César. Elos de uma cidadania planetária. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 27, pp. 15-34, Jun./Set., 1995.

\_\_\_\_\_. **Privado porém público - o terceiro setor na América Latina**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

FIGUEIREDO, J. G. **Dicionário de Maçonaria**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1998.

FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de S. (Orgs.) **Sociologia e Sociedade – leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociologia**. Tradução de Roneide V. Majer e Klaus B. Gerhardt. São Paulo: Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_. (et alli) **Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Transformação da Intimidade** – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993

GIL, José Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1989.

GUENON, René. **A Crise do Mundo Moderno**. Tradução de Antonio Carlos Carvalho. Lisboa: Veja, s/d.

HAHNER, June E. **Pobreza e Política – os pobres urbanos no Brasil (1870/1920)**. Brasília: EDUNB, 1993.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna – uma pesquisa sobre as Origens da mudança cultural**. Tradução de Adail U. Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica – grega e latina**. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. (Orgs.) **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

HOORNAERT, Eduardo (et alii). **História Geral da Igreja na América Latina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

HORTAL, Jesus. **Maçonaria e Igreja: conciliáveis ou inconciliáveis?** 4ª. edição. Coleção Estudos da CNBB n. 66. São Paulo: Paulus, 2002.

IRMÃO, José Aleixo. **A Loja Perseverança III**. Sorocaba, 1969.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Tradução de Cristiana Andrade. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Igreja e Maçonaria - conciliação possível?** Petrópolis: Vozes - 4<sup>a</sup> ed. 1999.

KUJAWSKI, Gilberto de Melo. **O Ocidente e sua Sombra**. Brasília: Letraviva, 2002.

LANDIM, Leilah (Org.). **Sem fins lucrativos** - as organizações não-governamentais no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1988.

\_\_\_\_\_. **Para além do mercado e do estado?** Filantropia e cidadania no Brasil. Textos de Pesquisa. Rio de Janeiro: ISER, 1988.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a campanha de Betinho: ação cidadã e diversidades brasileiras**. Caxambu, 1995. Trabalho apresentado no XIX<sup>o</sup> Encontro Anual da ANPOCS.

LANDIM, Leilah. (Org.) **Ações em Sociedade - militância, caridade, assistência etc**. Rio de Janeiro: ISER/NAU, 1998.

LIMA, Rômulo de Araújo. **O Conflito como Construção Social**. Mimeo., 2002.

LINHARES, Maria Yedda.(Org.) **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MARÍAS, Julian. **A Perspectiva Cristã**. Tradução de Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARX, K. ENGELS, F. **O Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Victor Hugo Klagsbrunn. RJ: Contraponto e SP: Fundação Perseu Abramo, 1998.

MELLOR, Alec. **Dicionário da Franco-Maçonaria e dos Franco-Maçons**. Trad. Sociedade das Ciências Antigas. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MÉNAND, René. **Mitologia Greco-Romana**. 3 Vol. Tradução Aldo Della Nina. São Paulo: Opus, 1991.

- MERQUIOR, José Guilherme. **Saudades do Carnaval – Introdução à Crise da Cultura.** Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1972.
- \_\_\_\_\_. **O Liberalismo –antigo e moderno.** Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- MERTON, Robert K. **A Ambivalência Sociológica e outros ensaios.** Tradução de Maria José Silveira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- MONNIER, Gerard. **Le Corbusier – Construir a Modernidade.** Coleção encanto Radical. São Paulo: Brasiliense, 1985
- MORAIS, Régis. (Org.) **As Razões do Mito.** São Paulo: Papyrus, 1988.
- OUTHWAITE, W. et alli. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX –** Tradução Álvaro Cabral e Eduardo F. Alves - Editoria brasileira Renato Lessa e Wanderley Guilherme dos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- PALOU, Jean. **A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática.** Tradução de Edilson Alkmim Cunha. São Paulo: Editora Pensamento, 1981.
- PAZ, Octavio. **Os Filhos do Barro – do romantismo à vanguarda.** Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- PORTO, A. Campos. **A Igreja Católica e a Maçonaria.** Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.
- ROBERTS, Mary Mulvey. **Maçonaria, Metáfora e Misoginia: um discurso de marginalidade?** Tradução Álvaro Hattner. In BURKE, P. e PORTER, R. (Orgs.). **Línguas e Jargões – Contribuições Para Uma História Social da Linguagem.** São Paulo: Unesp, 1997.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-Estar na Modernidade.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.
- RODRIX, Zé. **Diário de um Construtor do Templo.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

RUSSEL-WOOD, A.J.R. **Fidalgos e Filantropos** – A Santa Casa de Misericórdia da Bahia (1550-1775). Brasília: EDUNB, 1981. Coleção Temas Brasileiros.

SANTOS, Myryan Sepúlveda. **Teoria da Memória teoria da Modernidade. In Teoria social e Modernidade no Brasil**. Avritzer, L. e Domingues, M. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

SANTOS, Wanderley G. Transição em resumo: do passado recente ao futuro imediato. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 01, pp. 16-22, Jun./Set., 1986.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. 2 Volumes. Madrid: Revista do Ocidente, 1977.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. Organizador: Evaristo de Moraes Filho. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 34. São Paulo: Ática, 1983.

SOBRINHO, Octacílio Schüller. **Maçonaria – Introdução aos Fundamentos Sociológicos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

SOUZA, Nelson Mello e. **Modernidade – A Estratégia do Abismo**. 2ª. edição Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SCHREIBER, H. e SCHREIBER, G. **História e Mistérios das sociedades Secretas**. Tradução de Eurico Douwens. 3ª. Edição. São Paulo: Ibrasa, 1982.

SVEITER, Waldemar. **Maçonaria e Ação Política**. Rio de Janeiro: Editora Mandarin, 1993.

TOLENTINO, Bruno. **O mundo como Idéia**. São Paulo: Globo, 2002.

TROLHA, Xico. **A Maçonaria – Usos e Costumes**. Volume 03. Londrina: A Trolha, 1999.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **A Particularidade da Questão Social na América Latina**. Mimeo, 2003.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade (Vol. II)**. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. UNB, 1999.

\_\_\_\_\_. **Weber: Sociologia.** Gabriel Cohn (Org.). Trad. Amélia Cohn e Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 1982. Col. Grandes Cientistas Sociais n. 13

\_\_\_\_\_. **Metodologia das Ciências Sociais (Vol. II)** Trad. Augustin Wernet. São Paulo: Cortez, 1992.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O Crime do Padre Sório – Maçonaria e Igreja Católica no RS (1893-1928).** Santa Maria: EDUFMS e Porto Alegre: EDUFRGS, 2001.

### **Fontes Primárias**

- Guia de Lojas do Grande Oriente do Brasil – Outubro de 1999.
- List of Lodges – Grand Lodge of London – 2000.
- O que é a Maçonaria – Material de divulgação do GOB – s/d
- Constituição do Grande Oriente do Brasil – 1996.
- Revista da Fundação Maçônica Manoel dos Santos – Ano VIII – N.18 – jan/jul de 1998.
- Demonstrativo Filantrópico do GOB – 1998.
- Jornal “O Esquadro” – Órgão Oficial do GOB – N°s. 09 Ano XVIII; 09 Ano XIX; 09 Ano XX; 04, 05, 06 e 07 Ano XXI; – DF, junho de 2000.
- Boletim Oficial do GOB – N°s: 04 a 08/1989; 43 e 44/1991; 01 e 02/1995; 03 e 04/1997; 13 a 23/1998; 01 a 20/1999; 09 a 14/2000; 01 a 05/2001.
- Anais do I Congresso Internacional de História e Geografia – Rio de Janeiro – 19 a 21 de março de 1981. III Volume. Panorama atual da Maçonaria no Mundo.



## **Anexos**



# A Representação de Deus na Maçonaria<sup>1</sup>

Este artigo é dedicado ao Padre Jesuíta Valério Alberton

*In memoriam*

## Introdução

Um das opiniões mais comuns que circulam em torno do empreendimento maçônico é aquela de que se trata de uma instituição secreta e unificada, doutrinal e administrativamente, algo como um “mundo paralelo” manipulando as decisões da vida das populações não-iniciadas. Mas não é exatamente isso que mostra a bibliografia referente à maçonaria. Aquilo que podemos denominar de “movimento maçônico” é composto por uma miríade de organizações que, ao longo de séculos, disputam a melhor interpretação e, muitas vezes, a revisão da tradição simbólica e organizativa da instituição maçônica. As inúmeras cisões e fusões entre os grupos maçônicos, ao longo da história, podem ser identificadas a partir de tais disputas e polêmicas.

Entre as opiniões mais difundidas sobre a instituição maçônica está aquela que afirma ser a maçonaria uma conspiração secreta contra as religiões, sobretudo as monoteístas e, mais especificamente, contra o cristianismo. As imagens que acompanham essas especulações são compostas de rituais macabros, sacrifícios de animais, cultos a bodes, hóstias apunhaladas e outros mais ou menos espetaculares. A natureza secreta da ritualística, o elitismo na escolha dos seus membros, a interdição à participação de mulheres, a vasta simbologia utilizada, a discricção como método de ação pública e algumas outras

---

<sup>1</sup> Texto publicado como capítulo do livro *Temas de Ciências da Religião*. 01ed.Araçaju: Editora da UFS, 2008.

características peculiares à Ordem também ajudaram na consolidação e difusão de outras especulações.

Embora em alguns momentos históricos a maçonaria tenha se identificado com idéias e movimentos anticlericais, os princípios que regem a instituição não podem ser considerados anti-religiosos. Ao contrário, em seus documentos estão presentes valores que estimulam a pacífica e tolerante convivência entre os mais variados credos. Além disso, a Ordem procura deixar explícito nos seus documentos oficiais o fato de que não se considera uma religião e de que todos os seus membros devem ficar à vontade quanto a este tipo de escolha. Todavia, seria importante discutir a concepção mesma de transcendência na Maçonaria e a forma através da qual ela é representada pelos maçons. É isto que tentaremos desenvolver a seguir.

O universo empírico que servirá como base para nossas formulações se restringe ao Grande Oriente do Brasil (GOB).<sup>2</sup> O percurso que faremos envolverá as seguintes questões, além desta introdução: 1) uma breve apresentação da instituição – gênese e estrutura atual; 2) algumas considerações acerca do conceito de representações sociais; 3) a representação de Deus nas legislações maçônicas; 4) considerações finais.<sup>3</sup>

## 02. Maçonaria – gênese e estrutura atual

Os historiadores maçons costumam dividir a história da maçonaria em dois períodos: o primeiro, **operativo**, quando a instituição desempenhava, basicamente, atividades ligadas à arte da construção e estimulava princípios corporativos típicos do período medieval; o segundo, **especulativo**, quando a arte de construir já não era mais um critério para participar da instituição

---

<sup>2</sup> O GOB é a Federação Maçônica mais antiga do país, criada em 1822.

<sup>3</sup> As formulações apresentadas neste texto constituem resultados parciais de um projeto de pesquisa, intitulado “Maçonaria: as ambigüidades do sagrado”, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa de Ciências da Religião – CNPq/COPES/UFS.

e foram admitidos indivíduos originários de outros espaços sociais. Esse momento **especulativo** é consolidado no início do século XVIII, na Inglaterra, com a publicação de regulamentos que constituirão o que vem sendo chamado de “movimento maçônico regular”.<sup>4</sup> Estas regras são contestadas até os dias de hoje, mas em função de um razoável consenso entre alguns grupos acabaram por se consolidar e servir como referência para rituais, comportamentos e administração das Lojas. Apesar dessas divergências e disputas pela “tradição maçônica”, o fato é que a maçonaria (“regular” e “irregular”) tem se expandido pelo mundo inteiro, em todos os continentes, nos mais variados regimes (embora tenha enfrentado enormes dificuldades com regimes autoritários), em sociedades com níveis de modernização variáveis, em ambientes étnicos diversificados. No Brasil, as primeiras Lojas Maçônicas datam do começo do século XIX e logo se espalharam pela totalidade do território brasileiro. A estrutura de funcionamento da maçonaria, sobretudo na “maçonaria regular”, é semelhante em todo o mundo; os ritos, mitos, procedimentos de admissão, referenciais filosóficos, simbólicos, administrativos etc.<sup>5</sup>

No Brasil, de acordo com sua autodefinição<sup>6</sup>, a Maçonaria é uma instituição essencialmente filosófica, filantrópica e progressista. **Filosófica** porque em seus atos e cerimônias, trata da essência, propriedades e efeitos das causas naturais; **filantrópica** porque não está constituída para obter lucro pessoal de nenhuma classe, senão, pelo contrário, suas arrecadações e seus recursos se destinam à filantropia e bem-estar do gênero humano, sem distinção de nacionalidade, sexo, religião ou raça; **progressista** porque partindo do princípio da imortalidade e da crença em um princípio regular e infinito, não se aferra a dogmas, prevenções ou

---

<sup>4</sup> Participam desse grupo todas as Lojas que se submetem as regulamentações da Grande Loja de Londres, também conhecida como Loja-Mãe.

<sup>5</sup> Cf. Castellani, 1995.

<sup>6</sup> Autodefinição encontrada em vários panfletos de divulgação do ideário maçônico.

superstições, não colocando nenhum obstáculo ao esforço dos seres humanos na busca da verdade, nem reconhecendo outro limite nessa busca senão o da razão com base na ciência. A instituição maçônica ainda afirma outros princípios, tais como: a autodeterminação dos povos, a igualdade de direitos dos indivíduos, a valorização do trabalho e a fraternidade entre todos os homens, já que seríamos filhos do mesmo Criador. Portanto, a partir de uma combinação própria entre Ciência, Trabalho e Justiça estaria a Maçonaria trabalhando para o melhoramento intelectual, moral e social da humanidade.<sup>7</sup>

Ao mesmo tempo, a maçonaria é uma instituição secreta e iniciática, conseqüentemente, aristocrática; na qual só participam homens (pelo menos no “movimento maçônico regular”), alfabetizados, sem defeitos físicos, maiores de idade e com nível de renda suficiente para assumirem os custos da filiação à instituição; instituição na qual a hierarquia está presente em todos os seus procedimentos, desde a estratificação em graus iniciáticos, até os vários níveis de luto quando da morte de seus integrantes.

A Maçonaria não tem uma trajetória linear nem tampouco compõe um corpo homogêneo em sua ritualística, opções políticas e religiosas. O sentido da ação da instituição também varia ao longo do tempo. No Brasil do século XIX, serviu como espaço de sociabilidade republicana em todo o território nacional; durante boa parte do século XX tornou-se uma instituição com forte apelo esotérico; mais recentemente, desde a década de oitenta, tem atuado como espaço que combina uma ação política, esotérica e filantrópica. Enfim, é uma tradição constantemente reinventada. Alguns traços, no entanto, são permanentes, entre outros: a sua continuidade como uma instituição iniciática, racionalista e filantrópica; a perenidade dos rituais e dos símbolos; a permanência de suas estruturas hierárquicas, podendo-se dizer o mesmo para o fundamental da sua estrutura administrativa; a

---

<sup>7</sup> Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil, 1996 – GOB.

consolidação e expansão de sua atividade em âmbito internacional; a observância de algumas regras contidas na Constituição de Anderson e os landmarks (conjunto de valores reguladores da atividade maçônica), sobretudo aqueles referentes a questão da regularidade.

### **03 – Em Torno do Conceito de Representação Social**

Estamos entre aqueles que consideram as representações sociais como verdadeiras “janelas” para a compreensão dos fenômenos sociais. Essas construções costumam expressar visões de mundo (mais ou menos abrangentes), com graus diversos de nitidez e clareza e, invariavelmente, combinam o acúmulo de conhecimentos com a vivência dos indivíduos. O que vamos apresentar, a seguir, embora não tenha pretensões de reflexão sistemática sobre o fenômeno das representações sociais deve nos ajudar a entender o fenômeno da representação de Deus na Maçonaria.

Em relação a estas características das representações sociais, afirma Durkheim:

(...) são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí a sua experiência e o seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo aí está como que concentrada.<sup>8</sup>

Por sua vez, Moscovici (1961) parte do conceito de “Representações Coletivas” de Durkheim, notadamente da crítica a certos aspectos deste conceito. As limitações essenciais do conceito durkheimiano seriam as seguintes: a) abrange uma gama muito

---

<sup>8</sup> Durkheim, 1989, Pg. 45

ampla e heterogênea de formas de conhecimento; b) é uma concepção muito estática do homem e da sociedade e, c) as representações coletivas são entendidas como entidades explicativas absolutas e irredutíveis à experiência particular de cada sujeito. Com vistas a superar tais limitações, Moscovici propõe um novo conceito e com ele uma nova teoria para analisar o pensamento social. Ele chama a este conceito e teoria de “Representações Sociais” para indicar que ele não se apresenta como uma realidade estática e acabada que se impõe aos indivíduos, mas, ao contrário, como uma produção cotidiana e social de cada categoria social:

As representações sociais de que me ocupo não são as das sociedades primitivas, nem o que delas resta no subsolo da nossa cultura. São as da nossa sociedade atual, do nosso solo político, científico e humano, e que nem sempre tiveram o tempo suficiente para permitir a sedimentação que as tornaria tradições imutáveis.<sup>9</sup>

A trajetória teórica de Moscovici se estende para a formulação do núcleo mais significativo do seu conceito de representações sociais a partir de duas dimensões: a estrita e a generalista. Na ótica estrita as representações sociais são concebidas como um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida cotidiana no decurso das comunicações inter-individuais (por exemplo, os mitos). Na ótica generalista, as representações sociais se referem a modalidades de conhecimento ou saber atuais, que nem sempre tiveram o tempo necessário para sedimentações ou cristalizações; de modo que qualquer construção de conhecimento elaborada socialmente sobre um objeto social pode ser entendida como uma representação social.

Como se trata de uma construção formal do conhecimento, o fenômeno da objetivação orienta as percepções e os julgamentos

---

<sup>9</sup> Cf. Moscovici, 1984, p.181.

dos agentes em uma realidade socialmente construída. Seguindo o raciocínio de Jodelet (1988), a objetivação não garante a inserção orgânica desse conhecimento. É o processo de ancoragem, em relação dialética com a objetivação, que vai garanti-lo, através da articulação das três funções basilares da representação da realidade: função cognitiva de integração da novidade; função de interpretação da realidade e função de orientação das condutas e das relações sociais.

O processo de ancoragem se decompõe, ainda, em diferentes modalidades, e o estudo mais aprofundado dessas modalidades é que permite ao cientista apreendê-lo.

A ancoragem, como consignação de sentido, está relacionada ao jogo de significações externas que incidem sobre as relações estabelecidas entre os diferentes elementos da representação. Isso porque os conteúdos de uma representação estão vinculados à significação que um dado objeto, fato, fenômeno ou idéia tem para determinados grupos sociais. Daí que a um mesmo objeto se inscrevem diferentes perspectivas, encarnando diferentes sistemas de valores ou de contravalores, dependendo da inserção social e cultural dos indivíduos.

Já a ancoragem, como instrumento do saber, é uma modalidade que permite compreender como os elementos da representação não só exprimem relações sociais, mas, também contribuem para construí-las. Isso porque, a representação forjada no grupo acaba servindo a seus agentes como instrumento referencial que permite comunicar e influenciar aqueles que compartilham de seu grupo, tornando os elementos da representação social chaves de leitura, generalização e teoria de referência para compreender a realidade daquele grupo.

#### **04. A Representação de Deus nas Legislações Maçônicas**

O movimento maçônico regular internacional se organiza a partir de um conjunto de normas que regulamentam os seus

procedimentos ritualísticos e administrativos. Toda a legislação da instituição tem como base os seguintes documentos: 1) As Constituições de Anderson, publicadas em 1723 a pedido da Grande Loja de Londres (fundada em 1717) e que trata da história da fraternidade, antigos usos e costumes e de regras para funcionamento das Lojas; 2) Constituição de Laurence Dermott (também conhecida como Ahiman Rezon), publicada em 1756 como uma reação de um grupo de maçons pertencentes a Grande Loja dos Antigos (fundada em 1751) que discordavam de algumas inovações propostas pelo pastor J. Anderson, sobretudo no que se referia às concepções metafísicas e religiosas; 3) Constituição de Anderson Reformada, de 1815, que vai ser o principal instrumento jurídico da Grande Loja Unida (fusão da Primeira Grande Loja com a Grande Loja dos Antigos); 4) os Landmarques, que seriam alguns usos e costumes maçônicos tão antigos e consolidados que seriam considerados consensuais; 5) Os oito Princípios de Regularidade, de 1929, onde estão explícitas as normas necessárias para o reconhecimento da Grande Loja Unida da Inglaterra (considerada a Grande Loja Mãe do mundo). Além destes, cada Grande Oriente nacional tem a sua própria legislação, que deve respeitar os princípios da legislação geral.<sup>10</sup>

Esse conjunto de regras, elaborado e/ou sistematizado pela maçonaria moderna não foi suficiente para homogeneizar os procedimentos e tornar a maçonaria uma instituição unificada na doutrina e na administração. Ao contrário, sobre cada uma dessas resoluções existe uma série de divergências que vão desde as questões de ritualística, até questões religiosas, passando por questões administrativas. No entanto, existe um grupo de maçons em todo o mundo que se reúne em torno da Grande Loja Unida da Inglaterra, considerada pela maior parte dos maçons do mundo como a fundadora da maçonaria moderna e, conseqüentemente,

---

<sup>10</sup> Cf. Castellani e Rodrigues, 1995.

detentora do poder de reconhecimento da chamada “regularidade maçônica”.

Compreender adequadamente o significado dessas regras e as condições que as geraram é condição necessária para a própria compreensão da gênese e estrutura do campo maçônico que, como diria Bourdieu, pode ser encarado como um espaço de luta por capitais simbólicos e materiais; espaço no qual se produzem problemáticas específicas, relações de força, monopólios de nomeação, retóricas oficiais; espaço onde se legitimam dirigentes, preservam-se memórias e, simultaneamente, constrói-se uma determinada posição em relação aos outros campos com os quais se relacionam e em relação aos quais afirmam-se características distintas. Embora haja uma disputa permanente pelo capital simbólico e material existente no campo, todos os agentes participantes do campo têm interesses fundamentais em comum, que são aqueles que viabilizarão a produção e reprodução do campo. Conseqüentemente, encontraremos, mesmo no que for diversidade, uma cumplicidade subjacente a todos esses conflitos e diferenças. Portanto, a operacionalização do campo dependerá permanentemente desses acordos sobre o que merece ser disputado, e é nessa dinâmica que se afirmarão as relações de força, os monopólios de capitais específicos, as estratégias de conservação, bem como as estratégias de resistência e de mudança.<sup>11</sup>

#### **4.1 – O G.A.D.U. nos Documentos Maçônicos**

Prólogo: “Nós, os representantes dos Maçons do Grande Oriente do Brasil, reunidos em Assembléia Federal Constituinte, sob invocação do Grande Arquiteto do Universo, estabelecemos e promulgamos o seguinte”.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Cf. Bourdieu, 1983; 1989.

<sup>12</sup> Prólogo da Constituição do Grande Oriente do Brasil, 1996.

A invocação do Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U.), além de vincular a mencionada Obediência ao que há de mais tradicional na história da Maçonaria moderna, coloca a problemática da natureza dessa divindade e do seu lugar na estrutura simbólica e ritualística da instituição maçônica. Vejamos como essa divindade emerge dos principais documentos maçônicos.

#### **4.2.) Constituições de Anderson (1723)**

##### **a) Constituição de Anderson (1723)**

Em 1721, em função de algumas divergências entre as Lojas maçônicas inglesas, foi solicitado, ao pastor presbiteriano James Anderson, que realizasse uma compilação de antigos preceitos e regulamentos maçônicos. Tal procedimento, que não foi desenvolvido de maneira isolada pelo pastor, apresentou, ao final, as seguintes partes: 1) Síntese da História da maçonaria, desde a criação do mundo; 2) Os Antigos Deveres ou Leis Fundamentais; 3) as 39 Obrigações, ou Regulamentos Gerais; 4) Quatro cânticos maçônicos, o hino do mestre, o hino do vigilante, o hino dos aprendizes e o hino dos companheiros.

Embora a primeira parte do documento seja amplamente reconhecida pelo movimento maçônico atual como bastante fantasista, pois coloca a origem da maçonaria na própria gênese do mundo, é importante destacar este fato expressa a influência da cosmovisão do Antigo Testamento junto aos compiladores daquele documento maçônico.

Um dos trechos mais discutidos desses preceitos antigos da maçonaria, é o que apresentamos abaixo:

O maçom está obrigado, por seu título, a praticar a moral; e, se compreender seus deveres, **jamais se converterá em um estúpido ateu nem em irreligioso libertino.** Apesar de, nos

tempos antigos, os Maçons estarem obrigados a praticar em cada país, a religião local, tem-se como mais apropriado, hoje, não lhes impor senão a religião sobre a qual todos os homens estão de acordo, dando-lhes total liberdade com referência às suas próprias opiniões particulares. Esta consiste em serem homens bons e sinceros, homens honrados e justos, **seja qual for a denominação ou crença particular que eles possam ter**, donde se conclui que a Maçonaria é um Centro de União e **o meio de conciliar uma verdadeira amizade entre pessoas que, de outra maneira, ficariam perpetuamente separadas.**<sup>13</sup>

## b) A Crítica dos “Antigos”

Com o lançamento da Constituição de Anderson, houve uma resistência de algumas Lojas que acabou por criar uma tendência que se chamou “maçonaria dos antigos”. As principais críticas acerca do que nos interessa, aqui, são os seguintes itens: omissão das orações nos rituais; descristianização dos rituais; omissão da comemoração dos dias santo, especialmente o de São João Batista e de São João Evangelista.

Essa reação pode ser claramente identificada com aqueles que viviam a maçonaria como um ambiente cristão, como se a instituição fosse uma apêndice da Igreja.

## c) A Fusão de 1815

A reação dos “antigos” culminou, tempos depois, na unificação das Lojas “antigas” e “modernas” o que só foi possível após algumas mudanças na legislação maçônica. Atentemos para as modificações realizadas no trecho citado acima.

Um maçom é obrigado, por seu título, a obedecer à lei moral e, se compreender bem a Arte, **nunca será ateu estúpido, nem libertino irreligioso.** De todos os homens, deve ser o que melhor

---

<sup>13</sup> Referência encontrada em Castellani & Rodrigues, 1995.

compreende que **Deus enxerga de maneira diferente do Homem**, pois o homem vê a aparência externa ao passo que **Deus vê o coração**. Seja qual for a religião de um homem, ou sua forma de adorar, **ele não será excluído da Ordem, se acreditar** no glorioso Grande Arquiteto do Céu e da Terra e se praticar os sagrados deveres da moral...<sup>14</sup>

Modificações quase imperceptíveis, mas que criaram novas possibilidades de relação entre o Deus do Antigo Testamento e o Grande Arquiteto do Universo. Tal discussão, porém, tem se desenvolvido ao longo dos últimos três séculos e as controvérsias ainda não foram solucionadas.

### 4.3) Landmarks;

Existem várias classificações acerca desses antigos preceitos. Utilizaremos as classificações de cinco pesquisadores: Albert Gallatin Mackey (1807-1871); J. G. Findel (1828-1905); Albert Pike (1809-1891); H. Roscoe Pound (1870-1964); Jean Pierre Berthelon.<sup>15</sup>

#### **Mackey(25)**

19 – a crença em deus;

20 – A crença na imortalidade da alma;

21 – A presença do volume das sagradas escrituras em todas as lojas.

#### **Findel(09)**

01 – A obrigação de cada maçom de professar a religião universal, em que estão concordes todos os homens de bem.

#### **Pike(05)**

03 – A crença no grande arquiteto do universo e numa vida futura.

---

<sup>14</sup> Idem Ibidem.

<sup>15</sup> Cf. Castellani & Rodrigues, 1995.

## **Pound(09)**

- 01 – A crença em Deus, o Grande Arquiteto do Universo;
- 02 – A crença na imortalidade da alma;
- 03 – o Livro da Lei Sagrada, como parte integrante dos utensílios da loja

## **Berthelon(06)**

- 05 – A crença na existência de Deus, o Grande Arquiteto do Universo;
- 06 – O livro da Lei Sagrada sobre o Altar.

### **4.4) Princípios de Regularidade:**

Após um longo período de controvérsias, a Grande Loja Unida da Inglaterra publicava em 04.09.1929 oito princípios para reconhecimento de Grandes Lojas. Desses princípios, destacaremos aqueles três que dizem respeito diretamente ao que estamos discutindo.

- 2) A crença no Grande Arquiteto do Universo e em sua vontade revelada são as condições essenciais para a admissão de novos membros;
- 3) Todos os iniciados devem prestar sua Obrigação sobre o Livro da Lei Sagrada;
- 4) As três Grandes Luzes – Livro da Lei, Esquadro e Compasso – serão sempre expostas no trabalho da Grande Loja e das Lojas de sua jurisdição; a principal luz é o Livro da Lei Sagrada;

## **5. Questões Acerca da Representação de Deus na Maçonaria**

A agenda relativa à pesquisa sobre a maçonaria apresenta inúmeros desafios. A documentação sumariamente apresentada aqui nos indica algumas questões para o aprofundamento da discussão sobre a representação de Deus na maçonaria, entre elas:

- a) A identificação de um “ateísmo maçônico” não se aplicaria ao que se denomina “maçonaria regular”?

b) O G.A.D.U. seria um princípio deísta – causa do mundo e completamente acessível à razão ou seria esta divindade um princípio teísta – criador e governador do mundo, acessível pela razão e pela revelação histórica do “Deus vivo”? Em caso afirmativo, Se um indivíduo já conheceu a verdade do seu “Deus vivo”, qual seria o sentido de continuar buscando por ela em grupos iniciáticos?

d) Haveria incompatibilidade entre, por um lado, as religiões universalistas, que se propõem a levar uma “mensagem” para todos os Homens e, por outro lado, grupos iniciáticos, que propõem uma busca da Verdade para pequenos grupos?

Esperamos que estas e outras questões possam ser enfrentadas de forma mais incisiva em momentos posteriores desta pesquisa.

## **Bibliografia**

ALBERTON, Valério. **O Conceito de Deus na Maçonaria**. 2<sup>a</sup>. Edição. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.

BENIMELI, J.A.F. et alli. **Maçonaria e Igreja Católica – ontem, hoje e amanhã**. São Paulo: Paulus 1981.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. (Trad. Jeni Vaitsman) Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989. Col. Memória e Sociedade.

CASTELLANI, José. **Dicionário de termos maçônicos**. Londrina: A Trolha, 1995.

\_\_\_\_\_, e RODRIGUES, Raimundo. **Análise da Constituição de Anderson**. Londrina: A Trolha, 1995.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

HORTAL, Jesus. **Maçonaria e Igreja: conciliáveis ou inconciliáveis?** 4<sup>a</sup>. edição. Coleção Estudos da CNBB n. 66. São Paulo: Paulus, 2002.

JODELET, D. (1988) La representacion social: Fenomenos, concepto y teoria. In: **Psicologia Social II** MOSCOVICI, Serge (org.). Barcelona.Paidós, p.357-373. Traduzido do francês por GOWTIÉS, Bernard. (1993).

KLOPPENBURG, Boaventura. **Igreja e Maçonaria - conciliação possível?** Petrópolis: Vozes - 4<sup>a</sup> ed. 1999.

MOSCOVICI, S., (1995). Prefácio. In: **Textos em Representações Sociais**. (P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch, org.), 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p.7-16.

SPINK, M. J., (1995). Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: **Textos em Representações Sociais**. GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). Petrópolis/RJ: Vozes. p.117-145.



# O caldeirão da maçonaria: explorações sobre o esoterismo e o exoterismo maçônico<sup>1</sup>

## 01. Introdução

A Maçonaria é uma instituição privada, sem fins lucrativos, que atua no Brasil desde o final do século XVIII e congrega, nos dias que correm, centenas de milhares de membros em suas mais variadas facções. Juntamente com a Igreja Católica, é a instituição mais longeva da sociedade civil no Brasil. Desde a sua origem, participa da vida pública no país em diversos níveis, entre eles: nas práticas filantrópicas, na participação em campanhas públicas (contra as drogas, em defesa da constituinte e outras) e na ação cultural em torno de valores que combinam aspectos tradicionais e modernos. Além de ser uma das instituições mais antigas do cenário nacional, está implantada em todas as unidades da federação, presente em todas as capitais e em mais de 2 mil municípios brasileiros. Podemos defini-la como uma instituição ambivalente, pois articula valores individualistas e hierárquicos, esotéricos e exotéricos, nacionais e universais, sagrados e profanos.

Apesar da forte presença na sociedade brasileira, desde o século XIX, a maçonaria não tem sido objeto de pesquisas no âmbito acadêmico brasileiro, sobretudo na área das ciências da religião. Podemos encontrar excelentes pesquisas historiográficas, centradas no período de transição do Império à República, algumas poucas iniciativas na área das ciências sociais. Portanto, para o campo das ciências da religião seria muito interessante que procurássemos explorar melhor a religiosidade maçônica e sua natureza difusa, de pretensões ecumênicas, influências gnósticas,

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na Revista Paralellus (Online), v. 7, p. 185-206, 2016.

suas tensões com o campo religioso, seu universo mítico e ritualístico.

Apesar de exercício panorâmico e ainda exploratório, esperamos discutir algumas questões relacionadas a essas dimensões do mundo maçônico. Para tal, faremos uma breve incursão pela trajetória maçônica; indicaremos algumas características da sua natureza iniciática; e identificaremos alguns símbolos e valores religiosos da cultura maçônica.

## 02. Origem e estrutura: inventando tradições

Os historiadores maçons costumam dividir a história da maçonaria em duas fases: a primeira, operativa, quando a instituição desempenhava, basicamente, atividades ligadas à arte da construção e estimulava princípios corporativos típicos do período medieval; a segunda, especulativa, quando a arte de construir já não era mais um critério para participar da instituição, ocasião em que foram admitidos indivíduos originários de outros segmentos sociais. Esses novos maçons eram filósofos, alquimistas, hermetistas, poetas e outros que procuravam a Ordem, segundo pesquisador maçônico, por três razões, fundamentalmente: a) oferecia uma forma lícita de associação, fato raro naquele período; b) ocorria em ambiente aberto para discussões que problematizavam o “estado de coisas” da época; c) dispunha de uma estrutura internacional, o que facilitava o intercâmbio de ideias (CASTELLANI, 1995).

À fase inicial, chamada de “operativa”, estão ligados vários símbolos ritualísticos que existem até a atualidade. Nessa fase, os principais segredos estão ligados à arte de construir dos **pedreiros-livres**, vinculados às corporações de ofício da idade média.

Pedreiros-livres foi uma das denominações utilizadas para se referir aos maçons. Expressão inspirada nos pedreiros que

viajavam pela Europa, em torno do século VIII, a fim de construir templos católicos em estilo gótico. Estes pedreiros acabaram por constituir corporações que obtiveram privilégio exclusivo para a execução de certas arquiteturas, cujo processo guardavam em segredo. Todavia, com o advento progressista da ciência e das artes, a sociedade acabou por perder seu caráter primitivo e exclusivista, e passou a aceitar como seus membros pessoas estranhas ao ofício. Em 1717, com a morte de Sir. Christopher Wren, último Grão-Mestre dos Pedreiros, as oficinas se compunham principalmente de intelectuais. Então estes convieram em abandonar por completo a arquitetura, substituindo a corporação por uma associação puramente moral e filosófica, que, no entanto, conservaria algumas denominações e instrumentos de arquitetura como simples recordação da arte e dos seus segredos. E foi assim que no dia 24 de junho de 1717 as quatro Lojas de Londres se reuniram e criaram a Grande Loja da Inglaterra, e então nasceu a Maçonaria moderna (FIGUEIREDO, 1998:138).

Na fase **especulativa**, consolidada no início do século XVIII, na Inglaterra, a tradição simbólica e ritualística medieval foi sendo reproduzida e, muitas vezes, resignificada pela tradição oral e por documentos esparsos até o momento em que foram sistematizados no documento fundador da Maçonaria moderna: a Constituição de Anderson. Outras normas não escritas também foram sistematizadas por vários autores maçons ao longo do século XIX. Contudo, não há um consenso sobre a sua versão definitiva, embora algumas versões tenham sido legitimadas junto a determinados grupos. Estas normas consuetudinárias são conhecidas como Landmarks e formam um corpo de regras que envolvem desde o reconhecimento de um maçom à divisão em graus pela maçonaria, indo até a afirmativa de que a maçonaria é uma sociedade secreta de posse de segredos que não podem ser divulgados. Os fundamentos mais importantes, no entanto, estão na Constituição de Anderson, que teve uma de suas versões publicada em 1723 na Inglaterra e reformada alguns anos depois. Neste documento, encontramos a história lendária da instituição e

seus preceitos básicos. A relação dos maçons com esse documento pode ser definida como de “respeito seletivo”. Em outras palavras, nem tudo é aceito de forma consensual, como uma tradição auto-evidente e auto-aplicável, sobretudo no que se refere às origens da instituição, que nesse documento parece por demais fantasiosa aos olhos de alguns pesquisadores. Por outro lado, o consenso em torno de alguns aspectos desses documentos é o que garante uma relativa homogeneidade institucional à Ordem (CASTELLANI E RODRIGUES, 1995).

O momento histórico de criação da Maçonaria moderna coincide com o que Hobsbawn chamou de período rico em “invenção de tradições”. O autor não quer dizer com isso que essas tradições tenham sido artificialmente inventadas, mas que atendem a certas necessidades em um período de grandes transformações. Vejamos o autor:

Provavelmente não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a ‘invenção’ de tradições nesse sentido. Contudo, espera-se que ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta (HOBSBAWN E RANGER, 1984:12).

Como alguns entendem, o século XVIII é o centro da transição à Modernidade e, conseqüentemente, significa um momento no qual podemos observar muitas mudanças no âmbito da economia, da política, da religião etc., constituindo-se, portanto, num período que seria propício à “invenção de tradições”.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado oferta (IDEM, IBDEM, p. 09)

### **03. A Maçonaria no Brasil**

A chegada da Maçonaria ao Brasil, no final do século XVIII, pode ser entendida como um dos sinais do processo de modernização do país, que continuaria avançando nos séculos seguintes. A Maçonaria foi um dos espaços mais importantes de divulgação do ideário moderno (mesmo que mesclado com uma ritualística antiga e tradicional) e conseguiu atrair uma parcela significativa da elite em nosso país para dialogar, à sua maneira, com esse ideário iluminista emergente no período (BARATA,1999;COLUSSI,1998; MOREL, 2005).

Sobre os primórdios da maçonaria no Brasil, tema bastante controverso e de documentação ainda a ser mais bem explorada, afirma Castellani:

Embora a primeira Loja maçônica brasileira tenha surgido em águas territoriais da Bahia, em 1797, numa fragata francesa, a primeira Loja regular do Brasil foi a “REUNIÃO”, fundada em 1801, no Rio de Janeiro, movida pela liturgia e com fins político-sociais (CASTELLANI, 1993:32).

No entanto, torna-se importante lembrar que as ideias maçônicas já circulavam pela Colônia através dos estudantes brasileiros que se dirigiam à Europa para cursar universidades como a de Coimbra, em Portugal, Montpellier, na França e Oxford na Inglaterra. As notícias de maçons e ideias maçônicas no final do século XVIII no nosso país orientando alguns movimentos (Inconfidência Mineira, Revolta dos Alfaiates, Conjuração Fluminense etc.) ainda estão por ser exploradas pela pesquisa

social para que cheguemos a dados e interpretações mais consistentes.

Seja qual for a versão historicamente mais consistente, o que não podemos negar é que a atividade maçônica formou, a partir do início do século XIX, uma rede de Lojas por todo o território brasileiro e organizou o que, provavelmente, foi a primeira atuação política articulada (nacional e internacionalmente) de que temos notícia no nosso país, além da Igreja Católica, funcionando como uma espécie de arena para discussões voltadas ao processo de modernização. A atuação da Maçonaria esteve ligada à difusão do ideário liberal, iluminista e anticlerical. Ainda hoje, pelo menos no interior do movimento maçônico, a instituição é lembrada por sua participação em episódios importantes da história do país: independência, abolicionismo, abdicação de Dom Pedro I, a separação da Igreja do Estado, o movimento republicano e outros menos comentados. Os maçons parecem ter exercido, naquele período, uma influência significativa na definição dos rumos do país, uma vez que exerciam atividades intelectuais e políticas, atuavam em jornais, revistas, sociedades literárias e beneficentes, nos primeiros partidos políticos e chegando a compor, desde o Império, vários Gabinetes de Governo (BARATA, 1999, COLUSSI, 1998).

A participação da Maçonaria em todos esses eventos não significa que a instituição tenha sido a grande responsável por eles, como querem acreditar alguns e como divulga a mitologia referente à Ordem, mas que a sua atuação se deu, efetivamente, no campo da formação de uma cultura política calcada na defesa da laicização da sociedade brasileira, juntamente com outros segmentos da intelectualidade (IDEM, IBSEM).

Ao longo do século XX, o adensamento da sociedade civil e a consequente emergência de novos atores no espaço público fez com que a Maçonaria perdesse aquele protagonismo identificado no século XIX. Embora não possamos desenvolver esse tema neste momento, é importante frisar que existem alguns indícios que

apontam para uma participação importante da instituição ao longo do século XX.

#### **04 – Uma instituição iniciática**

Quando a legislação maçônica afirma a condição essencialmente iniciática da instituição está querendo reiterar, em outras palavras, que existe um corpo de conhecimentos e práticas que são transmitidos através de rituais iniciáticos exclusivamente aos seus adeptos, que acaba sendo uma elite rigorosamente selecionada entre aqueles que se destacam de alguma maneira no meio em que atua uma determinada Loja. Ressaltemos que seguimos o entendimento de iniciação de Eliade, segundo o qual,

O termo iniciação no sentido mais geral designa um corpo de ritos e ensinamentos cujo objetivo é produzir uma modificação radical do estatuto religioso e social da pessoa que vai ser iniciada. Em termos filosóficos a iniciação é equivalente a uma mutação ontológica da condição existencial. O noviço emerge da sua provação como um ser totalmente diferente: tornou-se *outro* (ELIADE, 1989:137).

Portanto, não podemos desprezar a dimensão esotérica da empresa maçônica, que afirma um conhecimento somente acessível através de procedimentos padronizados ritualmente, mas que podem ter efeitos diferenciados junto aos indivíduos, considerando que não possuem, como no pensamento tipicamente moderno, verificabilidade ou possibilidade de falseabilidade. Em outras palavras: a forma como esse conhecimento iniciático se dá não é exatamente comunicável, visto que são estados a se realizar interiormente.

Segundo as tradições iniciáticas, o simbolismo é o meio mais eficaz para o ensino e aprendizagem das verdades de ordem superior, religiosas e metafísicas. Esse tipo de procedimento, no entanto, tornou-se estranho e bastante criticado pelo espírito

científico moderno com suas exigências de demonstrações empíricas e busca de regularidades estatísticas. Dito de outro modo: quando uma tradição iniciática, como a maçônica, declara a existência de uma “ciência maçônica” significa que a Verdade a ser buscada extrapola o modelo científico moderno e opera uma ampliação no conceito mesmo de ciência que, neste caso, envolveria procedimentos de análise simbólica na compreensão dos fenômenos da natureza e da sociedade (GUENÓN, 1995).

Outro elemento típico das sociedades iniciáticas é o segredo. Segundo Simmel, o segredo não é uma característica exclusiva das sociedades secretas, nem tampouco se restringe a sociedades tradicionais, é um procedimento e um valor intrínseco a toda e qualquer sociedade. Daí a permanência histórica de várias formas de segredo. Segundo o autor,

Estamos hechos de tal manera, que non solo necesitamos, como se indicó antes, uma determinada proporcion de verdad e error como base de nuestra vida, sino también una mezcla de claridad y oscuridad, em la percepcion de nustras elementos vitais. Penetrar claramente hasta el fondo último de algo, es destruir su encanto y detener la fantasia em su tejido de posibilidades (...)  
(SIMMEL, 1977:377).

O segredo nas sociedades secretas apresentará, no entanto, um duplo efeito que o tornará típico: por um lado, produz um efeito isolador e individualizador no “escolhido”; por outro, a partilha desse segredo com os outros membros do grupo provocará o efeito inverso, o “aconchego comunitário” e a “igualdade fraternal”, ambas estruturas que minimizam as individualidades.

Aqui, a ambivalência maçônica – tradicional e moderno/esotérico e exotérico/individualista e hierárquica – além de evidente, parece-nos reproduzir uma dinâmica, aparentemente paradoxal, do próprio mundo moderno. Não é por acaso que os maçons têm o deus *Janus* como uma de suas referências

simbólicas. Este Deus, de origem indo-européia e objeto de culto dos romanos, com dois rostos contrapostos (um no verso do outro), representa a ambivalência, as transições, as passagens, marcando a evolução do passado ao futuro, do sagrado ao profano, do esotérico ao exotérico (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2001).

## **05 – Conhecimento e iluminação**

Podemos identificar no universo maçônico elementos da várias culturas, momentos históricos e religiosidades. O culto solar mesopotâmico e seus desdobramentos astrológicos; as lendas egípcias de deuses agrários e grandes construtores de templos, como é o caso de Hiram Abif; a arquitetura clássica grega com as colunas dóricas e jônicas e o pitagorismo e suas formulações numéricas; do universo hebraico, a cobertura da cabeça, a estrela de seis pontas, a simbologia do templo de Jerusalém; da Idade Média, a simbologia das corporações de ofício ligadas a construção, a alquimia etc. (CASTELLANI, 2003).

Uma reflexão mais específica sobre a cosmogonia maçônica nos levará a uma discussão, que apenas indicaremos, sobre os contatos da Maçonaria com uma das tradições mais controversas e antigas da linhagem cristã: o pensamento gnóstico. Essa tradição remonta aos primeiros anos do cristianismo e tem se apresentado, ao longo desses dois milênios, de maneira extremamente heterogênea, inclusive rompendo os muros religiosos para se instalar, como concepção de mundo, em várias correntes do pensamento social. Originalmente, os gnósticos visavam (e ainda visam) chegar ao “conhecimento” de Deus e à salvação por este conhecimento. Segundo Carvalho,

Malgrado a alucinante variedade dos movimentos gnósticos e as diferenças entre suas formulações teóricas, há no fundo de todos eles a unidade de uma cosmovisão, ou no mínimo de um sentimento cósmico comum: a vivência do universo como lugar hostil e do homem como criatura jogada no meio de uma

máquina absurda e incompreensível. Em última instância, é a rejeição do julgamento que Deus fez da Sua própria criação no último dia do Gênesis, quando Ele olhou o cosmos e ‘viu que era bom’. Para os gnósticos, a ordem cósmica é essencialmente má e ao homem não resta senão o caminho da fuga ou da revolta. (...) O gnosticismo, assim compreendido, não é só uma revolta contra o catolicismo em particular, mas contra toda visão tradicional da ordem social como expressão da ordem divina da alma e do cosmos. A transformação de uma corrente esotérica em poderoso movimento de massas que dominou a história dos dois últimos séculos observou-se principalmente no Ocidente, em razão das guerras religiosas que, a partir do século XVI, romperam a unidade da sociedade cristã e eliminaram a religião como poder público, instituindo o moderno Estado leigo que, erigido sobre um vácuo espiritual, acabou por se revelar impotente para resistir à invasão dos movimentos gnósticos de massa. Refluindo para o Oriente, esses movimentos devastaram ali as religiões tradicionais (ortodoxa, judaica, budista, confuciana e islâmica, principalmente), manifestando da maneira mais patente a sua natureza universalmente antiespiritual e não apenas anticatólica em especial”.<sup>2</sup>

Em sua versão laica e moderna, o gnosticismo é, igualmente, uma tentativa de possessão deste mundo através do conhecimento, o que aboliria a dependência da criatura. Aqui, em lugar da revolta contra o Criador, observaremos a resistência à ideia mesma de criação e transcendência e a afirmação de

(...) um estado mental segundo o qual a criatura abole toda ordenação do ser cuja origem não esteja nele mesmo, não seja, como cada vez menos legitimamente se diz em filosofia, imanente... A transcendência original, a divindade das origens cósmica e humana como sustentação do ser e do mundo, é para o gnóstico pós-iluminista um anátema de primeira ordem. Todo esforço intelectual será dispendido no sentido de negar qualquer categoria do real e todo fundamento do ser que não contenham em si mesmos suas ‘próprias’ explicações e justificativas. *Gnosis*

---

<sup>2</sup> Cf. Carvalho, in *Gnósticos e Revolucionários* – Jornal O Globo, 21.07.2001.

pode ter sido o nome de um movimento religioso em sua inceptão, pois que lhe incumbia então contestar a revelação cristã; mas desde então por ‘gnose’ cabe entender o sinuoso produto de uma *libido dominandi* absoluta, e tanto mais rasteira quanto totalitária e reducionista (TOLENTNO, 2002:46-47).

O breve apontamento da questão gnóstica coloca-nos, mais uma vez, diante da ambivalência maçônica, seja consoante à sua concepção de Estado laico, seja na afirmação maçônica de um conhecimento iniciático ou, ainda, na sua atitude utópica de abolir todas as formas de opressão que se espalham pelo globo. Em pesquisas posteriores, essa ambivalência maçônica poderia sustentar a hipótese de que a Maçonaria se aproxima do gnosticismo tanto na sua vertente religiosa, quanto na sua vertente moderna tentando se apresentar como uma síntese, ou seja, uma superação dialética das duas outras possibilidades.

## **o6 - Simbologia Maçônica**

A literatura sobre o tema da simbologia é tão vasta quanto complexa. Conhecimentos advindos das áreas mais diversas vêm tentando explicar as estruturas, funções e significados dos símbolos nos diversos campos de ação social. Embora a revisão crítica dessa literatura não esteja no horizonte deste trabalho, não poderíamos deixar de indicar algumas questões referentes à intersecção desse tema com o universo maçônico.

Entre as características dessas estruturas simbólicas e suas funções, podemos observar, entre outras: sua capacidade para abrir o espírito para o desconhecido e o infinito; o uso dos símbolos está sempre a propor que “assim é, se lhe parece”; mobilizam a totalidade do psiquismo; ao contrário dos monemas, unidades mínimas de significação, os símbolos podem ser considerados sintemas, combinação de significados que formam ‘unidades múltiplas’, como se houvesse uma abundância de significados no mesmo significante; há nos símbolos uma

dimensão, além de sintética, simpática, no sentido em que precisamos compartilhar a visão de mundo na qual está inserido; os símbolos suscitam uma experiência totalizante, tendendo a condensar numa única imagem uma experiência espiritual. Em relação às suas funções, observamos, basicamente: uma função exploratória (uma espécie de hermenêutica experimental do desconhecido); uma função mediadora e transcendente (estendendo pontes entre a física e a metafísica); uma função de unificadores da experiência (osmose contínua do interior e do exterior); e uma função socializante – identifica-se com sua época, embora não esteja restrito a ela (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2001).

Por mais diversificadas que sejam, acreditamos que as formulações indicadas acima são consensuais no sentido de reconhecer que

O símbolo anuncia um outro plano de consciência, que não o da evidência racional; é a chave de um mistério, o único meio de se dizer aquilo que não pode ser apreendido de outra forma; ele jamais é explicado de modo definitivo e deve sempre ser decifrado de novo, do mesmo modo que uma partitura musical jamais é decifrada definitivamente e exige uma execução sempre nova (IDEM, IBDEM, p. 16).

O simbolismo maçônico é essencialmente ligado à arte de construir e possui tanto valor exotérico quanto esotérico, ambivalência natural nas sociedades iniciáticas. A obrigatoriedade do simbolismo da maçonaria operativa é uma das evidências mais claras da tradição como resignificação de valores e práticas e nos sugere que na transição para a “fase especulativa” alguns elementos permaneceram como que afirmando princípios de continuidade. Entre os símbolos da maçonaria operativa que permanecem estão, entre outros: o avental (o trabalho), o cinzel (a razão, a inteligência), o compasso (o julgamento comedido, o espírito humano), o esquadro (a justiça), o nível (igualdade), o

malhete (o poder, a força material controlada) e o triângulo, que significa sabedoria (CASTELLANI, 1995<sup>a</sup>).

O que a tradição maçônica denomina de “Três Grandes Luzes emblemáticas da Maçonaria” (o Compasso, o Esquadro e o Livro da Lei) são os mais destacados símbolos da instituição e fazem referência clara a tradições religiosas distintas. Estes emblemas devem estar, obrigatoriamente, nas sessões ritualísticas e serão posicionados de acordo com o grau simbólico da sessão. O Livro da Lei é aquele que expressa as opções religiosas dos obreiros, através do qual virão as balizas morais e espirituais. O significado esotérico do Esquadro está ligado à Matéria, mas também simboliza a justiça e a equidade. Segundo Castellani:

O significado simbólico do compasso é o do comedimento nas buscas, já que ele, traçando círculos, delimita um espaço bem definido, o que não acontece com as retas, que se prolongam ao infinito. No plano místico, esotérico, todavia, ele é a representação do Espírito, enquanto o Esquadro simboliza a Matéria; como representação da espiritualidade, ele simboliza, também, o conhecimento humano (IDEM, IBDEM, p. 61).

É comum na literatura maçônica a vinculação da simbologia do Esquadro e do Compasso a antigas tradições de cultos solares, tendo em vista que tais símbolos significariam a Terra e o Sol, respectivamente, bem como o sentido da evolução iniciática da Terra (aprendiz-matéria) ao Sol (mestre-espírito). Os sentidos dessa simbologia podem ser discutidos, mas não minimizados no que se refere aos vínculos da Ordem com estruturas tradicionais distintas.

O caso da Lenda do Terceiro Grau, principal mito de origem maçônico, desenvolve um relato sobre Hiram Abiff, personagem bíblico que teria contribuído com sua arte na construção do Templo de Salomão. Segundo a versão maçônica, ele teria sido assassinado por três companheiros por ter se negado a revelar determinados segredos reservados aos mestres da obra. A

lenda ainda se refere à ocultação do cadáver do mestre e de sua posterior descoberta pelos maçons fiéis.<sup>3</sup> Esta lenda é encenada no ritual de terceiro grau e tenta afirmar a busca do obreiro perfeito, o mestre maçom, na sua prática contínua de aperfeiçoamento. Sobre o ritual do terceiro grau, afirma um pesquisador maçônico:

A cerimônia, extremamente impressionante, do 3º. Grau é um psicodrama em que o candidato elevado à Mestria desempenha o papel do próprio Hiram assassinado, sepultado, encontrado graças a um ramo de acácia, entre o compasso e o esquadro – o que é um simbolismo transparente – e trazido à vida graças a um rito necromântico quádruplo e misterioso após outras tentativas terem se revelado tristemente vãs. Os segredos da Mestria, pelos quais Hiram morreu por ter se recusado a traí-los, não obstante a violência dos seus assassinos ‘são substituídos’ por segredos provisórios, até que o tempo ou o acontecimento permitam reencontrar os seus segredos verdadeiros (MELLOR, 1989:132).

É importante lembrar que os elementos rituais da “morte iniciatória” e a ideia de “ressurreição” ligam estas práticas maçônicas a vários outros universos ritualísticos fortemente tradicionais. Acerca do tema, comentando outras situações, afirma Eliade:

A morte iniciatória significa tanto o fim do homem acultural ‘natural’ como a passagem para um novo modo de existência, o de um ‘ser nascido para o espírito’, isto é, que não vive exclusivamente numa realidade ‘imediate’. Desta forma, a ‘morte’ e ‘ressurreição’ iniciatórias representam um processo religioso através do qual o iniciado se torna *outro*, modelado de acordo com o modelo revelado por deuses ou antepassados míticos. Por outras palavras, torna-se um *homem real* na medida em que se assemelha a um sobre-humano. O interesse da iniciação para a compreensão da mente arcaica centra-se essencialmente no fato de ela mostrar que o *homem real* – o espiritual – não é *dado*, não

---

<sup>3</sup> A narrativa de Hiram é retirada e adaptada dos textos bíblicos: I Reis 5.15-26; I Reis 7.13-50; II Crônicas 2.2-15.

é resultado de um processo natural. Ele é ‘feito’ pelos antigos mestres, de acordo com os modelos revelados por seres divinos em tempos míticos. Estes antigos mestres formam as *elites* espirituais das sociedades arcaicas. O seu principal papel é transmitir às novas gerações o sentido profundo da existência e ajudá-los a assumir a responsabilidade de ‘homens reais’ e, conseqüentemente, a participar ativamente na vida cultural. Mas como a cultura significa, para as sociedades arcaicas e tradicionais a soma dos valores recebidos de seres sobrenaturais, a função da iniciação pode ser resumida desta forma: ela revela a cada nova geração um mundo aberto ao trans-humano, um mundo que poderíamos designar como ‘transcendental’ (ELIADE, 1989:140).

## 07 - O Templo Maçônico

Outro dado em que podemos observar esses processos de combinação maçônica da simbologia de outras tradições religiosas é o caso do templo. Existem, estimativamente, quase cinco mil templos maçônicos distribuídos por todas as regiões brasileiras, desde as grandes metrópoles até as pequenas cidades nos mais longínquos rincões do país. Essas edificações, quase sempre discretas no seu exterior, construídas invariavelmente sob estrita observação da tradição maçônica, abrigam no seu interior toda a simbologia necessária para o pleno desenvolvimento do processo iniciático: colunas, altares, frases, utensílios, emblemas, painéis, bandeiras e muitos outros elementos que compõem a ritualística da Arte Real – uma das antigas definições da maçonaria.

Compreendemos que a descrição e análise do interior de um templo maçônico, seus rituais, usos e costumes naquele espaço constituem-se numa tarefa extremamente complexa, visto que em muitos aspectos precisamos mais do que leituras, desenhos e fotografias para levar a cabo a tarefa. Estes elementos nos dão apenas uma ideia daquele espaço. Mesmo tendo visitado alguns templos, falta-nos a familiaridade com aquela multiplicidade simbólica e, até mesmo, a variação observada em cada templo.

Portanto, o presente texto não pretende elaborar uma descrição completa e detalhada do interior do templo maçônico. Objetivamos, simplesmente, apresentar os principais elementos que constituem o “espaço sagrado” dos Filhos da Luz, como também são conhecidos os maçons, e localizar algumas trajetórias desses elementos.

O templo maçônico tenta reproduzir a arquitetura e decoração do Templo de Jerusalém sem deixar, no entanto, de inserir elementos outros que não os da tradição judaica. O espaço sagrado dos maçons apresenta, regularmente, a forma de um quadrilongo, representando suas paredes os quatro pontos cardeais. A única porta, dando comunicação com o exterior, situa-se na parte do Ocidente, a meia distância entre o norte e o sul. Ao fundo, ocupando um terço do comprimento, está o Oriente, em nível mais elevado, ao qual se chega subindo por quatro degraus. Separa o Ocidente do Oriente uma balaustrada, tendo no centro uma passagem; próximas da porta de entrada elevam-se duas colunas, à direita de quem entra fica a coluna **J** e à esquerda a coluna **B**; ao longo das paredes laterais, pintadas ou em relevo, erguem-se doze outras colunas, seis de cada lado e equidistantes entre si, representando os doze signos do zodíaco; sobre essas doze colunas, circundando o templo, uma corda com 81 nós também equidistantes entre si; no meio do assoalho do Ocidente encontra-se o Pavimento Mosaico (que apesar de não existir no templo judaico, faz referência a Moisés), de forma retangular, composto de quadrados alternadamente pretos e brancos, cercado de uma orla dentada, tendo desenhada uma borla preta em cada um dos seus ângulos e nos extremos dos seus eixos principais estão gravadas as letras correspondentes aos quatro pontos cardeais. Próximo ao fundo do Oriente fica o trono do Venerável Mestre e sobre ele um candelabro de três luzes, um malhete, uma pequena coluna em estilo jônico, além de duas cadeiras que ladeiam o trono do Venerável. À frente do trono podemos observar o Altar dos Perfumes, tendo por base uma coluna torsa e sobre ela uma

trípode, um turíbulo e uma naveta. Mais adiante, à direita, estende-se o painel da Loja. À frente e um pouco à esquerda do altar do 1º Vigilante está uma pedra áspera, de forma e contornos irregulares, a chamada Pedra Bruta (referência ao estado em que se encontram os aprendizes quando se iniciam); no lado do altar do 2º Vigilante, outra pedra, mas de superfície lisa e polida, perfeitamente esquadrejada e de faces iguais, a chamada Pedra Cúbica (símbolo de perfeição iniciática).<sup>4</sup>

No Ocidente, próximo à grade, está o Altar dos Juramentos e sobre ele o Livro da Lei, um Compasso e um Esquadro; perto da parede norte e próximo à coluna B, à esquerda do altar do primeiro vigilante, situa-se o Altar das Abluções, onde está o Mar de Bronze. Ainda no ocidente, nos lados norte e sul, observamos fileiras de assentos destinados, no norte, aos Aprendizes e no sul, aos Companheiros; à frente, nos dois lados, há cadeiras ou poltronas destinadas aos Mestres.

O teto do templo, de forma abobadada, é pintado e representa o firmamento, cuja tonalidade azul-clara no oriente vai, gradativamente, escurecendo em direção ao ocidente entremeado de nuvens. Esta característica também é identificada em outras tradições egípcias e reforçam a ideia de templo com a de *Imago Mundi*.

O último ambiente a ser descrito é a Câmara de Reflexões, que é um pequeno recinto, com localização variável de acordo com as dimensões do templo onde se recolhe o profano antes da iniciação para elaborar seu testamento e responder ao questionário que lhe é proposto. Nesta Câmara não pode haver a entrada de luz exterior, devendo ser iluminada por uma vela colocada sobre a mesa que se destina, com uma cadeira, ao uso do candidato. Nas paredes, de cor preta, figuram emblemas fúnebres gravados com tinta branca. Na parede que defronta com a mesa estão pintados um galo, uma ampulheta e, abaixo, as palavras VIGILÂNCIA E

---

<sup>4</sup> Resumo elaborado a partir do Manual de Rituais da Grande Loja do Paraná, 1975.

PERSEVERANÇA e V.I.T.R.I.O.L., iniciais de uma frase em latim que condensava uma orientação célebre entre os alquimistas: *Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem*, ou seja, Explora o Interior da Terra. Retificando, Descobrirás a Pedra Oculta. Finalmente, nas paredes laterais, lêem-se as seguintes inscrições:

“Se a curiosidade aqui te conduz, retira-te”.

“Se queres bem empregar tua vida, pensa na morte”.

“Se tens receio de que descubram teus defeitos, não estarás bem entre nós”.s

“Se és apegado às distinções humanas, retira-te, pois aqui não as reconhecemos”.

“Se fores dissimulado, serás descoberto”.

“Se tens medo, não vais adiante”.

“Deus julga os justos e os pecadores”.

“Somos pó e ao pó voltaremos”.

A despeito de não concordarem, pelo menos publicamente, com a natureza sagrada dos seus templos, observamos que a própria linguagem utilizada repete uma estrutura universal. Senão, vejamos o que diz Eliade sobre alguns aspectos universais na estrutura dos templos.

Nas grandes civilizações orientais – da Mesopotâmia e do Egito à China e à Índia – o templo recebeu uma nova e importante valorização: não é somente uma *imago mundi*, mas também a reprodução terrestre de um modelo transcendente. O judaísmo herdou essa concepção paleoriental do Templo como a cópia de um arquétipo celeste (IDEM, IBDEM p. 14).

A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre dois modos de ser, profano e religioso (IDEM, IBDEM p. 29).

A cabana sagrada, onde se realizam as iniciações, representa o Universo. O teto da cabana simboliza a cúpula celeste, o soalho representa a Terra, as quatro paredes as quatro direções do espaço cósmico (IDEM, IBDEM p. 45).

Portanto, o que podemos observar é a clássica e nítida sacralização do espaço, procedimento comum e estrutural na história do fenômeno religioso. Mais um trecho esclarecedor de Mircea Eliade pode reforçar a nossa percepção sobre o espaço sagrado.

Para o homem religioso o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaços qualitativamente diferentes das outras. (...) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência forte, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único real, que existem realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 2001:25).

Assim, todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado, que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente.

## o8 – O Grande Arquiteto do Universo

Um maçom é obrigado, por seu título, a obedecer à lei moral e, se compreender bem a Arte, **nunca será ateu estúpido, nem libertino irreligioso**. De todos os homens, deve ser o que melhor compreende que **Deus enxerga de maneira diferente do Homem**, pois o homem vê a aparência externa ao passo que **Deus vê o coração**. Seja qual for a religião de um homem, ou sua forma de adorar, **ele não será excluído da Ordem, se acreditar** no glorioso Grande Arquiteto do Céu e da Terra e se praticar os sagrados deveres da moral...<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Trecho do documento de fusão entre correntes maçônicas, em 1815, na Inglaterra, citado em Castellani e Rodrigues, 1995.

Um dos principais fundamentos da maçonaria é a crença no Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U.). Aqui, podemos entender que os maçons afirmam um princípio criador, bem como a precedência e superioridade do espírito sobre a matéria. A generalidade de tais princípios não inviabiliza o relacionamento ou mesmo a participação em instituições religiosas. Assim, o ser maçom pode convergir com as mais variadas formas de pertencimento religioso sejam elas católicas, protestantes, umbandistas, budistas, entre outras.<sup>6</sup>

O maior contato dos maçons, porém, é com o cristianismo. Afinal, a maçonaria surge e se desenvolve na cultura ocidental, embora migre para o “Oriente” posteriormente. No entanto, essa relação não será tranquila, muito pelo contrário. Com o catolicismo, por exemplo, data de 1738 as primeiras condenações através do Papa Clemente XII. Até os dias que correm, as críticas católicas ainda circulam, praticamente, em torno das mesmas questões: a) o relativismo maçônico, que sustenta sua convivência com todas as religiões como se estas fossem equivalentes, até mesmo aquelas que trazem consigo visões anticristãs; b) o princípio criador maçônico, o G.A.D.U., como uma expressão religiosa deísta, ou seja, que não dispõe de base moral ou intelectual e não atua no mundo, o que seria incompatível com a revelação cristã; c) os rituais maçônicos concorrerem com os rituais católicos e seus sacramentos, tendo em vista que aqueles teriam poder de transformação sobre os homens sem a graça do Cristo. É importante ressaltar que a Igreja Católica, ao longo desses séculos de proibições da participação de católicos na maçonaria, tem realizado algumas revisões, como é o caso do reconhecimento da pluralidade do movimento maçônico e,

---

<sup>6</sup> No universo maçônico também existe um rito - moderno - o qual não exige menção a nenhuma divindade. Essa controvérsia, porém, não será tratada neste texto.

consequentemente, de suas manifestações rituais e simbólicas. A interdição fundamental, no entanto, permanece.

### **09. A liberdade reflexiva do maçom**

Considerando que o trajeto ainda a percorrer não nos permite avançar muito nas proposições, parece-nos que a análise da dimensão religiosa da maçonaria precisa aprofundar algumas características observadas nessa instituição. Primeiramente, faz-se mister analisar de forma mais acurada o lugar ocupado pelo sincretismo maçônico, se por isto entendermos uma apropriação criativa de significados de origens religiosas e culturais distintas. Em segundo lugar, não podemos contornar o fato de ser a Ordem Maçônica uma organização internacional que, desde suas origens modernas, articula valores modernos e tradicionais, produzindo apropriações e ressignificações de elementos de várias tradições religiosas e em vários ambientes culturais. Ainda temos outro traço característico no ambiente maçônico, a participação dos seus membros em outros grupos religiosos, como é o caso dos cristianismos. Esse tipo de duplo pertencimento, às vezes, é apresentado como um problema no outro grupo, mas nunca na própria maçonaria. Acrescentemos, ainda, como desafio à pesquisa, que grande parte da “mito-teologia maçônica” é oral e que sua descrição e interpretação dependeria de um tipo de relação – entre pesquisador e pesquisado – que ainda está por ser construído aqui no Brasil.

O fato é que a presença da maçonaria no espaço público e o trânsito maçônico por várias religiões têm causado algumas críticas. Há sempre quem a identifique com algum tipo de conspiração em função de sua dimensão secreta; outros a consideram uma heresia cristã da qual se deve manter distância; alguns a criticam, sobretudo as feministas, pela manutenção de uma estrutura sexista, pela interdição à iniciação de mulheres; podemos encontrar, ainda, quem a acuse de desenvolver cultos

satânicos. Enfim, a dupla natureza maçônica – exotérica e esotérica – acaba por mantê-la no centro do debate, mas ao mesmo tempo limita essa discussão pela dificuldade não somente com a pluralidade de suas linhagens, como também pela ignorância acerca do que ocorre no seu universo iniciático.

Retomando, entretanto, o raciocínio sobre a flexibilidade do maçom em se relacionar com vários tipos de religião, propomos como hipótese a combinação de dois elementos: o primeiro é a reflexividade (GIDDENS, 1991) dos seus agentes ao longo de sua história, o que permite as mais variadas apropriações, atualizações e resignificações de valores, ritos, mitos, símbolos etc. de outros ambientes; o segundo é que os votos de lealdade, segredo e cooperação, afirmados na ritualística maçônica, garantem, em última instância, um vínculo mais consistente com a instituição do que com qualquer outro grupo religioso.

Metaforicamente, o caldeirão maçônico contém muitos ingredientes, mas quem detém a colher e promove a mistura é sempre um reflexivo “filho da viúva”. Resta-nos insistir na busca de melhor conhecimento acerca da sua *forma mentis* e de seu *modus operandi*, consubstanciados nessa atitude de tentar sintetizar tradições culturais e religiosas.

## 10. Bibliografia

ANTONIAZZI, Alberto (2003) “As religiões no Brasil segundo o Censo 2000”. Revista de Estudos da Religião, n.º. 2, p. 75-80. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rev\\_2003/p\\_antoni.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rev_2003/p_antoni.pdf).

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras – A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)**. Campinas: Unicamp, 1999.

CARVALHO, Olavo de. **A dialética simbólica – ensaios reunidos**. São Paulo: É Realizações, 2007.

CASTELLANI, José. **Dicionário de termos maçônicos**. Londrina: A Trolha, 1995.

- \_\_\_\_\_, e RODRIGUES, Raimundo. **Análise da Constituição de Anderson**. Londrina: A Trolha, 1995.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva et alli. 16ª. Edição. Rio de Janeiro: José Olimpio, 2001
- COLUSSI, Eliane Lucia. **A Maçonaria Gaúcha no Século XIX**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Origens - história e sentido na religião**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo: USP/FAPEMA, 1995.
- FIGUEIREDO, J. G. **Dicionário de Maçonaria**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **Conseqüências da Modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.
- GUENON, René. **Fundamental symbols – the universal language of sacred Science**. Cambridge: Quinta Essentia, 1995.
- HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. (Orgs.) **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- MELLOR, Alec. **Dicionário da Franco-Maçonaria e dos Franco-Maçons**. Trad. Sociedade das Ciências Antigas. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MONTERO, Paula (2003) “O problema do sincretismo”. In: PEREZ, Léa Freitas; QUEIROZ, Rubem Caixeta de & VARGAS, Eduardo Viana (Orgs.). Teoria e Sociedade (Revista dos Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia – UFMG), Belo Horizonte, número especial: Passagem de milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira, p. 112-121.
- SANCHIS, Pierre (2003) “A religião dos brasileiros”. In: PEREZ, Léa Freitas; QUEIROZ, Rubem Caixeta de & VARGAS, Eduardo Viana (Orgs.). Teoria e Sociedade (Revista dos Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e

Antropologia - UFMG), Belo Horizonte, número especial: Passagem de milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira, p. 16-51.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Vol. 2 Madrid: Revista do Ocidente, 1977.

TOLENTINO, Bruno. **O mundo como ideia**. São Paulo: Globo, 2002.

# O antimaçonismo no Brasil<sup>1</sup>

## 1. Maçonaria - uma pérola barroca

A palavra maçonaria desperta surpresas e curiosidades típicas das palavras interditas. A pronúncia deste vocábulo costuma provocar reações instintivas – franzir de testa, arregalar de olhos, emissão de ruídos. Depois do espanto, a pergunta: você é maçom?

Algumas vezes, as interpelações se seguem: é verdade que mulher não pode entrar? Quem entra na maçonaria fica rico? Os maçons se comunicam através de uma linguagem secreta? Os rituais maçônicos sacrificam animais? Existem pactos de sangue? Quem sair da maçonaria morre? Por que tanto segredo? Foram os maçons que fundaram a república? Maçom só vota em maçom?

Em outras situações, em lugar de perguntas, surgem afirmações contundentes: a maçonaria é contra o cristianismo; maçom e judeu são uma coisa só; se maçonaria fosse coisa certa não era secreta; os maçons cultuam um bode; nos rituais maçônicos eles apunham a hóstia; a maçonaria é uma rede de influências secretas no Estado; os maçons são uma espécie de comunistas.

O repertório das representações sociais sobre a instituição maçônica é vasto e, como é típico nesse tipo de conhecimento, há muita polissemia, ruídos de comunicação, ressignificação de expressões e, sobretudo, pouco interesse por rigor, sistematicidade e evidências (Durkheim, 1989).

Se as imagens construídas sobre a maçonaria no universo das representações sociais é de causar inveja aos escritores do

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na Revista de Estudos de Cultura, v. 2, p. 75-86, 2015, da Universidade Federal de Sergipe.

realismo fantástico, no plano do debate público, a instituição dos “Filhos da Luz” é uma verdadeira pérola barroca, um jogo de luzes e sombras, um caleidoscópio, um aleph, um palimpsesto, no qual a multiplicidade de interpretações atingem autores, datas, autenticidades e transmissões.

Certamente, não me proponho a desvelar “A máquina do mundo” maçônico. No caminho que optei em seguir, já me daria por satisfeito se conseguisse contornar as inúmeras pedras encontradas e apontar, a partir da cultura negativa acerca do maçonnismo, alguns modos de agir e de pensar dessa instituição (e de seus adversários) que tanto provocam a imaginação moderna.

Para começar tal aventura, o primeiro passo é entender que existe uma assimetria profunda entre a pesquisa acadêmica brasileira e a importância da instituição maçônica no país. No entanto, a explicação desse desinteresse dos pesquisadores pela maçonaria fica para outra ocasião. Por enquanto, registre-se que farei poucas referências à nossa pesquisa social porque pouco encontrei que me auxiliasse nessa empreitada específica.

Por último, gostaria de apontar, preliminarmente, que o que se entende por antimaçonismo, aqui, não é simplesmente um discurso seguido de perseguições contra esse grupo e nem mesmo uma orquestrada campanha ideológica para deturpar os maçons. Essa expressão pode emergir como mera crítica aos seus fundamentos ou mesmo como reação aos seus discursos e ações públicas. Tal ressalva faz-se necessária porque, no Brasil, a maçonaria sempre foi composta, majoritariamente, por grupos de elite e nunca atuou de forma unívoca. Mesmo nos momentos mais difíceis, sempre havia uma ala maçônica imune às tempestades da conjuntura e do antimaçonismo. Podemos até propor algo mais provocador: a maçonaria sempre orbitou em torno do poder no Brasil, mesmo que algumas de suas facções estivessem, eventualmente, excluídas.

Assim, as críticas e resistências, nem sempre consistentes, contra o espírito maçônico no Brasil devem ser temperadas pela

posição sempre confortável do grupo em relação aos espaços de poder na república que, eles mesmos, ajudaram a fundar.

Assim, sem querer me demorar em demasiados prolegômenos, lembro que os episódios aqui rascunhados se constituíram em período histórico em que a maçonaria ainda estava no centro dos espaços de decisão, ou seja, até as primeiras décadas do século XX. Como o processo de modernização do país foi acompanhado de progressiva diversificação do associativismo civil, a maçonaria foi sendo afastada do centro para a periferia dos espaços políticos mais importantes, até chegar, nos dias que correm, a ocupar funções que variam entre a mera figuração e a coadjuvação nos processos sócio-políticos, apesar da mística conspiratória que ainda a envolve. Assim, embora maçons importantes continuem marcando presença nos três poderes da República, bem como em importantes instituições da sociedade civil, a instituição, há muito, não mais protagoniza a cena republicana.

## **2. O antimaçonismo no mundo**

As origens mais remotas da maçonaria são objeto de um interminável “debate” entre as inúmeras ramificações existentes no campo maçônico. O que nos interessa aqui, porém, é identificar sumariamente as reações à fase moderna dessa diversificada instituição. Nesse sentido, os combates antimaçônicos mais expressivos remontam ao século XVIII, quando o Papa Clemente XII na sua “Carta Apostólica In Eminentissimi”, de 1738, condena a instituição, proibindo veementemente a participação dos católicos. A partir dessa manifestação, muitas outras seguirão até os dias de hoje. (Benimeli *et ali*, 1981)

As críticas católicas podem ser resumidas nas seguintes proposições: a) o relativismo maçônico, que sustenta sua convivência com todas as religiões como se estas fossem equivalentes, até mesmo aquelas com visões anticatólicas; b) o

princípio criador maçônico, o Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U), como uma expressão religiosa deísta, ou seja, que não dispõe de base moral ou intelectual e não atua no mundo, o que seria incompatível com a revelação cristã; c) os rituais maçônicos concorreriam com os rituais católicos e seus sacramentos, tendo em vista que aqueles teriam também poder de transformação sobre os homens mesmo sem a graça do Cristo. É importante ressaltar que a Igreja Católica, ao longo desses 250 anos de proibições da participação de católicos na maçonaria, tem realizado algumas revisões, como é o caso do reconhecimento da pluralidade do movimento maçônico e, conseqüentemente, de suas manifestações rituais e simbólicas. A interdição fundamental, no entanto, permanece (Benimeli *et ali*, 1981; Ramalho, 2008; Ramalho, 2008b).

O outro *front* antimaçônico vem da esfera política. Considerando que a tendência da ação política nos ambientes modernos seja levada a cabo por instituições abertas ao público em geral, sobretudo os partidos políticos, a atividade maçônica, a despeito de ter contribuído com a construção desse modelo republicano moderno, sempre suscitou desconfianças em função de sua dimensão esotérica, aquela mesma onde a participação é restrita aos iniciados e onde, justamente, se supõe ocorrer as mais diversas formas de conspiração.

Esses dois universos antimaçônicos se espalharão pelo mundo e constituirão, com as devidas especificidades locais, as bases da oposição às formas de agir e de pensar dos “Filhos da Viúva”, como também são conhecidos os maçons.

Ressalvemos, entretanto, que tanto no âmbito da Igreja Católica (IC) quanto no dos partidos políticos, observamos que, apesar das hostilidades, diálogos com a maçonaria serão um elemento invariável na vida dessas instituições, que desenvolverão profundos debates internos, inclusive para saber se já não estariam tomadas pela sinuosa ação secreta dos maçons.

### 3. O antimaçonismo tropical

O antimaçonismo brasileiro, já observado no século XIX, apresenta uma característica que consideramos importante – trata-se de um ideário importado, ainda que mais ou menos aclimatado ao ambiente local. Portanto, as controvérsias antimaçônicas são assumidas pelos católicos, seguindo as determinações de Roma; pelos protestantes, seguindo denominações estrangeiras; pelos comunistas, acompanhando as orientações da III Internacional; pelos integralistas, a partir de um espírito nacionalista inspirado no fascismo italiano.

Poderíamos até propor que o antimaçonismo brasileiro seria uma “ideia fora do lugar” ou um “teatro de sombras”. Metáforas que, usadas por grandes historiadores brasileiros, mesmo que com sentidos distintos, para descrever o processo de recepção conflituosa e heterodoxa do ideário moderno entre nós cabem bem no que diz respeito ao acolhimento maçônico em terras brasileiras.

Essas configurações tornariam o antimaçonismo brasileiro um subproduto do antimaçonismo observado nas nações que estavam em grau elevado no processo de modernização, como eram os casos da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos. A propósito, ainda havia entre o Brasil e tais países, o Império Português que seguia a sua própria trilha no sentido da modernização e que, obviamente, ainda protagonizava o que poderíamos chamar de debate público no ambiente nacional.

Assim, desde as metrópoles, encontramos nos fundamentos do discurso antimaçônico uma mitologia moderna – o mito da conspiração. No Brasil, replicamos a fórmula. Em outras palavras, os maçons foram identificados pelos seus contendores como indivíduos que atuavam nas sombras, articulando complôs, lançando mãos de poderes mágicos e pactos com forças demoníacas.

Esse instigante raciocínio, porém, muito adequado aos ambientes maçônicos originais, Inglaterra e França, foi flexibilizado em terras brasileiras, pois nos dois espaços hostis ao mundo maçônico – o religioso e o político –, havia muitos maçons, inclusive ocupando funções destacadas.

A seguir, descreveremos, brevemente, esse antimaçonismo com sabor tropical a partir de alguns episódios da nossa história republicana.

### **3.1 - A maçonaria e a igreja católica no Brasil**

A chegada da maçonaria ao Brasil, no final do século XVIII, pode ser entendida como um dos sinais do processo de modernização do país, um processo que viria a se consolidar ao longo do século seguinte. Desse modo, a maçonaria foi um dos espaços mais importantes de divulgação dessa nova mentalidade (mesmo que mesclado com uma ritualística antiga e tradicional) e conseguiu atrair, por aqui, uma parcela significativa da elite para dialogar, à sua maneira, com as propostas iluministas emergentes no período.

Sobre os primórdios da maçonaria no Brasil, tema bastante controverso e de documentação ainda a ser mais bem explorada, sabemos que a primeira Loja regular foi a “REUNIÃO”, fundada em 1801, no Rio de Janeiro (Castelani, 1993).

No entanto, torna-se importante lembrar que as ideias maçônicas já circulavam pela Colônia através dos estudantes brasileiros que se dirigiam à Europa para cursar universidades como a de Coimbra, em Portugal, Montpellier, na França e Oxford na Inglaterra. As notícias de maçons e ideias maçônicas no final do século XVIII no nosso país, orientando alguns movimentos (Inconfidência Mineira, Revolta dos Alfaiates, Conjuração Fluminense etc.), ainda estão por ser estudadas pela pesquisa social para que cheguemos a dados e interpretações mais consistentes. Os casos do Areópago de Itambé (1798) e a Academia

dos Suassuna (1802), por exemplo, apresentam grandes evidências da referida presença, mesmo que com distinta dinâmica interna (Castelani, 1993).

De qualquer maneira, seja qual for a versão historicamente mais consistente, o que não podemos negar é que a atividade maçônica formou, a partir do início do século XIX, uma rede de Lojas por todo o território brasileiro e organizou o que foi, provavelmente, a primeira atuação política articulada (nacional e internacionalmente) de que temos notícia no nosso país, além da igreja católica, funcionando como uma espécie de arena para discussões voltadas ao processo de modernização. A atuação da Maçonaria esteve ligada à difusão do projeto liberal, iluminista e anticlerical. Voltamos a sublinhar que, ainda hoje, pelo menos no interior do movimento maçônico, a instituição é lembrada por sua participação em episódios importantes da história do país: independência, abolicionismo, abdicação de Dom Pedro I, a questão religiosa, a separação da Igreja do Estado, o movimento republicano e outros menos comentados. Portanto, os maçons parecem ter empreendido, naquele período, uma influência significativa na definição dos rumos do país, uma vez que exerciam atividades intelectuais e políticas, atuavam em jornais, revistas, sociedades literárias e beneficentes, agindo também nos primeiros partidos políticos e chegando a compor, desde o Império, vários Gabinetes de Governo (Mansur, 1999; Colussi, 1998).

### **3.1.2 - A questão religiosa**

A primeira grande manifestação de antimaçonismo no Brasil ficou conhecida como a “questão dos bispos” ou a “questão religiosa” e emergiu no ano de 1872. Aquele momento foi de grande efervescência política, econômica e social. As ideias liberais estavam “enchendo os olhos” de setores da elite brasileira, que tentava conciliá-las com um regime escravista, com uma recém-implantada monarquia parlamentarista e com a nossa tradição

religiosa católica (Mansur, 1999; Gueiros, 1980; Castelani, 1993; Benimeli *et alli*, 1981).

Em meio a esse turbilhão, setores do episcopado brasileiro, embalados pelos resultados do Concílio Vaticano I, resolveram exigir comportamentos mais alinhados com a ortodoxia católica e a pleitear mais autonomia para a Igreja no Brasil. Lembremos que ainda vigia o regime de padroado, no qual os negócios jurídicos, administrativos e financeiros da Igreja eram dependentes da autoridade imperial.

Naquele período, havia muitos maçons com cargos na estrutura da igreja católica, sobretudo nas Irmandades. A proibição dessa participação foi o estopim para a disputa pública entre bispos e maçons.

Tudo começou quando o padre Almeida Martins foi punido pelo bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, por ter sido o orador numa festa maçônica que comemorava a promulgação da Lei do Ventre Livre, iniciativa do maçon e presidente do Conselho de Ministros, José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco.

A segunda ocorrência veio de Olinda/PE, quando o bispo Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, diante da indiferença aos seus pedidos de que os maçons se afastassem da igreja, interditou várias Irmandades, Capelas e Igrejas onde houvesse participação maçônica. O mesmo ocorreu na diocese de Belém do Pará, quando o bispo Dom Antônio Macedo Costa tomou as mesmas atitudes, baseadas no direito canônico, mas em tensão com o regime de padroado.

A reação maçônica foi imediata. Recorreram ao Imperador, amparados, como já dissemos, pelos termos da Lei do Padroado e venceram a batalha política e jurídica, com Dom Pedro II exigindo a suspensão dos interditos proclamados pelos bispos.

A atitude dos episcopos, porém, foi de manutenção das interdições e recusa ao cumprimento das ordens imperiais,

reafirmando as suas obediências exclusivamente ao sucessor de Pedro, o Papa Pio IX.

O ambiente foi inundado por uma disputa pública pouco vista até então. Manifestos, artigos, discursos, homilias e as mais variadas manifestações tomaram os jornais, parlamento, paróquias, salões e outros ambientes onde era possível discutir a questão (Mansur, 1999; Gueiros, 1980; Castelani, 1993; Benimeli *et alli*, 1981).

A intensidade e repercussão dos debates não impediram que no mês de janeiro de 1874 ocorresse a prisão de Dom Vital, condenado a quatro anos de reclusão, dos quais cumpriu um ano e sete meses; Dom Macedo, por sua vez, foi preso em abril, também condenado a quatro anos, mas libertado no ano seguinte.

Embora esses episódios tenham promovido uma vitória imediata da maçonaria, a resistência dos prelados e o processo de afastamento entre a Igreja e o Estado fizeram com que as relações entre maçons e católicos nunca mais fossem as mesmas. Entendo que começa, aqui, precisamente, as disposições antimaçônicas desenvolvidas pela Igreja até os dias atuais. Não estamos falando de manifestações ruidosas ou de iniciativas espetaculares, mas de um trabalho constante e silencioso junto ao público católico de combate ao ideário maçônico e de afirmação da incompatibilidade entre os seus princípios e o catolicismo.

As representações sociais dos católicos brasileiros em relação à maçonaria se manifestam através de expressões como: pactos com o diabo, enriquecimentos misteriosos, sacrifícios rituais, crimes secretos, favorecimento aos irmãos e muitas outras caracterizações que sempre remetem o universo maçônico ao que é maléfico, errado, viciante, degradante.

É provável que ainda possamos encontrar maçons que comunguem e que participem das atividades pastorais. Porém, as fronteiras entre o catolicismo e a maçonaria são bem mais delineadas hoje do que já foram, embora existam, nos dois universos, quem busque uma aproximação através de diálogos e de

possíveis afinidades eletivas. Se tais aproximações se efetivarão não é possível saber. O fato é que as interdições continuam e que, no longo prazo, venceram D. Vital e Dom Macedo.

Entretanto, ao longo do grande período de divergências e de proibições da Igreja Católica contra a maçonaria, é importante lembrar que muito católicos também procuraram convencer os seus irmãos de uma mais bem detalhada pesquisa sobre a instituição maçônica. Nesse sentido, algumas interlocuções positivas foram registrados por vários historiadores do assunto.

Em Aracaju (Sergipe), por exemplo, no ano de 1968, o bispo local, Dom Luciano Duarte Cabral, provocou escândalo no ambiente católico pela visita à Loja Maçônica Cotinguiba, criada em 1863. Visita esta devidamente permitida pelo Núncio Apostólico do Brasil, naquela ocasião, Dom Sebastião Baggio.

O discurso do bispo de Aracaju, entretanto, não versou sobre os embates seculares entre as instituições, ao contrário, procurou os pontos de contato, os consensos, as convergências, as aproximações. E o que se ressaltou, naquele momento, foi a questão social no Brasil, sobretudo no Nordeste. A questão agrária, a fome, o subdesenvolvimento, a educação, entre outros, receberam a atenção do sacerdote católico, que encerrou conclamando maçons, católicos e todos os homens de boa vontade a enfrentar a imensa tarefa de construir um mundo melhor (Benimeli *et alli* 1981).

Outras iniciativas católicas, como as que desenvolveram D. Avelar Brandão (Bahia) e Dom Vicente Scherer (RS), na última década de 70, solicitaram à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que protagonizasse uma ampla discussão acerca da questão maçônica e das relações dos católicos brasileiros com a instituição. A CNBB chegou a enviar questionários para dioceses em todo o Brasil, no sentido de ter uma base realista das opiniões dos sacerdotes e também dos maçons. Tais iniciativas não lograram grandes resultados, mas mostraram que na fase atual inexistente disposição pública para troca de hostilidades.

### 3.2 - O antimaçonismo do PCB e da III Internacional

Uma das acusações mais frequentes contra a maçonaria é aquela que a identifica como parte de um grande complô comunista. Não nos cabe analisar, aqui, as origens dessa “mitologia”, mas certamente esse tipo de discurso deve se relacionar com a participação maçônica, direta ou indireta, em revolucionários eventos modernos, como foram os casos da revolução francesa, da comuna de Paris, dos processos de independência nacional e da própria revolução russa de 1917 (Carone, 1991; Sales, 2005).

Essas supostas boas relações entre maçonaria e movimentos socialistas acabou em 1922, no IV Congresso da Internacional Comunista, criada pelos bolcheviques em 1919, com a função principal de defender a revolução russa e propagandear os seus princípios no restante do mundo.

Nesse Congresso, entre os muitos temas discutidos, esteve a controvérsia entre a direção da Internacional e o Partido Comunista Francês, acusado de abrigar maçons no seu seio. Naquelas circunstâncias, os comunistas tentavam afastar dos partidos sob a sua influência o que eles consideravam ideologias pequeno-burguesas. A maçonaria estava entre elas e foi considerada inimiga (Carone, 1991; Sales, 2005).

Aqui, entra em cena o primeiro brasileiro a pisar em solo russo após a vitória dos revolucionários bolcheviques. Tratava-se de Antonio Bernardo Canelas, brasileiro, operário gráfico, com trajetória anarco-sindicalista e recém-filiado ao também recentíssimo Partido Comunista do Brasil. Naquela conjuntura, para participar do movimento comunista internacional, o grupo precisaria ser aprovado pelo Komintern em um dos seus congressos.

Canelas estava em Paris e recebeu a missão de representar o Partido no IV Congresso e articular a sua filiação ao organismo,

sem a qual não conseguiriam falar em nome dos comunistas e receber a sua colaboração material e política.

A participação do ex-anarquista, porém, foi traumática para os que o enviaram como representante. O jovem de 24 anos não concordou com o “espírito” do Congresso, onde só falavam os grandes dirigentes, como Lenin, Trotsky, Zinoviev. Além disso, não concordou com a disposição de tais dirigentes de expulsar os maçons das hordas comunistas em redor do mundo. Tal rebeldia se consolidou quando também discordou do método de aprovação das teses por unanimidade. Estas resistências se deveram, provavelmente, tanto a sua pouca experiência como comunista quanto ao seu passado anarquista, sem deixar de frisar a sua lembrança de que entre os nove fundadores do Partido Comunista do Brasil dois eram maçons, os seus camaradas Cristiano Cordeiro e Everardo Dias. Assim, o combativo brasileiro foi o único voto contra as resoluções, o que lhe rendeu não somente um processo ainda em Moscou, bem como a sua expulsão do Partido ao chegar no Brasil (Carone, 1991; Sales, 2005).

Posteriormente, através de novas tratativas, os comunistas brasileiros conseguiram convencer a vanguarda da III Internacional de que aquele elemento não estava à altura da representação que lhe fora dada e de que as ideologias pequenoburguesas, como as maçônicas e anarquistas, já tinham sido expulsas do Partido.

Apesar da dissolução do Komintern em 1943, as relações entre comunistas e maçons continuaram tensas, pois o totalitarismo dos regimes comunistas nunca conviveu bem com estruturas autônomas e muito menos restritas, em sua ritualística, a quem não fosse convidado e iniciado.

Contudo, a história dos maçons nesses regimes é um capítulo ainda a ser narrado. O caso da maçonaria em Cuba, por exemplo, é deveras instigante, pois se trata do único regime comunista a permitir o funcionamento da instituição. É certo que não sabemos de detalhes sobre tal convivência e o nível de

interferência do regime em assuntos maçônicos. Porém, tal experiência constitui-se numa manifestação atípica da relação entre maçons e comunistas.

### **3.3 - Os protestantes e a maçonaria**

A aproximação entre protestantes e maçons existe desde a criação da maçonaria moderna. O ato inaugural da instituição maçônica, a síntese dos princípios maçônicos antigos, expressos no que ficou conhecida como Constituição de Anderson, recebeu este nome por ter sido produzida, em 1831, por um presbítero inglês, Thomas Anderson. Desde então, as relações entre esses dois universos será de atração e repulsa, a depender das circunstâncias e conveniências teológicas, econômicas e políticas (Castelani, 1995; Castelani, 2001).

O protestantismo brasileiro sempre foi majoritariamente protagonizado por denominações vindas do mundo anglo-saxão, mais especificamente dos Estados Unidos da América. Até o ano de 1898, maçons e protestantes mantinham uma relação de proximidade, o que, aliás, replicava um modelo já existente nesse mundo ao qual nos referimos (Gueiros, 1980).

Outrossim, a chegada dos protestantes ao Brasil provocou firmes reações dos católicos, o que fez com que eles se aproximassem dos maçons e, inclusive, estabelecessem alianças pragmáticas para se defenderem da religião hegemônica, ocupando outros espaços.

A primeira grande controvérsia, com repercussões cismáticas, ocorreu na Igreja Presbiteriana do Brasil, quando alguns dos seus membros questionaram a presença de maçons não somente no “rebanho”, mas também em várias funções, inclusive sacerdotais. O resultado desse traumático processo foi a divisão, em 1903, entre os presbiterianos do Brasil e os presbiterianos independentes, tendo esses últimos saído da sua matriz por

discordar da presença maçônica na sua denominação, embora essa variável não tenha sido o motivo principal.<sup>2</sup>

Os eixos da discussão envolviam, basicamente, os seguintes temas: o lugar da Revelação na maçonaria; o conceito de Deus; a antropologia maçônica; a figura do Cristo; a natureza da dimensão salvífica; a relação entre fé e razão e o conceito de Reino de Deus.

Desde então, nesse diversificado universo, maçons e protestantes se tocam e se repelem. Tal situação pode ser explicada pela inexistência de uma instância centralizadora, como é o caso dos católicos, que estabelecesse uma linha a ser seguida. Ao contrário, como sabemos, o protestantismo, com base no livre exame das escrituras proporciona leituras variadas a respeito das questões acima colocadas.

Assim, até os dias que correm, é muito comum testemunharmos controvérsias no campo protestante relativas à natureza da maçonaria e se essa instituição seria compatível com a mensagem cristã. Mais ainda, muitas lideranças destacadas são “acusadas” de pertencerem à maçonaria e estarem contribuindo para a degeneração do campo evangélico brasileiro.

Tal discussão não mais ocorre na Igreja Presbiteriana do Brasil, que aprovou, em 2010, a proibição da entrada de maçons na denominação, conclamando aqueles que ainda tenham alguma ligação com a maçonaria a renegá-la.<sup>3</sup>

A cada maré montante sobre a questão maçônica, muita literatura é produzida, sobretudo aquela que aponta para o antimaçonismo, pois não há igrejas que defendam abertamente a tal compatibilidade com a maçonaria. Assim, falar sobre maçons para um evangélico comum pode suscitar uma reação contundente de desaprovação e crítica a esse tipo de religiosidade.

---

<sup>2</sup>[http://www.executivaipb.com.br/site/decisoes\\_importantes/maconaria\\_1900-2011.pdf](http://www.executivaipb.com.br/site/decisoes_importantes/maconaria_1900-2011.pdf);  
<http://www.mackenzie.com.br/10245.html>

<sup>3</sup> [http://www.executivaipb.com.br/site/decisoes\\_importantes/maconaria\\_1900-2011.pdf](http://www.executivaipb.com.br/site/decisoes_importantes/maconaria_1900-2011.pdf);  
<http://www.mackenzie.com.br/10245.html>

Assim, em função das “patrulhas” é difícil observar lideranças protestantes de algum relevo que defendam uma aproximação com o universo maçônico. Porém, a medir pelo que testemunhamos em sites, blogs e outras manifestações virtuais, maçons e protestantes continuam (informalmente) mais imbricados do que nunca no Brasil, pelo menos no imaginário de quem disputa lugares de destaque no campo protestante.

### **3.4 - O Estado Novo, os integralistas e a maçonaria**

Até os anos 30, do século XX, o antimaçonismo observado no Brasil nunca havia provocado grandes problemas para os “Filhos da Luz”. A grande antagonista da instituição maçônica era a Igreja Católica, que não tinha objetivos nem instrumentos para eliminar o discurso maçônico da cena pública. O esforço do antimaçonismo católico caminhava mais no sentido de afirmar as incompatibilidades entre os dois universos.

Somente com a emergência do movimento integralista brasileiro é que os maçons encontrarão adversários dispostos a enfrentamentos mais radicais. O integralismo foi um movimento caracterizado por um forte nacionalismo, um catolicismo conservador e um espírito antimodernizante. Segundo alguns pesquisadores, esses traços vão aproximá-lo dos movimentos fascistas, que emergiam na Europa (Trindade, 1974; Chasin, 1978).

Sob a direção incontestada do paulista Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira vai ser um dos maiores movimentos de massa da história da República. Em todos os Estados brasileiros poderiam ser encontrados os “camisas-verdes”, como ficaram conhecidos os simpatizantes da causa. Muitos intelectuais de prestígio aderiram ao movimento, como observamos nos casos de Miguel Reale e Alceu do Amoroso Lima. Dentro da Igreja Católica, grande nomes também apoiaram o integralismo, como foi o exemplo de D. Helder Câmara. Os integralistas eram ferrenhos

defensores do lema “Deus, Pátria e Família” e identificavam seus adversários no campo comunista, liberal e maçônico.

A maçonaria já vinha combatendo esse ideário na Europa, se insurgindo contra as forças de Mussolini e Salazar, e, por isso, também não se isentou de abrir divergências públicas severas contra os integralistas brasileiros. Nas Lojas maçônicas brasileiras era muito comum o apoio às “irmãs” italianas e portuguesas, onde os primeiros sinais de regimes autoritários já eram bem delineados. Esse conflito entre maçons e integralistas ainda foi aguçado pelo apoio do presidente Getúlio Vargas em favor dos “camisas-verdes”, pois o regime brasileiro naquela altura ainda flertava com o fascismo italiano (Castelani, 1993; 2001).

No auge dessa divergência, o Grande Oriente do Brasil chegou a lançar uma nota, em 1934, onde informava que "(...) o Conselho Geral da Ordem, em resolução referente a consultas de diversas Oficinas, em relação a respectiva atitude em face do partido integralista, aprovou o parecer da Comissão de Justiça seguinte: o integralismo e a maçonaria são instituições que se repelem ; não deve a maçonaria admitir integralistas em seu seio, o que motiva em considerações que expõe; os maçons integralistas renegam os princípios liberais maçônicos, prova já dada pelo respectivo procedimento na Itália, em Portugal e na Alemanha ; faz notar que ás Lojas compete deliberar sobre a conveniência de conservar ou eliminar dos seus quadros os maçons que agem contra os princípios maçônicos" (Castelani, 2001:145).

Todavia, Getúlio Vargas construiria uma configuração na qual não havia espaços em nem para maçons, integralistas e, tampouco, comunistas. Em 1935, fechou a Aliança Libertadora Nacional e em 1937 promoveu o golpe do Estado Novo, que fecharia os partidos políticos, interviria nos sindicatos e em outras formas de associativismo civil, inclusive determinando, informalmente, o fechamento de várias Lojas maçônicas. Apesar da resistência da Ordem, sobretudo em São Paulo e na então capital federal, o Rio de Janeiro, pela primeira vez na sua história em

terras brasileiras, a maçonaria sofre um profundo golpe (Castelani, 2001).

Outra iniciativa tomada por Getúlio Vargas foi infiltrar inúmeros de seus partidários na maçonaria, o que garantiu não somente o silêncio da instituição, como também o acesso às informações sobre o que ocorria no interior das Lojas.

Somente em 1940 é que as Lojas voltariam a ser abertas, mas sem o vigor outrora existente na instituição, principalmente, em função da perda de autonomia provocada pela intervenção “branca” promovida pelo regime.

A partir de então, o antimaçonismo brasileiro mais saliente perdurará somente em termos discursivos e mesmo assim no âmbito da Igreja Católica. O próprio golpe militar de 1964, contou com o apoio dos principais dirigentes maçônicos brasileiros, que seguiram com o regime até os seus estertores.

### **3.5 - Epílogo**

No momento atual, os maçons não têm sido o centro das hostilidades de nenhum grupo que podemos chamar de tradicionalmente antimaçônicos – os grupos religiosos e políticos. Provavelmente, a pluralidade do “mercado de ideias” contemporâneo nos auxilie a entender as razões desse declínio do antimaçonismo. Nessa nova configuração, a maçonaria já não polariza com nenhuma outra instituição na cena pública. Além disso, a robustez intelectual dos quadros maçônicos atuais não lembra, nem de longe, aquela que representava as lideranças maçônicas que participaram da recepção do ideário liberal e moderno no começo do século XIX.

Isso não significa, porém, a completa ausência de conflitos. O peso das acusações de pertencimento à maçonaria ainda são observadas, eventualmente, no campo religioso protestante, com claras disposições do acusador de interferir na imagem pública do

acusado. No mundo da internet, muitos depoimentos ilustram esse tipo de (falsa) contenda.

Apesar de tudo, não acreditamos ser prudente a declaração do fim desses embates. É razoável imaginar que eles estão apenas inativos. Afinal, o mito da conspiração continua a povoar nossa mentalidade moderna e, sendo assim, podemos acionar a qualquer momento, em função de uma crise qualquer, o estigma do conspirador para identificar o bode expiatório da vez. Aliás, o século XX está recheado de exemplos de como isso ocorre com grupos minoritários.

O enfrentamento racional desses mitos e uma base de valores pluralistas e democráticos podem nos auxiliar a expurgar da cena pública contemporânea essa antiga e deletéria disposição sacrificial.

## **Bibliografia**

ADOUM, Jorge. **Grau do Aprendiz e Seus Mistérios**. São Paulo: Editora Pensamento, 1980.

ALBERTON, Valério. **O Conceito de Deus na Maçonaria**. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.

\_\_\_\_\_, e BENIMELI José A. **Gafes e Mancadas Antimaçônicas**. Londrina: A Trolha, 1991.

ALMEIDA, Ivan Antonio de. **A Síntese de Uma Tragédia – Movimento Fé e Política**. Ouro Preto: UFOP, 2000.

AMBELAIN, Robert. **A Franco-Maçonaria – Origem, História e Influência**. Tradução de Alcione Soares Ferreira. São Paulo: Ibrasa, 1990.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Brasil: realidade e utopia**. Recife: EDUFPE, 2000.

ASLAN, Nicola. **História Geral da Maçonaria – Período Operativo**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.

- AZEVEDO, Célia M. M. de. **Maçonaria: história e historiografia.** In Revista da USP N. 32 – Dez/Fev. São Paulo: EDUSP, 1996/1997.
- BALANDIER, Georges. **As Dinâmicas Sociais – Sentido e Poder.** Tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: DIFEL, 1976.
- BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras – A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910).** Campinas: Unicamp, 1999.
- BARRETO, Célia. **A Ação das Sociedades Secretas.** In HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: DIFEL, Vol. 06 e 07. 1985.
- BENIMELI, J.A.F. et alli. **Maçonaria e Igreja Católica – ontem, hoje e amanhã.** São Paulo: Paulus 1981.
- CAMINO, Rizzardo da. **Simbolismo do Terceiro Grau – Mestre.** 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.
- CARONE, Edgard. **Da esquerda à Direita.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.
- CARVALHO, Olavo de. **O Jardim das Aflições – De Epicuro à Ressurreição de César: Ensaio Sobre o Materialismo e a Religião Civil.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.
- CASTELLANI, José. **Dicionário de termos maçônicos.** Londrina: A Trolha, 1995.
- \_\_\_\_\_. **História do Grande Oriente do Brasil.** Brasília: Ed. GOB, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O Supremo Conselho no Brasil – síntese de sua história.** Londrina: A Trolha, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A Maçonaria e o Movimento Republicano Brasileiro.** São Paulo: Traço Editora, 1989.
- \_\_\_\_\_. e RODRIGUES, Raimundo. **Análise da Constituição de Anderson.** Londrina: A Trolha, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Ação Secreta da Maçonaria na Política Mundial.** São Paulo: Landmark, 2001.

CASTRO, Boanerges Barbosa. **Templo Maçônico e Seu Simbolismo.** Rio de Janeiro: Editora Autora, s/d.

CHASIN, J. **O integralismo de Plínio Salgado. Forma de regressividade no capitalismo híper-tardio.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos.** Tradução Vera da Costa e Silva et alli. 16ª. Edição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2001.

COLUSSI, Eliane Lucia. **A Maçonaria Gaúcha no Século XIX.** Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

CONCEIÇÃO, Eleutério N. da. **A Maçonaria na História e no Mundo – Origens, Lutas e Atuação.** São Paulo: Madras, s/d.

COSTA, Fernando M. da. **A Maçonaria Feminina.** Lisboa: Editorial Vega, s/d.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GUEDES, Berenice Lagos. **História da educação do Rio Grande do Sul, Maçonaria e Igreja Anglicana: algumas imbricações, contradições e paradoxos (1901/1970).** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

GUEIROS, David. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil.** Brasília: EDUNB, 1980.

HORTAL, Jesus. **Maçonaria e Igreja: conciliáveis ou inconciliáveis?** 4ª. edição. Coleção Estudos da CNBB n. 66. São Paulo: Paulus, 2002.

- JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Tradução de Cristiana Andrade. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **Igreja e Maçonaria – conciliação possível?** Petrópolis: Vozes - 4<sup>a</sup> ed. 1999.
- LEPAGE, Marius. **História e Doutrina da Franco-Maçonaria – A Ordem e as Obediências**. Tradução de Nair Lacerda. São Paulo: Editora Pensamento, s/d.
- MELLOR, Alec. **Dicionário da Franco-Maçonaria e dos Franco-Maçons**. Trad. Sociedade das Ciências Antigas. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PORTO, A. Campos. **A Igreja Católica e a Maçonaria**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.
- ROBERTS, Mary Mulvey. **Maçonaria, Metáfora e Misoginia: um discurso de marginalidade?** Tradução Álvaro Hattner. In BURKE, P. e PORTER, R. (Orgs.). **Línguas e Jargões – Contribuições Para Uma História Social da Linguagem**. São Paulo: Unesp, 1997.
- PALOU, Jean. **A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática**. Tradução de Edílson Alkmim Cunha. São Paulo: Editora Pensamento, 1981.
- RAMALHO, José Rodorval. **Novae sed Antiquae – tradição e modernidade na maçonaria brasileira**. Guarapari: Ex Libris, 2008.
- 
- \_\_\_\_\_. **A representação de Deus na maçonaria**. In Temas de Ciências da Religião. Cícero Bezerra (Org.). Aracaju: EDUFS, 2008b.
- SALES, Iza. **Um cadáver ao sol – a história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- TRINDADE, Héliogio. **Integralismo - o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.
- VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O Crime do Padre Sório – Maçonaria e Igreja Católica no RS (1893-1928)**. Santa Maria: EDUFMS e Porto Alegre: EDUFRGS, 2001.

**Fontes primárias na internet:**

[http://www.executivaipb.com.br/site/decisoes\\_importantes/maconaria\\_1900-2011.pdf](http://www.executivaipb.com.br/site/decisoes_importantes/maconaria_1900-2011.pdf)

<http://www.mackenzie.com.br/10245.html>